



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Madalena Carvalho Sousa

UTENSÍLIOS DE TECELAGEM DA PRÉ E PROTO- HISTÓRIA NA BEIRA INTERIOR

VOL. I

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, orientada pela Professora Doutora Raquel Vilaça, apresentada ao Departamento História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

UTENSÍLIOS DE TECELAGEM DA PRÉ E PROTO-HISTÓRIA NA BEIRA INTERIOR

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Utensílios de tecelagem da Pré e Proto-história na Beira Interior
Autor/a	Madalena Carvalho Sousa
Orientador/a(s)	Raquel Maria da Rosa Vilaça
Júri	Presidente: Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva Vogais: 1. Doutor André Tomás Pinto da Silva e Conceição Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Pré e Proto-história
Data da defesa	30-10-2023
Classificação	18 valores

1 2 9 0



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a ajuda e incentivo de várias pessoas e instituições que se cruzaram neste caminho e, dessa forma, não poderia deixar passar em branco esta oportunidade de agradecer.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Raquel Vilaça por me ter lançado este desafio de abordar um tema sobre o qual pouco sabia, mas que à medida que ia pesquisando e aprendendo, passou a fascinar-me. Obrigada por todo o ensinamento ao longo da minha vida académica, pela persistência, atenção e disponibilidade.

Ao Professor Marcos Osório, pela ajuda em todas as questões que lhe fui colocando, pelos conselhos e pelo interesse demonstrado neste tema, bem como a disponibilidade que sempre demonstrou.

Ao Dr. Paulo Pernadas pela partilha de bibliografia e fotografias de materiais que permitiram que este trabalho ficasse mais completo.

À Dona Eunice Dionísio pelo seu trabalho e paciência que tem com todos os alunos que fazem parte deste Instituto de Arqueologia.

Ao Museu Municipal do Sabugal e ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por ter cedido os materiais que são alvo de uma análise direta neste trabalho, pois sem eles este estudo não seria tão completo.

Aos amigos que me foram acompanhando neste caminho. Ao Bernardo, à Branca, à Carolina, à Denise, à Inês, ao João, pelo apoio e amizade que sempre demonstraram.

À Laura que seguiu este trabalho de perto desde o início, que aconselhou, ajudou e se preocupou durante esta jornada académica. Obrigada pela confiança e incentivo.

Ao Finn e à Jasmim, os meus gatos, pelas horas de companhia passadas no computador.

À minha família, pois sem eles o meu percurso académico não seria possível. Aos meus pais, às minhas avós e tios, devo agradecer pelo apoio, confiança e paciência que tiveram nos dias mais difíceis. À minha irmã, que me ajudou na revisão deste trabalho, sempre com o seu olhar atento e pela confiança que tem em mim. Ao meu tio Paulo Carvalho que, sempre que lhe colocava uma questão de geologia ou geografia, procurava-me ajudar o melhor possível. Ao Rui Silva, o principal responsável pela minha paixão pela arqueologia pela sua disponibilidade em me ajudar e pelas suas sábias opiniões.

Obrigada a tod@s que partilharam este percurso comigo, que não me deixaram desistir nos momentos de dificuldade e que sempre acreditaram que eu conseguia chegar até aqui.

RESUMO

O objeto de estudo deste trabalho são os utensílios de tecelagem da Beira Interior nos períodos cronológicos da Pré e Proto-história. O principal objetivo deste estudo é apresentar a dispersão de utensílios de tecelagem nesta área geográfica com o intuito de compreendermos as principais formas presentes nos povoados Pré e Proto-históricos e a sua distribuição pela área em estudo.

Este trabalho teve 4 etapas fundamentais que nos permitiram chegar às conclusões finais. A primeira etapa deste trabalho passou pela elaboração de um inventário, o mais completo possível, onde constam os povoados da Beira Interior que evidenciam de utensílios de tecelagem. Após esta recolha de informação e consequente análise, passámos à escolha dos casos de estudo. A terceira etapa deste trabalho foi analisar individualmente cada povoado selecionado para casos de estudo, bem como os utensílios de tecelagem que neles foram encontrados. Devemos já referir que nem todos os materiais dos casos selecionados foram alvo de uma análise direta, por vezes o estudo feito aos materiais foi baseado em bibliografia existente. Por fim, a última etapa consistiu em fazer uma abordagem de conjunto aos materiais na tentativa de compreender os padrões existentes nesta área.

Com este estudo conseguimos compreender a dispersão dos utensílios de tecelagem nos povoados da Beira-Interior, bem como verificar as diferentes tipologias existentes nesta área e a sua distribuição cronológica. Através de um breve exercício de comparação ainda foi possível apreender as diferenças tipológicas e tecnológicas entre os utensílios de tecelagem da Beira Interior e os de outras áreas do território nacional.

Palavras-chave: Utensílios de tecelagem; Beira Interior; componentes de tear; elementos de fiação; Pré e Proto-história.

ABSTRACT

Weaving Utensils during Pre- and Protohistory in Beira Interior

This paper investigates weaving utensils in Beira Interior during the chronological periods of Pre- and Protohistory. The primary aim is to present the dispersion of weaving tools in this geographic region to comprehend the predominant typologies within settlements and their distribution across the studied area.

The practice of weaving is substantiated through a diverse array of artifacts, affirming the integral role of this activity in the daily lives of Pre- and Protohistoric communities. These material remains are intertwined with the phenomenon known as the "Secondary Products Revolution," which was observed across the entirety of the Iberian Peninsula starting from the 3rd millennium BCE.

Weaving utensils encompass all artifacts related to weaving activities, encompassing both spinning and fabric production. As such, this paper encompasses "cossoiros," which emerged in an earlier chronological period. Moreover, items such as plates, crescents, and notched pebbles—identified as loom components—potentially employed in vertical looms to

induce tension in the warp threads, exhibit a broader chronological scope. The objective here is to comprehend their temporal and spatial diffusion.

This paper unfolds in four pivotal stages culminating in conclusive insights. The initial phase involves compiling an exhaustive inventory of settlements within Beira Interior housing weaving utensils. Following data compilation and analysis, case studies are selected. The third stage entails individual analysis of each settlement and their associated weaving tools. Notably, not all case study materials undergo direct analysis; some rely on existing bibliographic sources. Conversely, in cases with direct artifact access, individual materials are comprehensively studied, with analysis sheets tailored to the material type. This comprehensive methodology enables thorough investigation. The final stage synthesizes data to discern existing patterns, temporal progression, and spatial distribution in the studied area. This comprehensive analysis yields nuanced insights into weaving practices during Beira Interior's Pre- and Protohistoric periods.

With this study, we were able to understand the dispersion of weaving utensils in the settlements of Beira-Interior, as well as examine the different typologies existing in this area and their chronological distribution. Through a brief comparative exercise, it was also possible to discern the typological and technological differences between weaving tools from Beira Interior and those from other regions of Portugal.

Keywords: Weaving utensils; Beira Interior; loom components; spinning elements; Pre- and Protohistory.

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. Breve enquadramento geográfico da Beira Interior	3
3. Os elementos de tecelagem na investigação arqueológica	7
4. Definição de conceitos: Elementos de tecelagem e fiação	12
4.1. Placas.....	14
4.2. Crescentes.....	15
4.3. Seixos com entalhe.....	15
4.4. Cossoiros	16
5. Objetivos e metodologia	18
5.1. Critérios de seleção dos casos de estudo	18
5.2. Fichas de inventário dos sítios.....	19
5.3. Ficha de inventário do conjunto	20
5.3.1. Fichas de análise dos pesos cerâmicos	21
5.3.2. Ficha de análise de seixos com entalhe	25
5.3.3. Fichas de análise dos cossoiros	26
6. Estudos de caso	28
6.1. Castro de Santiago (Fornos de Algodres).....	29
6.1.1. Descrição e contexto	29
6.1.2. Utensílios de tecelagem.....	30
6.2. Malhada (Fornos de Algodres).....	32
6.2.1. Descrição e contexto	32
6.2.2. Utensílios de tecelagem.....	35
6.3. Pedra Aguda (Guarda).....	36
6.3.1. Descrição e contexto	36
6.3.2. Utensílios de tecelagem.....	37
6.4. Montes (Mêda)	37
6.4.1. Descrição e contexto	37
6.4.2. Utensílios de tecelagem.....	37
6.5. Santa Bárbara (Sabugal).....	38
6.5.1. Descrição e contexto	38
6.5.2. Utensílios de tecelagem.....	41
6.5.2.1. Placas.....	41

6.5.2.2.	Seixos com entalhe	43
6.5.2.3.	Caracterização tecnológica do conjunto	44
6.6.	Sabugal Velho (Sabugal).....	46
6.6.1.	Descrição e contexto	46
6.6.2.	Utensílios de tecelagem.....	46
6.6.2.1.	Cossoiros	47
6.6.2.2.	Caracterização tecnológica do conjunto	48
6.7.	Castelo de Alfaiates (Sabugal)	48
6.7.1.	Descrição e contexto	48
6.7.2.	Utensílios de tecelagem.....	49
6.7.2.1.	Cossoiros	49
6.8.	Sabugal.....	50
6.8.1.	Descrição e contexto	50
6.8.2.	Utensílios de tecelagem.....	52
6.8.2.1.	Placas.....	52
6.8.2.2.	Seixos com entalhe	53
6.8.2.3.	Cossoiros	53
6.9.	Castelejo (Sabugal).....	54
6.9.1.	Descrição e contexto	54
6.9.2.	Utensílios de tecelagem.....	57
6.9.2.1.	Seixos com entalhe	57
6.10.	São Cornélio (Sabugal)	58
6.10.1.	Descrição e contexto	58
6.10.2.	Utensílios de tecelagem.....	59
6.11.	Fumo (Vila Nova de Foz Côa)	59
6.11.1.	Descrição e contexto	59
6.11.2.	Utensílios de tecelagem.....	61
6.12.	Monte do Trigo (Idanha-a-Nova)	61
6.12.1.	Descrição e contexto	61
6.12.2.	Utensílios de tecelagem.....	62
6.12.2.1.	Crescentes.....	63
6.12.2.2.	Placas.....	64
6.12.2.3.	Seixos com entalhes	65
6.12.2.4.	Cossoiros	66

6.12.2.5. Caracterização tecnológica do conjunto.....	66
6.13. Alegrios (Idanha-a-Nova).....	68
6.13.2. Descrição e contexto	68
6.13.3. Utensílios de tecelagem.....	70
6.14. Cabeço da Malhoeira (Penamacor)	71
6.14.1. Descrição e contexto	71
6.14.2. Utensílios de tecelagem.....	72
6.14.2.1. Placas.....	72
6.14.2.2. Seixos com entalhe.....	73
6.15. Monte do Frade (Penamacor)	74
6.15.1. Descrição e contexto	74
6.15.2. Utensílios de tecelagem.....	77
7. Abordagem ao conjunto.....	79
7.1. Dispersão dos utensílios de tecelagem na Beira Interior.....	79
7.1.1. Abordagem tipológica	80
7.1.2. Abordagem diacrónica.....	85
7.1.3. Breve abordagem comparativa.....	90
8. Conclusões Finais	94

1. Introdução

O tema deste trabalho está implícito no título que o apresenta dando a conhecer aos leitores a área de estudo que aborda, bem como o período cronológico em análise. Este estudo incide sobre os utensílios de tecelagem, sendo abordados os componentes de tear – placas, crescentes e seixos com entalhe – e elementos de fiação – cossoiros, na região da Beira Interior – que de *grosso modo* se circunscreve a toda a área delimitada a Norte pelo rio Douro e a sul pelo rio Tejo – no período cronológico da Pré e Proto-história – desde o período Calcolítico até à Idade do Ferro.

Este trabalho surge da necessidade de compreender e colmatar a lacuna existente relativa a esta temática da tecelagem na área da Beira Interior. Desse modo, a orientadora deste trabalho, Raquel Vilaça, lançou-me o desafio de estudar os utensílios de tecelagem da Beira Interior, na tentativa de compreender os padrões e dispersão destas materialidades nesta região, bem como compreender as diferenças morfológicas que estes artefactos apresentam pelo território nacional.

Este trabalho é constituído por 2 volumes. O primeiro volume está dividido em oito capítulos, sendo que alguns deles se vão desenvolvendo por subcapítulos.

No segundo capítulo fazemos um breve enquadramento geográfico da Beira Interior, onde se estabelece os limites da área do nosso estudo. Neste capítulo fazemos ainda uma abordagem à orografia e à hidrografia da região. Por fim, apresentamos uma breve resenha sobre os recursos minerais que se encontram na Beira Interior, uma vez que estes recursos seriam importantes para a fixação das comunidades Proto-históricas.

O capítulo 3 consiste numa resenha da história da investigação dos utensílios de tecelagem a nível nacional, ou seja, uma visão sobre as abordagens que os investigadores fizeram a estes artefactos ao longo das últimas décadas. Neste capítulo é possível observar o desenvolvimento das interpretações relativamente à atividade da tecelagem.

No capítulo 4 apresentamos os conceitos que serão abordados ao longo do trabalho, numa tentativa de atribuir a cada utensílio de tecelagem uma definição, para que no decorrer do estudo o leitor consiga compreender de maneira clara a que tipo de utensílio nos referimos.

No capítulo 5 estabelecemos e apresentamos os objetivos deste trabalho, sendo eles os principais orientadores de todo o estudo desenvolvido. Ainda neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho, explicando a organização do nosso inventário base, apresentando os critérios utilizados para seleção de sítios de estudo, a estrutura das fichas de análise, onde explicamos detalhadamente cada parâmetro para que haja uma melhor compreensão da informação recolhida de cada material.

O capítulo 6 dedica-se à exposição dos sítios selecionados como casos de estudo. Cada caso de estudo ocupa um subcapítulo, por sua vez, este subcapítulo divide-se em dois: um onde se faz uma descrição do povoado e o contexto em que os utensílios de tecelagem foram recuperados; e um outro onde fazemos, na medida do possível uma análise aos utensílios de tecelagem presentes no conjunto de artefactos.

No capítulo 7 deixamos de fazer uma abordagem individual aos povoados escolhidos como casos de estudo e passamos a analisar as informações obtidas em conjunto, na perspetiva de conseguirmos compreender a dispersão dos utensílios de tecelagem, interpretar as formas mais

comuns tendo em conta as características tipológicas e métricas, perceber a distribuição tipológica pela longa diacronia e, por fim fazer uma abordagem comparativa entre os elementos de tecelagem encontrados na Beira Interior com o de outras zonas do país.

O capítulo final é o balanço do trabalho desenvolvido ao longo dos capítulos com uma breve apresentação de propostas futuras.

O Volume II deste trabalho está dividido em duas partes. Na primeira parte podemos encontrar o inventário onde constam todos os sítios da Beira Interior onde há ocorrências de utensílios de tecelagem, não devemos esquecer que os inventários estão em constante atualização e, neste trabalho, tentámos que este inventário estivesse o mais completo possível. A segunda parte deste trabalho está organizada em subcapítulos que correspondem a cada povoado, onde é apresentada a sua localização geográfica, o inventário das peças estudadas e por fim as fichas de análises dos materiais aos quais tivemos acesso.

2. Breve enquadramento geográfico da Beira Interior

A área de estudo deste trabalho incide sobre a região da Beira Interior que, administrativamente, tem correspondência aos distritos da Guarda e Castelo Branco, entre os rios Douro e Tejo, numa área que abrange cerca de 5.148.85 km². De grosso modo e, utilizando algumas linhas hidrográficas desta região, os limites convencionais desta área de estudo são: a Norte – a margem esquerda do rio Douro; a Nordeste a ribeira dos Tourões; a Sudeste o Rio Erges; a sul – o rio Tejo; a Sudoeste a albufeira de Castelo de Bode; e a Noroeste a ribeira de



Legenda

□ Beira Interior

Altimetria (m)

- 100
- 400
- 600
- 900
- 1250

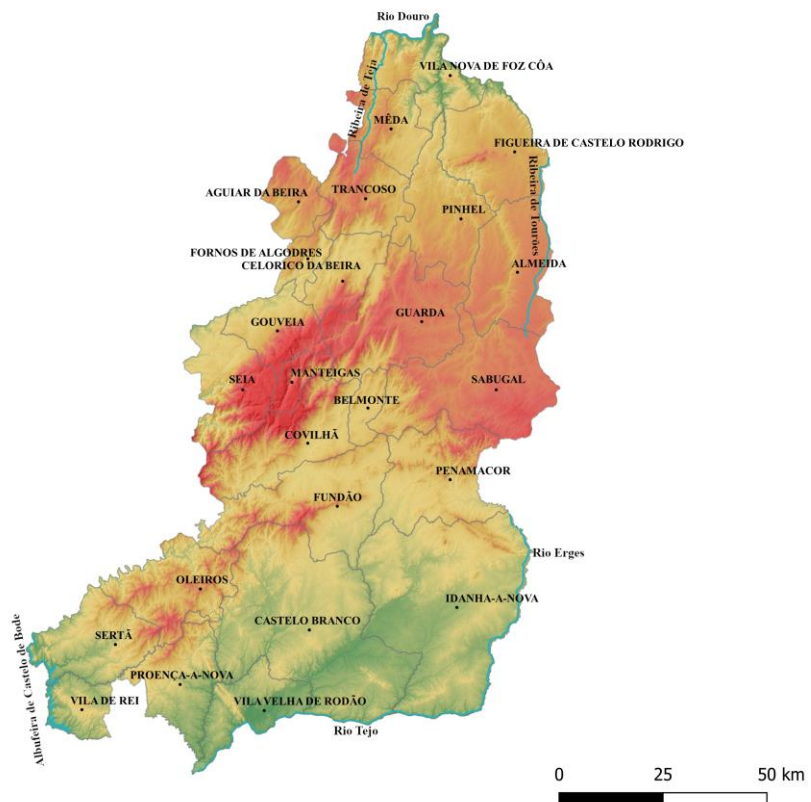


Figura 1: Mapa do enquadramento geográfico da Beira Interior

Esta região encontra-se implantada na zona Centro-Ibérica do Maciço Hespérico que é atravessado pela Cordilheira Central, fragmentando-a em 2 blocos – Meseta Norte – que compreende a bacia do Douro – e a Meseta sul – que integra, a este, a cobertura terciária da Bacia do Tejo e, a oeste, a Bacia do Baixo Tejo e Sado (MARTINS, 2006, p.21). Esta zona é constituída, maioritariamente, por granitoides hercínios, de composição mineralógica e texturas variadas que incluem metassedimentos do Complexo Xisto-Grauváquico. Em algumas regiões, também podemos encontrar filões de quartzo e, em menor quantidade, filões aplito-pegmatíticos. Existem ainda zonas de aluviões, depósitos de vertente, terraços fluviais e depósitos de natureza fluvio-glaciária e glaciária, com características muito particulares (MARTINS, 2006, p.35). Os depósitos de aluvião dispõem-se ao longo dos vales dos principais rios da região e, devido à sua riqueza a nível de recursos minérios, desempenham um papel

importante para a atração das comunidades proto-históricas, uma vez que os recursos como o estanho, cobre e ouro eram muito procurados por estas comunidades. Deste modo, os aluviões do Alto Mondego, na bacia de Celorico da Beira e os depósitos da ribeira de Gaia (Guarda), bem como todo o Alto e Médio Zêzere, têm uma elevada importância no estudo das comunidades que outrora aqui viveram (VILAÇA, 2013, p.194).

A nível orográfico, a região da Beira Interior é marcada, por contrastes, entre acidentes topográficos e zonas de planícies com altimetrias entre os 700 e 800m. No entanto, apresenta duas áreas distintas, no que diz respeito à orografia. Desde o vale do Douro até à Cova da Beira, as altitudes são mais elevadas, chegando a atingir cotas compreendidas entre os 700-800m e, em alguns casos, chegam a atingir os 1000m. Nesta zona, que podemos denominar como Beira Interior Norte-Centro e que corresponde ao distrito da Guarda, observamos a presença de duas serras: a Serra da Marofa, que se encontra no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo e, a oeste, nos concelhos de Trancoso, Aguiar da Beira e Fornos de Algodres, a Serra do Pisco, com uma orientação norte-sul. Nos concelhos de Celorico da Beira e Fornos de Algodres, encontramos a plataforma do Mondego. Trata-se de uma depressão com inclinação para Sudoeste, com cota compreendidas nos 500m junto a Fornos de Algodres (VALERA, 2007, p.62). Mais a sul, junto ao concelho do Sabugal, podemos observar o prolongamento da Meseta que, no território português, é composto pela Serra das Mesas e da Malcata (Sabugal e Penamacor); continuando para oeste, a Serra da Estrela (Celorico da Beira, Gouveia, Guarda, Seia, Manteigas e Covilhã); e a sudoeste pela Serra da Gardunha (Fundão e Castelo Branco). A partir da Serra das Mesas, desenvolvem-se pequenas elevações que acompanham a margem direita do rio Côa e que acabam por se difundir no concelho do Sabugal. A vertente Norte desta serra é caracterizada pela linha de contacto entre xisto e granitos (OSÓRIO, 2000, p.11). O *terminus* da Meseta dá-se junto à região da Cova da Beira (Belmonte, Covilhã e Fundão), correspondendo esta a uma depressão de origem tectónica, com altimetrias entre os 400 e 600m, que contrastam com as serras que a rodeiam, nomeadamente a Serra da Estrela e a Serra da Gardunha.

Por sua vez, na região de Castelo Branco, as cotas fixam-se nos 400-500m, pontilhadas por alguns relevos, como Monsanto e Moreirinha, designados por *inselbergs* e, consequentemente, oferecem um ótimo domínio visual sobre as terras que os rodeiam. Mais a sul – Idanha-a-Nova – a área apresenta-se mais rebaixada com cotas médias de 300m, mas igualmente planas (PINHEIRO, E. 2014 p. 73-74). Surgindo, no entanto, a Norte do concelho de Idanha-a-Nova uma elevação que corresponde à Serra de Penha Garcia, com 480m de altitude. Por vezes, estes relevos presentes nas paisagens, que compõem a área de Castelo Branco, correspondem a cristas quartzíticas alongadas (VILAÇA, 2008, p.16). A sudoeste do distrito de Castelo Branco, no concelho de Oleiros, observamos mais uma elevação que se destaca nesta zona caracterizada por planícies e altimetrias baixas: a Serra do Moradal, que chega a atingir os 912m de altitude.

Os acidentes topográficos, que surgem um pouco por toda a região da Beira Interior, terão sido, para as comunidades pré-históricas, importantes «marcos de referência territorial, identitária e, pelo menos em certos casos, também sagrada para as comunidades» (VILAÇA, 2013, p.194).

Relativamente à hidrografia da Beira Interior, esta é uma zona bem irrigada por inúmeras ribeiras e rios que marcam a paisagem, onde podemos destacar a importância das 3

bacias hidrográficas que dominam esta área, sendo elas: a Norte a bacia do rio Douro; no centro a bacia do rio Mondego; e a sul a bacia do rio Tejo.

O rio Côa, um dos principais afluentes do rio Douro, nasce na Serra das Mesas (Sabugal), a 1060m de altitude, próximo da fronteira com Espanha. Este rio, no seu percurso inicial apresenta um caudal reduzido, porém, quando toma a direção nordeste, a norte do concelho do Sabugal e concelho de Almeida, os seus afluentes aumentam, principalmente sobre a sua margem direita, fazendo com que, desta forma, o seu caudal aumente. Esta realidade de inúmeros afluentes é observada no seu percurso até desaguar no rio Douro, no concelho de Vila Nova de Foz Côa (ÓSORIO, 2000, p.17). O principal afluente do rio Côa é o rio de Massueime, que nasce próximo da cidade da Guarda e percorre os concelhos de Trancoso, Pinhel, Mêda e Vila Nova de Foz Côa, onde desagua na margem esquerda do rio Côa.

No centro da região da Beira Interior, encontramos a bacia hidrográfica do rio Mondego. Este rio nasce na serra da Estrela, no concelho de Gouveia com uma orientação nordeste-sudoeste a 1525m de altitude. Tal como o rio Côa, no seu percurso inicial este rio apresenta um caudal reduzido, mas, à medida que se aproxima da Plataforma do Mondego, a rede hidrográfica complexifica-se com inúmeros afluentes de ribeiras e rios que drenam toda a área de Fornos de Algodres e norte de Gouveia. Os principais afluentes do rio Mondego são: a norte o rio Dão e a sul o rio Alva.

Por fim, no limite sul da área geográfica da Beira Interior, apresenta-se a bacia hidrográfica do rio Tejo, que tem como principais afluentes o rio Zêzere, o Ocreza, o Ponsul e o Erges. O rio Zêzere nasce na Serra da Estrela, no concelho de Manteigas a 1900m de altitude e atravessa toda a região da Cova da Beira, onde é drenado por várias linhas de água, tornando-o segundo maior rio exclusivamente português. O seu percurso continua percorrendo os limites administrativos de Oleiros, Sertã e Vila de Rei, fazendo parte de três grandes barragens – Cabril, Bouçã e Castelo de Bode – acabando por desaguar no rio Tejo, na Vila de Constância (Santarém). O rio Ocreza nasce na localidade de Casal da Serra (Fundão) a 1160m de altitude. O leito deste rio tem uma orientação norte-sul, e desagua junto ao limite administrativo de Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova. A ocidente do concelho de Vila Velha de Ródão, desagua no rio Tejo o rio Ponsul. Este rio nasce na Serra de Penha Garcia (Idanha-a-Nova) e atravessa os concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão, onde desagua na margem direita do rio Tejo. Junto à fronteira de Portugal e Espanha surge o rio Erges que nasce na Serra de Gata (Espanha) e percorre a fronteira no concelho de Idanha-a-Nova, até desaguar na margem direita do rio Tejo, tendo como principal afluente o rio Bazágueda e a ribeira de Arades.

Como podemos observar através da descrição hidrográfica feita anteriormente e analisando o mapa da Figura 2, a região da Beira Interior é drenada por vários rios e ribeiras, que alimentam os principais cursos de água, oferecendo deste modo, condições favoráveis à implantação de povoados em seu redor que dispõem de terrenos bem drenados para a prática da agricultura e pastorícia.

Não devemos esquecer de mencionar os recursos minerais que, durante todo o período proto-histórico, eram recursos muito procurados. A região da Beira Interior é rica em recursos minerais metálicos. Os principais recursos minerais encontram-se em aluviões, como por exemplo o estanho que se encontra nas aluviões do Alto Mondego, na bacia de Celorico e no médio Zêzere, bem como nos seus afluentes (VILAÇA, 2013, P.194). Para lá do estanho, o

cobre e o ouro eram recursos muito procurados pelas comunidades proto-históricas e, esta região oferece também abundância destes recursos metálicos. O cobre está presente na região de Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo), no vale de Quarta-Feira (Sabugal) e na zona de Vila Velha de Rodão nos filões de calcopirite. No entanto, não é um recurso que tenha grande abundância nesta região (VILAÇA, 2013, P.194). Por sua vez, o ouro é um recurso mais escasso, mas as aluviões do Tejo, Erges, Ponsul e Zêzere teriam alguma abundância deste metal precioso (VILAÇA, 195, P.71).

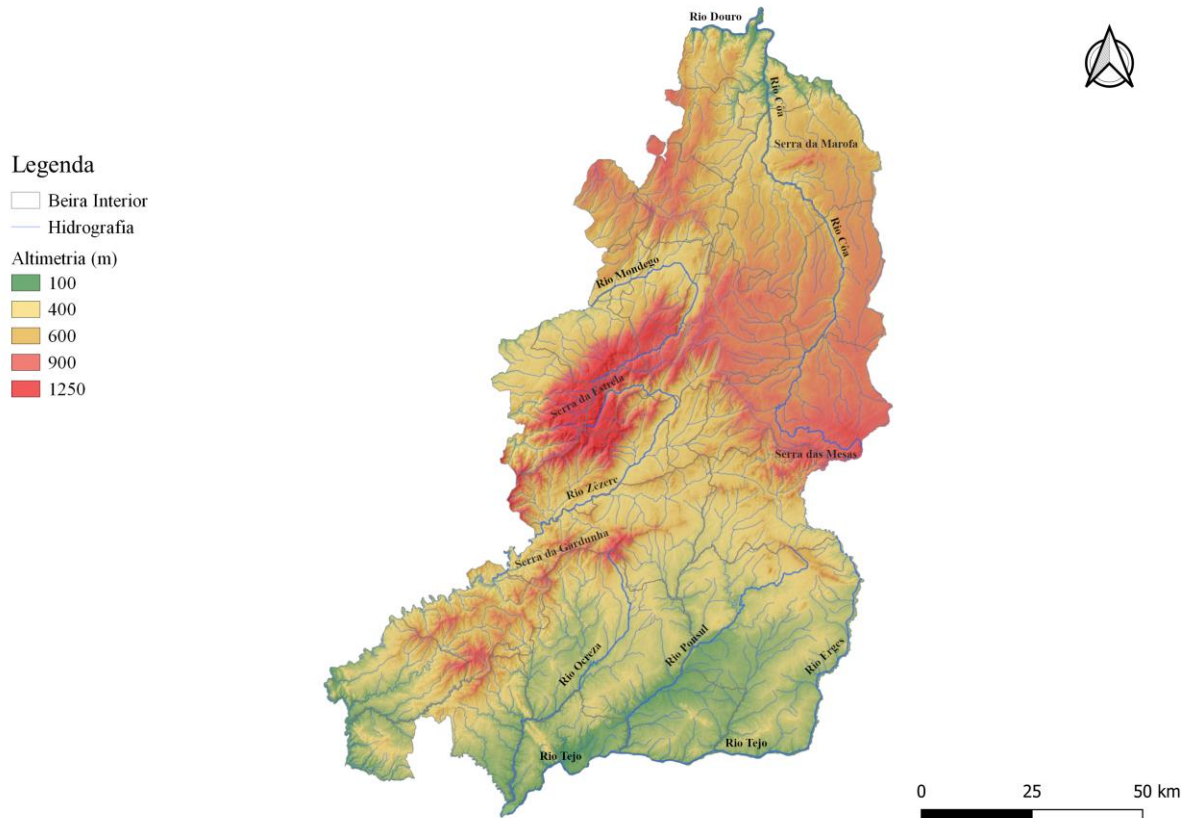


Figura 2: Mapa da hidrografia e principais serras da Beira Interior

3. Os elementos de tecelagem na investigação arqueológica

Os elementos de tecelagem, compostos por placas e crescentes, são materialidades que, muitas vezes, surgem em povoados do Calcolítico da Península Ibérica. Normalmente, estes conjuntos artefactuais estão associados a estruturas de habitação, fazendo parte das atividades realizadas pelas comunidades que viviam nos povoados, sendo por vezes estes objetos também encontrados em necrópoles. No entanto, durante várias décadas, a terminologia, bem como a funcionalidade associada a estas materialidades, não era consensual na comunidade científica.

Para a elaboração deste capítulo acompanhamos de perto o trabalho desenvolvido por Catarina Costeira na sua dissertação de mestrado, na qual faz uma resenha histórica da interpretação dos elementos de tecelagem no decorrer dos últimos séculos em Portugal.

Ao longo do século XIX, a arqueologia começou a utilizar métodos que a permitiram identificar-se como ciência. Na segunda metade do século XIX, em Portugal, tenta-se acompanhar o progresso e a inovação epistemológica, sentida no resto da Europa. Na tentativa de acompanhar o desenvolvimento da arqueologia, criaram-se instituições, nomeadamente, a *Comissão Geológica de Portugal* e a *Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, que fizeram com que houvesse um aumento de publicações periódicas e monografias. Porém, surgiu uma pluralidade e diversidade de informação que, por não haver bases científicas consistentes e tabelas tipológicas que servissem de base a toda a comunidade, gerou discórdia em vários temas. Um desses temas era os elementos de tecelagem, que, por serem materialidades de difícil compreensão, foram abordados e tipificados de diferentes maneiras por vários arqueólogos.

Estácio da Veiga, considerado o primeiro arqueólogo português contratado pelo estado (FABIÃO, 1999, p.112), durante os anos de 1876 a 1878, elaborou a carta arqueológica do Algarve. No monumento 4 da necrópole de Alcalar deparou-se com a presença de crescentes, descrevendo-os como sendo pedaços de barro mal cozido, com uma forma subcilíndrica e curvados, demonstrando alguma dificuldade na atribuição de uma funcionalidade aos crescentes encontrados (COSTEIRA, 2010, p.23).

José Leite de Vasconcellos, nas suas viagens por Portugal, foi encontrando variados materiais arqueológicos que ia publicando na revista por si fundada “*O Archeologo Português*”. Na sua visita ao Castro de Vidais (Marvão), encontrou placas de argila perfuradas e crescentes. Às placas de argila atribui a função de pesos de tear, por sua vez, os crescentes foram interpretados como partes de colares ou como sendo objetos simbólicos (COSTEIRA, 2010, p.23).

No início do século XX, Vergílio Correia, publica na revista “*ÁGUIA – Órgão da Renascença Portuguesa*”, um estudo sobre os elementos de tecelagem, intitulado de “Os pesos de tear”. Neste artigo faz uma abordagem sucinta à história destes artefactos em Portugal, defendendo que os primeiros teares utilizados no Neolítico e Calcolítico seriam teares verticais de pesos. Este artigo foi o primeiro estudo a fazer uma análise morfológica às peças, descrevendo a forma e secção das placas, o número de perfurações existentes e as suas dimensões e os tipos de decoração. Vergílio Correia, afirma que, na Pré-história, no território português, as placas eram «de forma e secção retangular (...), furados nos 4 cantos por orifícios circulares de suspensão, (...) com espessura variável.» (CORREIA, 1914, p. 176). No seu livro

intitulado de «El Neolítico de Pavia», dedicado aos sítios arqueológicos da região do Pavia, destaca que no povoado do Castelo há presença de placas perfuradas e de «meias argolas de barro» (COSTEIRA, 2010, p.24). Associa novamente as placas perfuradas a pesos de tear e, por sua vez, os crescentes são associados a elementos simbólicos.

Em 1915, Félix Alves Pereira, publica na revista “*O Archeologo Português*”, um artigo relativo ao Outeiro da Assentada (Óbidos), onde refere a existência de placas perfuradas e faz uma análise pormenorizada das mesmas, subdividindo-as em três tipologias: tipo quadrado de quatro orifícios: «É um paralelepípedo, em que as faces maiores são aproximadamente quadradas e nos seus ângulos existem 4 perfurações transversais, das quais as 2 do mesmo lado maior estão gastas e alargadas, enquanto estão novas as outras 2» (PEREIRA, 1915, p.125); tipo quadrado de dois orifícios: «A diferença do anterior é apenas a quantidade de perfurações» (PEREIRA, 1915, p. 125); tipo oblongo de quatro perfurações. Para lá desta classificação tipológica das placas, faz ainda uma análise ao fabrico das mesmas.

Afonso do Paço, em 1940, publica uma reflexão sobre os pesos de tear descobertos nas escavações de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Apesar de referir a falta de consenso em relação à funcionalidade das placas entre os pré-historiadores, defende o trabalho desenvolvido por Félix Alves Pereira, acrescentando ao quadro tipológico desenvolvido em 1915, uma nova categoria: a das placas retangulares com quatro perfurações. Em 1954, Afonso do Paço, publica um novo artigo relativo às sementes de Vila Nova de São Pedro, onde a presença do linho é notória. Desta forma, Afonso do Paço reafirma que as placas de barro com perfurações estão relacionadas com a tecelagem (COSTEIRA, 2010, p.25).

Após esta exposição de abordagens relativamente aos pesos de tear, conseguimos depreender que nesta época havia várias abordagens, não havendo uma unanimidade entre os arqueólogos. No entanto, é notório que há um maior consenso em relação às placas perfuradas do que aos crescentes. As placas, pela sua ampla dispersão por todo o território e semelhança relativamente à sua forma, levam a que haja uma consonância na funcionalidade destes materiais sendo, maioritariamente, interpretados como pesos. Por sua vez, os crescentes geram uma maior discórdia entre a comunidade científica, não sendo consensual a sua funcionalidade. Para Vergílio Correia, os crescentes também têm a mesma funcionalidade que as placas considerando-os, deste modo, também pesos de tear. Por outro lado, Estácio da Veiga e Leite de Vasconcellos, interpretam os crescentes como objetos de adorno e/ou simbólicos. Por fim, em 1917, os irmãos Sirets, associam os pesos tipo crescente à fundição metalúrgica, não tendo, porém, esta teoria muitos apoiantes (COSTEIRA, 2010, p.26).

Em Portugal a década de 70 é caracterizada por ser uma época de mudanças, de evolução e de liberdade em todos os sentidos. Foi nesta década que se deu uma «inovação científica generalizada» (COSTEIRA, 2010, p.27) e que a arqueologia portuguesa deixou de se limitar às bases da escola histórico-culturalista, assumindo assim novas metodologias, a fim de desenvolver os seus estudos, baseando-se nos princípios da arqueologia processual e anglo-saxónica, nas inovações da arqueologia francesa e nas correntes neo-marxistas. Deste modo, a arqueologia passa a ser uma ciência muito mais exata e pormenorizada, onde se valoriza toda a informação recolhida das escavações para interpretação dos sítios e as datações, quando possível, passam a ser absolutas com recurso ao método de datação Carbono 14. Contudo, estas mudanças foram acontecendo gradualmente.

Nos anos 70, José Morais Arnaud faz uma publicação sobre os povoados de Famão e Aboboreia (Vila Viçosa), onde dá a conhecer um conjunto de placas e crescentes. Apesar de fazer uma análise morfológica das peças, dividindo-as em tipos muito genéricos: placas com quatro perfurações, uma em cada canto; placas retangulares alongadas, com cantos boleados, com duas perfurações uma em cada topo; crescentes com duas perfurações uma em cada extremidade (COSTEIRA, 2010, p.28), não se compromete com uma explicação funcional das peças.

Só na década de 80 se começou a assistir a uma preocupação na tentativa de criação de tipologias para os elementos de tecelagem. Os crescentes deixaram de ser classificados quanto à sua funcionalidade como elementos de adorno e passaram a ser integrados nos estudos de elementos de tecelagem, com a funcionalidade de pesos de tear. No trabalho desenvolvido por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares sobre o povoado do Monte da Tumba (Setúbal), houve a preocupação de organizar os pesos de tear – placas e crescentes – em tipologias com subgrupos relativos a cada tipo. Para lá desta organização tipológica dos elementos de tear, tentaram ainda compreender e «equacionar as diferenças morfológicas dos componentes de tear com o tempo» (COSTEIRA, 2010, p.29).

No decorrer das escavações os arqueólogos começam a prestar mais atenção na dispersão dos elementos de tear na tentativa de identificar zonas de tecelagem. Victor Gonçalves, na sua publicação sobre o Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, onde aborda a estação arqueológica do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), regista um conjunto de elementos de tear, compostos por placas e crescentes. Devido à grande concentração de pesos em dois sectores da escavação «Interpretei essa área, adossada à face interior da fortificação, como sendo uma área de tecelagem, a área do tear» (GONÇALVES, 1989, p.250).

No final da década de 80, havia registo de elementos de tear por várias regiões do território português e havia, cada vez mais, um consenso entre arqueólogos sobre a tipologia e funcionalidade das placas e crescentes como sendo pesos de tear. Consequentemente, a atividade associada à tecelagem pelas comunidades do Calcolíticos é interpretada como sendo resultante da revolução dos produtos secundários.

Já na década de 90, Mariana Diniz apresenta no I Congresso de Arqueologia Peninsular, um artigo sobre a importância da descrição dos elementos de tecelagem, bem como a identificação da sua proveniência. A caracterização morfológica das peças, segundo Mariana Diniz, deve ser baseada nos seguintes critérios: forma, peso, número de perfurações e medição das mesmas, largura e espessura dos elementos (DINIZ, 1994, p.143). A autora defende ainda que as diferentes formas dos pesos de tear estão relacionadas com as diferentes tradições e técnicas de tecelagem.

Em 1997, António Carlos Valera, na sua dissertação de mestrado sobre o Castro de Santiago (Fornos de Algodres), elabora um capítulo exclusivo para os pesos de tear. O autor estabelece uma comparação das medidas das placas (comprimento, largura e espessura) encontradas na região da Beira Interior com as placas de Trás-os-Montes e Estremadura, na tentativa de compreender se haveria algum padrão em cada uma destas regiões. Esta análise comparativa apresenta variações entre as regiões abordadas, podendo estas diferenças estar relacionadas com o tipo de matéria-prima utilizada (VALERA, 1997, p.89).

As escavações realizadas no sítio de Castelo Velho de Freixo Numão (Vila Nova de Foz Côa) vieram dar a conhecer um novo conjunto de elementos de tecelagem. Neste sítio datado

do Calcolítico está presente uma realidade que não se encontrou, até hoje, noutras povoadas da Beira Interior. Foi encontrado um conjunto de 15 placas e 3 fragmentos de elementos de tecelagem associados a uma estrutura ritual com ossos humanos (GOMES, 1998-99, p.37), que permitiu interpretá-los como artefactos votivos. Os elementos de tecelagem do Castelo Velho de Freixo Numão deram palco à primeira tese de mestrado dedicada exclusivamente a este tema, escrita por Sérgio Gomes no ano de 2003, intitulada «Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo Numão (Vila Nova de Foz Côa). Exercícios de interpretação do registo arqueológico». Neste trabalho constam análises morfológicas às peças, bem como análises estatísticas e ainda interpretações relativas à dispersão dos materiais pela área escavada do sítio. Para lá destas abordagens, Sérgio Gomes avança com propostas de como seriam os teares calcolíticos.

Não podíamos deixar de salientar o trabalho exaustivo e minucioso que Catarina Costeira tem vindo a desenvolver sobre os elementos de tecelagem do povoado de São Pedro (Redondo). Na sua tese de mestrado, dedicada unicamente aos elementos de tecelagem do povoado de São Pedro, faz uma análise morfológica às placas e crescentes, criando tabelas tipológicas com subdivisões consoante as diferentes formas analisadas. Ainda nesta análise pormenorizada dos elementos de tear, calcula o índice de alongamento e de espessura das peças, para uma posterior comparação com as placas e crescentes de outras regiões, como António Carlos Valera propôs em 1997 (COSTEIRA, 2010, p.64). Para lá desta análise, tenta ainda compreender como seriam os teares do 3º Milénio A.C., baseando esse estudo no trabalho desenvolvido por Carmen Alfaro Giner nos anos 80. De salientar que, ainda neste trabalho, faz uma análise ao contexto e faseamento dos elementos de tear neste povoado, aferindo que a maior parte dos materiais encontrados, surgem dispersos pelo povoado e em contexto de abandono, referindo algumas exceções (COSTEIRA, 2010, p. 82). Em 2017, Catarina Costeira, na sua tese de doutoramento, sobre o povoado de São Pedro e as dinâmicas de povoamento do médio Alentejo, volta a fazer referência aos elementos de tear deste povoado, abordando ainda temáticas como: as matérias-primas utilizadas pelas comunidades calcolíticas da Península Ibérica; a questão de quem tecia: mulher *versus* homem, referindo os estudos antropológicos desenvolvidos em contextos alentejanos datados do Calcolítico e da Idade do Bronze, onde se verifica um desgaste dentário relacionado com o trabalho de fibras vegetais, associados a indivíduos do sexo feminino (COSTEIRA, 2017, p.283).

Por fim, referimos não um trabalho individual, como tem sido apresentado até aqui, mas sim um projeto que tem vindo a ser desenvolvido desde o ano 2020. Este projeto intitulado de *EuroWeb*¹, consiste numa rede europeia centrada na temática dos têxteis históricos e arqueológicos e do património têxtil. Neste projeto estão integrados 32 países, incluindo Portugal, onde os 185 membros se distribuem pelos quatro grupos de trabalho existentes: tecnologia têxtil; vestuário e identidade: género, idade e estatuto; terminologias têxteis e da vestimenta; e o tecido e a sociedade. Este projeto tem como objetivos reescrever a história da Europa através do trabalho têxtil, com uma diacronia vasta que vai desde a Pré-história ao mundo moderno, a valorização do património têxtil, o impacto cultural e socioeconómico da produção têxtil na agricultura, pecuária e no meio ambiente, bem como o seu papel na construção de género e identidades individuais e coletivas e, por fim, a elaboração de um atlas

¹ <https://euroweb.uw.edu.pl/>

digital do património têxtil europeu. Esta rede de investigação tem ainda organizado *workshops* e fóruns de discussão para que a temática dos têxteis e da tecelagem ganhe visibilidade no meio científico. Este projeto é de extrema importância, na medida em que se criam conhecimentos transfronteiriços, onde deixa de haver espaço para uma arqueologia regionalista ou nacionalista.

4. Definição de conceitos: Elementos de tecelagem e fiação

A prática da tecelagem e todos os mecanismos e técnicas associadas surgem com as inovações que marcam o período Neolítico, caracterizado pelo desenvolvimento das primeiras formas de agricultura e pastorícia, bem como pela “Revolução dos produtos secundários”. A sedentarização proporcionou a domesticação de animais e a exploração de fibras vegetais. A atividade de tecelagem, na Europa, identifica-se a partir do 4º Milénio a.C. (BARBER, 1991, p.134-144). No entanto, no território que corresponde à Península Ibérica, tanto a matéria-prima utilizada para fazer os teares – madeira – como os tecidos produzidos são de difícil reconstrução, pois estes materiais são perecíveis e as características naturais deste território, tais como os solos muito ácidos, ajudam à rápida decomposição, bem como as condições climatéricas.

A tecnologia têxtil é o processo de conversão de fibras em fio e, posteriormente, a elaboração de tecido. As fibras utilizadas podem ser de origem vegetal – linho, esparto e cânhamo – e de origem animal – lã. A transformação das fibras em tecido passa por três etapas.

A primeira consiste no arranque da planta e separação da raiz por meio de ripagem e posterior lavagem para que a fibra se desagregue da casca da planta. Após as fibras já estarem cardadas e preparadas passa-se à segunda etapa: a fiação.

A fiação tornou-se um processo fundamental da tecelagem, uma vez que sem ela não era possível passar ao processo de tecer. A transformação das fibras em fio podia ser executada de diferentes materiais. Uma delas é com recurso às mãos, dedos ou coxas enrolando e torcendo as fibras até se obter um fio (ALFER GINER, 1984, p.71). Outra técnica utilizada é feita através de um instrumento que também permite essa torção e transformação da fibra: o fuso. O fuso é constituído por uma vara curta de materiais resistentes como madeira, osso ou metal, e um cossoiro (Figura 3).

A terceira e última etapa é a tecelagem. Os instrumentos associados a esta etapa são os teares e todos os elementos que dele fazem parte – placas, crescentes e seixos com entalhe. O processo de criação de tecido consiste na passagem do novelo por entre os fios da urdidura, perpendicularmente a estes, montados na vertical ou na horizontal, sequencialmente da esquerda para a direita (COIXÃO e NALDINHO, 2011, p.86).



Figura 3: Imagem representativa da criação de fio. (seg. ALFER GINER, 1984, p.75)

Em todo o território português só há registo de 6 fragmentos de tecidos da Pré e Proto-história. O registo do tecido mais antigo no território português foi encontrado na necrópole megalítica de Belle France (Caldas de Monchique). No túmulo 1, que apresentava o melhor estado de conservação, foi encontrado um tecido de linho muito fino dobrado em quatro partes que envolvia um machado de cobre. Através da observação do tecido com uma lupa binocular, foi possível identificar vestígios de pintura. Esta pintura tinha uma tonalidade avermelhada produzida através da raiz de *Rubia Tinctorum*² (SOARES *et al.*, 2018, p. 74-75). Este é um dos poucos vestígios têxteis datados do 3º Milénio a.C. em todo o Ocidente Peninsular.

No povoado Calcolítico de Porto Mourão (Moura), durante as prospeções, foi encontrado um machado plano de base cobre, que apresentava produtos de corrosão de tons esverdeados que conservaram fragmentos de tecido. A análise feita a este tecido permitiu averiguar que se tratava de fibra de linho de cor branca e que os fios da teia e a da trama apresentam uma torção em Z (SOARES *et al.*, 2018, p. 75).

No Monte das Aldeias (Vidigueira), no decurso da escavação de várias estruturas negativas, foi identificado um hipogeu de um indivíduo do sexo feminino em posição de decúbito lateral direito. Nas dádivas funerárias associadas a este hipogeu foi encontrado um vaso esférico que no seu interior continha uma sovela (furador de costura) de cobre, e restos do cabo de madeira, onde se podiam observar fragmentos de tecido. A análise feita a este tecido permitiu afirmar que a fibra utilizada foi o linho, com a torção dos fios em Z. A datação radiocarbono, feita a um pedaço de tecido, data esta inumação e, conseqüentemente, as dádivas funerárias do final do III Milénio a.C. (SOARES *et al.*, 2018, p. 76-77).

Na Necrópole dos Bugalhos (Serpa), foram escavadas duas cistas junto à margem esquerda do rio Guadiana. Estas cistas de forma tendencialmente trapezoidal eram constituídas por quatro lajes de xisto colocadas na vertical. Na sepultura 2 foram registadas: uma taça carenada com uma pequena asa junto ao bordo, um vaso assimétrico de boca oval e com uma asa em fita e dois punhais de cobre muito corroídos (SOARES, *et al.*, 2018, p.77). Num dos punhais foi possível observar um pequeno fragmento de tecido (2x1cm) de cor branca, elaborado com fibra de linho. A datação radiocarbono, coloca as dádivas funerárias na transição do 1º para o 2º quartel do II Milénio a.C. (SOARES, *et al.*, 2018, p.78).

No sítio da Torre Velha 12 (Serpa), foram escavadas várias estruturas negativas datadas desde o Neolítico Final até à Idade do Bronze. Nas estruturas associadas à Idade do Bronze, foram identificados hipogeus, fossas e uma estrutura sub-retangular com cobertura de lajes de pedra. No hipogeu da sondagem 10, atribuível ao Bronze Pleno do Sudoeste, foi registada uma inumação de um indivíduo do sexo masculino. A esta inumação encontra-se associado um vaso esférico, com fundo plano, um pequeno punhal de liga de cobre com três rebites e, junto ao crânio, uma pequena argola também em liga de cobre. Aderente à argola observou-se um pequeno fragmento de tecido de linho. O punhal também tinha vestígios de tecido, no entanto, devido ao tecido estar totalmente mineralizado não permitiu averiguar que tipo de fibra teria sido usada. A datação radiocarbono coloca esta inumação em meados do II Milénio a.C. (SOARES *et al.*, 2018, p. 78).

² Planta herbácea de uso medicinal, originária da região do Mediterrâneo, mas que também está presente em território português. A sua raiz tem substâncias de cor avermelhada que são usadas como corante. (<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/granza>)

Por fim, o último sítio pré/proto-histórico, com vestígios de têxteis é o Monte da Cabida 3 (Évora). Este sítio apresenta inúmeras estruturas em negativo de uma longa diacronia que vai desde o Neolítico Final até à Idade Média. Relativamente à Idade do Bronze, podemos referir a existência de inumações me fossas e cistas. Na cista 8 foram registadas duas inumações e a elas estava associada um punhal de liga de cobre com quatro rebites. A observação desta peça permite a identificação de dois fios de tecido totalmente mineralizados, por essa mesma razão não é possível determinar o tipo de fibra utilizada (SOARES *et al.*, 2018, p.79).

Como podemos observar, todos os vestígios têxteis atribuíveis à Pré e Proto-história no território português, estão associados a artefactos metálicos que ajudam a conservação do tecido. Por vezes, o elevado nível de degradação dos metais, faz com que os tecidos fiquem mineralizados e não seja possível determinar o tipo de fibra utilizada. No entanto, em todos os casos que foi possível identificar a fibra utilizada, percebe-se que o uso do linho é mais comum e a técnica de torção das fibras mais utilizada é a em Z (SOARES *et al.*, 2018, p.79).

Em muitos casos, a falta de estudos paleoambientais e zooarqueológicos não permitem que os trabalhos relativos à temática da tecelagem estejam completos, uma vez que não havendo um estudo das sementes encontradas, não se pode atestar que tipo de matéria-prima era utilizada para a elaboração de tecidos.

Os elementos que nos permitem confirmar que a tecelagem fazia parte do quotidiano das comunidades Pré e Proto-históricas são os elementos de tear e fiação em barro ou em pedra. Destes elementos de tear fazem parte as placas, os crescentes e os seixos com entalhe. Por sua vez, os cossoiros são elementos associados à fiação.

4.1. Placas

As placas cerâmicas, utilizadas para fazer tensão nos fios da urdidura dos teares são um dos elementos relacionados com a tecelagem que mais aparecem nos povoados calcolíticos. Estas placas podem variar nas suas dimensões, número e dispersão das perfurações e na sua morfologia, podendo assim subdividir-se por vários tipos. Quanto às dimensões, quando estudamos um conjunto de placas de tear, devemos ter em consideração, a largura, comprimento, espessura e ainda, diâmetro das perfurações, bem como as distâncias entre perfurações, entre perfurações e extremidade lateral e perfurações e topo, pois só desta maneira se consegue determinar a centralidade das mesmas. No entanto, a medida do comprimento é, muitas vezes difícil de se obter, pois as peças têm tendência a fragmentar-se transversalmente.

As placas que apresentam uma largura e espessura maiores seriam utilizadas em teares verticais, pois só as placas com estas características poderiam exercer a força necessária para esticar os fios da urdidura. Por sua vez, as placas menos largas e espessas, supõe-se que seriam utilizadas em teares de grade (GOMES, 2013, p.218). Normalmente, as faces das placas são aplanadas e perfuradas nas suas extremidades. Uma característica comum a todas as placas calcolíticas é a existência de perfurações em número par, 2 ou 4. As placas podem ter uma morfologia retangular, quadrangular, ovalada ou trapezoidal (COSTEIRA, 2010, p.54; DINIZ, 1994, p.138).

Nos conjuntos de placas estudadas neste trabalho, as placas mais comuns são as de morfologia sub-retangular/paralelepípedica. Quanto ao número de perfurações, não podemos afirmar que seriam placas de duas ou de quatro perfurações, pois o elevado estado de

fragmentação das placas não nos permite tirar essas conclusões. Pontualmente, aparecem placas de morfologia ovalada, que, comparativamente às placas retangulares, são mais robustas.

4.2. Crescentes

Os chamados crescentes também fazem parte dos elementos de tear presentes nos povoados a partir do período Calcólico. Os crescentes de cerâmica apresentam uma forma curva de contorno tendencialmente arredondado e, tal como as placas, desempenhavam a função de pesos para esticar a urdidura dos teares. Dispostos perpendicularmente à trave que segurava a urdidura, os crescentes permitiam que houvesse uma maior aproximação entre os fios e, dessa forma, os tecidos confeccionados seriam mais resistentes (GOMES, 2013, p.220).

A utilização de crescentes em teares verticais permitia a utilização de uma trave colocada horizontalmente em relação aos mesmos, pois a curvatura que os crescentes apresentam possibilita que as peças subam e desçam sem que haja uma interferência com os fios da urdidura (GOMES, 2013, p.220). Os crescentes, como já referido anteriormente, tem uma forma curva e as morfologias mais comuns são: sub-retangular, subovaladas, subovaladas-robustas e subcirculares. Todos estes elementos de tear partilham de uma característica comum, a presença de duas perfurações uma em cada canto (DINIZ, 1994, p. 138).

4.3. Seixos com entalhe

Os seixos com entalhe de origem fluvial apresentam talhe natural com a presença de dois ou mais entalhes laterais. Estes entalhes podem ser simétricos ou assimétricos e encontram-se, maioritariamente, na zona mesial dos seixos e são produzidos através de lascamento ou fricção, a fim de permitir que sejam amarrados.

A primeira vez que os seixos com entalhe foram mencionados, foi no ano de 1888³, por Martins Sarmiento. Os pesos em granito mencionados, apareceram no interior de uma casa do Castro de Sabroso (Guimarães), algumas delas juntas e outras dispersas. No entanto, estas peças apenas foram referidas e não lhe foi atribuída qualquer tipo de funcionalidade (PEREIRA, 2005, p.1). Posteriormente, em 1925, Joaquim Fontes, numa conferência da *Associação de Arqueólogos Portugueses*, dá a conhecer os seixos achatados que encontrou na Galiza, atribuindo-lhes a funcionalidade de pesos de tear ou pesos de rede. Rui Serpa Pinto, em 1928, identifica sete seixos com entalhe na estação de Âncora (Viana do Castelo) e relaciona-os com a tecelagem e pesca. Só a partir dos anos 30 é que os seixos com entalhe começam a ser estudados e interpretados com uma funcionalidade. Até então, eram vistos como objetos rituais, pois «entenderam que correspondiam a estilizações dos “ídolos-violino” da civilização Cládica» (PEREIRA, 2005, p. 2).

Os seixos com entalhe, normalmente, apresentam dois entalhes, um de cada lado ou um em cada topo, no entanto, há algumas exceções onde os seixos apresentam mais que um entalhe de um dos lados. No povoado do Alegrios (Idanha-a-Nova) foi encontrado um seixo com três entalhes do mesmo lado e no Monte do Frade (Penamacor) identificou-se um seixo com dois entalhes do mesmo lado (VILAÇA, 1995, p.140).

³ SARMENTO, Francisco Martins – Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. Revista de Guimarães, 5 (3) Jul.-Set. 1888, p. 109-121

Os seixos com entalhe poderiam ter várias funcionalidades, relacionadas com atividades piscatórias e de tecelagem. Relativamente às atividades piscatórias, os seixos funcionavam como pesos de rede e eram colocados ao longo da malha para exercerem força e assim afundarem a rede, também podendo servir como pedra de arremesso do anzol na pesca à linha e, por sua vez, os seixos de menor dimensão são muitas vezes associados a pesos de redes de mão para pesca em águas baixas, fazendo com que estas se mantenham na vertical (PEREIRA, 2005, p.3). Porém, os seixos com entalhe também podem ser interpretados como elementos de tear, devendo ter-se em atenção o contexto em que surgem nos povoados. Os elementos de tear em barro – placas e crescentes – têm uma menor expressão em contextos posteriores ao Calcolítico e, deste modo, podemos admitir que as comunidades tenham deixado de produzir pesos em barros e passem a utilizar os seixos com entalhe, em teares e em redes (VILAÇA, 1995).

Apresentamos dois povoados em que a existência de seixos com entalhe, foram interpretados como pesos de tear, devido ao seu contexto. Um deles é o Monte do Tosco (Évora), onde se encontraram seixos com entalhe na mesma unidade estratigráfica que um conjunto de crescentes. A utilização de seixos com a funcionalidade de pesos de tear poderia estar relacionada com a preferência da comunidade em utilizar este tipo de material em detrimento dos pesos de barro (GOMES, 2013, p. 227). Outro caso, em que os seixos com entalhe são interpretados como pesos de tear é no Castro de São Romão (Seia), onde se identificaram vários seixos com entalhe entre buracos de poste. Deste modo, Senna-Martinez, interpretou que poderíamos estar perante um tear vertical, uma vez que há a existência de buracos de poste e os seixos se encontram entre eles (SENNA-MARTINEZ, 2000, p.140).

4.4. Cossoiros

Os cossoiros são utilizados numa das técnicas de produção do fio, através do auxílio do fuso. O cossoiro elaborado em diversas matérias-primas, sendo que a cerâmica é a mais vulgar, tem uma forma tendencialmente arredondada e pode ter diferentes morfologias: discóides, esféricas, cilíndricas e bitroncocónicas de diversas dimensões. O cossoiro é fixo na extremidade do fuso, sendo a sua função a de equilibrar e imprimir velocidade ao movimento de rotação, aumentando a velocidade da fiação e impedindo a distorção do fio.

Durante muitas décadas, os cossoiros não eram interpretados como elementos de fiação, sendo, muitas vezes, essas materialidades associadas a outras funcionalidades como: peças de jogo, pesos de tear, pesos de rede, elementos de adorno – contas de colar e botões – ou ainda artefactos de carácter simbólico e votivo. Mesmo após os anos 80 do século XX, quando se observa um maior interesse pela temática da tecelagem no meio arqueológico, os cossoiros são apenas inventariados e continuam a não ser alvo de estudo. Porém, no final do século XX, em Espanha, publicam-se duas obras de extrema relevância para o estudo dos cossoiros, desenvolvidos por Zaida Castro Curel (1980) e Carmen Alfaro Giner (1984) (COSTEIRA, 2017, p.331).

A presença de cossoiros documenta-se ao longo do Mediterrâneo e na Europa Central desde o Neolítico-Final/Calcolítico. Na Península Ibérica, os cossoiros estão presentes nos povoados desde o período Calcolítico, no entanto, a generalização desses instrumentos só se verifica a partir do Bronze Pleno em algumas regiões (GOMES, 2021, p. 177). Os dados

relativos aos cossoiros em contextos calcolíticos, no território português, são muito reduzidos. Esta falta de documentação pode ser consequência da ideia que estes elementos de fiação são, cronologicamente, associáveis aos períodos da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, bem como da diminuta importância que se atribui ao processo de fiação. O reduzido número de cossoiros presentes nos povoados calcolíticos, comparativamente às placas e crescentes, pode estar relacionada com a funcionalidade, uma vez que só se necessita de um cossoiro para um fuso e, em contrapartida, são necessários vários pesos para um tear. Também se deve ter em conta que existiam outras técnicas de fiação, com recurso às mãos, dedos e coxas que, apesar de serem técnicas mais demoradas, poderiam funcionar em simultâneo com a o processo de fiação através de um fuso (COSTEIRA, 2017, p.341-343).

As características métricas dos cossoiros podem estar relacionadas com o tipo de fibras utilizadas. Os cossoiros mais robustos podem estar associados ao trabalho de fibras vegetais como o linho. Por sua vez, os cossoiros mais leves estariam relacionados com fibras animais, como a lã. Os cossoiros com uma morfologia discóide imprimiam uma maior velocidade e rapidez ao processo de fiação (COSTEIRA, 2017, p.338).

Os contextos de proveniência dos cossoiros seguem o mesmo padrão que os elementos de tear, ou seja, estes artefactos são muito mais expressivos em contextos habitacionais do que em contextos funerários. No território português, temos apenas dois registos de cossoiros em contextos funerários são eles: o hipogeu 3 da Quinta do Anjo (Palmela) e a anta da Torre do Ervedal (Portalegre) (COSTEIRA, 2017, p.342).

5. Objetivos e metodologia

Este trabalho tem como objetivos tentar compreender a dispersão de utensílios de tecelagem na Beira Interior, sendo que por utensílios de tecelagem, entendemos os elementos de tear – placas, crescentes e seixos com entalhe – e os instrumentos associados ao processo de fiação como são os cossoiros. Para tentar compreendermos a dispersão destes utensílios nesta região foi necessário criar um inventário o mais completo possível, que reunisse todos os sítios arqueológicos onde foram identificados utensílios de tecelagem. Após o estudo dos materiais, tentaremos fazer uma abordagem comparativa dos materiais registados no inventário com o de outras regiões do território português através de trabalhos desenvolvidos por diversos autores. Deste modo tentaremos compreender se existe um padrão nos utensílios de tecelagem registados no território português. Por fim, no capítulo 7 deste trabalho, decidimos fazer uma abordagem de conjunto onde analisamos as tipologias dos elementos de tecelagem, a sua distribuição diacrónica com a finalidade de compreender o desaparecimento/surgimento de novos artefactos. Sucintamente, podemos dizer que o principal objetivo deste trabalho é dar a conhecer os povoados da Beira Interior que reúnem vestígios de tecelagem numa cronologia compreendida entre o Calcolítico e a Idade do Ferro.

Neste capítulo será abordada a metodologia utilizada para o critério de seleção dos sítios abordados. Posteriormente, interpretaremos as fichas de inventário feitas para os conjuntos de materiais em estudo, explicando cada parâmetro. Seguidamente, e de extrema relevância, explicaremos os parâmetros das fichas de análise que acompanham cada material, argumentando as nossas escolhas.

5.1. Critérios de seleção dos casos de estudo

A primeira fase deste trabalho incidiu sobre o levantamento de sítios pré e proto-históricos da Beira Interior onde podemos observar a presença de utensílios de tecelagem que engloba placas, crescentes, seixos com entalhe e cossoiros, sendo que os cossoiros fazem parte do processo de preparação das fibras. De salientar que, neste estudo também se incluem os seixos com entalhe, apesar de não haver um consenso sobre a utilização destes materiais como elementos de tecelagem. Esta abordagem, relativa aos seixos com entalhe, já foi justificada no capítulo que diz respeito à definição dos conceitos.

Esta recolha de informação partiu de uma pesquisa bibliográfica onde os elementos de tear eram abordados, tendo em conta a área geográfica escolhida, onde os elementos de tecelagem eram abordados. Destaco a tese desenvolvida por Mariana Pereira, intitulada: «“Pesos de tear” e “elementos de tear” na Pré-história recente portuguesa: contributos para repensar o processo arqueológico», na qual desenvolve um capítulo com um inventário de sítios a nível nacional, sejam eles povoados ou outras estações arqueológicas, onde foram encontrados elementos de tecelagem. Este trabalho foi um bom ponto de partida para a recolha de povoados praticantes da tecelagem na Beira Interior. De salientar que, neste inventário desenvolvido por Mariana Pereira, não constam alguns sítios com vestígios de elementos de tecelagem, pelo menos no que diz respeito à área da Beira Interior. Devemos sempre ter em consideração que, quando elaboramos um inventário como o que foi apresentado por Mariana Pereira, bem como o inventário elaborado neste trabalho, estes nunca se encontram completos,

pois a atualização da informação é constante, ou seja, o que hoje nos pode parecer o mais completo possível, amanhã poderá surgir um “novo” sítio arqueológico. De todo modo, foi através deste inventário que se começou a desenvolver uma recolha de sítios. A leitura de bibliografia referente à Beira Interior também contribuiu para a recolha de mais informações, nomeadamente o livro escrito por Raquel Vilaça «Através das Beiras – Pré e Proto-História», na qual faz uma análise de alguns sítios arqueológicos desta região do país onde podemos encontrar informações sobre elementos de tecelagem como, por exemplo, o povoado do Cabeço da Malhoeira (VILAÇA, 2008, p.27; OLIVEIRA, 1996) e o povoado do Monte do Trigo (VILAÇA, 2008, p.55).

5.2. Fichas de inventário dos sítios

No decorrer da recolha de informação, que foi a primeira etapa para o desenvolvimento deste estudo, achou-se pertinente desenvolver um inventário de todos os sítios onde havia presença de elementos de tecelagem para, desta forma, haver uma melhor organização da informação recolhida, bem como para facilitar a consulta dos sítios. Tendo em conta que este trabalho aborda dois distritos – Guarda e Castelo Branco – decidiu-se fazer uma separação por distrito, sendo que o primeiro a ser abordado foi o concelho da Guarda, visto que este se encontra mais a norte do território português.

Os sítios arqueológicos foram organizados por ordem alfabética do concelho a que pertencem, bem como a freguesia. Em primeiro lugar, aparece destacado numericamente a identificação do sítio arqueológico consoante o topónimo do sítio abordado. Seguidamente, aparecem as informações relativas ao enquadramento administrativo (freguesia e concelho) e as coordenadas geográficas, que foram retiradas do Portal do Arqueólogo⁴, assim como o Código Nacional de Sítio (CNS).

Não poderia faltar neste inventário os campos da tipologia de sítio e a cronologia dos mesmos, baseados nas leituras realizadas. Achou-se oportuno adicionar um campo descritivo do sítio arqueológico, fazendo uma breve caracterização de cada estação arqueológica, com informação sucinta acerca da sua implantação, altitude, condições de visibilidade e a geologia. De seguida, é abordado o tema dos elementos de tecelagem e de fiação, onde se identifica a quantidade de materiais que se tem informação, sendo elas peças inteiras ou fragmentadas.

Para nos ajudar na fase seguinte do trabalho – escolha dos sítios arqueológicos para estudo de caso – adicionou-se o campo do “contexto dos achados”, ou seja, se os materiais referidos no parâmetro acima provinham de um contexto de prospeção ou de escavação. No caso de os materiais serem provenientes de um contexto de escavação e haver informações mais detalhadas sobre os mesmos, fez-se uma breve resenha de modo a completar o máximo possível da informação referente aos achados. Outro campo que também ajudou na escolha dos sítios para o posterior estudo foi o campo dos trabalhos realizados, no qual constam informações sobre as prospeções ou escavações que existiram. Esta informação também foi retirada do Portal do Arqueólogo, quando existente. Há ainda um parâmetro relativamente ao depositário dos materiais, recolhida do Portal do Arqueólogo. Por fim, apresenta-se a bibliografia referente a

⁴ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt>

cada sítio, para ajudar no processo de escrita deste trabalho, bem como para posterior consulta e fácil acesso às informações descritas nesta ficha.

Após o levantamento das informações relativas a cada sítio e o preenchimento das fichas individuais de inventário, procedeu-se à seleção de sítios que serão abordados mais detalhadamente. As fichas de inventário foram cruciais para esta seleção. A seleção dos estudos de casos baseou-se na quantidade de elementos de tecelagem existentes nesses povoados, no contexto dos mesmos, ou seja, se o sítio arqueológico apresenta um conjunto de materiais significativo provenientes de escavação, têm prioridade nesta escolha. No entanto, houve sítios que foram selecionados devido à existência de elementos de fiação que se encontravam inéditos ou que nunca tiveram um estudo aprofundado desses materiais. Por vezes, temos sítios arqueológicos com um bom conjunto de elementos de tecelagem, mas onde não foram encontrados elementos de fiação. Como a fiação faz parte de todo o processo de tecelagem, achou-se pertinente escolher alguns dos sítios por ter estas materialidades.

O inventário de sítios é a base deste trabalho, sem ele não se poderia fazer uma seleção, nem perceber a dispersão dos elementos de tecelagem na Beira Interior.

5.3. Ficha de inventário do conjunto

As fichas de inventário do conjunto relativo aos materiais, só foram utilizadas nos casos em que tivemos acesso aos materiais, uma vez que nem todos os utensílios de tecelagem abordados neste trabalho foram alvo de análise direta. Dessa forma, após termos os materiais em nossa posse, optou-se por elaborar uma ficha de inventário das peças de cada sítio para que as pudéssemos organizar consoante as informações que traziam. As peças foram sempre organizadas tendo em conta o número de inventário que as acompanhava. As fichas de inventário elaboradas estão organizadas pelos seguintes tópicos:

- i. número de inventário, que corresponde ao número do nosso inventário de peças que vai de 01 a x;
- ii. número de inventário de campanha, quando existente, este campo foi preenchido com as informações de inventário do sítio abordado;
- iii. referência de campo, onde consta a identificação do setor e U.E de proveniência do material;
- iv. tipo de material, onde referimos se se trata de um material cerâmico ou lítico;
- v. tipologia, onde identificamos se estamos perante uma placa, um crescente, um seixo com entalhe ou um cossoiro;
- vi. estado de conservação da peça que pode ser:
 - a. bastante completo, quando a peça, apesar de fraturada, nos permite retirar a maioria das medidas e termos uma noção como seria a peça inteira;
 - b. extremidade com perfuração, quando o fragmento apresenta uma ou mais perfurações, ou apenas indícios de perfuração;
 - c. área mesial e pequeno fragmento, quando este não nos oferece grandes informações, mas conseguimos depreender que se trata de um elemento de tecelagem através das características que apresenta. Esta classificação foi baseada no trabalho desenvolvido por Catarina Costeira (COSTEIRA, 2010, p. 46-47);
 - d. indeterminado, quando o fragmento apresenta características que nos permitem afirmar que pertencia a um utensílio de tecelagem, mas não é possível afirmar a que parte corresponde.

- vii. Colagem, onde se identifica se a peça é composta por mais fragmentos colados, pois ao fazer a primeira observação dos materiais, reparou-se que alguns deles tinham colagem e achou-se relevante adicionar esta informação.

Após termos todos os materiais organizados nesta ficha de inventário, estávamos aptos a analisar cada fragmento individual e detalhadamente. Para tal, foi necessário desenvolver fichas de análise de materiais, que passamos a descrever nos próximos subcapítulos.

5.3.1. Fichas de análise dos pesos cerâmicos

As fichas de análise das peças são muito importantes para compreendermos o conjunto que estamos a estudar. Através delas conseguimos depreender informações variadas sobre cada fragmento e, posteriormente, fazer uma análise ao conjunto.

Esta ficha-tipo de análise de materiais, (Figura 4), é composta por vários parâmetros que são relevantes para o estudo aprofundado de cada fragmento. Podemos dividir esta ficha de análise em 8 partes, sendo elas:

- i. Identificação: neste campo consta o ID, número de inventário e referência de campo.
- ii. Morfologia
- iii. Análise das perfurações
- iv. Caracterização métrica
- v. Análise tecnológica
- vi. Observações
- vii. Registo gráfico
- viii. Registo fotográfico

As peças são identificadas com um ID, que corresponde ao nome do povoado a que pertencem, seguidamente é-lhe atribuído um número de inventário sabendo que esta numeração vai de 01 a x., respeitando sempre a sequência do número de inventário ou número de campanha, e ainda a referência de campo, onde são inseridas informações sobre o setor e U.E de proveniência dos materiais, caso tenham essa informação.

No parâmetro da morfologia, aborda-se a tipologia do material que pode ser: placa, crescente, seixo com entalhe, ou indeterminado – determina-se que um fragmento é indeterminado quando estamos perante um pequeno fragmento que não tem características suficientes para aferirmos a que tipologia pertence – estado de conservação: fragmento distal, quando o fragmento corresponde a um canto ou tem pelo menos uma perfuração; fragmento mesial, se o fragmento corresponder à parte média de um elemento de tecelagem. Nesta caracterização morfológica ainda se adicionou o campo da secção do fragmento. A secção foi retirada na transversal das peças e podemos ter secções sub-retangulares, quando as arestas do fragmento são retas, ou seja, formam mais ou menos um ângulo de 90° com a face (COSTEIRA, 2010, p.45); ovaladas, quando as arestas são muito arredondadas e, na maioria dos casos, apresenta apenas uma aresta; subtrapezoidal, quando a secção tem uma face mais alargada que outra e na fratura observa-se a forma tendencialmente trapezoidal; circular e indeterminados, o que acontece no caso dos pequenos fragmentos ou, nos mais disformes, que apresentam um mau estado de conservação que não nos permite aferir a sua secção.

Ficha de análise de Pesos		
ID:	Nº de Inventário:	
Referência de campo:		
Tipo:	Estado de conservação:	
Secção:		
Nº Perfurações:	Diâmetro (cm):	Vestígios de uso:
Dist. Perfurações:	Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):	
Dist. Perf. Topo (cm):		
Comprimento (cm):	Largura (cm):	
Espessura (cm):	Peso (g):	
Fabrico:		
Decoração:		
Observações:		

Figura 4: Ficha de análise dos pesos cerâmicos

De seguida, temos o campo da análise das perfurações. Neste campo indica-se o número de perfurações observáveis. No caso de haver uma perfuração que não se encontre completa, tentamos compreender se é possível retirar o seu diâmetro, se assim for, consideramo-la como uma perfuração e retiramos essa medida. Em relação ao diâmetro das perfurações, sempre apresentada em cm, medidas com auxílio de uma craveira manual, é retirado o diâmetro máximo da perfuração. É ainda analisado se existem vestígios de uso, muitas vezes com recurso a uma lupa, observando o interior da perfuração para compreender se esta tem alguma marca de uso, normalmente expressada por uma forma tendencialmente ovalada. Ainda neste campo das perfurações, quando possível, retirámos as medidas da distância entre perfurações (Dist. Perfurações), a distância da perfuração à extremidade lateral (Dist. Perf. Extremidade Lateral) e a distância da perfuração ao topo da peça (Dist. Perf. Topo), como é possível observar na Figura 5. Estas medidas são importantes para compreendermos a posição das perfurações em relação ao fragmento, permitindo «aferir a centralidade ou lateralidade das perfurações» (COSTEIRA, 2010, p.48).

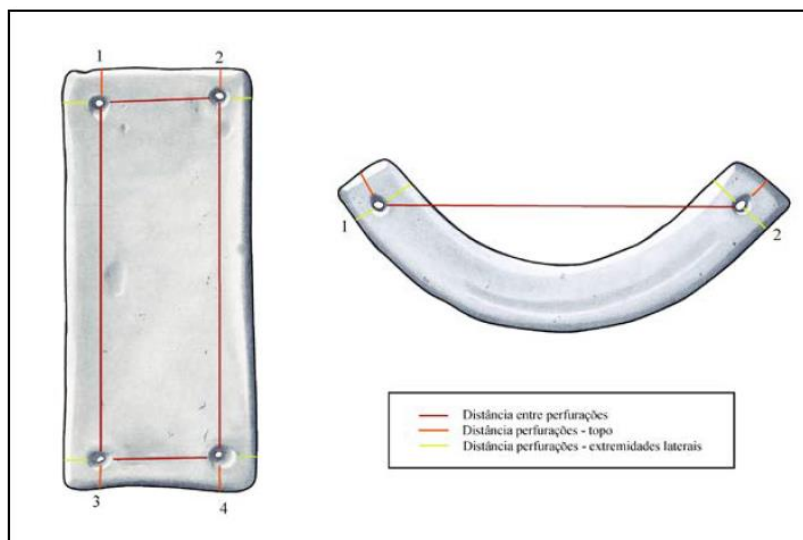


Figura 5: Esquema de medição das perfurações. COSTEIRA (2017), vol. II, p.55

As medidas referentes aos comprimento e largura das peças nem sempre foram possíveis de retirar devido às fraturas que apresentavam. Nas peças que se encontravam em bom estado de conservação e nos foi permitido aferir as medidas relativas ao comprimento e largura, baseamos essas medições no esquema apresentado na Figura 6. A espessura dos fragmentos foi retirada sempre a meio da peça, exceto em algumas ocasiões, onde se justificou nas observações das fichas o motivo. A análise das medições efetuadas à largura e espessura dos fragmentos, por vezes, permitiu detetarmos padrões ou valores mais frequentes que caracterizavam o conjunto. O peso foi retirado em todos os fragmentos, mesmo sabendo que esta medida não oferece grandes informações, tendo em conta que estamos a trabalhar com fragmentos e não com peças inteiras.

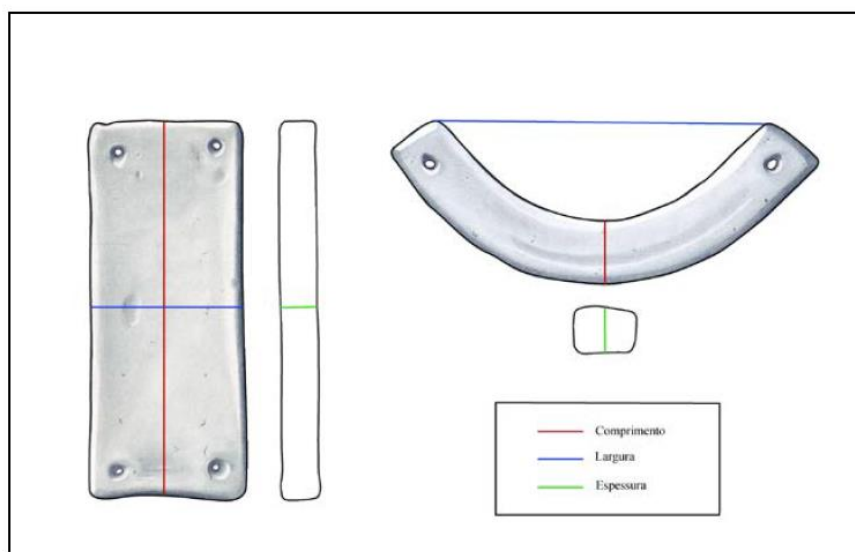


Figura 6: Esquema de medição dos elementos de tecelagem. COSTEIRA (2017), vol.II, p.54

No parâmetro da análise tecnológica das peças abordamos os seguintes tópicos:

- i. Textura e consistência
- ii. Elementos não plásticos (*enp*'s)
- iii. Cozedura

Em relação à textura das pastas estas podem ser: homogéneas, quando os elementos não plásticos são de pequeno calibre e se encontram bem distribuídos, ou heterogéneas, quando nas pastas é possível observar, a olho nu, uma grande quantidade de *enp*'s de médias e grandes dimensões. Em relação à consistência das pastas, estas dividem-se em três grupos: compactas, medianas e friáveis. As pastas compactas são rijas e não fraturam facilmente, apresentam *enp*'s de pequeno calibre e bem distribuídos conferindo-lhes uma maior consistência, normalmente relacionados a texturas homogéneas. As pastas medianas, normalmente associadas a texturas heterogéneas, caracterizam-se por não serem tão rijas como as pastas compactas, mas também não são frágeis como as pastas friáveis. Por sua vez, as pastas friáveis como o próprio nome indica, são pastas frágeis que se fraturam facilmente.

Quanto aos *enp*'s, analisamos duas características: a frequência e o calibre. A frequência dos *enp*'s pode ser: raros, quando se observam poucos *enp*'s; frequentes quando se consegue observar alguns e muito frequentes, quando é possível observar uma grande quantidade de *enp*'s pelo fragmento. Relativamente ao calibre dos *enp*'s, dividem-se em dois grupos: pequenos quando não ultrapassam 1mm e grandes quando o seu calibre é superior a 1mm.

Por fim, neste parâmetro ainda é abordado o tipo de cozedura das peças. Nos materiais estudados temos presença de quatro tipos de cozedura: oxidante, redutora, oxidante com arrefecimento redutor e redutor com arrefecimento oxidante. As pastas que encaixam no espectro de cores, que vão desde o bege ao alaranjando, são consideradas pastas com cozeduras oxidantes. As pastas que apresentam uma tonalidade negra, cinzenta ou castanho-escuro são classificadas como redutoras. Quando observamos um contraste de tonalidades entre a superfície e o núcleo da fratura estamos perante pastas com um arrefecimento diferente da cozedura. Sempre que observamos que a superfície do fragmento apresenta uma tonalidade escura e o núcleo claro, quer dizer este fragmento tem uma cozedura oxidante com arrefecimento redutor. Por sua vez, se a superfície da peça apresentar uma tonalidade clara e o núcleo escuro, significa que a cozedura da peça é redutora e o seu arrefecimento foi oxidante (COSTEIRA, 2010, p. 48).

Em relação à informação sobre a decoração, identifica-se se há presença de decoração ou não, o tipo de decoração presente, a técnica usada e uma breve descrição.

Por fim, adicionou-se o campo das observações, onde se faz uma descrição das arestas e cantos, quando há existência dessa informação e uma descrição da(s) fratura(s) quando são pertinentes para o estudo da peça. Este campo complementa-se com mais informações que sejam importantes para a interpretação dos dados.

Relativamente ao registo gráfico das peças, nem todos os fragmentos têm um desenho, na maioria dos casos optou-se por fazer apenas o contorno do fragmento e o desenho da secção. Os desenhos dos fragmentos foram retirados de bibliografia referida devidamente nas observações de cada um.

5.3.2. Ficha de análise de seixos com entalhe

Como neste trabalho abordamos os seixos com entalhe, não descartando a sua funcionalidade como pesos de tear, achou-se pertinente elaborar uma ficha específica para os mesmos.

Como podemos observar na Figura 7, os primeiros parâmetros são iguais aos da ficha de análise de pesos cerâmicos. De seguida, temos um campo que analisa a secção, contorno, estado de conservação e a matéria-prima. As secções dos seixos podem ser: sub-retangulares; ovaladas; trapezoidais ou indeterminadas, quando o seixo está muito fragmentado e não conseguimos compreender a secção. Os seixos com entalhe podem ter um contorno irregular, elipsoidal, subovalado ou retangular (OLIVEIRA,1996, p.92). O estado de conservação segue a mesma ideologia que os pesos cerâmicos. Sendo que estamos perante materiais líticos, adicionou-se um campo para identificação da matéria-prima dos seixos.

Ficha de análise de Seixos com entalhe		
ID:	Nº de Inventário:	
Referência de campo:		
Secção:	Contorno:	
Estado de conservação:	Matéria-prima:	
Nº Entalhes:	Simetria dos entalhes:	
Dist. Entalhes (cm):	Dis. Entalhes-Topo (cm):	
Comprimento (cm):	Largura (cm):	Espessura (cm):
Peso (g):		
Observações:		

Figura 7: Ficha de análise de seixos com entalhe

Os parâmetros que se seguem correspondem à caracterização dos entalhes. Começa-se por identificar o número de entalhes que o seixo apresenta, esta informação é muito importante, pois se um seixo tiver apenas um entalhe, significa que este não poderia ter desempenhado a função de peso de tear, correspondendo muito possivelmente a um artefacto que foi abandonado durante o processo de fabrico. Seguidamente, analisa-se a simetria dos mesmos. Os entalhes são simétricos quando se apresentam em relativa linha reta um do outro ou assimétricos quando a relação entre os dois é distante. Neste campo é ainda analisada a distância entre entalhes (Dist. Entalhes) e a distância entre os entalhes e o topo (Dist. Entalhes-Topo).

Tanto as medidas dos seixos como as observações seguem a mesma metodologia abordada que os pesos cerâmicos.

5.3.3. Fichas de análise dos cossoiros

Os cossoiros são uma evidência da prática de fiação, deste modo não pudemos deixar de os abordar e estudar neste trabalho. Uma vez que estes elementos de fiação apresentam formas que em nada se relacionam com os restantes elementos de tecelagem, a não ser a existência de perfuração, decidiu-se elaborar uma ficha de análise específica (Figura 8). Esta ficha foi baseada em critérios propostos por Catarina Costeira (2017), Maria de Fátima Matos da Silva & Paula Cristina Pereira de Oliveira (1999) e Castro Curel (1980).

Neste subcapítulo iremos apenas justificar os parâmetros referentes à forma da secção, tipo de cossoiro e faces, tendo em conta que os restantes campos seguem a mesma metodologia e já foram explicados anteriormente. As medidas retiradas neste tipo de elementos de tecelagem/fiação, foram baseadas no esquema da Figura 9, retirada da tese de doutoramento de Catarina Costeira.

Ficha de análise de Cossoiros		
ID:	Nº de Inventário:	
Referência de campo:		
Estado de conservação:	Forma da secção:	
Tipo:	Faces:	Base:
Diâmetro (cm):	Espessura (cm):	
Diam. Perfuração (cm):	Dist. Perf. Extremidade (cm):	
Fabrico:		
Decoração:		
Observações:		

Figura 8: Ficha de análise de cossoiros

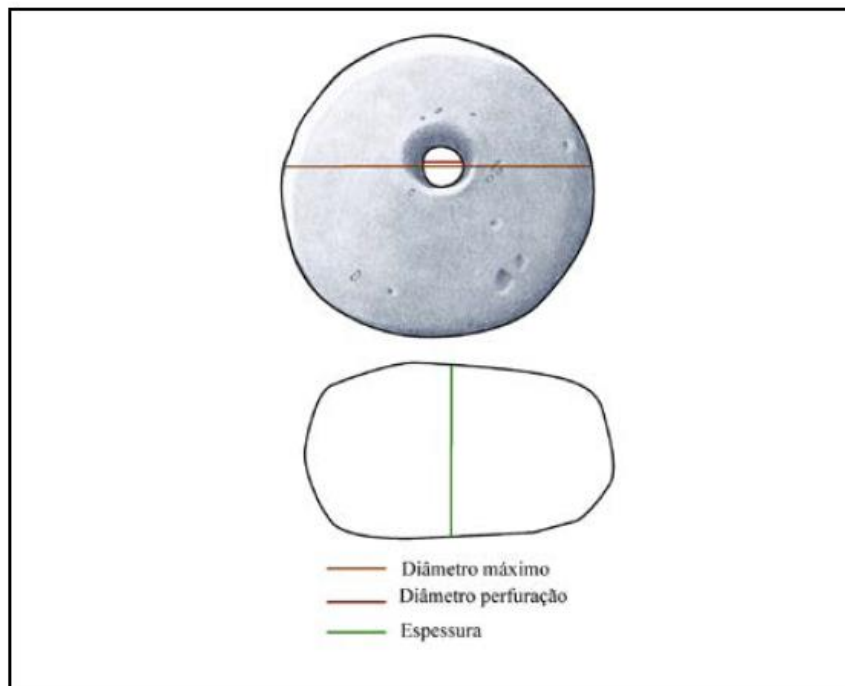


Figura 9: Esquema de medição dos cossoiros. COSTEIRA (2017), vol.II, p. 55

A forma da secção dos cossoiros pode ser: esférica, cilíndrica, discoidal, sub-trapezoidal e sub-triangular. Diretamente relacionada com a secção dos cossoiros está a forma dos mesmos, que pode ser: esférica, quando o cossoiro apresenta uma morfologia esférica, faces convexas e perfuração central; cilíndrica no caso da forma ser cilíndrica, com faces convexas ou aplanadas e com uma perfuração central; discoidal quando o cossoiro apresenta uma morfologia discoidal com faces planas e uma perfuração central (COSTEIRA, 2017, p. 143); troncocónica quando o cossoiro apresenta a forma de um cone com faces convexas ou aplanadas e perfuração central e, por fim, as bitroncocónicas quando a forma que se observa é de dois cones invertidos ligados pela base, normalmente o topo da peça apresenta um o cone do topo mais alongado, as faces podem ser planas ou convexas (COSTEIRA, 2017, p. 143). Relativamente às faces, podemos ter faces convexas ou planas. As bases dos cossoiros podem ser planas ou côncavas.

6. Estudos de caso

Após elaborarmos um inventário de sítios onde foram identificados utensílios de tecelagem – placas, crescentes, seixos com entalhe e cossoiros – procedeu-se à escolha dos povoados que iriam ser abordados mais detalhadamente. No território que corresponde à Beira Interior, foi possível identificar 30 sítios com presença de utensílios de tecelagem, sendo que 15 deles foram escolhidos como casos de estudo. Ao longo deste capítulo vamos apresentar os 15 povoados escolhidos para caso de estudo, seguindo a mesma metodologia que utilizámos para a elaboração do inventário (conf. Capítulo 5.2.).

No entanto, existem três sítios, que apesar de não fazerem parte dos casos de estudo, merecem uma distinção entre os não selecionados, os quais abordaremos de seguida. Duas destas estações arqueológicas não foram selecionadas – Castelo Velho de Freixo Numão e Castanheiro do Vento – devido à existência de teses de dissertação que abordam a temática da tecelagem nestes sítios. Por sua vez, o povoado da Moreirinha apenas irá ser mencionado para confrontar algumas informações existentes.

O povoado de Castelo Velho de Freixo Numão (Vila Nova de Foz Côa), apesar do seu elevado número de elementos de tecelagem, nomeadamente placas, não foi selecionado para ser caso de estudo uma vez que já foi elaborada uma tese⁵ sobre os elementos de tecelagem pertencentes a este povoado. Neste povoado foram identificados 155 fragmentos de placas cerâmicas. Estes pesos foram encontrados em diferentes contextos o que levou Sérgio Gomes a problematizar a sua função, uns anos mais tarde num artigo intitulado «Revisitar os “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo Numão. As deposições com uma antologia de existências». Estes pesos foram encontrados em grupos, ou, isolados, outras vezes apareciam em associação com restos humanos ou dentro de muretes delimitadores do recinto ou, ainda, nas bases das estruturas. Relativamente à morfologia destas peças, a maioria destas placas apresenta uma forma paralelepípedica com duas ou quatro perfurações (GOMES, 2019, p.189-190).

Outro sítio que também não consta nos nossos casos de estudo, mas merece ser mencionado, é a estação arqueológica do Castanheiro de Vento (Vila Nova de Foz Côa). Este sítio também não foi selecionado, uma vez que existe uma tese que aborda os elementos de tecelagem identificados neste sítio arqueológico. Nesta estação arqueológica foram identificados 110 fragmentos de placas, sendo que a maioria tem uma forma sub-paralelepípedica com secções sub-retangulares e as medidas de comprimento e espessura variam. Esta variação também é perceptível ao nível das perfurações, quer no seu tamanho, quer no número de perfurações (PEREIRA, 2010, p.97).

Por último, é importante referir o povoado da Moreirinha (Idanha-a-Nova) que apresenta poucos elementos de tecelagem identificados, neste caso seixos com entalhe. Raquel Vilaça refere, na sua tese de doutoramento, a presença de uma fusaiola esférica, com perfuração cilíndrica, de pasta mediana e superfície alisada que pesa 9g (VILAÇA, 1995, p.228). A possibilidade de se tratar de uma conta de colar (comunicação da Dr^a Raquel Vilaça) justifica que se exclua este povoado deste estudo, tanto do inventário de sítios como da escolha do mesmo para caso de estudo.

⁵ GOMES, S. (2003) – Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Exercícios de interpretação do registo arqueológico.

6.1. Castro de Santiago (Fornos de Algodres)

O Castro de Santiago localiza-se no limite norte da freguesia de Figueiró da Granja, no concelho de Fornos de Algodres, a 612m de altitude. Segundo o portal do arqueólogo⁶, as coordenadas geográficas do sítio são: Latitude: 40.646068; Longitude: -7.481944.

6.1.1. Descrição e contexto

Este povoado eleva-se junto de dois acidentes tectónicos: a oeste pela ribeira de Vale de Chãs e a este pela Ribeira de Muxagata (VALERA, 1992, p.3). A sua posição destacada na paisagem faz com que este povoado tenha um excelente domínio visual e ótimas condições naturais defensivas. Estes dois aspetos foram, por certo, fatores importantíssimos para a implantação do povoado neste sítio. O domínio visual deste povoado permite o controlo da plataforma do rio Mondego e do Vale da Ribeira de Muxagata. No ponto mais elevado, localizado no extremo norte, existe um “Tor” granítico composto por três grandes penedos com alturas compreendidas entre os 3 e 6 metros, dispostos em forma de “U”, sendo que a sua abertura fica virada para sul. São estes três grandes penedos que se destacam na paisagem, voltados para a ribeira de Muxagata (VALERA, 2007, p.81). A área habitacional é construída atrás destes grandes penedos e os espaços entre eles, que se vão dispendo ao longo da área habitacional, são fechados por uma espessa muralha que se orienta a sul/sudeste. Relativamente aos solos férteis, estes encontram-se afastados do povoado, sendo os terrenos que rodeiam o cabeço áridos e repletos de afloramentos graníticos. Os terrenos com potencial agrícola encontram-se no fundo do vale, junto à ribeira de Muxagata e perto da aldeia de Vila Chã, a oeste do povoado (VALERA, 2007, p.430). Geologicamente, o Castro de Santiago localiza-se numa área de granitos de grão grosseiro e médio, de duas micas, denominado como granito de Muxagata.

As primeiras intervenções realizadas no Castro de Santiago foram executadas por Monsenhor Pinheiro Marques, em 1926, e Russel Cortez, em 1952-1954. Apesar das abordagens pouco científicas, foi nas prospeções realizadas por Pinheiro Marques, que se encontrou o primeiro peso de tear do povoado de Santiago (VALERA, 1992, p.27).

No final da década de 80, começaram novamente as intervenções no Castro de Santiago. Estas intervenções, dirigidas por António Carlos Valera, tiveram oito campanhas de escavação, que terminaram no ano de 1995. Estas campanhas incidiram no recinto interior, imediatamente a seguir às estruturas amuralhadas que delimitavam este espaço, compostas por cinco setores com cerca de 500m². No recinto que se localiza mais a sul do povoado, apenas foi aberta uma sondagem que veio comprovar, através dos achados encontrados, a existência de um nível arqueológico contemporâneo ao recinto norte (VALERA, 2007, p.82). Nas campanhas dos anos de 1990 e 1991, foi identificada uma estrutura habitacional no sector A. Esta estrutura estava delimitada a sul por um alinhamento pétreo. As unidades estratigráficas 1 e 2 do setor A, apresentavam uma grande abundância de cerâmicas lisas e, por vezes, decoradas, pesos de tear em cerâmica – possivelmente com quatro perfurações – e material lítico em sílex e quartzo (VALERA, 1992, p.8).

⁶ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=55581>

No ano de 2004, realizaram-se novamente trabalhos de escavação no Castro de Santiago, desta vez com o objetivo de valorização deste sítio, para que fosse integrado no circuito arqueológico de Fornos de Algodres. A escavação incidiu na zona oeste do povoado, onde nas escavações anteriores se tinha identificado um derrube, interpretado como uma 2ª linha de muralha. Esta 2ª linha de muralha, caracterizada por ser menos imponente que a 1ª, tinha como objetivo dificultar o acesso à porta de entrada do recinto central e também funcionava como delimitadora do espaço exterior (VALERA, 2007, p.85).

Cronologicamente, o Castro de Santiago insere-se no período calcolítico. No entanto, a estratigrafia do recinto central apresenta quatro fases documentadas. A Fase 0, desprovida de material arqueológico, assenta sobre o substrato rochoso onde se observam algumas depressões que foram necessárias preencher para se iniciar a construção do povoado e, conseqüentemente, o início da Fase 1. É no início da Fase 1 que se observa a construção da 1ª linha de muralha. Apesar das características topográficas terem sido um dos critérios de seleção para a implantação do povoado neste local, a sua topografia natural dificultou a construção de habitações. Do lado oeste do interior do recinto, foi identificada uma zona multifuncional com uma intensa ocupação. Na Fase 2 é possível identificar alguns derrubes das estruturas defensivas e, apesar de estas continuarem em funcionamento, não se observam sinais de reconstrução. Nesta fase é ainda possível observar algumas remodelações do espaço, como por exemplo, o empedramento de uma cabana. Por fim, a Fase 3, apresenta níveis estratigráficos muito remexidos, onde se pode observar a concentração de cerâmica calcolítica, do Bronze Final e Medieval. A presença de cerâmica medieval e os derrubes de telheiros identificados, atestam que este povoado foi reocupado nessa mesma época (VALERA, 2007, p. 83-84). Resumidamente, o Castro de Santiago, teve duas fases de ocupação no período calcolítico, que são observáveis no recinto central do povoado. Apesar da cultura material ser a mesma, a evolução das estruturas e a intensidade de ocupação, caracterizada pela quantidade de materiais dispersos pela área intervencionada, evidencia duas fases distintas de ocupação do espaço (VALERA, 2007, p.99).

Relativamente aos materiais arqueológicos presentes neste povoado, temos a presença de recipientes cerâmicos tais como: tijelas, taças, esféricos, globulares, vasos, recipientes de armazenagem, mini-vasos e taças com carena alta; indústria lítica talhada, pedra polida, elementos de moagem, elementos de tecelagem e, apesar de escassos, elementos de adorno. Não foram identificadas evidências de metalurgia neste povoado. Ao nível da cultura material, não se registaram diferenças significativas nas duas fases de ocupação observadas estratigraficamente. No entanto, observou-se um aumento de números de fragmentos na Fase 2 de ocupação, evidenciando, uma ocupação mais intensa do espaço do recinto interior. Relativamente ao material arqueológico encontrado no exterior do recinto, este apresenta-se em número reduzido, mas representa a mesma realidade cultural do material encontrado no interior (VALERA, 2007, p.86).

6.1.2. Utensílios de tecelagem

No que diz respeito aos elementos de tecelagem, o Castro de Santiago conta com 31 fragmentos de placas, não havendo registo de pesos do tipo crescente, nem elementos de fiação como os cossoiros. Na 1ª fase de ocupação, a maioria dos fragmentos que foram identificados,

encontravam-se dispersos por uma área de 4m², no lado oeste do recinto, todos eles com uma diferença altimétrica muito semelhante, correspondendo a 11 fragmentos de placas. Esta informação permitiu a António Carlos Valera colocar a hipótese de que tivesse existido um tear naquele local. Por sua vez, na 2ª fase de ocupação observa-se que os fragmentos de placas se encontram mais dispersos sugerindo que esta prática de tecelagem não estivesse concentrada apenas num sítio, como podemos observar na Figura 10 (VALERA, 2007, p.438). Com esta fase de ocupação estão relacionados 14 fragmentos de placas (VALERA, 1997, p.88). Esta dispersão das placas também vem confirmar que, na 2ª fase de ocupação o espaço era mais intensamente explorado.

Tipologicamente, estas placas apresentam uma forma paralelepipedica, com secções sub-retangulares, onde os cantos podem variar entre angulosos ou mais arredondados, encontrando-se as perfurações junto aos cantos. Neste conjunto de placas há uma exceção, uma placa com secção transversal elipsoidal com apenas uma perfuração central no topo. É ainda de realçar a presença de um elemento de tear com decoração de linhas incisadas que formam um reticulado (Figura 11) (VALERA, 2007, p.377). Os restantes cinco fragmentos foram encontrados em níveis superficiais nas prospeções desenvolvidas por Msr. Pinheiro Marques, em 1926 (VALERA, 1997, p.88).

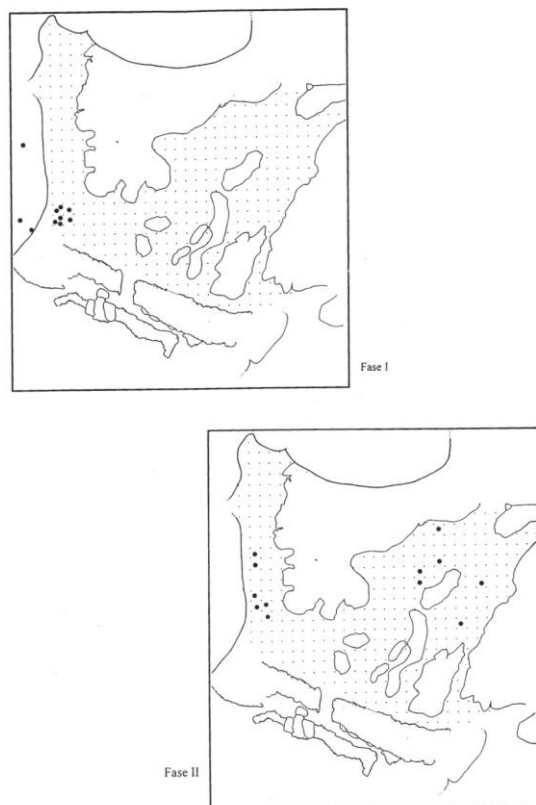


Figura 10: Distribuição dos pesos de tear pelas fases de ocupação (VALERA, 1997, p.60)

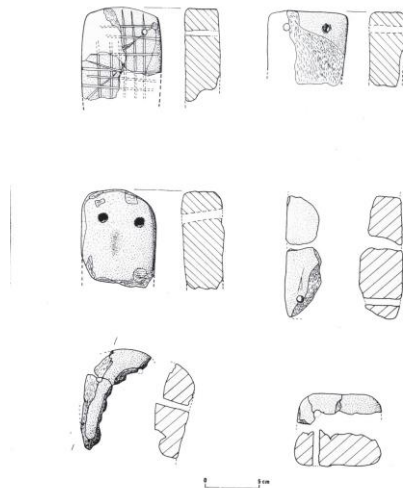


Figura 11: Desenhos dos pesos de tear encontrados no Castro de Santiago (VALERA, 1997, Est. XVII)

6.2. Malhada (Fornos de Algodres)

O povoado da Malhada localiza-se na povoação da Mata, pertencendo à freguesia de Sobral Pichorro, concelho de Fornos de Algodres, a 530m de altitude. As coordenadas geográficas retiradas do Portal do Arqueólogo⁷ são: Latitude: 40.681291; Longitude: -7.466571.

6.2.1. Descrição e contexto

O povoado da Malhada está implantado a meio da vertente direita da Ribeira de Muxagata, caracterizado por ter um declive bastante acentuado. Ao longo desta vertente existem várias rechãs, junto a grandes penedos graníticos, que possibilitaram a construção de pequenas áreas habitacionais dos povos que outrora aqui habitaram. Este conjunto de áreas habitacionais, que se foram dispendo ao longo da vertente, formam o povoado da Malhada. Por se implantar a meio de uma vertente íngreme, protegidos dos ventos e emergido na paisagem, este povoado não tem um bom domínio visual, o que nos permite aferir que a visibilidade e a necessidade defensiva não foram fatores decisivos para a implantação e construção deste. No entanto, este povoado encontra-se muito próximo de terrenos férteis e solos de aluvião da Ribeira de Muxagata, podendo estes fatores justificar a escolha para o estabelecimento do povoado numa vertente escondida. Geologicamente, este povoado insere-se numa zona de granito porfiroide de grão grosseiro e médio de duas micas e também perto de uma mancha de xistos biotíticos moscovíticos e metagrauvaque. (VALERA, 2007, p.129-130)

O terreno onde se situa o povoado da Malhada, até aos anos 70, era ocupado por um pinhal, sendo posteriormente, uma parte deste substituído por soito, vinha e oliveira. Para a execução da plantação da vinha, foi necessário construir socalcos o que levou a um profundo

⁷ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=53260>

revolvimento das terras. Foram estes resolvimentos que trouxeram à superfície materialidades arqueológicas e, conseqüentemente, permitiram a identificação deste sítio. Este acontecimento fez com que, em 1995, se procedesse a prospeções onde foram recolhidos bastantes materiais à superfície, nomeadamente «cerâmica manual lisa e decorada, instrumentos de pedra polida, pesos de tear, dormentes e moventes de mós manuais, bigornas e polidores de machados» (VALERA, 2007, p.129). Numa outra vinha, localizada a este, foram também recolhidas materialidades que fizeram com a extensão da área abrangida por esta prospeção aumentasse. Ainda no ano de 1995, foram abertas duas sondagens de diagnóstico (A e B) para perceber o potencial deste sítio, bem como o seu estado de conservação. Na sondagem A foram recolhidos 2639 fragmentos cerâmicos de variadas formas, tais como: tigelas, taças, alguns esféricos e globulares de colo. Foram ainda identificados fragmentos de pesos de tear que apontam para um número mínimo de 11 elementos. Estes elementos têm uma secção tendencialmente paralelepípedica, provavelmente, com quatro perfurações (VALERA, 1995, p.133). Por sua vez na sondagem B, foram recolhidos 351 fragmentos cerâmicos com as mesmas características da sondagem A. No entanto, não há evidências de elementos de tecelagem nesta sondagem.

Devido aos bons resultados da primeira intervenção, seguiram-se cinco anos de campanha (1996-2001). As intervenções desta campanha localizaram-se nas áreas limítrofes do pinhal, devido ao elevado estado de revolvimento no resto da área prospectada. Pela dispersão de materiais encontrados à superfície, estima-se que a extensão do sítio ocupe uma área de cerca de 13 000m² (VALERA, 2007, p.131). No decorrer desta campanha, foram identificadas construções de carácter residencial/doméstico. Nos sectores B, C e D foram escavadas estruturas que se ajustam aos penedos pré-existentes e revelam socos de pedra que delimitam um espaço. A abordagem destes sectores é importante para este trabalho, na medida em que foi nestes que se recuperaram os pesos de tear, possibilitando-nos uma leitura mais cuidada do contexto dos achados (Figura 12).

No sector B foram registadas três fases de ocupação distintas. Na primeira fase, o espaço intervencionado é tendencialmente ovalado aproveitando o penedo do lado SE. Esta estrutura tinha a sua entrada orientada a este e, no centro, identificou-se uma lareira estruturada por lajes colocadas em cutelo. No seu interior foram registados várias centenas de fragmentos cerâmicos de tamanho reduzido, bem como sete fragmentos de pesos de tear, todos eles concentrados em torno da lareira. Presumivelmente, neste espaço, terão ocorrido atividades quotidianas de cariz diferenciado, pois para lá da presença de pesos de tear, que nos permitem afirmar a prática de tecelagem neste espaço, também temos a presença de líticos e elementos de moagem (VALERA, 2007, p.131-132). A segunda fase de ocupação é identificada estratigraficamente e revela uma transformação do espaço. Este deixa de ser um espaço fechado, sem evidências de encerramento da estrutura. Por toda a área há uma dispersão de pequenos aglomerados de pedra, nomeadamente quartzo, seixos, termoclastos e utensílios como bigornas, percutores e alguns núcleos. No entanto, a cerâmica continua a aparecer muito fragmentada por toda a área.

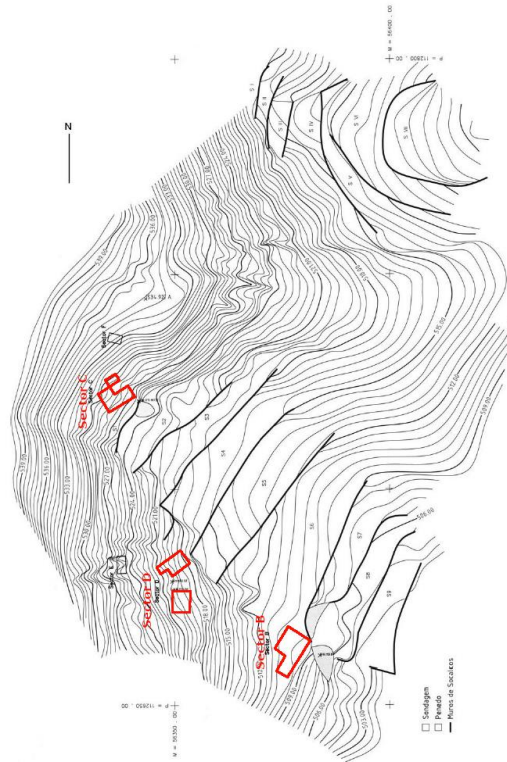


Figura 12: Identificação dos sectores de proveniência dos pesos de tear (VALERA, 2007, p.167)

Relativamente, aos elementos de tecelagem, só se identificaram dois fragmentos de pesos de tear, havendo, no entanto, uma grande ocorrência de líticos talhados, que caracterizam este espaço durante esta fase (VALERA, 2007, p.132-134). Na terceira fase de ocupação, a cerâmica volta a aparecer muito fragmentada e dispersa por toda a zona, tal como podemos verificar nas outras fases de ocupação. Nesta fase, identificaram-se nove fragmentos de pesos de tear, dispersos pelo interior da estrutura, com uma maior concentração no limite sul da sondagem. Na mesma zona, mas desta vez do lado exterior, encontrou-se uma placa inteira (VALERA, 2007, p.134).

No sector C, foram registadas duas fases de ocupação, observadas estratigraficamente, sendo estes dois períodos de ocupação, separados por um depósito. Na primeira fase de ocupação, identificou-se uma área que foi ocupada continuamente durante um período, onde se praticava diferentes atividades (moagem, produção/reciclagem de utensilagem polida). Relativamente a utensílios de tecelagem, podemos destacar sete fragmentos de pesos de tear e «um fragmento de bojo com fraturas desbastadas por forma a dar-lhe uma configuração circular e com uma perfuração central» (VALERA, 2007, p.418), interpretada como um cossoiro. Na segunda fase, tal como se verificou na primeira, as atividades desenvolvidas são de carácter residencial, onde o espaço é utilizado de forma multifuncional, não se verificando uma especialização de qualquer atividade. Os materiais arqueológicos que caracterizam esta fase de ocupação são: a abundância de cerâmica muito fragmentada, cinco fragmentos de pesos de tear, um fragmento de dormente, utensílios de pedra polida, restos de talhe de quartzo e alguns núcleos e percutores (VALERA, 2007, p. 419).

Por último, o sector D está localizado numa outra rechã natural, com uma posição sobranceira ao sector B. Neste sector, apenas se identificou uma fase de ocupação. Na área abrangida por esta sondagem, foi possível identificar um espaço delimitado «a Oeste por uma sequência de afloramentos e a Este por o que teria sido um alinhamento construído com pedras de média dimensão» (VALERA, 2007, p.417). Ao nível do material arqueológico a cerâmica é abundante e apresenta-se muito fragmentada como observámos nos outros 2 sectores. Junto ao muro de delimitação/contenção que separa o sector D e o sector B, foi possível identificar sete fragmentos de pesos de tear (VALERA, 2007, p.417).

Através das materialidades encontradas e da estratigrafia observada no decorrer destas campanhas arqueológicas, é possível concluir que o povoado da Malhada teve pelo menos duas fases de ocupação, correspondentes ao Calcolítico e à Idade do Bronze.

6.2.2. Utensílios de tecelagem

Relativamente aos utensílios de tecelagem há registo de 53 fragmentos de placas cerâmicas. Deste conjunto de 53 fragmentos, apenas uma se encontra inteira e outra parcialmente inteira, estando fraturada numa esquina. Dentro deste conjunto, 13 correspondem a cantos de placas e 19 a partes mesiais. Ao analisar as peças, António Carlos Valera, conseguiu perceber a morfologia de 18 peças, classificando-as como placas paralelepípedicas retangulares e sub-retangulares. Os fragmentos que se encontram em melhor estado de conservação, apresentam quatro perfurações, uma em cada canto. No entanto, surge uma exceção neste conjunto. Foi identificado um peso de secção sub-retangular com ângulos muito arredondados e apenas uma perfuração na extremidade ao centro (VALERA, 2007, p.151). Do conjunto de 53 placas, somente um dos fragmentos encontrados apresenta decoração, um motivo reticulado inciso, que nos possibilita fazer um paralelo com os pesos de tear com decoração identificados no Castro de Santiago. Devemos ainda salientar a presença de um cossoiro de forma circular com uma perfuração central (VALERA, 1997, p.90).

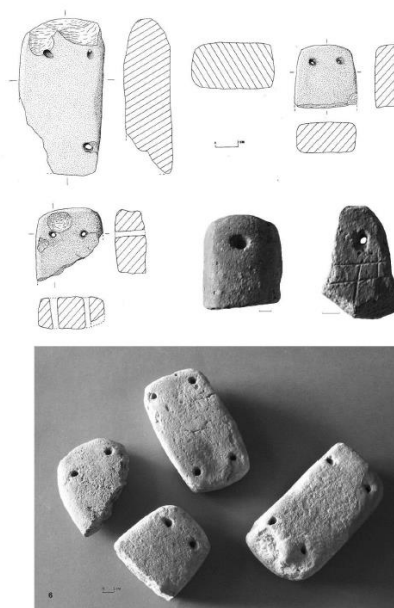


Figura 13: Pesos de tear do povoado da Malhada (VALERA, 2007, p.211)

6.3. Pedra Aguda (Guarda)

O povoado da Pedra Aguda localiza-se na freguesia de Aldeia Viçosa, concelho da Guarda, a 872m de altitude. As coordenadas geográficas do sítio são: Latitude: 40.595299; Longitude: -7.326255.

6.3.1. Descrição e contexto

Este povoado localiza-se num topo aplanado de uma cadeia montanhosa sobre um esporão norte da Serra da Estrela, sobranceiro ao rio Mondego e à ribeira da Cabeça Alta, apresentando proximidade da depressão de Celorico da Beira, junto à margem esquerda do rio Mondego (PERESTRELO & OSÓRIO, 2005, p.210). Devido à sua altitude, o povoado apresenta um bom domínio visual, controlando: a bacia de Celorico, o corredor natural que se forma com o rio Mondego e a ribeira do Caldeirão e, ainda, a oeste, a bacia da ribeira da Cabeça Velha (PEREIRA, 2003, p.23). Além das boas condições de visibilidade, o povoado apresenta também boas condições de defesa. As vertentes norte e sul são bastantes íngremes, sendo que, as vertentes oeste e sudeste não apresentam grande declive e é possível observar uma linha de muralha. Ainda do lado este, é possível observar um derrube de muro. Esta linha de muralha era construída com pedras de média e grande dimensões, existindo nos arredores do povoado inúmeras linhas de água com nascentes próximas e terrenos férteis para agricultura. Geologicamente, o povoado da Pedra Aguda insere-se numa área de granitos com a presença de alguns filões de quartzo.

Este povoado nunca foi alvo de trabalhos de escavação, provindo os materiais que se conhecem e que permitem atribuir uma cronologia, de trabalhos de prospeção realizados em 1993 e 2004. Em 2002, foi realizado um levantamento do sítio arqueológico e, conseqüentemente, em 2003 foi elaborado um estudo do espólio do povoado, por Victor Pereira.

Cronologicamente, podemos atribuir a este povoado uma longa diacronia. Segundo Perestrelo & Osório⁸, os materiais encontrados tinham uma cronologia do Calcolítico ao Bronze Final, contrariamente, Victor Pereira, após ter elaborado o estudo dos materiais, aponta para uma cronologia mais longa, desde o Calcolítico até ao período romano.

Relativamente aos materiais encontrados em prospeção e posteriormente estudados por Victor Pereira, podemos dividi-los pelas diferentes cronologias que o povoado apresenta. Primeiramente, as cerâmicas do Calcolítico e do Bronze Inicial que correspondem: taças, taças carenadas de pequenas dimensões e uma taça aberta de grandes dimensões com asas. Do Bronze Final podemos ainda destacar as cerâmicas com decoração Baiões/Santa Luzia e cerâmicas decoradas com *cepillo*. Na categoria das cerâmicas lisas, destacam-se as cerâmicas de paredes finas e as cerâmicas de grandes dimensões e paredes espessas. As cerâmicas encontradas do período romano, correspondem a cerâmica de construção e um fragmento de *Terra Sigillata Hispânica* (PEREIRA, 2003, p.25-26).

⁸ PERESTRELO, M. S., & Osório, M. (2005) – Pré-História recente na região da Guarda–Alguns subsídios. In *Côaviso. Cultura e Ciência*, nº7, 207-231.

6.3.2. Utensílios de tecelagem

Na publicação da revista «Praça Velha» sobre este povoado, foi apresentado um cossoiro que, Victor Pereira, datou de Proto-história Recente, apesar desta cronologia não ser certa, pois desde a Idade do Bronze Final que estes tipos de utensílios são conhecidos e, tendo em conta que este material foi recolhido em prospeção, não lhe podemos atribuir uma cronologia exata (PEREIRA, 2003, p.25-26). Este material também é referido por Raquel Vilaça numa publicação do livro «Celorico da Beira através da história» da qual retirámos o desenho apresentado. Através da observação do desenho publicado podemos aferir que este cossoiro tem uma forma cilíndrica de secção ovalada, com faces convexas e base plana.



Figura 14: Cossoiro encontrado no povoado da Pedra Aguda (VILAÇA, 2009, p.21)

6.4. Montes (Mêda)

A estação arqueológica de Montes localiza-se na freguesia de Fonte Longa, no concelho de Mêda, a 659m de altitude. Segundo a tese de António do Nascimento Sá Coixão, as coordenadas geográficas do sítio são: Latitude: 41.008984; Longitude: -7.236393.

6.4.1. Descrição e contexto

Localizado a 659m de altitude, este povoado apresenta-se com um grande domínio visual, especialmente sobre a área do Vale da Veiga e outros vales que o rodeiam. Existem ainda vestígios de uma muralha e grandes amontoados de pedras em xisto. Na encosta Norte e sul, há alguns patamares recentes com muros de pedra em xisto, possivelmente retirados do sítio arqueológico.

Este povoado conta apenas com um trabalho de prospeção realizado no ano de 1998. Os materiais que se encontraram foram: um machado, pesos de tear em cerâmica, restos de mós manuais em granito, materiais líticos e fragmentos cerâmicos decorados e não decorados (COIXÃO, 1999, p. 371).

A cronologia apontada para este sítio arqueológico é o Calcolítico. Tendo em conta que não houve quaisquer trabalhos de escavação, esta cronologia é obtida através da cultura material encontrada.

6.4.2. Utensílios de tecelagem

Em relação aos elementos de tear, foram identificados três fragmentos de pesos paralelepípedicos, um deles com decoração. Através dos desenhos publicados na tese de

António do Nascimento Coixão, podemos verificar que um dos pesos apresenta cantos arredondados com uma secção sub-rectangular. A outra placa apresentada tem uma morfologia paralelepípedica com cantos e arestas retas, de secção sub-rectangular com quatro perfurações em cada canto.

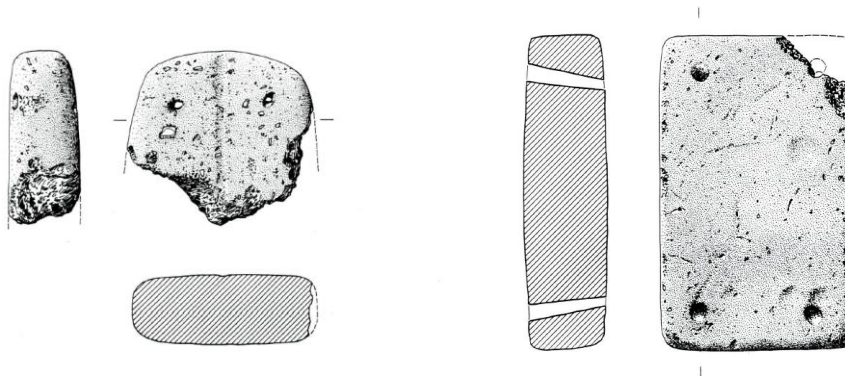


Figura 15: Desenhos de 2 placas encontradas no povoado do Montes (COIXÃO, 1999, p.375-376)

6.5.Santa Bárbara (Sabugal)

Localizado na Aldeia da Ponte, concelho do Sabugal, o povoado de Santa Bárbara encontra-se numa elevação com 850m de altitude. As coordenadas geográficas, segundo o portal do arqueólogo⁹, são: Latitude: 40,417059; Longitude: -6,870963.

6.5.1. Descrição e contexto

Este relevo apresenta uma orientação Sudoeste-Nordeste e tem uma posição sobranceira à ribeira da Aldeia da Ponte, inserido numa zona de travessia desde a plataforma do Sabugal/Guarda até à depressão da Cidade Rodrigo (Espanha) (PERNADAS, 2015, p.25). O povoado de Santa Bárbara destaca-se na paisagem, tendo desse modo, uma boa visibilidade e intervisibilidade com outros locais. A escolha do sítio para a implantação do povoado, terá sido condicionada pela abundância de recursos naturais envolventes. Em primeiro, a altitude do povoado permite um bom controlo visual do espaço envolvente a boa exposição solar, seguida da proximidade com linhas de água e terrenos férteis, bem como a riqueza geológica que se pode encontrar em torno deste povoado. Geologicamente, o povoado de Santa Bárbara insere-se numa zona de quartzitos, onde são visíveis alguns filões com orientação NO-SE (PERNADAS, 2015, p.25-26).

Os trabalhos de escavação desenvolvidos no povoado de Santa Bárbara foram de acompanhamento arqueológico, realizados em 2009/2010. Após a projeção de uma moradia na área do cabeço de Santa Bárbara, o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal, decidiu intervir para fazer uma avaliação arqueológica ao terreno, uma vez que este espaço já se encontrava sinalizado na Carta Arqueológica do concelho. A grande concentração de

⁹ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3002839>

materiais à superfície levou a que este espaço fosse intervencionado antes das obras da moradia começarem. Deste modo, deu-se início aos trabalhos de escavação de forma a retirar o máximo de informação possível sobre o local. Após as sondagens de diagnóstico que revelaram alguns estruturas percíveis e empedrados, não se justificou a preservação do sítio e deu-se autorização para a construção da moradia. Mas, antes da construção desta, realizaram-se dois anos de escavação para que se pudesse compreender a disposição e cronologia do povoado de Santa Bárbara (PERNADAS, 2012, p.19).

Durante os trabalhos de escavação foi possível identificar 14 fossas, todas elas de formas e dimensões variáveis, mas ao mesmo tempo, com características semelhantes. Estas fossas foram interpretadas como espaços habitacionais, pois o espólio a elas associadas assim o indicava, sendo possível identificar estruturas em negativo, correspondentes a buracos de poste, que serviriam para sustentar a cobertura das fossas. As fossas foram colmatadas com pedras e fragmentos de mós, no entanto, não foi possível constatar se estas foram depositadas intencionalmente ou se foi de carácter ritual. Nesta escavação foi ainda possível identificar estruturas de combustão, por vezes associadas às fossas. O povoado de Santa Bárbara apresenta estruturas habitacionais em fossas, as primeiras e únicas a serem identificadas na Beira Interior (PERNADAS, 2015, p.32-36).

Os materiais arqueológicos que se encontraram nas escavações foram cerâmicas e líticos. Os fragmentos cerâmicos apresentavam variadas morfologias tais como: pratos, taças, tigelas, esféricos, globulares, recipientes de paredes retas, recipientes “*tipo sacco*”, recipientes de colo estrangulado e taças com carenas médias/altas. As morfologias com mais representatividade são as taças e os globulares (PERNADAS, 2012, p.58-61). Relativamente à decoração das cerâmicas, também temos variadas técnicas decorativas: penteada, impressa, plástica, incisa e mista, sendo que a decoração penteada é a mais frequente no conjunto artefactual (PERNADAS, 2012, p.64-66). Ainda podemos inserir neste conjunto cerâmico os elementos de tecelagem que serão abordados mais à frente. Quanto aos conjuntos artefactuais líticos fazem parte: pedra lascada, pedra afeiçãoada e elementos de adorno.

No que diz respeito aos utensílios de tecelagem, a amostra recolhida nas escavações é significativa, num total de 45 peças. Das 14 fossas escavadas, duas delas revelam uma maior importância em relação aos pesos de tear, são elas as fossas F1D, e a F5, de onde provêm maior parte dos elementos (Figura 16).

A fossa 1D tem 34,40m², com 13m de comprimento orientado a norte-sul e cerca de 3m de largura na parte intermédia, com um potencial estratigráfico de apenas 0,50m (PERNADAS, 2012, p.35). Esta fossa é a que tem uma dimensão maior neste conjunto, e desta mesma provieram 1 166 fragmentos cerâmicos, incluindo os pesos de tear. Para lá das materialidades encontradas, foi também possível observar ao longo da escavação a existência de vários níveis de empedrados, «todos eles interpretados como fruto de ação humana» (PERNADAS, 2012, p.35). Na vertente sul da fossa, foram identificados vários buracos de poste de forma retangular, distribuídos paralelamente e equidistantes. Através desta descrição, poderíamos imaginar a presença de um tear, no entanto, os buracos de poste abordados são de grande dimensão e dessa forma descartamos essa possibilidade. A presença de mais buracos de poste entre o limite da fossa e o limite oeste da área escavada, também eles de grande dimensão e alinhados em duas fiadas, veio reforçar a ideia de que estes não estariam associados a um tear, mas a suportes de

telhado. Segundo o Paulo Pernadas, estes buracos de poste poderiam corresponder a divisórias do espaço interior da fossa (PERNADAS, 2012, p.87).

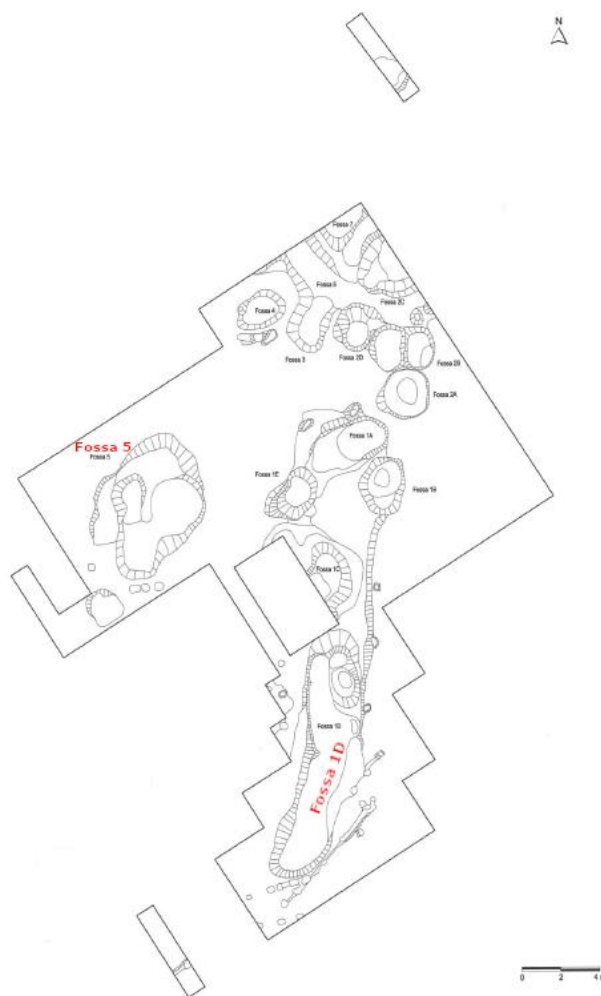


Figura 16: Planta geral com a distribuição das fossas (PERNADAS, 2012, Vol. II, p.140, estampa XXXI)

A fossa 5 apresenta uma dimensão menor que a fossa 1D, tendo apenas 29,70m². O eixo norte-sul tem 7,72m e a largura é de 5,76m, conferindo-lhe uma planta semicircular de base côncava. Apesar de não ser a maior fossa deste conjunto foi onde se encontrou a maioria dos fragmentos cerâmicos, 2 178 no total. No decorrer da escavação também foi possível identificar níveis de empedrados, tal como aconteceu na fossa 1D, compostos por quartzo branco, granito e mós de grandes dimensões, algumas delas fraturadas. A sudeste da fossa, existiu uma estrutura de combustão, ladeada por pequenas lajes de granito. A descoberta de buracos de poste com as mesmas características dos encontrados na fossa 1D, sugere que esta fossa também pudesse ter divisões no seu interior. As materialidades associadas à fossa F5 – pontas de seta, lâmina afeiçãoada, pesos de tear, bigornas e mós – sugerem uma intensa ocupação do espaço. Todas estas materialidades pressupõem uma atividade de cariz económico e do quotidiano do povo que outrora ali habitou (PERNADAS, 2012, p.44). Relativamente aos elementos de tecelagem, nesta fossa foram encontrados 10 fragmentos de tear.

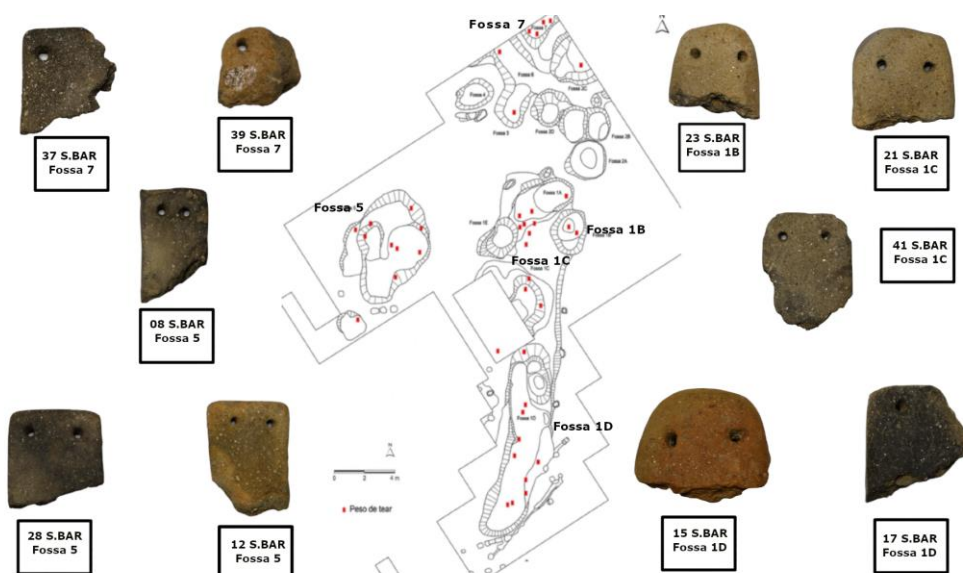


Figura 17: Dispersão dos pesos de tear

6.5.2. Utensílios de tecelagem

Como já referido anteriormente, a tecelagem era uma atividade que se realizava no povoado de Santa Bárbara, reflexo dessa prática é o conjunto de pesos de tear que foram encontrados no decorrer da escavação. Este conjunto conta com 45 fragmentos de pesos de tear não temos, no entanto, evidências da existência de pesos do tipo crescentes ou utensílios relacionados com o processo de fição.

6.5.2.1. Placas

Os elementos de tecelagem deste conjunto correspondem a pesos do tipo placas e, após a observação dos mesmos, podemos dividi-los em dois grupos distintos. O grupo das placas ovaladas, caracterizadas pelas arestas e cantos arredondados, bem como as secções ovaladas. A este grupo pertencem cinco fragmentos – peças número 01; 02; 15; 21; 23 (consultar Vol. II, p. 39-40; 41-42; 67-68; 81-82; 85-86) – correspondendo percentualmente a 11% do conjunto. Por sua vez, temos o grupo das placas paralelepipedicas, caracterizadas pelas suas arestas retas e cantos angulosos, surgindo, por vezes, placas com cantos arredondados. Este subgrupo corresponde a 89% dos fragmentos de pesos do povoado de Santa Bárbara (Figura 18).

Os materiais que se encontram em melhor estado de conservação são as peças número 08; 12; 25; 28; 41 (consultar Vol. II, p. 53, 89, 95, 121), fragmentos classificados na tabela de inventário como bastante completos. Destes cinco fragmentos que se encontram em bom estado de conservação, destacamos o fragmento número 08 e o fragmento número 12, que deduzimos corresponder a metades de pesos, apresentando, no entanto, características tecnológicas totalmente distintas.

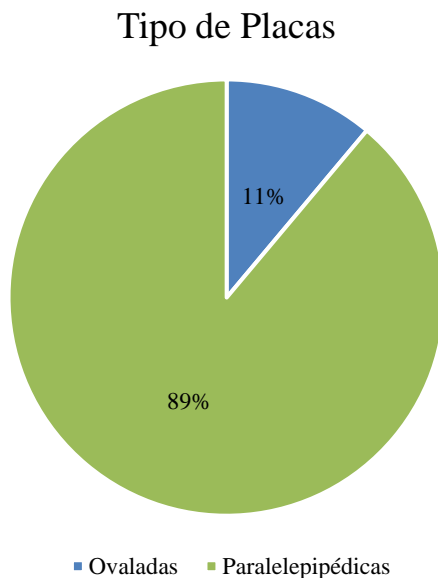


Figura 18: Gráfico representativo do tipo de placas presentes no povoado de Santa Bárbara

O fragmento número 08 corresponde a uma placa paralelepípedica de secção sub-retangular, onde é possível observar duas perfurações no seu topo, ambas com 0,8cm de diâmetro. A espessura da peça é de 2,2cm e o seu comprimento 4,4cm. A pasta deste fragmento caracteriza-se por uma textura homogénea e consistência compacta, sendo os desengordurantes raros, mas de grande calibre, indicando-nos a tonalidade castanho-escuro da peça aferir que a cozedura é redutora (consultar Vol.II, p.53-54).

A peça número 12 também corresponde a uma placa paralelepípedica com secção sub-retangular. Nela podemos observar duas perfurações no topo, uma com 0,6cm de diâmetro e outra com 0,8cm. Tanto na espessura, que corresponde a 2,4cm, como na largura (5,9cm), esta placa apresenta medidas maiores que o fragmento descrito anteriormente. Tecnicamente, este fragmento caracteriza-se por ter uma pasta heterogénea de consistência friável, onde os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande calibre. A tonalidade alaranjada da peça indica-nos que a cozedura da mesma é oxidante (consultar Vol.II, p.61-62).

Após a análise detalhada de cada artefacto, podemos observar que grande parte deste conjunto diz respeito a cantos de pesos de tear, alguns com perfurações ou indícios delas. A análise ao conjunto também nos permite fazer alguns comentários em relação à largura, espessura, diâmetros das perfurações e secções dos fragmentos.

Em relação à largura dos pesos, apenas é possível determinar esta medida em 10 fragmentos, sendo que a espessura maior é de 6,7cm, correspondendo esta medida ao fragmento número 25 (consultar Vol.II, p.89-90). Por sua vez, a largura menor é de 4,4cm, do fragmento número 08.

A espessura dos materiais varia entre os 1,7cm e 3,6cm. Observamos que as medidas dos elementos de tear mais espessos vão dos 2,9cm até aos 3,6cm, havendo cinco exemplares dentro destes valores. Os materiais menos espessos variam entre 1,7cm e 2cm, também englobando cinco exemplares. As espessuras dos restantes fragmentos encontram-se entre os 2cm e 2,9cm, sendo possível observar uma frequência na espessura de 2,7cm.

Relativamente aos diâmetros das perfurações, conseguimos retirar esta informação em 27 fragmentos deste conjunto, ou seja, existem 27 fragmentos com perfurações ou indícios delas que nos permitem fazer uma análise métrica das mesmas. Podemos constatar que a perfuração maior deste conjunto mede 1,2cm, correspondendo à peça número 24 (consultar Vol. II, p.87-88). Esta peça apresenta um mau estado de conservação onde apenas é possível observar uma perfuração de forma tendencialmente ovalada. Interpretamos esta forma ovalada da perfuração como sendo uma marca de uso. Em contrapartida a perfuração que apresenta um diâmetro menor é a peça número 35, com uma perfuração com apenas 0,3cm (consultar Vol. II, p.109-110). Neste conjunto consideramos que existem cinco fragmentos em que as suas perfurações se encontram abaixo da média, estando o diâmetro das perfurações entre os 0,3cm e 0,5cm. Ao analisarmos o diâmetro das perfurações, conseguimos depreender que existe uma frequência nas medidas 0,6cm e 0,8cm.

Em relação às secções, podemos observar na Figura 19 que as placas deste conjunto seriam maioritariamente placas paralelepípedicas, pois 62% dos fragmentos apresentam uma secção sub-retangular. As placas que apresentam uma secção ovalada correspondem a 14% do conjunto. Podemos ainda observar que o fragmento número 23, tem uma secção subtrapezoidal (consultar Vol. II, p.85-86). Sendo o único fragmento com esta característica, corresponde apenas a 2% da amostra. A restante percentagem –22%– corresponde a secções indeterminadas, devido ao mau estado de conservação ou dimensão dos fragmentos.

Secções do conjunto

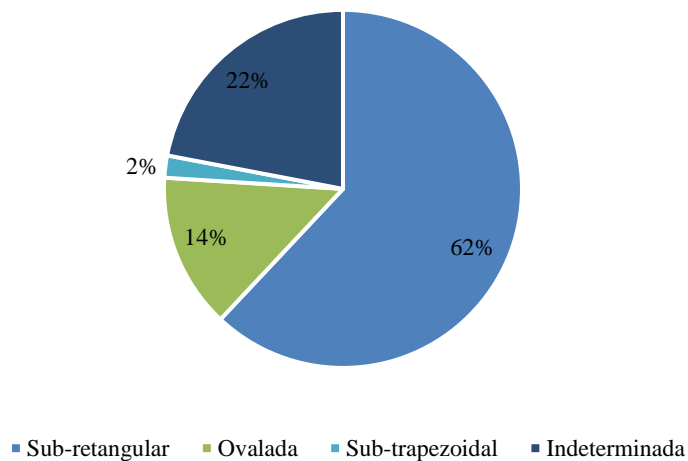


Figura 19: Gráfico representativo das secções do conjunto de pesos do povoado de Santa Bárbara

6.5.2.2. *Seixos com entalhe*

No que diz respeito aos seixos com entalhes, estes foram interpretados por Paulo Pernadas como sendo pesos de rede. No entanto, acho pertinente não lhe atribuir apenas essa função e ter em consideração que estes seixos rolados de metagrauvaque pudessem também ter tido a função de peso de tear, não excluindo a função de pesos de rede.

No decorrer da escavação, foram identificados oito seixos com entalhe, mas «alguns deles duvidosos, por estarem muito partidos e por só apresentarem um retoque lateral» (PERNADAS, 2012, p.80). Verificou-se que todos estes seixos com entalhe estavam associados às fossas escavadas no decorrer das escavações. No entanto, devido à dúvida sobre a localização atual destes materiais, não podemos desenvolver um capítulo detalhado sobre os mesmos, nem fichas de análise respetivas a estes oito seixos com entalhe.

Com recurso à tese de Paulo Pernadas, tivemos acesso ao desenho de dois seixos com entalhe que apresentados na Figura 20, e através da observação desses desenhos passamos a fazer uma breve descrição dos mesmos. O seixo do lado direito, tem uma secção ovalada, bem como o seu contorno e apresenta dois entalhes que se caracterizam por ser assimétricos. Por sua vez, o seixo do lado esquerdo, apresenta uma secção tendencialmente ovalada e um contorno elipsoidal com dois entalhes simétricos.

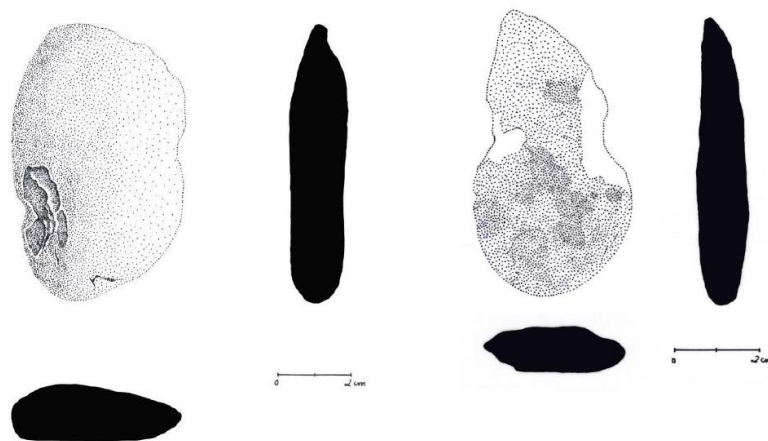


Figura 20: Desenho de 2 seixos com entalhe (PERNADAS,2012, Vol.II, p.144, estampa LXXXIV)

6.5.2.3. Caracterização tecnológica do conjunto

A análise tecnológica do conjunto tem por base os parâmetros descritos no capítulo da metodologia. A análise tecnológica aborda a textura e consistência das pastas, a frequência e o calibre dos elementos não plásticos observáveis nas peças e, por fim, o tipo de cozedura.

Relativamente à textura dos elementos de tecelagem no povoado de Santa Bárbara, verifica-se que as pastas homogêneas têm predominância em relação às pastas heterogêneas. As pastas homogêneas representam 58% dos materiais, sendo que as pastas heterogêneas correspondem a 42%, como podemos observar na Figura 21.

A consistência das placas do povoado de Santa Bárbara é maioritariamente compacta, correspondendo a 56% dos fragmentos, seguem-se as pastas friáveis com 29% do conjunto e, por fim, as pastas de consistência mediana com 15% da amostra.

Textura das pastas

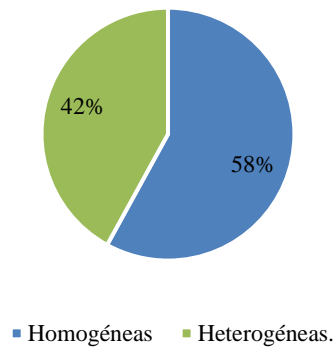


Figura 21: Gráfico percentual representativo da textura das pastas

A análise que se faz aos elementos não plásticos (*enp*'s) tem por base a sua frequência e o calibre dos mesmos. No conjunto de fragmentos do povoado de Santa Bárbara, a frequência dos *enp*'s com mais representatividade são os raros (49%), logo de seguida os frequentes com 35% e, por último, os muito frequentes com apenas 16%. Relativamente ao calibre dos desengordurantes, podemos observar que a diferença entre a percentagem dos pequenos e dos grandes corresponde apenas a 6%. No entanto, o que apresenta maior percentagem são os elementos não plásticos de pequeno calibre (53%). Devemos recordar que os conceitos relativos à frequência dos *enp*'s, bem como o seu calibre, foram abordados e explicados no capítulo 5.3.1.

O último campo a analisar é o tipo de cozedura das peças. Neste conjunto de materiais temos presentes quatro tipos de cozedura: oxidante, redutora, redutora com arrefecimento oxidante e oxidante com arrefecimento redutor. No entanto, devemos salientar que em algumas peças a cozedura não é uniforme e apresenta várias tonalidades. O tipo de cozedura predominante é a cozedura oxidante, caracterizada por pastas alaranjadas ou beges, que representam 48%. A seguir aos oxidantes, é a cozedura redutora, como é possível observar na Figura 22, onde as tonalidades variam entre os castanhos muito escuros e o preto. As pastas de cozedura redutora com arrefecimento oxidante e as pastas oxidantes com arrefecimento redutor, têm uma menor expressão.

Tipos de cozedura

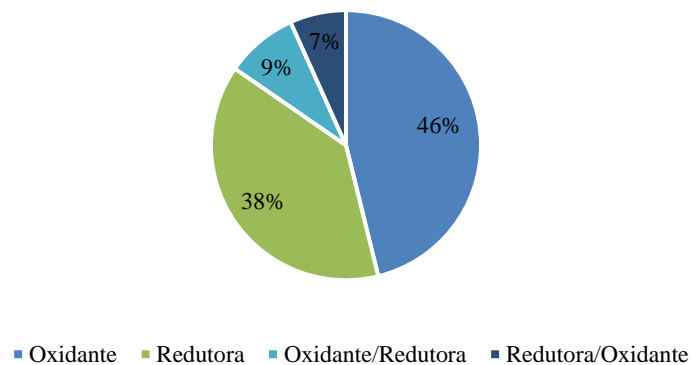


Figura 22: Gráfico percentual representativo do tipo de cozedura das placas

6.6.Sabugal Velho (Sabugal)

O povoado do Sabugal Velho localiza-se na freguesia de Aldeia Velha, concelho do Sabugal a uma altitude de 1019m. As coordenadas geográficas do sítio, segundo o portal do arqueólogo¹⁰, são: Latitude: 40.334504; Longitude: -6.891271.

6.6.1. Descrição e contexto

Esta estação arqueológica implanta-se num suave, mas destacado cabeço, denominado por Cabeço da Senhora dos Prazeres, inserido na Serra do Homem da Pedra. No topo deste cabeço, de planta oval e superfície aplanada, os afloramentos rochosos são escassos. A implantação do povoado deve-se aos bons recursos naturais que se encontram na sua proximidade, como a abundância de linhas de água, a altimetria do sítio (que lhe proporciona um bom controlo visual sobre a região de Riba Côa e sobre a plataforma Guarda/Sabugal Norte), bem como os terrenos férteis e terrenos ricos do ponto de vista mineiro (OSÓRIO, 2000, p. 209-210).

Os trabalhos no povoado do Sabugal Velho desenvolveram-se entre 1999 e 2002. Estes visavam o estudo e a valorização do povoado, permitindo as campanhas arqueológicas identificar a zona habitacional do mesmo, que se concentra a sul, numa área que está menos exposta aos ventos. Foi ainda possível identificar uma linha de muralha construída em alvenaria, com cerca de 4m de largura, datada da Proto-história. Estima-se que a área habitacional corresponda a 4,5 hectares (OSÓRIO, 2006, p.119).

As campanhas de escavação realizadas permitiram traçar a cronologia do povoado, bem como a identificação de ruínas de uma aldeia medieval fortificada e material arqueológico associado a estruturas que nos permitem recuar ao I Milénio a.C.. (OSÓRIO, 2006, p. 118). No entanto, não há presença de cerâmicas do período romano, o que leva a querer que este povoado foi abandonado na II Idade do Ferro.

Respetivamente ao espólio encontrado, podemos salientar a presença de cerâmicas manuais com pobreza decorativa. As decorações presentes nas cerâmicas dão uma cronologia às mesmas, como por exemplo: «incisões no lábio e cepilhados superficiais do período do Bronze Final; decoração impressa, incisões penteadas, onduladas e entrecruzadas, comuns da I Idade do Ferro; e, por fim, decoração estampilhada com semicírculos concêntricos do I milénio a.C.» (OSÓRIO, 2006, p.119). Deste modo, podemos perceber que este povoado foi habitado desde o Bronze Final até à II Idade do Ferro, sendo ainda possível identificar vestígios da prática da metalurgia, através de cadinhos, pingos de fundição e um lingote.

6.6.2. Utensílios de tecelagem

Os utensílios de tecelagem identificados neste povoado correspondem a treze cossoiros, sete deles inventariados no catálogo do Museu do Sabugal¹¹, sendo que os restantes dizem respeito a fragmentos. Apesar destes materiais terem uma longa diacronia, podemos fazer uma

¹⁰ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=50998>

¹¹ SANTOS, A. *et al.* (2009) – *Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*. Sabugal.

aproximação da cronologia dos materiais através das formas que estes apresentam. Neste povoado não foram identificados pesos do tipo placas, crescentes ou seixos com entalhe.

6.6.2.1. *Cossoiros*

Neste conjunto contamos com várias tipologias de cossoiros, tais como: troncocónicos, com uma representação de 31% do conjunto; bitroncocónico que correspondem a 23%; circular com uma percentagem de 15%; cilíndrica com 23%; e, por fim e menos expressiva, discoidal que corresponde a 8%. Se observarmos o estudo desenvolvido por Zaida Castro Curel sobre as formas dos cossoiros Pré-Históricos, conseguimos compreender que todas estas formas, exceto a discoidal, são típicas do período em estudo, o que nos permite atribuir uma cronologia, apesar de não exata, a estes materiais.

Relativamente às faces dos cossoiros, como maioritariamente são formas tronconcónicas e cilíndricas, as faces mais expressivas são convexas, sendo que as faces planas correspondem apenas a 30% do conjunto.

Ainda que este conjunto seja composto por várias formas e, conseqüentemente, diversos diâmetros, podemos verificar que estes variam tendencialmente entre os 3,4cm e 4,1cm, sendo que o diâmetro maior chega a atingir 5,1cm, contrastando com o diâmetro mais pequeno que mede 2,3cm. Tal como acontece nas medidas dos diâmetros, as espessuras também apresentam diferentes valores que variam entre os 1,5cm e 2cm, sendo a espessura maior de 2,9cm e a menor de 0,9cm. No que diz respeito às perfurações, podemos averiguar que, na grande maioria, as perfurações encontram-se centradas em relação às peças, e os seus diâmetros variam entre 2,3cm e 0,3cm. Percebemos, no entanto, que há uma frequência entre os 0,5cm e 1cm.

Secções dos Cossoiros

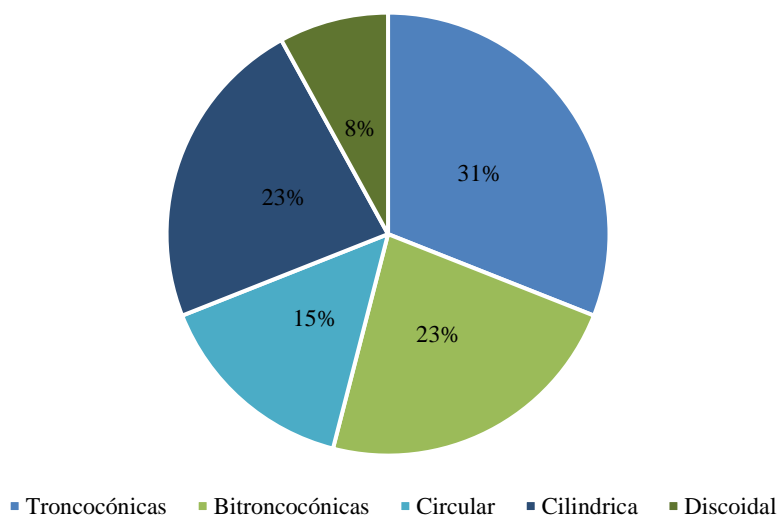


Figura 23: Gráfico percentual representativo das secções dos cossoiros do povoado do Sabugal Velho

6.6.2.2. *Caracterização tecnológica do conjunto*

O conjunto de cossoiros do Sabugal Velho, na sua maioria, apresenta pastas homogêneas compactas, com elementos não plásticos bem distribuídos e de pequeno calibre. A cozedura das peças é predominantemente oxidante, caracterizada por pastas alaranjadas ou castanhas claras, importando salientar que, neste conjunto, existem dois cossoiros líticos (consultar Vol. II, p.145-146 e p.147-148). O cossoiro inventariado com o número 07, feito em xisto, apresenta uma forma discoidal com um diâmetro de 4,1cm e uma espessura de 0,9cm. Por sua vez, o cossoiro 08 elaborado em arenito, com um diâmetro de 5,1cm, corresponde ao maior diâmetro do conjunto bem como a espessura, que corresponde a 2,9cm.

No que concerne às superfícies dos cossoiros, podemos aferir que as superfícies alisadas são as mais representativas com 38%, seguindo-se as rugosas com 31%, as brunidas que caracterizam 23% do conjunto e, por último, o cossoiro de arenito que apresenta as superfícies polidas correspondendo a 8%.

Neste conjunto de cossoiros temos duas peças decoradas (peça número 04 e 12), apresentando ambas motivos circulares impressos. Na peça número 04 os motivos circulares aparecem na face e na peça número 08 aparece na parte superior da peça, junto à perfuração.

6.7. Castelo de Alfaiates (Sabugal)

O castelo de Alfaiates localiza-se na freguesia de Alfaiates, concelho do Sabugal a uma altitude de 833m. As coordenadas, segundo o Portal do Arqueólogo¹², são: Latitude: 40.391125; Longitude: -6.912962.

6.7.1. **Descrição e contexto**

O povoado proto-histórico de Alfaiates, encontra-se sob o núcleo habitacional da Idade Média. Este povoado implanta-se numa elevação topográfica orientada a noroeste com um bom domínio visual sobre o território. Os terrenos que rodeiam este esporão são de boa qualidade e bem drenados pela ribeira de Alfaiates. Geologicamente, este povoado encontra-se numa zona de xisto, havendo, no entanto, a norte a presença de rochas graníticas.

Nos anos de 2011-2012, foi necessário fazer um acompanhamento arqueológico no âmbito do projeto de iluminação cénica do castelo (OSÓRIO, 2014, p.23). Esta intervenção contou com a abertura de dez sondagens no interior do castelo, de modo a compreender o potencial arqueológico do espaço intervencionado.

Durante esta intervenção foi possível registar ocorrências que permitiram compreender a ocupação deste espaço ao longo dos séculos, nomeadamente, recuar a ocupação deste espaço ao I Milénio a.C.. Até então só havia registo de alguns fragmentos cerâmicos de fabrico manual e um machado de pedra polida encontrados na vertente norte do relevo ocupado pelo povoamento. Este acompanhamento também permitiu conhecer a cronologia de fundação do castelo medieval, bem como compreender as políticas urbanísticas e defensivas adotadas por D. Manuel I (OSÓRIO, 2014, p.25).

¹² <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=54553>

No decurso dos trabalhos de escavação das sondagens, foi possível registar estruturas e, conseqüentemente, materiais cerâmicos que comprovaram a ocupação da vertente sul da elevação onde se implantou o povoado, que, posteriormente, deu lugar ao castelo. Na sondagem 1, foi identificada uma zona habitacional da qual fazia parte uma estrutura de combustão. Esta estrutura de combustão assentava numa depressão do substrato rochoso, com uma planta tendencialmente semicircular muito reduzida e era definida por pedaços de barro cozido, porém esta estrutura não se encontrava inteira pois foi arrasada pelas fundações da torre que a cortaram a meio (OSÓRIO, 2014, p. 27). Foi nesta sondagem que se recuperaram dois cossoiros que serão abordados mais à frente. Nas sondagens 3 e 4, que corresponde à zona norte do castelo, foi identificada uma construção de grandes dimensões que corresponde à linha defensiva do povoado da Idade do Ferro. Esta estrutura bastante sólida, preenchida por pedras de granito, xisto e quartzo, chegaria a atingir, no mínimo, 2m de espessura. Junto ao caos de pedras encontradas, que correspondia ao derrube da muralha, foi identificado um barrote de madeira carbonizado, que permite avançar com a hipótese de que esta linha defensiva fosse feita com aparelho misto de pedra e madeira (OSÓRIO, 2014, p.29).

Relativamente ao espólio exumado do período proto-histórico, fazem parte cerâmicas de fabrico manual de morfologias variadas com decorações incisadas, impressas e pintadas com bandas de pigmento branco e vermelho, fíbulas de tipo anular, duas mós giratórias de granito, três cossoiros de cerâmica, uma conta de colar.

6.7.2. Utensílios de tecelagem

Do conjunto de materiais estudado fazem parte três cossoiros cerâmicos, todos eles com tipologias distintas, o que também se acaba por refletir nas dimensões dos mesmos. Tendo em conta que são um número reduzido de materiais, passamos a fazer uma breve descrição dos mesmos, seguindo a ordem de inventário.

6.7.2.1. Cossoiros

O cossoiro que corresponde à entrada 01 do inventário deste povoado, apresenta uma tipologia troncocónica de secção subtrapezoidal com as faces e base planas. Tem 4cm de diâmetro máximo, a espessura é de 2,1cm e o diâmetro da perfuração é de 0,9cm. Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea e compacta, com raros elementos não plásticos e de pequeno calibre, sendo o acabamento da peça alisado. O cossoiro tem uma tonalidade bege, no entanto, na face observamos uma tonalidade negra, caracterizada por ter uma cozedura oxidante. O fragmento de cossoiro 02 apresenta uma tipologia discoidal de secção sub-retangular com faces e base plana. A medida do diâmetro não foi possível tirar, pois estamos perante uma peça fragmentada, que corresponderá a metade do cossoiro. A sua espessura é de 1,2cm e o diâmetro da perfuração de 1,1cm. Este fragmento apresenta uma pasta homogénea compacta com raros elementos não plásticos de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante com arrefecimento redutor, assim nos demonstra o contraste de cores entre o núcleo, que é alaranjado, e as superfícies de tonalidade castanho-escuro. Nas faces deste cossoiro, podemos observar algumas linhas incisadas que considerámos ser decoração. O cossoiro 03 corresponde

a uma peça completa, tal como a ALF_01. Este cossoiro apresenta uma tipologia cilíndrica com secção sub-ovalada, as faces são convexas e a base é plana. O diâmetro desta peça atinge os 3,8cm, com uma espessura de 2cm, a perfuração central tem um diâmetro de 0,9cm. Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea compacta, com elementos não plásticos raros e de calibre médio. A tonalidade castanha-alaranjada da peça permite-nos afirmar que a cozedura é oxidante. As suas faces são alisadas, sendo que o topo da peça apresenta algum desgaste.

Como podemos observar através desta descrição das peças, estas apresentam morfologias e medidas distintas. No entanto, percebemos que os diâmetros das perfurações não se distanciam muito, sendo que duas das peças apresentam uma perfuração com 0,9cm e um com 1,1cm. Relativamente às espessuras, percebemos que as peças ALF_01 e ALF_03 se enquadram nos 2cm, por sua vez a peça AFL_02, apresenta uma espessura mais reduzida devido à sua morfologia. As características que todas estas peças partilham são as bases planas e as superfícies alisadas.

Apesar do número reduzido de materiais associados à tecelagem, podemos afirmar que esta atividade doméstica fazia parte do quotidiano da comunidade proto-histórica que outrora habitou o castelo de Alfaiates.

6.8. Sabugal

Este subcapítulo aborda três zonas da atual cidade do Sabugal, sendo eles: o Museu Lapidário; o Castelo do Sabugal; e uma intervenção realizada na encosta sul. Decidimos abordar estes três sítios em simultâneo devido à sua relação de proximidade, uma vez que todos se implantam na área do Castelo Medieval do Sabugal ou na sua periferia, como é o caso da intervenção na encosta sul e porque fariam parte do mesmo povoado proto-histórico. O Museu Lapidário (Latitude: 40.352070 e Longitude: -7.092779) e o Castelo do Sabugal (Latitude: 40.351343 e Longitude: 7.094085) localizam-se na freguesia de Sabugal e Aldeia de Santo António, concelho do Sabugal a, aproximadamente, 760m de altitude.

6.8.1. Descrição e contexto

A atual cidade do Sabugal, onde se situam estes três sítios, encontra-se estrategicamente posicionada em relação ao rio Côa, que circunda a pequena elevação onde se implanta, sendo que esta elevação não tem um grande destaque na Meseta (SILVA, 2005, vol.II, p.23).

No ano de 2002, procedeu-se à abertura de uma sondagem junto ao logradouro da Câmara Municipal, com o intuito da construção do Museu Lapidário. No decurso das escavações realizadas, identificou-se um troço da cerca defensiva medieval leonesa, que acabou por ser integrada no projeto do Museu. Relativamente às estruturas registadas do período proto-histórico fazem parte: uma estrutura de combustão com uma configuração retangular de barro cozido; restos de um pavimento de barro; e um buraco de poste. O conjunto destes vestígios foram interpretados como fazendo parte de uma estrutura habitacional da Idade do Ferro (OSÓRIO, 2009, p.99).

Posteriormente, foram abertas novas sondagens em áreas diferentes do que corresponderia ao povoado pré e proto-histórico, sendo estas implantadas no interior do castelo,

onde novamente se registaram estruturas habitacionais da Idade do Ferro. Nas escavações identificou-se uma parede de um edifício de planta quadrangular e um nível de circulação pisado, bem como uma estrutura de combustão retangular semelhante à encontrada nas sondagens do Museu Lapidário. A esta estrutura doméstica estavam associados: uma mó circular e um conjunto de cerâmicas de fabrico manual e a torno de formas simples e lisas (OSÓRIO, 2009, p.99-100).

Uma posterior intervenção na encosta sul do castelo, localizou-se fora das muralhas, a 70m para leste da porta sul do castelo (SOARES, 2018-2019, p.108). Nesta intervenção foram abertas várias sondagens, mas neste trabalho abordaremos apenas a sondagem 1, pois foi a que revelou mais ocorrências significativas.

Na sondagem 1, foi identificada uma estrutura habitacional. A esta estrutura de contorno ovalado com 3,5m no sentido oeste-este e 3m no sentido norte-sul, estavam associados um nível de barro de revestimento de cabana e um lastro de argila calcinada (SOARES, 2018-2019, p.109). No interior da cabana, foi ainda identificada uma estrutura de combustão definida por pedras fincadas e estruturas em negativos, correspondentes a buracos de poste escavados na rocha pré-existente no local de implantação da cabana, que serviriam de suporte à armação da estrutura (SOARES, 2018-2019, p.110).

Relativamente ao espólio associado a esta sondagem, podemos destacar a grande quantidade de cerâmica manual registada no decorrer da escavação associada à estrutura habitacional da Idade do Ferro. A decoração presente nos fragmentos cerâmicos caracteriza-se por ser simples e tendencialmente geométrica, sendo as técnicas decorativas utilizadas na decoração das peças a incisão, impressão, brunimento e a pintura. Devemos salientar a presença de dois fragmentos com decoração ondulada, atribuídos cronologicamente ao período calcolítico, que permitiram evidenciar, mais uma vez, a ocupação humana anterior ao período da Idade do Ferro. Junto ao canto noroeste da cabana foi recuperado um recipiente quase inteiro, junto a esse recipiente encontrava-se um peso e uma fíbula (SOARES, 2018-2019, p.118-122).

Ainda no interior da estrutura habitacional, foram identificados três pequenos seixos de rio aplanados com dois entalhes laterais simétricos. Dois destes pesos são provenientes de camadas de ocupação/abandono do espaço doméstico, o outro provém de uma camada com intrusões e presença de cerâmicas medievais (SOARES, 2018-2019, p. 124). Por sua vez, no exterior desta estrutura, do lado oeste, foi identificado um cossoiro proveniente de uma camada de remeximento.

Ainda na encosta sul do castelo do Sabugal, no ano de 2010, foi realizado um acompanhamento na Rua D. Dinis, num edifício que outrora serviria de estábulo, junto à muralha leonesa. A reabilitação deste edifício foi acompanhada para registar os remeximentos do solo e tendo se procedido ainda à abertura de uma sondagem de diagnóstico para registo da ocupação antiga, uma vez que, este edifício se localiza no centro histórico do Sabugal. Nesta intervenção de salvaguarda, foi possível registar fragmentos de cerâmica de fabrico manual e a torno de cronologia proto-histórica, bem como quatro pesos de seixo polido com entalhes laterais.¹³ Estes quatro seixos com entalhe não serão estudados neste trabalho, uma vez que não foi possível ter acesso aos mesmos.

¹³ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=3038680>

Cronologicamente, podemos aferir que este povoado teve uma longa ocupação desde o período calcolítico até à Idade do Ferro, não se podendo, no entanto, afirmar que esta ocupação foi contínua ao longo dos séculos até ao período medieval. O que nos permite aferir esta cronologia são as cerâmicas que foram identificadas no decurso das intervenções que decorreram nestes quatro sítios abordados.

Relativamente às cerâmicas identificadas, temos a presença de cerâmicas de fabrico manual com bordos decorados de sulcos brunidos com uma cronologia do Bronze Final, um fragmento decorado com caneluras verticais incisas, com paralelos do período da Idade do Ferro, um fragmento decorado com linhas quebradas, cobertas por pastas brancas, do tipo Cogotas I e três fragmentos com motivos penteados. As cerâmicas produzidas a torno correspondem a potes de cerâmica negra brunida, de paredes finas e perfil globular (OSÓRIO, 2005, p. 41).

6.8.2. Utensílios de tecelagem

A tecelagem era uma atividade do quotidiano da comunidade pré e proto-histórica que habitou neste povoado. Reflexo dessa atividade são as materialidades que foram encontradas nas três intervenções feitas na área, onde nos dias de hoje, se encontra o castelo. No total temos a presença de um fragmento de placa cerâmica, onze seixos com entalhe laterais e três cossoiros. Os materiais recuperados da intervenção na encosta sul do castelo – um cossoiro e três seixos com entalhe – foram publicados no artigo de Inês Soares¹⁴ sobre esta intervenção. Os restantes materiais constam no catálogo do Museu do Sabugal¹⁵, no entanto nunca foram estudados e surgiu a oportunidade de serem destacados neste trabalho.

6.8.2.1. Placas

No conjunto de utensílios de tecelagem analisado, temos apenas um fragmento de placa encontrado no decorrer das intervenções realizadas no Museu Lapidário. Este fragmento de placa tem uma forma paralelepípedica com cantos arredondados e arestas retas, onde podemos observar uma perfuração e indícios de uma outra. A peça apresenta 6,5cm de largura e 2,6cm de espessura, mas devido à sua fratura transversal, não conseguimos saber qual o comprimento desta placa. A perfuração que nos permite retirar medidas tem 0,5cm de diâmetro. Relativamente ao fabrico deste fragmento, podemos aferir que esta apresenta uma pasta heterogénea de consistência mediana com elementos não plásticos muito frequentes e de grande calibre. Quanto à cozedura da peça podemos observar que esta tem uma cozedura oxidante com arrefecimento reductor.

¹⁴ SOARES, I. (2018-2019) – As escavações arqueológicas na encosta sul do Castelo (Sabugal). Ensaio aos espaços domésticos do I milénio a.C. nas margens do Cóa. *Sabucale*. Sabugal. 10, p. 7-35.

¹⁵ <http://www.museusabugal.net/catalogo.html>

6.8.2.2. *Seixos com entalhe*

Nas quatro intervenções que se realizaram no Centro Histórico do Sabugal, que corresponde à área do castelo e encosta, foram recuperados quinze seixos com entalhes, datados da Proto-história. Como referido anteriormente, os quatro seixos com entalhe registados na intervenção da Rua D. Dinis, não irão ser alvo de estudo, contando, deste modo, com um conjunto de onze seixos com entalhe. Do conjunto de seixos com entalhe estudados, podemos depreender que há dois tipos de secções sendo que os seixos com secção ovalada são os mais representativos, correspondendo a 73% e os restantes 27% correspondem a secções sub-trapezoidais. Relativamente ao contorno dos seixos, observamos cinco realidades distintas. Seixos com contorno ovalado – são os mais comuns –, seguidamente dos seixos com contorno elipsoidal e, com percentagens mais baixas, os seixos com um contorno subtriangular e seixos com contorno sub-trapezoidal e irregular (Figura 24). Os entalhes, em 64% do conjunto, apresentam uma relação de simetria.

Em relação às medidas dos seixos com entalhes, o comprimento maior é de 8,7cm, sendo que o comprimento menor registado foi de 3,5cm. A largura dos seixos está compreendida entre 4,8cm e 2,4cm e a espessura apresenta uma frequência entre os 0,9cm e 1,3cm. O seixo com entalhe que apresenta mais peso tem 70g e, neste conjunto não há pesos com menos de 40g.

Como podemos observar, este conjunto de seixos com entalhes apresenta diversas diferenças, quer ao nível da sua morfologia, quer ao nível das medições, sendo que as espessuras são as mais padronizadas.

Contornos do Seixos com entalhe

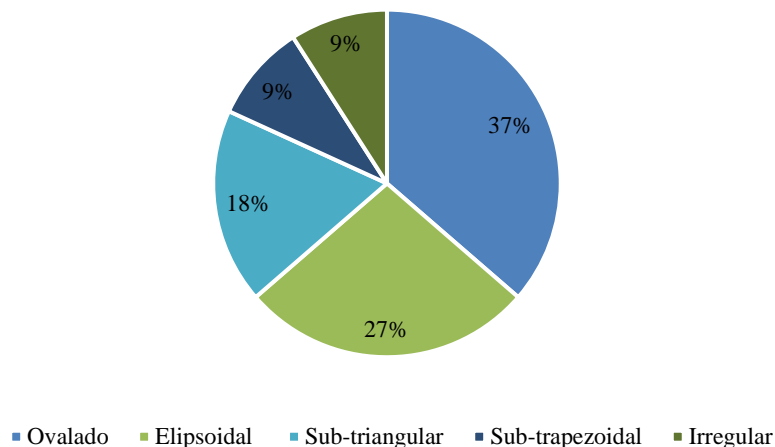


Figura 24: Gráfico percentual relativo aos contornos dos seixos com entalhe

6.8.2.3. *Cossoiros*

No decorrer destas intervenções também foram identificados elementos de fiação, processo que antecede a tecelagem. Foi possível recuperar três cossoiros todos eles com

tipologias diferentes. Como se trata de um número reduzido de peças, optámos por fazer uma breve descrição de todas elas.

O cossoiro com entrada 02 do inventário apresenta uma tipologia esférica de secção sub-ovalada com faces convexas e base plana. Tendo 2,2cm de diâmetro, 2,5cm de espessura e apresentando uma perfuração central cilíndrica com 1cm de diâmetro. O fabrico deste cossoiro caracteriza-se por ter uma pasta heterogénea de consistência mediana, onde os elementos não plásticos são frequentes e de calibre médio, sendo a cozedura desta peça redutora.

O cossoiro 11 do nosso inventário (consultar Vol.II, p.166) tem uma morfologia cilíndrica de secção sub-retangular com faces convexas e base plana, sendo o seu diâmetro de 2,5cm e a espessura de 1,4cm, apresentando uma perfuração central cilíndrica com 3,3cm de diâmetro. Em relação ao fabrico deste cossoiro, podemos afirmar que apresenta uma pasta heterogénea de consistência compacta com raros elementos não plásticos e, os que se observam, são de pequeno calibre. A tonalidade alaranjada da peça permite-nos afirmar que a sua cozedura é oxidante. Este cossoiro apresenta uma particularidade relativamente aos restantes cossoiros do grupo: decoração. Os motivos que se observam encontram-se na parte superior da peça junto à perfuração e são motivos circulares incisos de pequenas dimensões. Ambos os cossoiros descritos foram identificados nas intervenções do Museu Lapidário.

O último cossoiro analisado foi recuperado nas intervenções da encosta sul do castelo. Este cossoiro tem uma morfologia troncocónica de secção sub-trapezoidal com faces planas e base concava. Através da análise métrica conseguimos compreender que este é o maior do conjunto, pois apresenta um diâmetro de 5,1cm e uma espessura de 2,5cm com uma perfuração central cónica, que tem 1,1cm de diâmetro no topo da peça. Relativamente ao seu fabrico verificou-se que tem uma pasta heterogénea de consistência compacta, onde os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade castanha escura da peça indica que a sua cozedura é redutora. Este cossoiro apresenta uma particularidade em relação aos anteriores: tem as superfícies com um acabamento brunido cuidado.

Após esta breve descrição dos cossoiros do Sabugal, podemos concluir que, todos eles apresentam morfologias distintas. No entanto, todas elas são cronologicamente relacionadas com cossoiros proto-históricos, com características métricas também elas distintas e com presença de decoração e acabamento de superfícies cuidado.

6.9.Castelejo (Sabugal)

O povoado do Castelejo localiza-se na freguesia de Sortelha, concelho do Sabugal, a uma altitude de 855m. As coordenadas geográficas, segundo o Portal do Arqueólogo¹⁶, são: Latitude: 40.341927; Longitude: -7.172670.

6.9.1. Descrição e contexto

O povoado do Castelejo encontra-se numa posição privilegiada da Beira Interior, junto a uma passagem natural a quem se desloca de norte para sul e vice-versa, inserido no planalto da Guarda/Sabugal junto à superfície da Meseta. O local onde se implanta o povoado

¹⁶ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=49178>

corresponde a um cerro amesetado que forma uma espécie de sela (VILAÇA, 1993, p.53). Assim sendo, este povoado é constituído por duas elevações, uma menor, com muitos afloramentos graníticos, e outra de maior altitude, a 855m, onde se implantou a zona residencial com maior ocorrência de materiais arqueológicos. A plataforma mais elevada é de difícil acesso, especialmente a norte e oeste, onde as vertentes são praticamente verticais. Este povoado tem uma boa visibilidade para os vales de Quarta-Feira e Zêzere. Os vales que se localizam em redor do povoado encontram-se bem drenados por ribeiras que desaguam na ribeira da Nave.

Nas proximidades do povoado podem ainda encontrar-se importantes jazigos de minerais de estanho e cobre de onde era extraída a matéria-prima para o fabrico de materiais em metal. A nível geológico, o povoado do Castelejo insere-se em duas realidades distintas: a este encontra-se os xistos e a oeste temos uma zona de granitos. O Castelejo implanta-se na mancha de granitos da Quarta-Feira, granitos esses que se caracterizam por serem de grão médio e médio fino, de duas micas, com predomínio da biotite (VILAÇA, 1993, p.53).

Em, 1986, este povoado foi descoberto por Fernando Patrício Curado, que recolheu alguns fragmentos cerâmicos num dos cabeços do Castelejo. Nos anos de 1988 e 1989, desenvolveram-se duas campanhas de escavação onde se procedeu à abertura de três áreas de escavação, sendo elas o sector I, II e III, sendo o sector III, pela sua complexidade, subdividido em duas secções: A e B. As sondagens foram abertas tendo em conta a maior ou menor frequência de cerâmicas dispersas à superfície. Estes trabalhos atestaram a natureza habitacional do sítio e permitiram a identificação de estruturas.

Do sector I, implantado na zona mais elevado do povoado, provêm os materiais que se encontram em melhor estado de conservação e, grande parte deles, encontrados *in situ* (VILAÇA, 1993, p.55).

O sector III corresponde à plataforma mais vasta com uma área escavada de 1600m². Como referido anteriormente, este sector é composto por duas secções. A secção B, localiza-se junto ao muro divisório de propriedades na zona mais ocidental da plataforma central do povoado, entre as curvas de nível dos 99 e 69m (VILAÇA, 1995, p.104) (Figura 25). Os trabalhos abrangeram uma área de 122m² e a estratigrafia apresentou-se simples e de fácil leitura. Nesta secção foram identificadas várias estruturas, tais como: uma estrutura de pedra interpretada como muralha, duas estruturas de combustão e dois buracos de poste. A estrutura de carácter defensivo, contruída com pedra de granito de grandes dimensões e formas irregulares, localiza-se nas áreas mais desprotegidas da plataforma. Junto a esta construção pétreo, foi detetado um buraco de poste escavado no saibro e, a poucos metros dele, foi também observada uma estrutura de combustão, composta por um núcleo de argila calcinada. Entre o buraco de poste (b2) e a estrutura de combustão (12) foi identificado um seixo com entalhe (Figura 26). Também devemos referir a identificação de estruturas habitacionais construídas com troncos, ramagens e barro para isolar as cabanas e algumas pedras. Por norma, estas estruturas habitacionais tinham uma zona de combustão – lareira – que servia para cozinhar, iluminar e aquecer o espaço (VILAÇA, 2008, p.42).

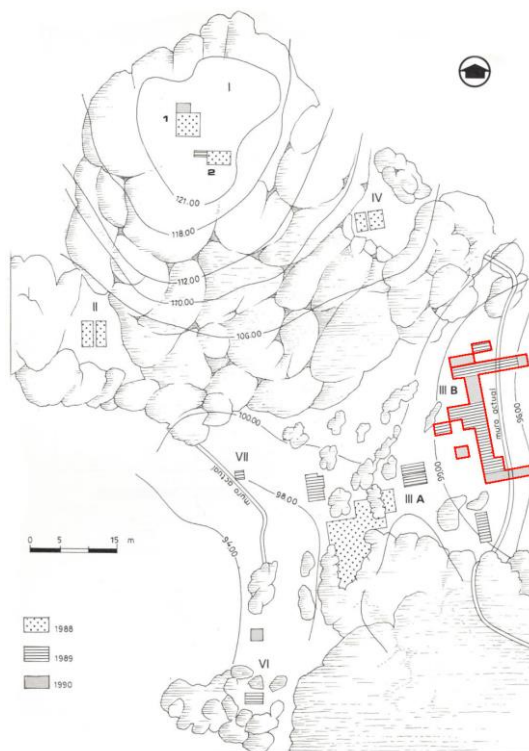


Figura 25: Identificação do sector III B na planta geral de escavação. (VILAÇA,1995, Vol. II, Estampa XI)



Figura 26: Identificação de 2 seixos com entalhe na planta parcial do sector III, secção B (VILAÇA, 1995, Vol.II, Estampa XL)

As campanhas de escavações realizadas permitiram aferir uma cronologia para o povoado do Castelejo. A cronologia foi determinada tendo por base os materiais encontrados e a sequência estratigráfica observada. Estas duas evidências apontam para que o povoado do Castelejo tenha tido uma ocupação durante do Bronze Final.

No que diz respeito ao material cerâmico encontrado no decorrer das escavações, podemos referir a presença de taças carenadas que podem apresentar fundos com *omphalus*, formas abertas e bitroncocónicas, recipientes de média e grande dimensão com colo ou perfil em S e fundos planos alguns com pegas ou asas de fita. Quanto ao material lítico, destaca-se a presença de mós ou fragmentos de mós de material granítico, destacando-se ainda a presença de doze seixos com entalhe, interpretados como pesos, por Raquel Vilaça. No povoado do Castelejo, contamos com a presença de material metálico, como um fragmento de foice. Associado ao processo de produção de materiais metálicos foram encontrados um molde e um fragmento de um outro que serviam para o fabrico de varetas ou escopos/cinzéis.

6.9.2. Utensílios de tecelagem

A prática da tecelagem era uma atividade desenvolvida pela comunidade proto-histórica que outrora habitou o povoado do Castelejo, os doze seixos com entalhe recuperados no decorrer das escavações comprovam essa prática. Estes seixos com entalhe foram abordados e estudados na tese de doutoramento de Raquel Vilaça.

6.9.2.1. Seixos com entalhe

O conjunto de seixos com entalhes estudados apresentam diferenças tipológicas e métricas que passamos a analisar. No que respeita a secção dos seixos verificamos que 66% do conjunto apresenta uma secção subtrapezoidal, 17% uma secção plano-convexa e 17% uma secção subtriangular. A maioria dos seixos estudados expressa um contorno ovalado, existindo ainda contornos subtrapezoidais, subtriangulares, elipsoidais e irregulares.

Identificam-se quatro tipos de matéria-prima utilizada para elaboração dos seixos com entalhe, sendo o mais representativa o grauvaque, que corresponde a 58% do conjunto, seguido do aplito-granítico com 17% e, com a mesma percentagem, o quartzito, existindo ainda um seixo em xisto (Figura 27). Os entalhes são maioritariamente simétricos, sendo que apenas 17% dos seixos apresentam entalhes assimétricos.

Relativamente às características métricas dos seixos, decidimos, para facilitar a interpretação das medidas, fazer a média das mesmas. Verificou-se que a média do comprimento dos seixos é de 6,7cm, sendo que o maior comprimento é de 9,5cm e o menor é de 5,2cm. A média da largura é de 3,4cm e a média do peso é 47g. Ao analisarmos o conjunto, conseguimos compreender que o seixo que apresenta uma maior robustez tem 9,5cm de comprimento, 5cm de largura e pesa 80g.

No conjunto de materiais relacionados com a tecelagem, não há registo de placas, crescentes ou cossoiros, tendo sido apenas identificados seixos com entalhe.

Tipo de matéria-prima dos seixos com entalhe

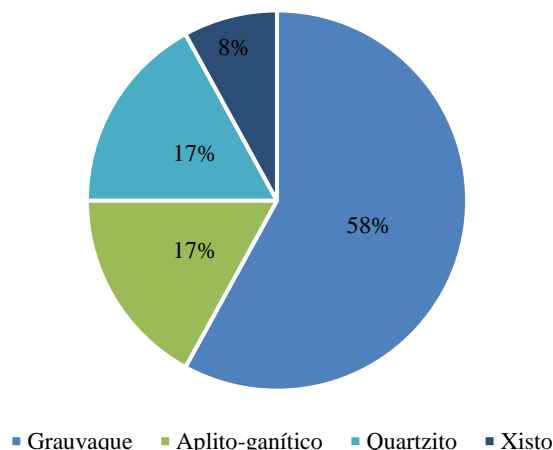


Figura 27: Gráfico percentual da matéria-prima dos seixos com entalhe

6.10. São Cornélio (Sabugal)

O monte de São Cornélio localiza-se na freguesia de Sortelha, concelho do Sabugal, a 1008m de altitude, sendo este o ponto mais alto do concelho. As coordenadas, segundo o Portal do Arqueólogo¹⁷, são: Latitude: 40.350818; Longitude: -7.146228.

6.10.1. Descrição e contexto

O povoado do monte de São Cornélio implanta-se num cabeço elevado que, como referido anteriormente, atinge os 1008m de altitude. Devido ao seu destaque na paisagem este povoado apresenta boas condições de visibilidade que permite ter um ótimo controlo da paisagem sobre o planalto da Guarda/Sabugal. Da plataforma mais elevada deste povoado é possível observar: a norte o cabeço das Fráguas e toda a planície do Sabugal até à Guarda; a este o olhar perde-se pela Meseta até terras espanholas e é possível observar o povoado do Sabugal Velho no horizonte; a sul notamos a presença do povoado do Castelejo, a Serra da Opa e, mais distante Monsanto. Este povoado apresenta duas linhas defensivas contruídas em pedra e blocos de granito a seco que, por insuficiência de dados, não se pode atribuir uma cronologia. Geologicamente, este povoado localiza-se numa zona de granitos, onde os grandes afloramentos rochosos se dispersam por toda a encosta e plataforma. Relativamente aos recursos hídricos, atualmente não se conhece nenhuma nascente de água no cabeço, sendo que a linha de água mais próxima é a ribeira das Inguias e a ribeira de Quarta-Feira.

O monte de São Cornélio foi alvo de prospeções, dirigidas por Raquel Vilaça nos anos 90, onde se identificaram cerâmicas manuais lisas e um cossoiro (VILAÇA, 1995, p.92). Este povoado volta a ser alvo de prospeções dirigidas por Marcos Osório, no âmbito da implantação de parque eólicos, onde, mais uma vez, se identificaram cerâmicas à superfície. Em 2021, 2022

¹⁷ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2858163>

e 2023, este povoado foi alvo de escavações e, deste modo, devemos manter o nosso olhar atento para os resultados destas escavações, uma vez que pouco se sabe acerca dele.

Cronologicamente, este povoado insere-se na Idade do Ferro mais avançada, já na viragem de meados do I milénio a.C.¹⁸, de todo o modo, a atribuição desta cronologia só pode ser confirmada após os resultados das escavações que têm vindo a ser desenvolvidas.

Apesar de pouco se saber sobre este povoado, decidimos abordá-lo uma vez que o cossoiro recolhido em prospeção se encontra inédito. Raquel Vilaça apenas faz menção a este achado na sua tese de doutoramento (VILAÇA, 1995, p.92)

6.10.2. Utensílios de tecelagem

Como referido anteriormente, nas prospeções dirigidas por Raquel Vilaça, foi recuperado um cossoiro no povoado do monte de São Cornélio.

Este cossoiro apresenta-se completo, de tipologia bitroncocónica de base e faces planas. A sua secção tem uma forma subtrapezoidal. Relativamente às características métricas, este cossoiro apresenta um diâmetro máximo de 4,6cm e 2,2cm de espessura. A perfuração central tem uma forma cilíndrica com um diâmetro de 0,7cm. Em relação ao tipo de fabrico deste material pode aferir que a sua pasta é homogénea de consistência compacta, onde os elementos não plásticos são abundantes e os que são possíveis observar são de pequeno calibre. Quanto à cozedura da pasta, a sua tonalidade negra permite-nos aferir que se trata de uma cozedura redutora. Este cossoiro apresenta motivos circulares impressos (consultar Vol. II, p.198-199).

6.11. Fumo (Vila Nova de Foz Côa)

O povoado do Fumo localiza-se na freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, a 314m de altitude. As suas coordenadas, segundo o Portal do Arqueólogo¹⁹, são: Latitude: 40.997294; Longitude: -7.083206.

6.11.1. Descrição e contexto

Este povoado implanta-se sobre uma depressão com orientação este-oeste, no rebordo norte do planalto de Almendra, tendo uma posição sobranceira à margem esquerda da Ribeirinha, a cerca de 2km da sua confluência com o rio Côa. O acesso ao povoado só é possível através do planalto, visto que a vertente que confronta com a Ribeirinha apresenta um grande declive e, desta forma, seria impossível aceder ao povoado a partir desta vertente. A norte do povoado existe uma elevação que lhe confere um grande domínio visual sobre o rio Côa, entre Penascosa e a Quinta da Ervamoiira, bem como os planaltos envolventes. O abastecimento de água durante a sua ocupação fazer-se-ia, provavelmente, recorrendo a uma nascente que, ainda nos dias de hoje, está ativa no limite Poente do sítio (CARVALHO, 2004, p.188).

O povoado do Fumo foi descoberto no ano de 1992, durante as prospeções de impacto arqueológico da pedreira do Fumo. Durante os anos de 1996 a 1999, o Parque Arqueológico de

¹⁸ Informação dada pela professora Raquel Vilaça, a quem agradecemos.

¹⁹ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=56883>

Vale do Côa (PAVC), promoveu quatro campanhas de escavação inseridas no projeto de investigação da ocupação pré-histórica do Vale do Côa.

No primeiro ano de escavações, procedeu-se à abertura de sondagens de 2x2m, na parte nascente do povoado, nas quais se puderam identificar algumas estruturas habitacionais bem com uma zona de combustão. No ano seguinte, tendo por base os resultados das escavações do ano anterior, os trabalhos resultaram numa expansão da área sondada para compreensão das estruturas habitacionais, que já tinham sido identificadas na campanha anterior e para recolha de uma amostra mais significativa de materiais que pudessem estar associados a estas estruturas.

No ano de 1998, o terceiro ano de campanha arqueológica, os objetivos passaram pela escavação da área em torno da lareira identificada na primeira campanha e pela verificação da existência de uma possível linha de muralha que se encontrava no extremo nascente do povoado, na vertente do vale da Ribeirinha (CARVALHO, 2004, p.188).

No último ano de escavações, foram abertos mais dois quadrados, para a compreensão de uma estrutura que se supunha ser uma estrutura de combustão. Ainda neste ano, sondou-se uma pequena área na parte oeste do povoado, designada de “Sondagem Poente”, para confirmação da extensão do povoado. Os trabalhos e, conseqüentemente, os achados encontrados neste último ano de escavação, foram os mais relevantes para o tema desta tese, pois nestes quadrados e sondagem foram identificados os pesos paralelepípedicos que vão ser alvo de estudo.

No final dos quatro anos de escavação, a área escavada é superior a 64m², correspondendo a apenas 8% da área do povoado, tendo em conta a dispersão dos materiais de superfície que abrange 800m² (CARVALHO, 2004, p. 188-191).

Após as campanhas de escavação desenvolvidas entre 1996 e 1999, voltou a haver três campanhas de escavação compreendidas entre 2006 e 2008. Destas escavações não há qualquer publicação encontrada até então que nos noticie resultados das mesmas.

As campanhas de escavação desenvolvidas nos anos de 1996 a 1999, serviram também para compreender a cronologia de ocupação do povoado do Fumo. Apesar de no primeiro ano de escavação se defender que o povoado teria uma cronologia relativa ao Calcolítico, devido ao paralelo estabelecido com as cerâmicas encontradas nos anos seguintes, com o aumento das amostras artefactuais, veio a revelar-se que o povoado do Fumo teria uma cronologia do início da Idade do Bronze. Para comprovar esta cronologia foram enviadas amostras de restos de ossos para datação absoluta. Os resultados das amostras datam os «vestígios de uma ocupação atribuível à transição III/II milénios BC, ou seja, ao início da Idade do Bronze.» (CARVALHO, 2004, p.211).

Relativamente ao conjunto artefactual cerâmico identificado nas escavações realizadas, podemos destacar a presença de taças, tigelas, globulares, potes de paredes retas, vasos troncocónicos, esféricos e pratos de diferentes dimensões, devido às diferentes funções (CARVALHO, 2004, p.198). O tipo de decoração mais comum nas cerâmicas é a impressão, presente em bandas de impressão circulares dispostas horizontalmente. Outro tipo de decoração significativo no povoado do Fumo são as incisões e as decorações através de pente. Ainda neste campo do conjunto artefactual cerâmico podemos inserir a presença de colheres e pesos paralelepípedicos. Foi possível identificar oito colheres em cerâmica, com uma morfologia variável. Os materiais de pedra polida são escassos, mas, por sua vez, os elementos de pedra lascada apresentam um conjunto mais numeroso e conta com material de debitage como:

lascas, lâminas e lamelas; utensílios retocados: lascas retocadas, pontas de seta e raspadeiras; núcleos e material residual.

6.11.2. Utensílios de tecelagem

Os elementos de tear são uma realidade artefactual reduzida neste povoado. O conjunto de pesos cerâmico paralelepípedicos contam com cinco exemplares, deduzindo-se que teriam duas perfurações em cada topo. O contexto em que foram encontrados «é possível que a sua localização corresponda a áreas de tecelagem.» (CARVALHO, 2004, p.197).

Após a consulta de bibliografia referente a este povoado, que serviu de base para a elaboração deste subcapítulo, foi possível verificar que não há qualquer tipo de representação gráfica ou fotográfica dos elementos de tecelagem abordados anteriormente. Deste modo, não nos é possível fazer considerações sobre os mesmos.

6.12. Monte do Trigo (Idanha-a-Nova)

O povoado do Monte do Trigo localiza-se na freguesia e concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco, a 362m de altitude. Segundo o portal do arqueólogo²⁰, as coordenadas geográficas da estação são: Latitude: 39.924684; Longitude: -7.192231.

6.12.1. Descrição e contexto

O Monte do Trigo é uma elevação de forma cónica com uma plataforma tendencialmente oval, e amesetada, que se destaca na paisagem. A área de interesse arqueológico circunscreve-se ao topo do monte, abrangendo 630m². Que se conheça, não existe nenhuma nascente no Monte do Trigo, no entanto, os terrenos e vales, nas suas imediações, são bem drenados com proximidade ao rio Ponsul, que corre com orientação nordeste/sudeste, a 160m a oeste do povoado, encontrando-se ainda, a 250m, a Ribeira de Alcafozes, junto ao sopé do monte. O seu destaque na paisagem faz com que a sua visibilidade seja boa em todas as orientações e que tenha boas condições naturais de defesa. As vertentes norte e oeste são muito íngremes e impossibilitam o acesso ao povoado; por sua vez, as vertentes este e sudeste são mais suaves, podendo encontrar-se nelas vestígios de uma linha de muralha, que devido a trabalhos de ação mecânica, não apresenta a sua disposição original. Geologicamente, o povoado do Monte do Trigo, encontra-se numa zona de quartzo e, no topo do monte, é possível observar filões de quartzo não muito elevados (VILAÇA & CRISTÓVÃO, 1995, p.201-203).

Os trabalhos de prospeção desenvolvidos em 1993, deram a conhecer o povoado do Monte do Trigo, onde se recolheram vários materiais à superfície, nomeadamente, cerâmica manual com formas típicas do Bronze Final. Em 1995, realizou-se a primeira campanha de escavação no seguimento dos resultados obtidos na prospeção de 1993. Os trabalhos consistiram na abertura de 4 sondagens de diagnóstico. Três dessas sondagens foram localizadas no topo do monte onde foi possível observar duas camadas bem definidas. Os materiais exumados da camada 2 apresentavam-se muito fragmentados, no entanto foi possível

²⁰ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=53825>

atribuir-lhes uma datação, inserindo-os no período calcolítico. A camada 1, por sua vez, continha espólio arqueológico muito heterogêneo misturado com lixo moderno (VILAÇA & CRISTÓVÃO 1995, p. 204). A sondagem 4 foi aberta junto ao derrube da muralha na vertente Su-Sudoeste da plataforma. Foi nesta sondagem que surgiram as primeiras cerâmicas campaniformes de toda a região de Castelo Branco. A camada 2, relaciona-se com a construção da muralha, onde aparecem materiais cronologicamente datados do Bronze Final como: cerâmicas e material metálico. Esta campanha de escavação veio comprovar que este povoado teve duas fases de ocupação, correspondendo a primeira ao período Calcolítico e a segunda ao Bronze Final (VILAÇA & CRISTÓVÃO 1995, p. 204).

O material arqueológico encontrado na campanha de 1995, permitiu averiguar que o povoado do Monte do Trigo teve uma ocupação calcolítica, como referido anteriormente. Os materiais que comprovam essa ocupação são: pratos de bordo espessado, crescentes com perfurações em cada extremo – elementos de tecelagem típicos deste período – e cerâmicas campaniformes de estilo marítimo. Por sua vez, os vestígios materiais correspondentes ao Bronze Final são: cerâmicas e metais (VILAÇA & CRISTÓVÃO, 1995, p.205).

6.12.2. Utensílios de tecelagem

Como já referido anteriormente, a prática da tecelagem era uma atividade realizada durante a ocupação calcolítica no Monte do Trigo. Raquel Vilaça no livro «Através das Beiras, Pré-história e Proto-história» dá a conhecer alguns destes elementos de tecelagem, acompanhados por desenhos (VILAÇA, 2008b, p. 167). Reflexo dessa atividade são as materialidades que foram encontradas no decorrer das escavações, desde o ano de 1995 até 1997. Através das referências de campo que acompanham cada material, conseguimos compreender que, na campanha de 1997, foi encontrada a maior parte do conjunto que irá ser alvo deste estudo. De todos os elementos de tecelagem do Monte do Trigo fazem parte 46 fragmentos que se encontram inventariados no Vol.II deste trabalho (consultar Vol.II, p.200). Entre estes fragmentos encontrados é possível diferenciar três formas distintas: os crescentes, as placas e os seixos com entalhes. Apesar da sua função ser a mesma – criar tensão na urdidura do tear – é pertinente separá-los, pois as suas formas são bastante diferentes.

Os crescentes apresentam-se como a forma predominante neste conjunto, correspondendo a 63% dos fragmentos, de seguida as placas surgem como a segunda forma mais expressiva, correspondendo a 17% da amostra e, por fim, os seixos com entalhe que correspondem a apenas 7% (Figura 28). Nesta contagem ainda adicionámos os fragmentos indeterminados, que devido à ausência de características que nos permitam classificá-los em relação à sua forma, e têm uma representação de 13%. Estes fragmentos indeterminados que, na maior parte das vezes, apresentam um estado de conservação classificados, segundo a tabela de inventário, como sendo um pequeno fragmento, são elementos que poucas informações nos dão e, muitas vezes, o que nos permite classificá-los como elementos de tecelagem são marcas muito ténues de perfurações.

Elementos de tecelagem

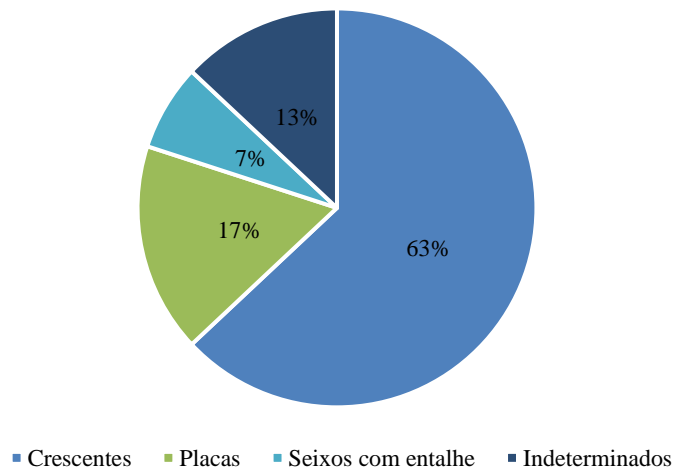


Figura 28: Gráfico percentual dos componentes de tear do Monte do Trigo

6.12.2.1. Crescentes

No conjunto dos crescentes, contamos com 29 fragmentos no seu total, sendo que 16 correspondem a partes distais e 13 a partes mesiais. Nas partes distais dos crescentes é possível observar uma perfuração em cada extremidade. No entanto, neste conjunto de crescentes do Monte do Trigo, não há presença de nenhuma peça completa. Deste modo, as partes distais que analisámos apresentam apenas uma perfuração.

Da amostra de crescentes deste povoado, existem dois fragmentos que se encontram bastante completos, são eles os números 3 e 8 da nossa tabela de inventário (consultar Vol.II, p.200-204).

O fragmento número 3 corresponde à parte distal de um crescente de secção ovalada, nele podemos observar uma perfuração com 0.7cm de diâmetro. O comprimento do crescente é de 2cm, tendo uma espessura de 1.3cm. Relativamente à análise morfológica desta peça, podemos verificar que a textura da pasta é homogénea e de consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e os que são possíveis de observar são de pequeno calibre. O tom alaranjado da peça permite-nos aferir que a sua cozedura é oxidante (consultar Vol.II, p.209-210).

O fragmento número 8 também corresponde à parte distal de um crescente, mas a sua secção é sub-retangular. Neste fragmento também é possível observar uma perfuração, no entanto, esta tem um diâmetro de 0,4cm. O comprimento do crescente é de 2,5cm e a sua espessura 1,6cm. A análise morfológica da peça permite-nos dizer que a textura da pasta é heterogénea de consistência média. Os *enp's* são muito frequentes e de grande calibre. A tonalidade negra da peça permite aferir que a cozedura é redutora (consultar Vol.II, p.219-220).

Ao fazer uma análise ao conjunto dos materiais podemos retirar algumas informações relativas aos diâmetros das perfurações, comprimento, espessura e secções. Os diâmetros das perfurações analisadas variam entre os 0,9cm de diâmetro máximo e os 0,4cm de diâmetro mínimo. As peças número 5, 8 e 9 são as que apresentam perfurações com os diâmetros mais

pequenos, sendo eles 0,5cm, 0,4cm e 0,5cm, respetivamente. No entanto, é observável uma frequência nas perfurações com 0,6cm de diâmetro.

O comprimento dos crescentes varia entre 1,2cm e 2,8cm de comprimento máximo, sendo que o comprimento mais frequente é de 1,5cm. A espessura enquadra-se entre os valores de 1cm a 1,9cm.

Relativamente às secções dos crescentes, verificamos uma tendência para os crescentes de secção ovalada representando 45% do conjunto, seguindo-se os de secção sub-retangular correspondendo a 41%, sendo que os de secção circular e subtrapezoidal não têm grande representatividade e contam apenas com 7% cada uma. Os 3% restantes correspondem às secções indeterminadas (Figura 29).

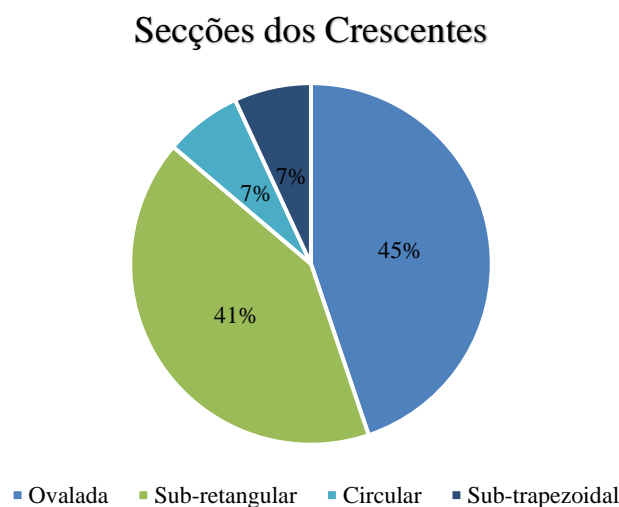


Figura 29: Gráfico percentual das secções dos crescentes do Monte do Trigo

Deste conjunto é importante salientar o fragmento distal de um crescente, correspondente ao número 10 do nosso inventário, que não se encontra totalmente perfurado, ou seja, estamos perante uma peça inacabada. Este fragmento de tonalidade alaranjada de secção sub-retangular tem uma pasta homogénea e compacta com raros elementos não plásticos, sendo que os que são observáveis são de pequeno calibre. Deste modo, pressupõe-se que este crescente nunca tenha desempenhado as suas funções enquanto peso.

Do mesmo modo que é importante salientar o fragmento acima descrito, também é importante abordar alguns outros que apresentam, em pelo menos uma das suas faces, um rebordo junto à perfuração. Esta saliência, que se pode verificar no fragmento número 3, é uma marca deixada aquando da perfuração da peça. As perfurações, tanto dos crescentes como das placas, eram feitas antes da cozedura das peças. Estas marcas permaneceram nos fragmentos pois não foram bem alisadas no processo de acabamento da peça, deixando assim o excesso de pasta junto da perfuração.

6.12.2.2. Placas

Os pesos de tear em forma de placas no povoado do Monte do Trigo, correspondem a 14% dos materiais estudados desta estação, como se observa no gráfico da Figura 28,

apresentado anteriormente. Comparativamente aos crescentes, esta amostra é muito reduzida, o que não nos permite fazer uma avaliação muito aprofundada. De todo o modo, analisámos os pesos de maneira a retirar o máximo de informações para, posteriormente, comparar com os pesos dos outros povoados estudados.

Do conjunto de placas contamos com um total de sete fragmentos, sendo que apenas quatro se encontram em relativo bom estado de conservação. Através da observação da secção destas placas, podemos aferir que estamos perante placas tendencialmente paralelepípedicas, sendo que apenas um fragmento apresenta uma secção indeterminada devido ao seu elevado estado de fragmentação. As larguras das placas enquadram-se nos valores 3,2cm e 5,1cm e, por sua vez, as espessuras variam entre 1cm e 1,9cm.

Do conjunto de placas paralelepípedicas do povoado do Monte do Trigo, duas delas apresentam uma única perfuração ao centro (consultar Vol. II, p. 233-234; 273-274), sendo que só num fragmento é possível determinar o diâmetro da perfuração, que corresponde a 0,7cm. Na outra peça, devido ao seu mau estado de conservação e por ser composta por vários fragmentos, não é possível determinar o diâmetro da perfuração. Nestas duas placas podemos apurar que a espessura de ambas as peças são inferiores ao resto do conjunto, sendo as espessuras de 1,2cm. Do conjunto, quatro fragmentos correspondem a placas paralelepípedicas que, supostamente, deveriam ter duas ou quatro perfurações, uma em cada extremidade. Em dois dos casos é possível observar duas perfurações, uma em cada extremo da peça, sendo que numa delas, uma das perfurações se encontra fraturada, não sendo possível determinar o seu diâmetro. Nos outros dois fragmentos, só é possível observar uma perfuração, mas a sua posição leva a querer que estas peças teriam pelo menos duas perfurações. Os diâmetros das perfurações deste conjunto de placas variam entre 0,5cm e 0,9cm.

6.12.2.3. *Seixos com entalhes*

Como já referido no capítulo 4.3, os seixos com entalhe poderiam funcionar como pesos de tear ou como pesos de rede. Devido à proximidade que o povoado do Monte do Trigo tem com a Ribeira de Alcafozes, que corre junto do sopé da implantação do povoado, e do rio Ponsul, um dos principais cursos de água do concelho de Castelo Branco, não devemos descartar a hipótese que estes seixos com entalhe teriam tido a funcionalidade de pesos de rede. De todo o modo, decidimos integrá-los no conjunto de elementos de tecelagem uma vez que não há indícios que comprovem a funcionalidades destes seixos.

No povoado do Monte do Trigo os seixos com entalhe fazem parte de uma pequena percentagem da amostra, correspondendo apenas a 7% do conjunto. Neste estão presentes três exemplares de seixos com entalhe, sendo que um deles é de pequena dimensão, pois encontra-se fraturado longitudinalmente, onde apenas é possível observar 2 entalhes laterais simétricos. Os outros dois exemplares encontram-se completos – números 45 e 46 do nosso inventário (consultar Vol. II, p.295-298). Estes seixos apresentam 2 entalhes laterais, relativamente simétricos.

6.12.2.4. *Cossoiros*

Os cossoiros também estão presentes no conjunto de materiais do Monte do Trigo. Estes materiais, como já referido anteriormente, estão relacionados com o processo de fiação, atividade que antecede a tecelagem e criação de tecido. Este cossoiro cerâmico, caracteriza-se por ter uma forma discoidal de faces planas, com um diâmetro de 5,7cm. Relativamente à perfuração, esta apresenta um diâmetro máximo de 0,4cm, ou seja, o fuso utilizado seria também ele de uma espessura muito reduzida. Quanto ao tipo de fabrico desta peça cerâmica, podemos atestar que a pasta tem uma textura homogénea de consistência compacta, onde os elementos não plásticos são raros e, os que se conseguem observar, são de pequeno calibre. A tonalidade alaranjada da peça, permite-nos aferir que a cozedura é oxidante. A presença deste cossoiro vem comprovar que a prática de tecelagem era uma atividade quotidiana do povoado do Monte do Trigo.

6.12.2.5. *Caracterização tecnológica do conjunto*

A análise tecnológica do conjunto de fragmentos do Monte do Trigo tem por base a observação e análise das peças através dos parâmetros definidos no capítulo da metodologia. Estes parâmetros permitem-nos compreender o modo de fabrico das peças. Devido à semelhança do fabrico dos crescentes e das placas é mais vantajoso fazer uma análise conjunta. De salientar que nesta análise também analisámos os fragmentos classificados como indeterminados, pois, apesar de não nos oferecerem características que nos permitam classificar como crescentes ou placas, conseguimos, através da sua análise tecnológica, retirar mais informações e assim expandir a nossa análise.

Começamos por analisar as texturas das peças, que podem ser homogéneas ou heterogéneas. Em alguns fragmentos podemos observar desengordurantes como micas e pequenos vestígios de quartzo, nem sempre fáceis de identificar, que permitem dar consistência às pastas. Através dos dados analisados no gráfico da Figura 30, conseguimos compreender que a maior parte dos fragmentos apresentam uma pasta homogénea (54%), sendo que as restantes apresentam uma pasta heterogénea (46%).

A consistência dos utensílios de tecelagem é maioritariamente compacta correspondendo a 57% dos materiais, de seguida temos as pastas medianas que corresponde a 30% da amostra e, por último, são as pastas friáveis, que com uma presença de 13%, não têm grande representatividade.

Textura das pastas

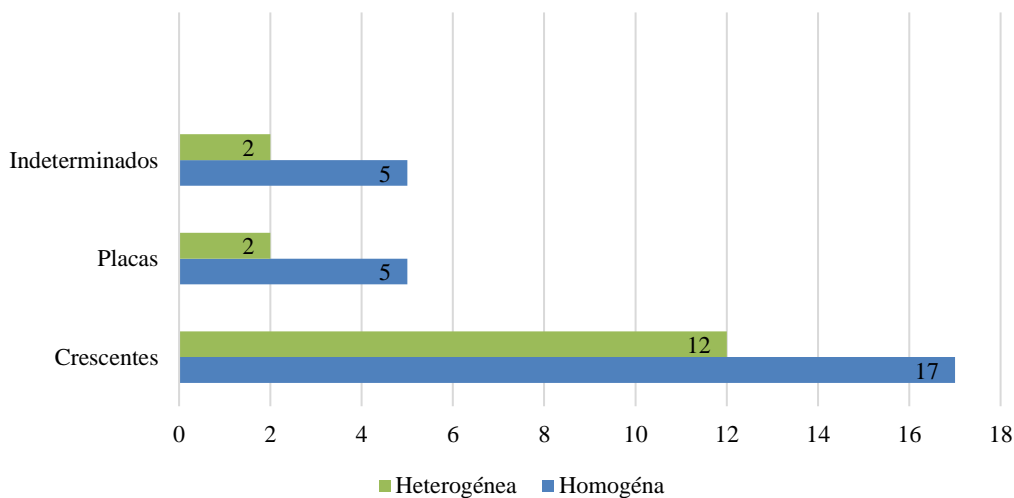


Figura 30: Gráfico que representa a textura das pastas do conjunto de elementos

Relativamente aos elementos não plásticos analisámos a sua frequência e o calibre dos mesmos. Quanto à frequência, na maioria dos fragmentos, a sua abundância é rara (53%), de seguida são os frequentes com uma percentagem de 35% e, por último, os muito frequentes, correspondendo a apenas 12%. Referente ao calibre dos *enp*'s, é possível analisar no gráfico da Figura 31, que tanto nas placas como nos crescentes, o pequeno calibre são os mais predominantes (79%), em contrapartida os *enp*'s de grande calibre correspondem a 21% do conjunto total (placas e crescentes).

Calibre dos elementos não plásticos

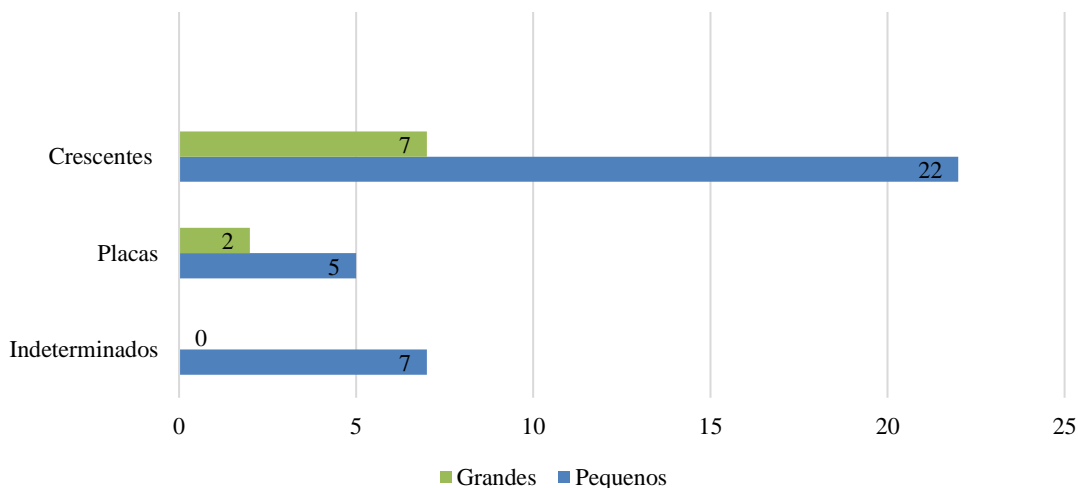


Figura 31: Gráfico representativo do calibre dos *enp*'s no conjunto dos materiais do povoado do Monte do Trigo

O último parâmetro a analisar na caracterização tecnológica é o tipo de cozedura das peças. Neste conjunto de fragmentos temos três tipos de cozedura: a oxidante que se apresenta como sendo a mais frequente (68%), a redutora com 23% do conjunto e, por último e não muito

representativa, a cozedura redutora com arrefecimento oxidante com apenas uma percentagem de 9%.

6.13. Alegrios (Idanha-a-Nova)

O povoado dos Alegrios localiza-se na freguesia de Monsanto e Idanha-a-Nova, concelho de Idanha-a-Nova, a 362m de altitude máxima. As coordenadas geográficas, segundo o Portal do Arqueólogo²¹, são: Latitude: 40.068270; Longitude: -7.129529.

6.13.2. Descrição e contexto

O cabeço onde se localiza este povoado é considerado um “Inselberg” e apresenta uma configuração grosseiramente oblonga no sentido NE/SO que chega a atingir os 800m de comprimento no seu eixo maior. A topografia do terreno é caracterizada por ser bastante acidentada com a presença de diversos afloramentos graníticos. Este povoado encontra-se a 598m de altitude com um destaque na paisagem tendo uma excelente posição de visibilidade, sendo as únicas barreiras naturais as cristas quartzíticas de Penha Garcia e, mais longe, as serras da Malcata, da Estrela, da Gardunha e do Moradal (VILAÇA, 1995, p. 164). Relativamente às nascentes e linhas de água neste local, estas são escassas. No entanto, esta região é bem drenada por vários afluentes do rio Ponsul nomeadamente, ribeira da Arrancada, Boieiros e Monsatela (VILAÇA, 1995, p.165). Geologicamente, esta estação arqueológica está inserida numa mancha de granitos calco-alcalinis.

O povoado dos Alegrios foi descoberto, ocasionalmente, no verão de 1985 por um caçador que escavou o abrigo natural, formado por penedos, que se encontra neste monte. Tendo em conta este acontecimento, foi desenvolvida uma campanha de escavação de emergência no local de proveniência dos materiais. Os excelentes resultados desta intervenção levaram a que os trabalhos de escavação continuassem e, conseqüentemente, se alargasse a zona de intervenção neste povoado durante os anos de 1986 até 1990. Os trabalhos de escavação desenvolvidos nestes anos correspondem à abertura de várias sondagens e a abertura em área de duas plataformas existentes neste monte (VILAÇA, 1995, p. 164).

As campanhas de escavação que decorreram entre os anos de 1986 e 1990 tinham o objetivo de identificar o tipo de ocupação na plataforma junto ao abrigo. No total foram realizados trabalhos em oito sectores – II e III no ano de 1986; IV em 1987; V, VI, VII, VIII em 1988 e X em 1990. As materialidades registadas no decorrer das campanhas de escavação comprovaram o interesse deste sítio arqueológico e permitiram deduzir que se tratava de um local de habitação (VILAÇA, 1995, p.165). Neste trabalho iremos apenas abordar o sector IX (Figura 32) detalhadamente, pois este sector foi escavado em área e dele provêm os seixos com entalhes interpretados como pesos e o cossoiro.

²¹ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=56000>



Figura 32: Identificação do sector IX na planta geral de escavação (VILAÇA, 1995, Vol.II, CXXVI)

O sector IX localiza-se na plataforma mais ampla do monte dos Alegrios a nascente do sector I, com uma configuração irregular que atinge os 2300m². Estes dois sectores são separados por grandes afloramentos graníticos que impedem a visibilidade entre si. Esta plataforma corresponde igualmente a uma área habitacional caracterizando-se, no entanto, por ser mais aberta e desprotegida, comparativamente à área do sector I. A poente desta plataforma encontram-se grandes penedos que lhe conferem uma certa proteção. Por sua vez, nas restantes direções encontram-se as escarpas que delimitam o monte. A norte o declive da escarpa é abrupto, porém a nascente e sudeste a encosta desenvolve-se de forma mais gradual. A visibilidade desta área do povoado é de grande domínio sobre a região norte e sul. A norte é possível avistar os contrafortes da Cordilheira Central. A sudoeste e sul alcança-se a parte mais ocidental do povoado da Moreirinha e de Monsanto, a nascente avista-se a serra de Penha Garcia e a fronteira da Extremadura (VILAÇA, 1995, p.184).

A estratigrafia observada neste sector é simplesmente composta por três camadas, sendo que a camada 3 não aparece em todas as zonas escavadas. A camada 3 aparece nos quadrados E3/6 e F4/5 onde a estratigrafia se apresenta um pouco mais complexa do que na restante área do sector IX e onde há registo de materiais cerâmicos *in situ*.

No decorrer das escavações registaram-se variadas estruturas que iremos abordar de seguida. Nos quadrados D/E/F5 e D/E6, registou-se uma estrutura com planta tendencialmente circular, com pequenas pedras dispostas em arco com uma abertura a sul. Esta estrutura foi interpretada como sendo um soco de uma cabana, da qual faziam parte três buracos de poste, localizados a nascente e sudeste, onde as pedras dispostas em arco estão ausentes (VILAÇA, 1995, p. 184-185). No interior desta cabana, mais ou menos centralizada, encontra-se uma lareira. Esta lareira, de planta tendencialmente circular, encontrava-se bastante degradada, tendo sido, no entanto, possível registar um núcleo de argila calcinada e, 7cm abaixo, um outro

núcleo argiloso de maiores dimensões, toda ela fragmentada em diversas placas que se encontravam *in situ*. Por sua vez, esta lareira não concentrava material arqueológico como cerâmica, líticos ou metal. Nas imediações da cabana, a poente e sudoeste, foram identificadas mais três lareiras que seriam contemporâneas da lareira identificada na cabana (VILAÇA, 1995, p.185). A lareira 5 encontrava-se mais afastada e apresentava uma configuração ovóide. Esta lareira era composta por pequenas placas de argila endurecida encontradas *in situ*. Na sua periferia foram encontrados uma mó e um seixo com entalhes, onde era visível uma concentração de cerâmica (VILAÇA, 1995, p.186).

Ainda em relação às estruturas encontradas, é de salientar a existência de estruturas pétreas que levantam algumas questões. Estas estruturas pétreas, localizadas nos quadrados A2/3/4/5, B3/4/5 e C2/3/4, estão dispostas em círculos tendencialmente concêntricos, organizado em cinco arcos. As pedras que compõem esta estrutura são de granito e encontram-se justapostas entre si a seco. Cada arco é composto por apenas uma fiada de pedras e têm 25 a 34cm de altura. Junto a esta estrutura foi registado um cossoiro, que será descrito mais à frente. A poente, a cerca de 1m, encontramos outra estrutura diretamente relacionada com a estrutura pétreo anelar, designada de “canal”. Esta estrutura é caracterizada por ter duas fiadas de pedras, mais ou menos paralelas entre si, construída no sentido NO/SE e chega a atingir 1,60m de comprimento e uma largura que varia entre 25 e 30cm. No exterior desta estrutura identificou-se uma mó e um seixo com entalhe, classificado como peso (VILAÇA, 1995, p.186).

As escavações realizadas neste povoado permitiram enquadrá-lo no período da Idade do Bronze.

Relativamente ao espólio cerâmico encontrado, temos a presença de vários recipientes de diversas formas tais como: taças carenadas com variadas formas e capacidades, malgas ou recipientes hemisféricos, recipientes de forma bitroncocónica, grande diversidade de potes com diferentes tamanhos, fabricos e capacidade e ainda recipientes com paredes retas muito abertas. Este conjunto cerâmico tem uma baixa percentagem de decoração, com uma representação de apenas 3,84% do conjunto. Os tipos de decoração presentes são: incisão, impressão, decoração plástica, brunida, “tipo Baiões”, canelada e penteada. A decoração mais representativa do conjunto é a incisão, seguida da decoração brunida (VILAÇA, 1995, p.200-205).

6.13.3. Utensílios de tecelagem

Como já referimos anteriormente, no decorrer das escavações foram registados seixos com entalhe. No sector IX foram identificados os três seixos com entalhe que correspondem a seixos naturais de diferentes matérias-primas. Um dos seixos apresenta a particularidade de ter três entalhe, dois entalhes num lado e um do outro. Os entalhes foram obtidos por fricção e lascagem com uma posição assimétrica entre si. Os pesos destes seixos variam entre 32 e 114g (VILAÇA, 1995, p.195).

Igualmente, no sector IX, foi encontrado um cossoiro de grés silicioso danificado. Este cossoiro tem um contorno subcircular de secção subelíptica de forma discoidal. Quanto à sua perfuração esta apresenta uma forma bitroncocónica com 0,3cm de diâmetro (VILAÇA, 1995, Vol. I, p.195 e Vol. II, estampa CXC).

6.14. Cabeço da Malhoeira (Penamacor)

O povoado da Malhoeira localiza-se na freguesia de Benquerença, concelho de Penamacor, a 474m de altitude. As coordenadas geográficas, segundo o Portal do Arqueólogo²², são: Latitude: 40.230016; Longitude: -7.262479.

6.14.1. Descrição e contexto

Este povoado aberto situa-se num pequeno cabeço arredondado, com um amplo espaço e uma boa visibilidade. Enquadra-se numa zona planáltica bordejada, de noroeste para norte, pelos relevos do cabeço do Escarigo, Monte Pelado e a Serra da Opa e, a sul, pelo alinhamento montanhoso da Serra de Santa Marta (OLIVEIRA, 1997, p.243). A vertente norte está voltada para a ribeira de Meimoa e as outras vertentes apresentam declives muito suaves, alongando-se em direção dos cabeços vizinhos. Os terrenos que o rodeiam são bem irrigados devido à sua proximidade com a ribeira dos Covões e da ribeira de Meimoa. Geologicamente, o povoado da Malhoeira insere-se num complexo xisto-grauváquico ante-ordivícico, com predominância dos xistos gregosos. Por sua vez, estes são delimitados pelos depósitos aluvionares da ribeira da Meimoa.

O povoado da Malhoeira foi identificado, ocasionalmente, por José Luís Cristóvão, em 1990. Posteriormente, desenvolveram-se trabalhos de prospeção sistemática, dos quais resultou um conjunto de materiais arqueológicos pré-históricos líticos (líticos afeiçoados e pesos em seixos) e cerâmico, principalmente de carácter doméstico que podemos dividir em três categorias – recipientes, elementos de tecelagem e elementos de fiação (OLIVEIRA, 1997, p.244). Tendo em conta a grande dispersão de materiais encontrados à superfície, nos anos de 1992, 1993 e 1994, realizaram-se trabalhos de escavação neste povoado. A primeira fase de trabalhos correspondeu à abertura de sondagens no topo do cabeço em dois sítios com diferença altimétrica. Face aos resultados obtidos no primeiro ano de escavação, onde foi identificada uma estrutura, nos anos seguintes alargou-se a área de escavação. Durante estas duas campanhas de escavação foram escavadas quatro estruturas habitacionais, todas elas tendencialmente circulares. No final dos quatro anos obteve-se 84m² de área escavada.

Relativamente à cronologia do Povoado da Malhoeira, as escavações permitiram compreender, através do material arqueológico e estruturas identificadas, que este povoado pertence ao período calcolítico. A cronologia calcolítica está atestada pela cultura material que conta com: pesos de tear, cerâmica penteada e com pastilhas repuxadas, pontas de seta de base côncava e bigornas (OLIVEIRA, 1997, p.251) e ainda pelas estruturas tendencialmente circulares e ovais identificadas, também eles típicas deste período.

O material arqueológico identificado nas escavações é constituído por: fragmentos cerâmicos que podemos destacar as seguintes formas: taças, tigelas, esféricos, globulares e recipientes troncocónicos; pesos paralelepípedicos em barro, machados em pedra polida, elementos de mó, seixos com entalhes, contas de colar e vários artefactos de produção lítica laminar (OLIVEIRA, 1997, p.248).

²² <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=53599>

6.14.2. Utensílios de tecelagem

Em relação aos elementos de tecelagem, contamos com um conjunto de três placas paralelepípedicas, sendo que duas delas se encontram fragmentadas e 23 seixos com entalhe (OLIVEIRA, 1996, p.92-93). As informações sobre estes elementos de tecelagem foram retiradas da tese de mestrado de Ana Cristina Farinha, uma vez que não tivemos acesso aos materiais.

6.14.2.1. Placas

As placas identificadas no povoado da Malhoeira apresentam uma forma e secção sub-retangulares e, desse modo, podemos classificá-las como placas paralelepípedicas. Como referido anteriormente, duas destas placas encontram-se fraturadas transversalmente o que não permite saber qual o comprimento que teriam. A placa que se encontra completa, apresenta as faces planas e quatro perfurações alinhadas horizontalmente. O comprimento da peça é de 11cm por 5,6cm de largura e 2,4cm de espessura (OLIVEIRA, 1996, p.57). As outras duas peças, apresentam apenas duas perfurações devido ao seu estado de conservação, no entanto estas perfurações também se encontram alinhadas horizontalmente. Relativamente às características métricas destas peças apresentadas na Figura 33, a peça número 2 regista uma medida de 6,2cm de largura e 3,7cm de espessura, e a peça número 3 apresenta 7,1cm de largura e 2,8cm de espessura.

Apesar do conjunto de placas deste povoado ser reduzido, conseguimos compreender que todas as placas apresentam semelhanças comuns, como a forma e secção, que nos levam a classificá-las como placas paralelepípedicas.

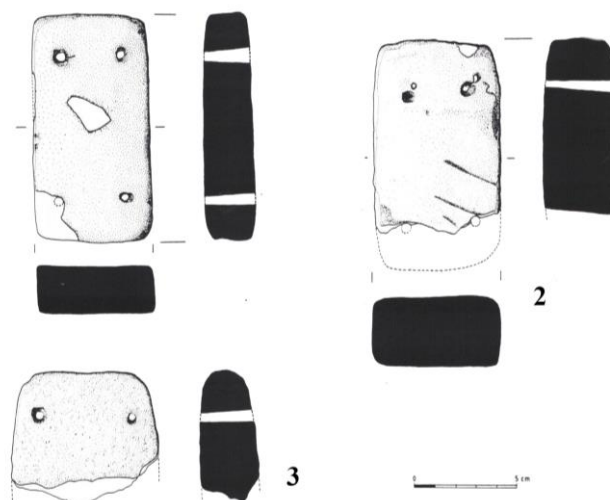


Figura 33: Desenhos das placas do Cabeço da Malhoeira (OLIVEIRA, 1996, Estampa XXIV)

6.14.2.2. Seixos com entalhe

Os seixos com entalhe são os elementos de tecelagem com mais representatividade neste conjunto, contando ao todo com 23 peças, sendo que cinco delas se encontram fragmentadas. Tal como no subcapítulo das placas, as informações foram retiradas da tese de Ana Cristina Farinha. Ao analisar os seixos com entalhe a autora tem em consideração o contorno, a secção, a simetria dos entalhes, o peso dos seixos, apenas registando o peso dos que se encontram completos e a matéria-prima utilizada para a elaboração dos mesmos.

Relativamente ao contorno dos seixos com entalhe, depreendemos, através de uma análise ao conjunto (Figura 34) que os contornos mais significativos são: em primeiro os sub-ovoides e seguidamente os irregulares, sendo que as restantes formas de contorno – elipsoidal, oval, paralelogramo e retangular – têm uma pequena expressão.

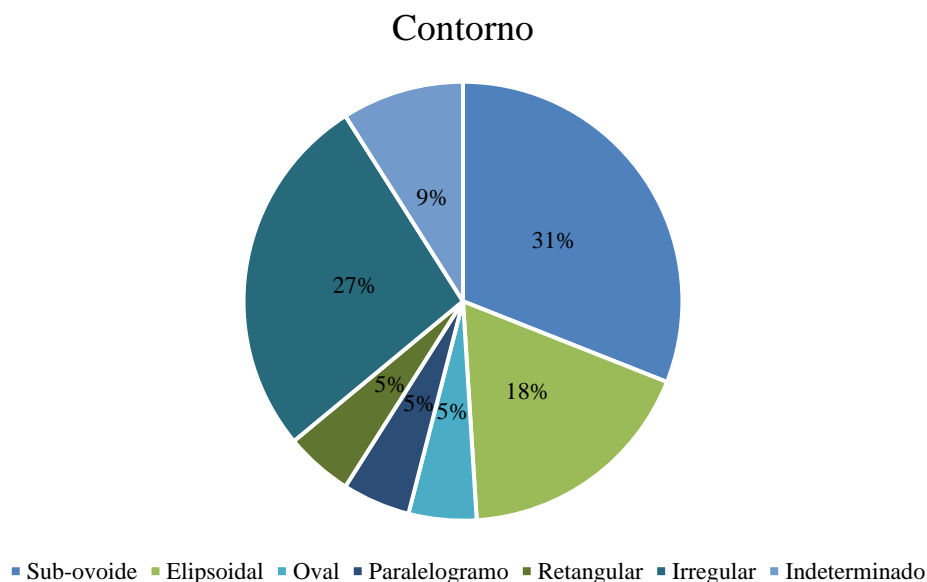


Figura 34: Gráfico percentual do contorno dos seixos com entalhe

No que diz respeito às secções, mais de metade do conjunto apresenta uma secção sub-elíptica (59%), sendo as restantes secções pouco representativas – subtrapzoidal (22%), sub-retangular (5%) e indeterminada (14%). A maioria dos seixos possui entalhes simétricos. Relativamente aos entalhes devemos salientar que, um seixo apresenta 2 entalhes no mesmo lado e um outro apresenta 3 entalhes sucessivos. Os pesos dos seixos com entalhe variam entre os 215g, sendo este o valor mais elevado e os 31g. As matérias-primas presentes neste conjunto de seixos com entalhe são o quartzito que corresponde a 96% das peças e o xisto.

Como podemos verificar através desta breve análise, conseguimos compreender que neste conjunto há uma grande variedade de formas e pesos para a elaboração dos seixos com entalhe. Por sua vez, as secções, simetrias dos entalhes e matérias-primas utilizadas são mais uniformes.

6.15. Monte do Frade (Penamacor)

O povoado do Monte do Frade localiza-se na freguesia e concelho de Penamacor, a 576m de altitude. As coordenadas geográficas, segundo o Portal do Arqueólogo²³, são: Latitude: 40.138886; Longitude: -7.130768.

6.15.1. Descrição e contexto

A plataforma onde se implanta o povoado do Monte do Frade tem uma configuração alongada e grosseiramente elíptica, orientada a NO/SE com 800m de comprimento no seu eixo maior. Este cabeço apresenta duas plataformas, a mais elevada encontra-se a uma cota de 580m e a mais baixa a 546m. A topografia do terreno é acidentada, composta por grandes afloramentos graníticos onde se destacam duas plataformas com condições favoráveis à habitação deste local. Este cabeço tem destaque na paisagem e é identificado como “Inselberg”. Regionalmente, este povoado situa-se na área nordeste da “Superfície de Castelo Branco” próxima da “Superfície da Meseta”. A norte deste povoado, dominam os planaltos e as montanhas que constituem a Cordilheira Central. A visibilidade abrange a Serra da Gata (Espanha). A sudeste é possível observar a crista quartzítica de Penha Garcia e, a sul, observam-se o povoado da Moreirinha e Monsanto. Nos restantes sentidos, onde predominam as planícies pontilhadas por pequenas elevações, é possível observar no horizonte os contrafortes das serras da Estrela e da Gardunha. Mais ao longe identifica-se a Serra do Moradal e as “Portas do Ródão” (VILAÇA, 1995, p.125-126). O Monte do Frade integra a bacia hidrográfica do Ponsul, afluente do Alto Tejo português. Deste modo, os terrenos que rodeiam o povoado são bem drenados pelos vários ribeiros que se encontram nas suas imediações. A norte e nordeste correm o ribeiro do Pinheiro, a ribeira do Vale de Alcaide e o ribeiro dos Marmeleiros. A nascente encontram-se afluentes do rio Bazágueda tais como: a ribeira da Sardinha, a ribeira de Vale de Moinhos e a do Freixal. A poente identifica-se a presença das ribeiras de Saramago e das Taliscas, por último a sul correm as águas da ribeira da Aldeia do Bispo. Apesar das inúmeras linhas de água que rodeiam o povoado, não foi identificada nenhuma nascente ou linha de água no Monte do Frade.

Geologicamente, o povoado do Monte do Frade insere-se numa zona de granitos e no complexo xisto-grauváquico. A NO do povoado encontra-se um acidente tectónico que corresponde ao filão do Pinheiro (VILAÇA, 1995, p.126).

Esta estação arqueológica foi identificada durante as prospeções que decorreram nos anos de 1988 e 1989. Os achados provenientes desta prospeção foram: um machado de pedra polida, vários elementos de moinho, fragmentos cerâmicos dos quais se destaca a presença das formas carenadas de fabrico fino e recipientes grosseiros com lábios incisos. Na vertente norte do monte o solo encontrava-se revolvido devido à abertura de valas para plantio de eucaliptos, onde se encontraram fragmentos de argila calcinadas que, segundo Dr^a Raquel Vilaça, pareciam corresponder a restos de estruturas de combustão (VILAÇA, 1995, p.125).

Devido aos resultados das prospeções realizadas e ao perigo de destruição desta estação arqueológica pela plantação de eucaliptos, decidiu-se avançar com trabalhos de escavação. A

²³ <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=49653>

primeira campanha de escavação decorreu no ano de 1990 e continuou no verão de 1991. Estes trabalhos de escavação compreenderam a abertura de algumas sondagens repartidas por três sectores. A estratigrafia observada permitiu classificar este sítio arqueológicos como sendo um local de habitação, com dois períodos de ocupação separados entre si por mais de 1500 anos (VILAÇA, 1995, p.125).

No decorrer das prospeções realizadas compreendeu-se que o material arqueológico era mais abundante na plataforma mais elevada do monte onde se implantou o sector I e, na vertente meridional, localizou-se o sector II. O sector III situava-se na vertente setentrional do monte, onde se encontraram fragmentos de cerâmica calcinada. O elevado estado de degradação deste sítio aliado à falta de materialidades desmotivaram a continuidade dos trabalhos neste sector. Por sua vez, no ano de 1991, aumentaram-se os sectores I e II devido aos bons resultados no primeiro ano de escavação (VILAÇA, 1995, p.127). Neste trabalho, apenas iremos fazer uma descrição do sector I, uma vez que os seixos com entalhe provieram deste sector (Figura 35).

O sector I, como já referido anteriormente, localizou-se na plataforma mais elevada do povoado, tendo um bom controlo visual do território envolvente. O acesso a este sector é dificultado pela topografia do terreno. Dos lados norte e poente, a verticalidade das escarpas funciona como uma muralha natural. Do lado nascente, a vertente tem uma grande suavidade. Do lado sul é possível aceder ao sector I, mas com grande dificuldade (VILAÇA, 1995, p.128).

A estratigrafia deste sector caracteriza-se por ser simples, no entanto, não é uniforme. As unidades estratigráficas mais superficiais eram uniformes em todo o setor, porém nas camadas mais profunda ocorriam algumas descontinuidades.

A camada 4, com uma espessura entre os 6 a 10 cm, continha material cerâmico, lítico e metálico, mas não foram identificadas estruturas. Esta foi interpretada como sendo uma camada de ocupação, temporalmente limitada, em virtude do espólio exumado (VILAÇA, 1995, p.128).

A camada 3 foi observada em quase toda área aberta, com uma espessura de 10 e 36cm. Esta camada é caracterizada pela grande riqueza artefactual, pois nela foram identificadas estruturas – estruturas de combustão –, materiais cerâmicos, líticos, metálicos e ósseos. Devido à diversidade de registos efetuados nesta camada, esta foi interpretada como sendo uma camada de ocupação intensiva (VILAÇA, 1995, p.128).

A camada 2 tem uma espessura que varia entre os 8 e 42cm, onde foram identificadas duas estruturas às quais Raquel Vilaça chamou de empedrados. A parte superior da camada 2, forneceu uma grande quantidade de material cerâmico, alguns líticos e metálicos, no entanto não se encontravam na sua posição original. Deste modo, interpretou-se que esta parte superior da camada 2 corresponde à fase de abandono ou destruição do habitat (VILAÇA, 1995, p.129).

Por sua vez, a camada 1, com uma espessura que varia entre os 25 e 30cm, identificaram-se materiais arqueológicos e cerâmicas com características modernas, testemunhando remeximentos recentes (VILAÇA, 1995, p.129).

Relativamente às estruturas escavadas podemos dividi-las em dois grupos: as estruturas de combustão, compostas por três lareiras e os “empedrados”. Neste trabalho iremos apenas abordar as estruturas de combustão, pois são nos quadrados onde se implantam estas estruturas que se identificaram seixos com entalhe, que serão analisados mais à frente.



Figura 35: Identificação do sector I na planta geral da escavação (VILAÇA, 1995, Vol.II, Estampa LXIX)

Nos quadrados A2/3 foi identificada uma estrutura de combustão – lareira 1. Esta lareira com 140x90 cm, com uma configuração tendencialmente elíptica, é delimitada a noroeste por um enfiamento de pedras das quais três são elementos de mó. Apesar do estado de destruição que esta lareira apresentava, foi possível registar no seu interior, placas de argila calcinada que se encontravam *in situ*. No lado nascente da lareira, foram registados alguns seixos naturais de quartzito que se encontravam fraturados por ação do fogo ou da temperatura (VILAÇA, 1995, p.130). A lareira 2, situado no quadrado C1, tinha uma configuração tendencialmente circular com 80x90cm, e era delimitada a norte e a este por um segmento de pedras que se encontravam semienterradas no saibro. Esta lareira estava implantada entre penedos. Neste quadrado foi identificado um seixo com entalhe (VILAÇA, 1995, p.129). Nos quadrados D/E1, identificou-se mais uma lareira – lareira 3 – que era composta por pequenas pedras graníticas dispostas em arco com 85x90cm. No entanto, do lado sul, este arco interrompia-se. No interior desta lareira, encontrava-se um lastro de argila endurecida pelo fogo e fragmentada em pequenas placas. Nestes quadrados foram identificados seis seixos com entalhe de matérias-primas diversas (Figura 36) (VILAÇA, 1995, p.129).

Cronologicamente, podemos atribuir a ocupação deste povoado à Idade do Bronze Final. No entanto, como já referido anteriormente, este povoado apresenta duas fases de ocupação, sendo a ocupação do Bronze Final a mais intensiva. De todo modo, as escavações que decorreram na plataforma inferior, registaram elementos significativos que apontam para uma ocupação deste povoado anterior ao III Milénio a.C., correspondente a um período neocalcolítico.



Figura 36: Identificação de alguns seixos com entalhe no quadrado D/E 1 (VILAÇA, 1995, Vol.II, Estampa LXXIX)

As escavações realizadas no Monte do Frade recuperaram um conjunto artefactual cerâmico composto por 3233 fragmentos. Do conjunto cerâmico podemos observar que existem cerâmicas correspondentes a dois períodos cronológicos distintos: neo-calcolítico e Idade do Bronze Final. As formas presentes neste conjunto são: taças carenadas; recipientes com colos verticais ou extrovertidos e pança globular; esférico ou subsféricos; recipientes com forma trocónica, com paredes direitas e fundos planos; pequenos recipientes com perfil em S; e uma grande diversidade de potes (VILAÇA, 1995, p.153-155).

Relativamente à decoração das cerâmicas, estas apresentam um baixo índice de decoração, sendo apenas possível observar em 216 fragmentos, correspondendo a 6,68% do conjunto. As técnicas decorativas presentes são variadas – incisão, impressão, decoração plástica (botões/mamilos ou lágrimas), decoração brunida (triângulos, linhas verticais, reticulados, etc.), decoração canelada com impressão, decoração plástica com incisão e decoração plástica com impressão. De todas estas técnicas decorativas apresentadas, a incisão é a mais representativa do conjunto (44,90%), seguindo-se a impressão com 29,16% do conjunto (VILAÇA, 1995, p.157-160).

6.15.2. Utensílios de tecelagem

Relativamente ao material lítico, apenas iremos abordar os seixos com entalhe, pois são os elementos de estudo deste trabalho. No decorrer das escavações foram identificados sete seixos com entalhe. Em relação à matéria-prima destes seixos com entalhe, temos dois seixos de xisto mosqueado, dois de grauvaque, um de xisto, um de xisto gregoso e um de argila cozida (Figura 37). Os pesos destes seixos variam entre os 20 e 63g. Relativamente às medidas dos seixos com entalhe, podemos aferir que os comprimentos variam entre 5,1cm e 8cm, a largura entre 2,6cm e 5,3cm e a espessura 0,8cm e 1,2cm. Os entalhes destes seixos nem sempre foram

possíveis de analisar, sendo que em três seixos os entalhes apresentam simetria entre eles (VILAÇA,1995, p.140).

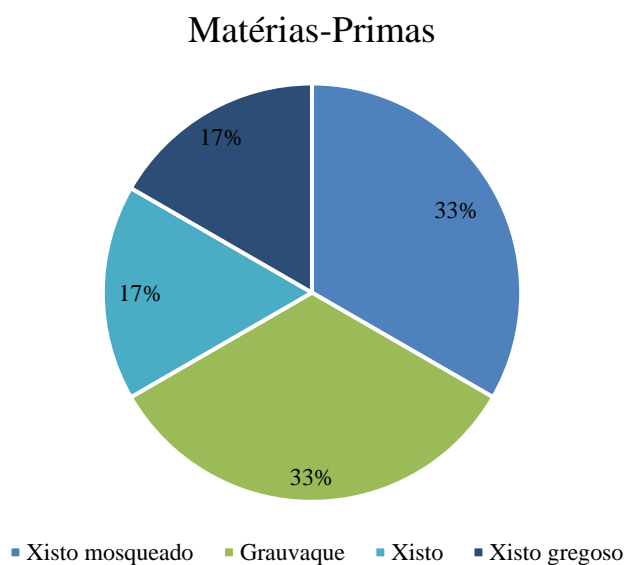


Figura 37: Gráfico percentual das matérias-primas dos seixos com entalhe do povoado do Monte do Frade

7. Abordagem ao conjunto

A base do nosso trabalho partiu da elaboração de um inventário de sítios onde foram identificados utensílios de tecelagem – placas, crescentes, seixos com entalhe e cossoiros – e partindo da análise detalhada destes, podemos retirar algumas conclusões que serão abordadas neste capítulo. Como já referimos anteriormente, selecionámos um total de 15 sítios que servem como casos de estudo para este trabalho e, a partir deles, conseguimos compreender algumas mudanças que ocorreram durante a Pré e Proto-história no mundo da tecelagem.

Seguidamente, abordaremos a dispersão dos utensílios de tecelagem na Beira Interior, fazemos uma abordagem diacrónica aos utensílios de tecelagem e uma comparação entre outros povoados da Península Ibérica que nos permitam estabelecer paralelos.

7.1. Dispersão dos utensílios de tecelagem na Beira Interior

Como já referido, foi elaborado um inventário de sítios onde se identificaram utensílios de tecelagem em toda a Beira Interior, sendo importante salientar que este inventário está em constante atualização, o que nos parece estar o mais completo possível no dia de hoje; amanhã poderá haver uma nova informação que faça com que este inventário se torne incompleto. De todo o modo, fizemos um esforço para apresentar o máximo de sítios onde se registaram utensílios de tecelagem, quer sejam provenientes de prospeção ou de escavação.

Este inventário tem um total de 31 entradas e, através da observação do mapa da Figura 38, conseguimos depreender que o distrito da Guarda apresenta um maior volume de sítios onde há registos de utensílios de tecelagem, com um total de 24. Podemos ainda observar que é no concelho de Fornos de Algodres e no concelho do Sabugal onde há mais evidências da prática da tecelagem na Pré e Proto-história. Este maior número de ocorrências deve-se aos trabalhos de escavação desenvolvidos nestes municípios.

No concelho de Fornos de Algodres, que foi amplamente estudado por António Carlos Valera na sua tese de doutoramento, foram abordados os povoados da Fraga da Pena, Quinta das Rosas, Malhada, Quinta dos Telhais, Castro de Santiago e a Quinta da Assentada. Todos estes povoados de cronologia calcolítica e que se encontram próximos uns dos outros, denotam que a prática da tecelagem seria uma atividade do quotidiano praticada pelas comunidades que outrora ali habitaram. Porém o Castro de Santiago e a Malhada são os que apresentam um maior número de registos de utensílios de tecelagem. Naturalmente que o número de artefactos não pode ser dissociado da dimensão das áreas abertas no decorrer das escavações em cada um destes povoados.

Por sua vez, no concelho do Sabugal, ao longos dos últimos anos, têm vindo a ser desenvolvidos trabalhos de acompanhamento arqueológico nas intervenções feitas nos castelos, que permitem, em certos casos, recuar a ocupação humana à Proto-história, bem como as intervenções no Centro Histórico da cidade que comprovam que a ocupação humana desse sítio teve início no Calcolítico. Aliado às campanhas de escavação que se desenvolvem com o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o concelho do Sabugal tem vindo a demonstrar uma riqueza patrimonial e arqueológica bastante diversificada.

No distrito de Castelo Branco, há um menor registo de evidências relacionadas com a tecelagem, exceto no concelho de Idanha-a-Nova, onde Raquel Vilaça desenvolveu várias

campanhas de escavação em povoados proto-históricos como: Alegrios, Moreirinha, Cachouça e Monte do Trigo. Na área oriental do concelho de Castelo Branco, não encontramos registos de utensílios de tecelagem. Esta lacuna justificar-se-á pela falta de intervenções arqueológicas em contextos de povoados desenvolvidas nestes concelhos e não pela inexistência de povoados pré e proto-históricos onde se praticasse esta atividade.

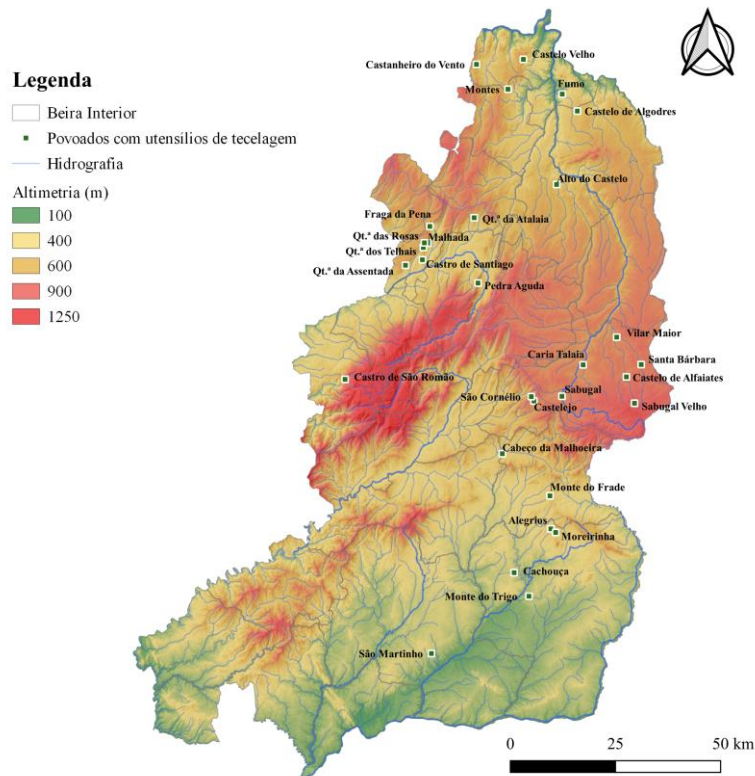


Figura 38: Identificação dos povoados da Beira Interior onde há evidências de utensílios de tecelagem

7.1.1. Abordagem tipológica

Após a análise de todos os sítios registados no nosso inventário, conseguimos compreender que há diferentes tipologias de materiais relacionados com a tecelagem. Em primeiro lugar, abordamos os componentes de tear, onde há uma maior diversidade de tipologias. Na Beira Interior temos registo de três tipos de componentes de tear: as placas, os crescentes e os seixos com entalhe.

As placas registadas na Beira Interior apresentam duas tipologias distintas. As placas paralelepípedicas, que são as mais representativas deste conjunto, apresentam uma secção sub-retangular com cantos angulosos e arestas retas. Por sua vez, também temos a presença de placas ovaladas, sendo que não são muito expressivas. As placas ovaladas têm uma secção ovalada, como o próprio nome indica, com cantos arredondados e, por vezes, apresentam apenas uma aresta, também ela arredondada.

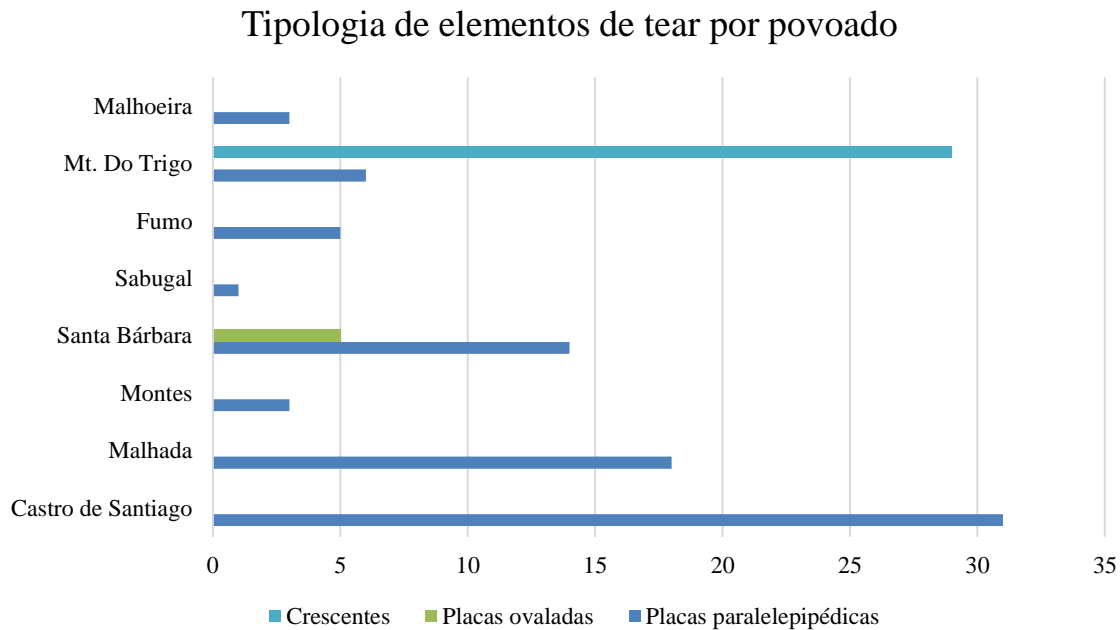


Figura 39: Gráfico representativo da tipologia de elementos de tear existentes nos povoados da Beira Interior

Como é perceptível no gráfico da Figura 39, as placas ovaladas têm uma baixa representatividade no conjunto. Surgem apenas no povoado de Santa Bárbara e, mesmo assim, as placas paralelepípedicas neste povoado são mais expressivas que as ovaladas. Nos restantes povoados contamos com placas paralelepípedicas de secções variadas, pelo menos nos povoados aos quais tivemos acesso aos materiais

Ao nível da morfologia, estas placas apresentam algumas diferenças, tal como foi descrito, sendo o número de perfurações comum. Apesar de neste estudo trabalharmos maioritariamente com fragmentos, podemos deduzir que as placas estudadas apresentassem quatro perfurações, uma em cada canto, devido à localização das perfurações observáveis nos fragmentos. As perfurações são tendencialmente circulares, sendo que, por vezes, aparecem algumas ovaladas. As formas ovaladas das perfurações foram interpretadas como sendo vestígios de uso.

Relativamente aos crescentes, este tipo de componentes de tear só foi registado num povoado: o Monte do Trigo. Os crescentes do Monte do Trigo apresentam variadas secções, sendo que as mais comuns são as secções subovaladas, seguindo-se as sub-retangulares. Neste conjunto não há nenhum fragmento completo o que nos impossibilita de fazer um estudo mais aprofundado sobre a largura destes crescentes. Porém, as restantes medidas que nos foi possível recolher, permitem algumas observações que serão abordadas no capítulo 7.1.3.. Como podemos observar, os crescentes são componentes de tear que não têm uma grande predominância na região da Beira Interior.

As diferenças morfológicas das peças utilizadas para esticar a urdidura do tear no período calcolítico, poderá fundamentar-se pelas diferentes tradições de tecelagem ou até pelo tipo de tear utilizado. Se observarmos a dispersão destes componentes de tear no território português, conseguimos compreender que são mais predominantes no Alentejo e Algarve, apesar de haver alguns registos na Meseta Norte. No entanto, o contraste de diversidade e

quantidade com o sul é marcante (DINIZ, 1994, p.139, VALERA, 1997, p.90). Através da análise da Figura 38, verificamos que o Monte do Trigo é um dos povoados calcolíticos mais a sul na região da Beira Interior e, sendo este o único povoado com a presença de crescentes, podemos supor que, talvez, esta diferença morfológica tenha sido consequência de influências culturais dos povoados do Alentejo, sendo esta região privilegiada pelos contactos, trocas e influências culturais com outras comunidades. Esta questão já foi realçada por Raquel Vilaça no livro «Através das Beiras – Pré-história e Proto-história», onde expõem que os crescentes não são as únicas materialidades que demonstram uma afinidade cultural com os povoados do Calcolítico do sul peninsular (VILAÇA, 2008, p.55).

A última tipologia de componentes de tear aqui abordada são os seixos com entalhe. Este tipo de pesos apresenta uma longa diacronia, uma vez que observamos a sua presença em povoados datados do Calcolítico até à Idade do Ferro, sendo, porém, a sua expressividade maior em povoados da Pré-história recente. Como temos vindo a dizer ao longo deste trabalho, os seixos com entalhe são instrumentos de trabalho quotidiano multifuncionais, abordados aqui com a funcionalidade de pesos de tear, no entanto nunca se descartando a hipótese de estes também terem sido utilizados como pesos de rede, até porque quase todos os povoados estudados implantam-se muito próximos de linhas de água.

Os seixos com entalhe analisados neste trabalho apresentam matérias-primas, simetria dos entalhes e pesos variados. Os seixos com entalhe estão presentes na maioria dos povoados datados da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. Os povoados que se analisam neste capítulo são: Alegrios, Castelejo, Monte do Frade, Sabugal e Monte do Trigo, uma vez que só nos foi possível recolher informações detalhadas sobre estes sítios.

Relativamente às matérias-primas utilizadas para elaboração dos seixos com entalhe, encontramos uma grande variedade. Este facto está relacionado com a escolha dos seixos, ou seja, os seixos seriam selecionados pela forma que apresentavam e não pela matéria-prima (VILAÇA, 1995, p.319), sendo que teriam de ter um peso considerável para fazer tensão na urdidura do tear. Através da observação da Figura 40, podemos constatar que a matéria-prima mais comum é o grauvaque, seguindo-se o xisto. As restantes matérias-primas não têm grande representatividade no conjunto dos povoados abordados. Ainda através do quadro apresentado, é perceptível que o povoado do Castelejo é o que oferece uma maior diversidade ao nível das matérias-primas (VILAÇA, 1995, p.319).

Matéria-prima	Povoados					Total	Percentagem
	Alegrios	Castelejo	Mt. do Frade	Sabugal	Mt. do Trigo		
Granito	1	-	-	-	-	1	3%
Aplito granítico	2	2	-	-	-	4	11%
Grauvaque	-	6	2	8	1	17	57%
Quartzito	-	2	-	-	-	2	6%
Xisto	-	2	4	-	-	6	17%
Arenito	-	-	-	-	2	2	6%
Total	3	12	6	11	3	35	100%

Figura 40: Quadro representativo das matérias-primas utilizadas para elaboração dos seixos com entalhe

Outro caso a analisar neste conjunto de seixos com entalhe é a simetria/assimetria dos entalhes. A simetria dos entalhes seria importante para que a distribuição do peso do seixo na urdidura fosse uniforme. No entanto, temos a presença de vários seixos com entalhes assimétricos. Para compreender melhor o significado das assimetrias dos entalhes, seria pertinente fazer um projeto de arqueologia experimental para que pudéssemos compreender se, os entalhes assimétricos interferem na função do seixo no tear. Verifiquemos agora com auxílio da Figura 41 que os seixos com entalhes simétricos representam mais de metade do conjunto, correspondendo a 66%, sendo que a restante percentagem, 34%, é referente aos seixos que apresentam entalhes assimétricos.

Povoados	Simetria dos entalhes	
	Simétricos	Assimétricos
Alegrios	1	2
Castelejo	10	2
Monte do Frade	3	3
Sabugal	7	4
Monte do Trigo	2	1
Total	23	12
Percentagem	66%	34%

Figura 41: Quadro ilustrativo da simetria dos entalhes

Devemos ainda salientar a existência de dois seixos que possuem três entalhes: um no povoado dos Alegrios e outro no povoado do Monte do Frade. Nestes casos em que os seixos apresentam mais de que um entalhe de um dos lados, podemos deduzir que o segundo entalhe foi feito para colmatar a assimetria existente (VILAÇA, 1995, p.319), não podendo, no entanto, comprovar esta questão.

Neste trabalho abordamos os seixos com entalhe como componentes de tear, sendo assim imprescindível fazer uma breve análise ao peso dos seixos (Figura 42). Nesta análise excluímos os pesos que estão fragmentados (5 do Castelejo e 1 do Monte do Trigo).

Podemos verificar que há uma grande variedade de pesos neste conjunto, sendo que o peso menor é de 20g e corresponde a um seixo encontrado no povoado do Monte do Frade e o seixo mais pesado tem 114g do povoado dos Alegrios. A oscilação de pesos leva-nos a pensar se todos eles desempenhariam uma função de componentes de tear, uma vez que os pesos mais leves não teriam peso suficiente para manter a urdidura de um tear tensa. Deste modo, devemos voltar a referir que estes utensílios do quotidiano destas comunidades são multifuncionais, podendo assim os pesos mais leves ter outra função. Porém, o peso leve destes seixos pode ainda estar relacionado com o tipo de fibra utilizada para tecer. Como podemos observar no gráfico da Figura 43, existe uma grande variabilidade de pesos nos seixos com entalhe, no

entanto é perceptível que há uma maior expressão de pesos entre os 40g e 79g. Mais uma vez, só a arqueologia experimental nos pode esclarecer melhor sobre este assunto.

PESOS DOS SEIXOS COM ENTALHE POR POVOADO

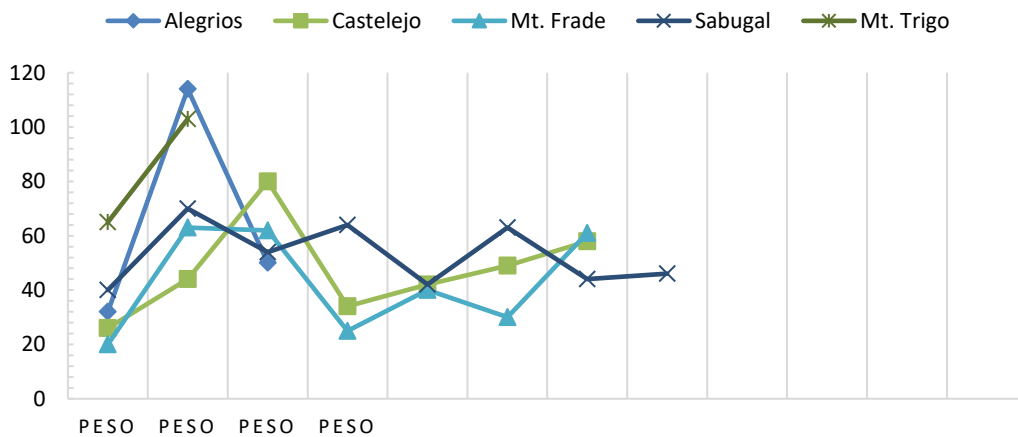


Figura 42: Gráfico com a dispersão dos pesos em gramas dos seixos com entalhe

Dispersão dos pesos dos seixos com entalhe

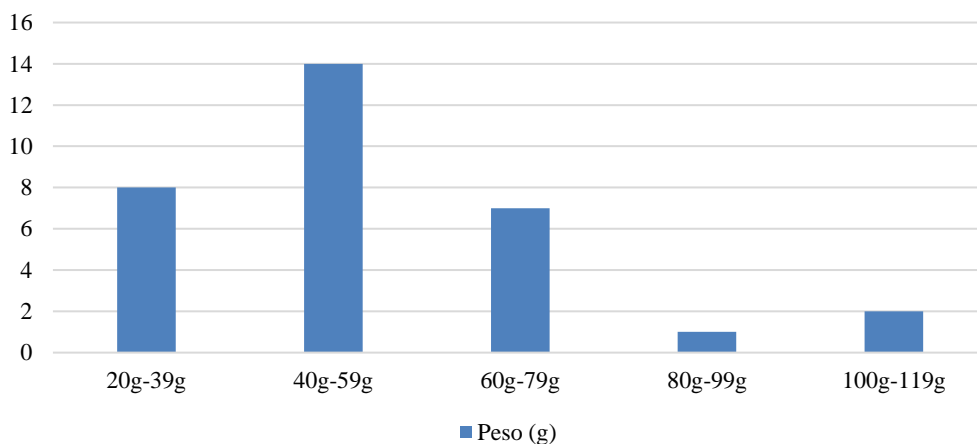


Figura 43: Dispersão dos pesos dos seixos com entalhe

Com esta análise ao conjunto dos povoados escolhidos para casos de estudo, podemos avançar que há uma grande diversidade tipológica no que respeita os componentes de tear.

Os elementos de fiação também estão representados nos povoados estudados. Tal como os componentes de tear, os cossoiros também apresentam várias tipologias. Os povoados que fazem parte desta análise de conjunto são: Malhada, Pedra Aguda, Sabugal Velho, Alfaiates, Sabugal, Monte do Trigo e Alegrios, sendo que o povoado onde há uma maior quantidade de cossoiros é o Sabugal Velho, aparecendo, nos restantes, povoados em menor quantidade, entre um a três cossoiros. Estas peças, normalmente, não aparecem em grandes quantidades uma vez que existiam, pelo menos, duas técnicas de fiação, uma com recurso ao fuso e outra utilizando apenas as mãos.

Como podemos observar no quadro da Figura 44, existem cinco tipologias de cossoiros nos povoados abordados. A tipologia cilíndrica é a mais expressiva do conjunto, seguindo-se a troncocónica, não sendo as restantes tipologias muito representativas. Ainda através da análise do quadro da Figura 44, podemos compreender que o povoado do Sabugal Velho é o que apresenta uma maior diversidade de formas, consequência da quantidade de cossoiros registados que contrasta com os restantes povoados.

Tipologia	Povoados							Total
	Malhada	Pedra Aguda	Sabugal Velho	Alfaiates	Sabugal	Mt. Trigo	Alegrios	
Esférica	1	-	2	-	1	-	-	4
Cilíndrica	-	1	3	1	1	-	-	6
Discoidal	-	-	1	1	-	1	1	4
Troncocónica	-	-	3	1	1	-	-	5
Bitroncocónica	-	-	3	-	-	-	-	3
Total	1	1	12	3	3	1	1	22

Figura 44: Quadro representativo das tipologias de cossoiros nos povoados abordados

Os utensílios de tecelagem – placas, crescentes, seixos com entalhe e cossoiros – estão presentes em vários povoados da Beira Interior, o que nos permite afirmar que a prática da tecelagem era uma atividade do quotidiano das comunidades pré e proto-históricas nesta região. Apesar de maior parte das peças em estudo estarem fragmentadas, tentámos compreender e retirar o máximo de informação delas para conseguirmos ter uma perceção tipológica destes utensílios de tecelagem nesta região.

Resumidamente, os utensílios de tecelagem registados na região da Beira Interior são: placas paralelepípedicas e ovaladas, sendo as paralelepípedicas as mais comum; os crescentes, que apenas aparecem no povoado do Monte do Trigo; os seixos com entalhe, que são registados em vários povoados com cronologias entre o Calcolítico e Idade do Ferro; e os cossoiros, menos representativos e essencialmente de níveis de ocupação proto-históricos, mas que nos oferecem uma boa variedade tipológica.

7.1.2. Abordagem diacrónica

Os primeiros registos da prática da tecelagem datam do período calcolítico, no Ocidente Peninsular. Essas comunidades que habitavam em cabeços elevados, que lhes permitiam um controlo do território envolvente, e junto a terrenos férteis para a prática da agricultura, deixaram artefactos que hoje nos permitem aferir que a tecelagem fazia parte das atividades do seu dia a dia. No entanto, há povoados que, devido à baixa representação de utensílios de tecelagem ou de não terem sido identificados, parece não ter havido uma vocação especial para as práticas de fiação e tecelagem. Esta atividade foi ganhando cada vez mais expressão, no decorrer dos séculos, e levou ao surgimento de novos utensílios que ajudavam a tornar o processo de tecelagem mais rápido. Atualmente, a tecelagem acompanhou a evolução tecnológica e os teares, ao contrário do que acontecia na Pré e Proto-história, deixaram de ser os principais agentes da tecelagem.

Na Beira Interior, temos registo de utensílios de tecelagem desde o período calcolítico até à Idade do Ferro, períodos que correspondem ao estudo feito neste trabalho. Nesta abordagem diacrónica temos, mais uma vez, o nosso inventário como base para interpretação dos dados.

O período Calcolítico tem um total de 17 sítios inventariados, sendo que seis desses povoados têm uma ocupação posterior a este período (Figura 45). No território da Península Ibérica, os utensílios de tecelagem associados a este período são: placas – sejam elas paralelepípedicas ou ovaladas – e crescentes. Verificamos que, nos povoados da Beira Interior, as evidências da tecelagem correspondem, maioritariamente, a placas paralelepípedicas ou ovaladas. A representatividade de crescentes nas Beiras é diminuta, sendo que só contamos com a presença deste tipo de componentes de tear num povoado, o Monte do Trigo, como já referido anteriormente. Esta realidade só é registada em grande quantidade, que nos permite aferir que estes elementos de tear tivessem desempenhado uma função no processo de tecelagem, no povoado do Monte do Trigo. Porém há registo de um fragmento de crescente no povoado de Castanheiro do Vento, mas devido à sua diminuta expressividade não podemos afirmar que esta tipologia de peso estivesse associada à prática da tecelagem. Mais à frente, abordaremos de novo o caso do Monte do Trigo, numa tentativa de comparação com povoados calcolíticos de outra região do país. Apesar desta exceção, é notória uma certa unidade morfológica na Beira Interior, caracterizada pelas placas paralelepípedicas com quatro perfurações. Não obstante, devemos ter em conta que, grande parte dos materiais estudados, correspondem a fragmentos de utensílios de tecelagem que, normalmente, apresentam uma fratura transversal, não nos permitindo afirmar com certezas que corresponderiam a placas cerâmicas de quatro perfurações, porém a localização das perfurações observadas possibilitam esta dedução. Relativamente às perfurações, devemos salientar o caso do Castro de Santiago e do Monte do Trigo, onde surgem placas com apenas uma perfuração central no topo, sendo que estas três placas são exceções no conjunto observado. A presença de decoração nos componentes de tear é uma realidade observada nas placas da Estremadura e Alentejo, como é no caso do povoado de S. Pedro (Redondo). No entanto, na Beira Interior e Norte de Portugal a decoração é uma realidade pouco expressiva nos conjuntos de elementos de tecelagem, sendo que no Alto Mondego há três povoados que apresentam placas com decoração (VALERA, 1997, p.91). Mais uma vez, o Castro de Santiago apresenta uma exceção no que respeita à decoração. Como observado no capítulo 6.1.1, o conjunto de elementos de tecelagem do Castro de Santiago apresenta uma placa com decoração de linhas incisivas que formam um reticulado.

O período que corresponde à Idade do Bronze conta com 18 sítios inventariados, sendo que seis deles – Malhada; Pedra Aguda; Sabugal; Castelo Velho; Castanheiro do Vento, Cachouça e Monte do Trigo – tiveram ocupação calcolítica e sete ocupação posterior (Figura 46). Tanto neste período cronológico como na Idade do Ferro, assistimos a um desaparecimento das placas cerâmicas e dos crescentes. Desta forma, se os elementos de tecelagem que serviam para fazer tensão na urdidura do tear desapareceram – placas e crescentes –, o que veio substituir estes utensílios? É neste campo que entra a hipótese de que os seixos com entalhe poderiam ter desempenhado uma dupla funcionalidade, servindo de pesos de tear e pesos de rede.

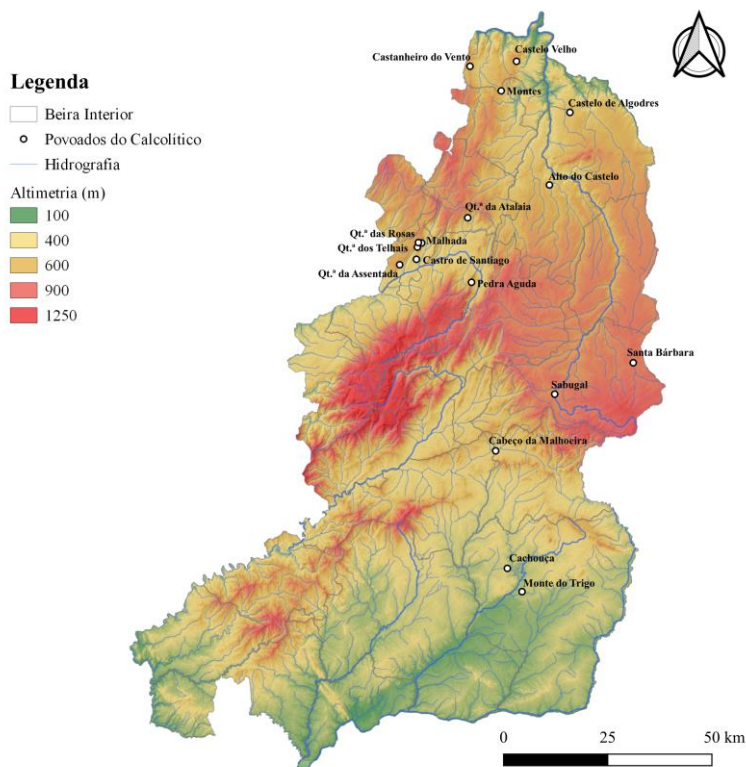


Figura 45: Identificação dos povoados da Beira Interior com cronologia Calcolítica

Se analisarmos a relação de proximidade entre os povoados onde foram registados seixos com entalhe com linhas de água, podemos deduzir que estes serviriam para a prática da atividade piscatória. Passamos a analisar quatro casos em que cursos de água mais importantes se encontram afastados dos povoados, deixando assim a ideia de que os seixos com entalhe tivessem uma função de pesos de rede. O povoado o Castelejo encontra-se a 90 minutos dos cursos de água mais importante, sendo eles a ribeira das Naves e a ribeira de Paiã. Nos Alegrios e na Moreirinha as ribeiras de Monsatela e da Arrancada, encontram-se a uma hora de distância. Por sua vez, no Monte do Frade, os cursos de água encontram-se mais perto, 30 minutos, e em maior quantidade (VILAÇA, 1995, p.320). Todavia, devemos ter em atenção que estes cursos de água não possuem um caudal significativo que potenciem a vida animal, sendo que nos meses mais quentes o seu caudal é muito reduzido (VILAÇA, 1995, p.320).

O contexto em que estes seixos com entalhe são recuperados é pertinente para compreender e argumentarmos a ideia de que estes materiais desempenhavam uma função de peso nos teares. Analisemos então o caso do Castelejo e do Monte do Frade. Em ambos os povoados, os seixos com entalhe identificados encontram-se muito próximos uns dos outros sem grandes sinais de remeximento, ou seja, quase na sua posição original, junto a lareiras onde se testemunharam outras atividades (VILAÇA, 1995, p.320). No caso do Castelejo, devemos salientar que, junto aos seixos com entalhes, foram identificados buracos de poste, interpretados como sendo alicerces da cabana. Porém, não se deve descartar a hipótese que estes buracos de poste estivessem relacionados com a existência de um tear vertical naquele sítio (VILAÇA, 1995, p.320).

Como foi possível observar no capítulo anterior, estes seixos com entalhes apresentam variadas formas, dimensões e pesos e parecem vir substituir as placas e crescentes durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

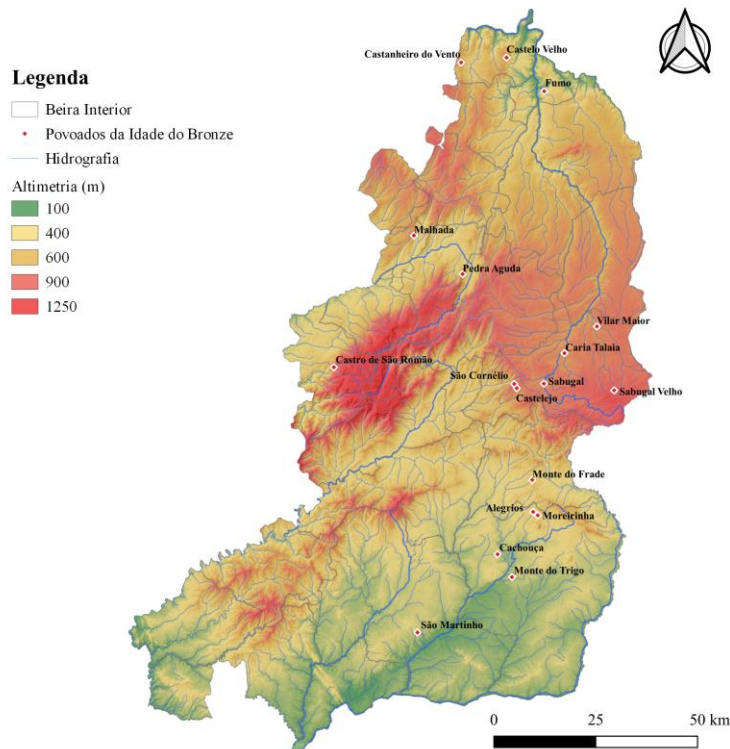


Figura 46: Identificação dos povoados da Beira Interior com cronologia da Idade do Bronze

Na Idade do Ferro, assistimos ao surgimento dos cossoiros que vêm tornar o processo de fiação mais rápido e mecânico. Estes artefactos foram recuperados em sete povoados da Beira Interior, o que comprova que a atividade da tecelagem continua a ser desenvolvida pelas comunidades deste tempo com um maior grau de especialização. Apesar de assistirmos a um desaparecimento das placas e dos crescentes, na nossa perspetiva os seixos com entalhe vêm substituir esses mesmos artefactos, dando assim uma continuidade ao processo de tecelagem.

É importante salientar o cossoiro que foi recuperado no povoado de São Romão (Seia) num contexto anterior à Idade do Ferro, o que nos leva a querer que este tipo de utensílio pode ter surgido na Idade do Bronze, mas só tiveram aceitação mais expressiva na Idade do Ferro (VILAÇA, 1995, p.321).

Como pudemos observar, os tipos de utensílios de tecelagem utilizados durante a Pré e Proto-história foram acompanhando uma tradição cultural, fazendo com que as comunidades adaptassem os recursos existentes a pesos (Figura 48). Neste trabalho apenas estudámos a região da Beira Interior, mas seria interessante fazer este tipo de estudo nos restantes povoados pré e proto-históricos, de modo a compreender se esta mudança tipológica de componentes de tear é uma questão que se estender por todo o território, como acontece com as placas, ou apenas se verifica nesta zona do país.

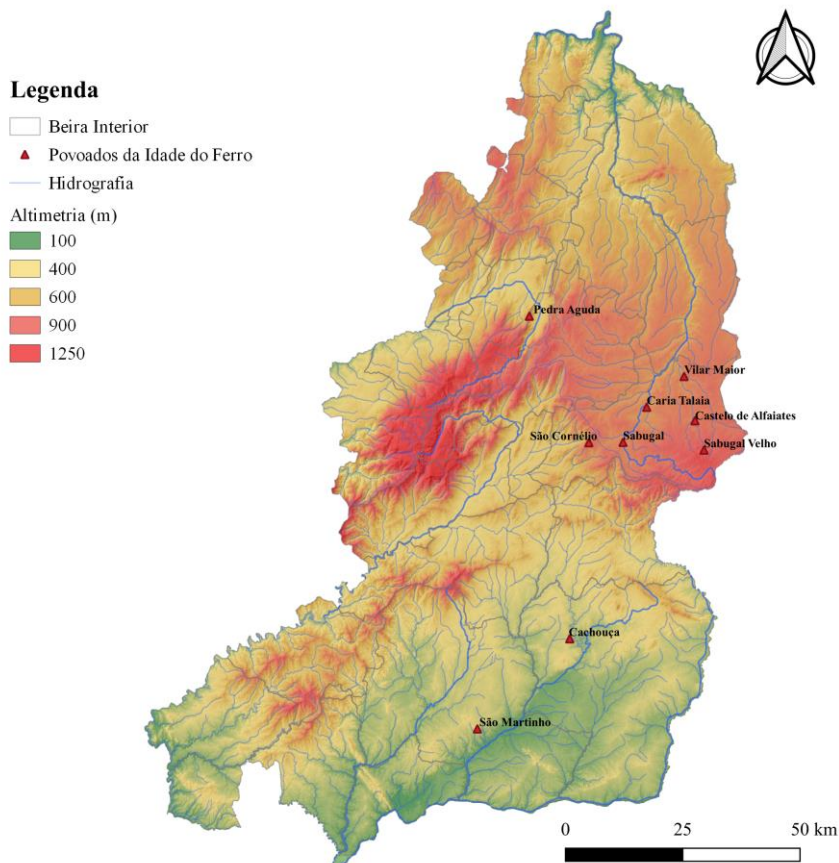


Figura 47: Identificação dos povoados da Beira Interior com cronologia da Idade do Ferro



Figura 48: Diacronia dos utensílios de tecelagem da Beira Interior

7.1.3. Breve abordagem comparativa

Os utensílios de tecelagem são materialidades que se encontram dispersas pelo território nacional e que, em alguns povoados, fazem parte do conjunto de vestígios deixados pelas comunidades pré e proto-históricas. Apesar dos estudos sobre a tecelagem neste período não serem frequentes, contamos com alguns testemunhos que nos permitem fazer uma breve comparação entre os utensílios de tecelagem estudados neste trabalho e os de outras áreas do território nacional. Para estabelecer esta comparação, tivemos em consideração o trabalho desenvolvido por António Carlos Valera e Catarina Costeira. Ambos fazem o mesmo exercício de comparação com os elementos de tecelagem das zonas por eles estudadas e outras regiões do país, no entanto, é de salientar que a zona estudada por António Carlos Valera (Fornos de Algodres), é também alvo de estudo deste trabalho.

Os povoados da Beira Interior apresentam uma uniformidade morfológica, como referido anteriormente. As placas estudadas representam uma maioria no conjunto de povoados estudados e apresentam uma forma paralelepípedica, com exceção de algumas placas do conjunto do povoado de Santa Bárbara, que têm uma tipologia ovalada. Esta uniformidade morfológica é observada no resto do território nacional e também em alguns povoados da Meseta Norte, onde se identificaram utensílios de tecelagem (COSTEIRA, 2010b, p.34). Não nos podemos esquecer de referir os crescentes que, apesar de serem uma minoria no conjunto de povoados da Beira Interior, estão presentes no povoado do Monte do Trigo.

Como referimos anteriormente, as placas paralelepípedicas são os componentes de tear mais expressivos em todo o território nacional, exceto no Algarve. Porém, a variação das peças está no número de perfurações e nas características formais e métricas das mesmas (Figura 49).

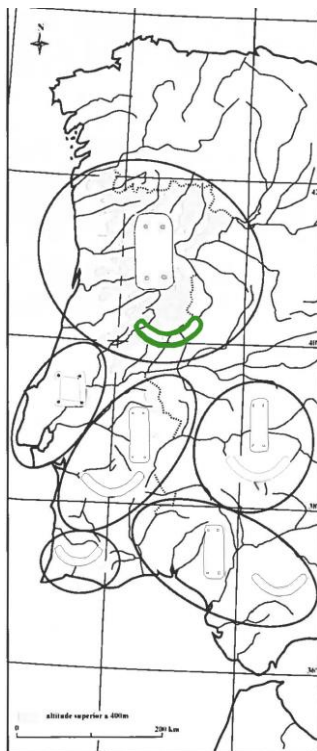


Figura 49: Dispersão do tipo de componentes de tear pelo território nacional. Mapa adaptado de (COSTEIRA, 2010b, p. 34)

Na região Norte e Centro, onde se insere a região da Beira Interior, verifica-se uma predominância das placas de formas retangulares e ovaladas, apresentando, no entanto, características diversificadas, nomeadamente o número de perfurações e, conseqüentemente, a localização das mesmas (COSTEIRA, 2010b, p.34). Referente às perfurações, verificamos duas realidades: placas com duas perfurações, uma em cada extremidade, normalmente centralizadas em relação à peça e placas com quatro perfurações onde se observa duas perfurações em cada extremidade próximas das extremidades laterais. Em relação às características métricas, as placas destas regiões apresentam-se mais compridas e espessas, portanto mais pesadas (VALERA, 1997, p.90). As decorações das placas não são um fenómeno comum nesta região, contrastando com a região da Estremadura, por exemplo. Como mencionámos no capítulo 6.1.2, no Castro de Santiago foi recuperada uma placa com decoração simples de linhas incisivas que forma um reticulado. Os crescentes nas regiões do Norte e Centro têm pouca expressividade. Os únicos exemplares desta tipologia de componentes de tear aparecem apenas no Monte do Trigo, num total de sete fragmentos e um fragmento no povoado do Castanheiro do Vento. Mais à frente, faremos uma abordagem comparativa entre os crescentes do Monte do Trigo e os crescentes do povoado de S. Pedro (Redondo), para compreendermos a diversidade morfológica destes componentes de tear.

Na região da Estremadura, continua-se a observar uma uniformidade tipológica, as placas continuam a ser a tipologia mais representativa, só que nesta região verifica-se uma maior diversidade de formas. Se na região Norte/Centro tínhamos a predominância de placas paralelepípedicas, na região da Estremadura as placas podem ter formas retangulares, quadrangulares e ovaladas (COSTEIRA, 2010b, p.34). Estas placas, comparativamente à região Norte e Centro, são mais curtas e menos espessas o que faz com que sejam mais leves (VALERA, 1997, p.90). Relativamente à decoração, constata-se que, tal como a variedade formal, também existe uma grande variedade técnica e decorativa (COSTEIRA, 2010b, p.34). Temos o exemplo da estação arqueológica da Pedra do Ouro (Alenquer), onde as placas apresentam uma grande variedade decorativa, de um conjunto de 42 placas, 19 delas apresentam decoração, sendo que 6 exemplares apresentam decoração em ambas as faces (BRANCO, 2007, p.70). Os crescentes são uma realidade pouco observada nesta região. No povoado de Leceia (Oeiras), aparece um fragmento de crescente de secção sub-retangular (CARDOSO, 2007, p.23).

Na região do Alentejo, os componentes de tear aparecem em forma de placas e crescentes, sendo que os crescentes apresentam variadas formas. As placas desta região são mais estreitas e mais finas e, conseqüentemente, mais leves, comparativamente às placas do Norte e Centro de Portugal (COSTEIRA, 2010b, p.34). A presença de decoração é muito comum nas placas da região do Alentejo e verifica-se que, tal como na Estremadura, existe uma grande variedade decorativa, podendo observar-se variados motivos decorativos como: geométricos, simbólicos, antropomorfos e zoomorfos (COSTEIRA, 2010b, p.34).

No Algarve, a realidade observada no que respeita os componentes de tear muda completamente, contrastando com o resto do território nacional. Nesta região, os componentes de tear aparecem maioritariamente em forma de crescentes. No entanto, devemos ter em conta que, em alguns povoados da Andaluzia, as placas aparecem simultaneamente com os crescentes (COSTEIRA, 2010b, p.35).

Após a resenha feita anteriormente que analisa a distribuição dos diferentes tipos de elementos de tecelagem pelo território nacional, achamos pertinente fazer um exercício de comparação entre a região da Beira Interior, tendo por base o estudo feito ao longo deste trabalho, e a região do Alentejo, mais propriamente o povoado de S. Pedro, baseando-nos no trabalho desenvolvido por Catarina Costeira. Este exercício de comparação pretende dar a perceber a diversidade de formas que os crescentes podem ter e compreender a diferença morfológica entre dois povoados de regiões distintas.

Apesar do conjunto de crescentes do Monte do Trigo ser reduzido e contar com sete fragmentos, em contrapartida no povoado de S. Pedro os crescentes há presença de 486 fragmentos, conseguimos compreender e estabelecer um padrão de morfologia e métrica dos mesmos. À partida, devido à discrepância de fragmentos presentes num povoado e outro, este exercício parece não ser coerente, mas, por sua vez, devemos ter em conta que os crescentes na região da Beira Interior (Centro) não são muito comuns, tal como observámos anteriormente. Deste modo, achámos pertinente tentar compreender as diferenças entre uma região onde os crescentes não são os mais representativos e uma zona onde são a maioria.

Relativamente às morfologias observadas no povoado do Monte do Trigo, podemos destacar a existência de quatro tipos: ovalada, sub-retangular, circular e trapezoidal, sendo que a secção mais expressiva do conjunto é a ovalada com 45%, seguindo-se a sub-rectangular (41%) e, por fim, ambas com 7%, as secções circulares e subtrapezoidais. No povoado de S. Pedro, também se observam quatro tipo de secções distintas: ovaladas, ovaladas-robustas, sub-retangulares e circulares. Tal como no povoado do Monte do Trigo, as secções mais representativas do conjunto são as ovaladas, seguindo-se as circulares e sub-retangulares e, com apenas um exemplar, as ovaladas robustas (COSTEIRA, 2010, p.69). O fragmento de crescente de secção ovalada-robusta é o que mais se destaca do conjunto, não apenas pela sua raridade no contexto deste povoado, mas também pelas suas características métricas. Este tipo de secção é mais frequente nos exemplares de crescentes do Sudoeste Peninsular (COSTEIRA, 2010, p.69).

Passamos agora a fazer uma observação acerca das características métricas dos crescentes dos dois povoados, sendo que, para uma melhor compreensão das medidas que irão ser abordadas, devemos relembrar do esquema métrico apresentado no capítulo 5.3. No Monte do Trigo, por não haver presença de nenhuma peça inteira, só conseguimos retirar as medidas relativas ao comprimento, espessura e diâmetro das perfurações. As medidas relativas ao comprimento dos crescentes vão desde 1,2cm e os 2,8cm, e as espessuras variam entre 1cm e 1,9cm. Os diâmetros máximos das perfurações vão dos 0,4cm aos 0,9cm, havendo uma frequência nos 0,6cm de diâmetro. Por sua vez, no povoado de S. Pedro, apesar de existirem peças completas, apenas iremos abordar as mesmas medições que referimos no Monte do Trigo, para haver uma melhor compreensão. Os comprimentos dos crescentes de S. Pedro vão desde os 8cm aos 11,9cm e as espessuras variam entre 0,5cm e os 2,5cm. Relativamente aos diâmetros das perfurações, estas vão dos 0,4cm aos 1,5cm, sendo que se observa uma frequência entre os 0,4cm e os 0,7cm (COSTEIRA, 2010, p.70).

Após a exposição das características morfológicas e métricas dos conjuntos dos dois povoados analisados, conseguimos depreender uma diversidade morfologia e métrica. Ao nível da morfologia dos conjuntos dos crescentes, é possível averiguar que as secções ovaladas são as mais representativas de ambos, sendo, no entanto no povoado do Monte do Trigo, a secção

mais predominante, a sub-retangular e, no povoado de S. Pedro, esta secção é das que tem menos representatividade. Porém, no que concerne à morfologia das peças, podemos afirmar que há uma uniformidade formal nestes dois povoados. Em relação às características métricas, verificamos que existe uma discrepância entre os valores observados e rapidamente se depreende que os crescentes do povoado de S. Pedro se apresentam muito mais robusto que os analisados no Monte do Trigo, havendo apenas uma consonância nos diâmetros das perfurações.

Por fim, após esta exposição podemos constatar que existe uma variedade formal dos elementos de tecelagem que pode ser relacionada com o tipo de matéria-prima utilizada para a elaboração de tecido ou com o tipo de tear utilizado (VALERA, 1997, p.90). Apesar da variedade morfológica das peças, reflexo de diferentes tradições de tecelagem, conseguimos compreender que estes pesos, produzidos em sítios diferentes e diversas formas, teriam a mesma base conceptual (COSTEIRA, 2010b, p.64).

8. Conclusões Finais

A elaboração deste trabalho pretendeu demonstrar que a tecelagem era uma atividade praticada pelas comunidades pré e proto-históricas nos povoados da Beira Interior. Os vestígios deixados por essas comunidades relacionados com a tecelagem como: placas, crescentes, seixos com entalhe e, ainda, dos artefactos relacionados com a fiação, como são os cossoiros, veio permitir afirmar que esta atividade faria parte do seu quotidiano.

Compreendemos, através de uma breve análise ao inventário elaborado, que, na região ocidental da Beira Interior, os dados disponíveis são limitados, consequência do escasso investimento em escavações de povoados nesta região, sobretudo do Calcolítico e com áreas escavadas em extensão, o que não nos permite avançar com um diagnóstico acerca das tradições de tecelagem de maneira a compreender se as materialidades se aproximam do fenómeno observado na Beira Interior, onde predominam as placas paralelepípedicas, ou se se relaciona com a zona da Estremadura, onde as placas são mais curtas e, por vezes, adquirem uma forma quadrangular. Desse modo, é pertinente manter o nosso olhar atento sobre essa região, na esperança que novos dados surjam e complementem a informação sobre esta temática.

Os componentes de tear surgem em diversos contextos, o que tem dificultado a compreensão da sua funcionalidade. Estes objetos parecem comumente relacionados com contextos de abandono com uma deposição intencional parecendo funcionar como objetos ligados a rituais de abandono do sítio, áreas de lixeiras e dejetos (COSTEIRA, 2010b, p.88), contextos “rituais” como Sérgio Gomes refere em relação aos componentes de tear encontrados em Castanheiro do Vento (conf. GOMES, 2003, p.102) e, ainda, em contextos *in situ*, onde se observa uma dispersão de componentes de tear numa zona delimitada e, por vezes, associada a buracos de poste, como pudemos constatar no Castro de São Romão (SENNA-MARTINEZ, 2000, p.140), Castelejo e Monte do Frade (VILAÇA, 1995, p.113). Na Beira Interior, testemunha-se muitas vezes a ocorrência de componentes de tear relacionados com estruturas habitacionais em camadas estratigráficas de pré-abandono, onde estes artefactos se encontram fragmentados, no caso das placas e crescentes, sendo, por sua vez, os seixos com entalhe, devido à sua dureza, recuperados maioritariamente completos.

A dimensão cronológica dos componentes de tear são uma temática que, até aos dias de hoje, é discutida e abordada por diversos investigadores desde os anos 70. A título de exemplo referimos novamente o trabalho desenvolvido por Carlos Tavares Silva e Joaquina Soares (conf. Capítulo 3), onde tentaram organizar os componentes de tear consoante a sua forma, atribuindo-lhe uma cronologia, ou seja, para estes dois investigadores as placas estavam relacionadas com períodos mais antigos (Calcolítico Inicial) e os crescentes com períodos posteriores (Calcolítico Final/Idade do Bronze), marcando assim um aperfeiçoamento das técnicas de tecelagem (COSTEIRA, 2010b, p.29). Esta proposta cronológica foi sendo contestada pelo avanço dos trabalhos arqueológicos que foram evidenciando que as placas e crescentes surgem em contextos do mesmo período cronológico, tal como é o caso do Monte do Trigo analisado neste trabalho.

Neste trabalho, apresentámos uma proposta cronológica, mas relativamente aos seixos com entalhe. Ao longo deste estudo, fomos percebendo que, nos povoados datados da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, os componentes de tear – placas e crescentes – desaparecem. Porém, surgem novas materialidades que comprovam o avanço tecnológico da atividade da tecelagem, neste caso os cossoiros, elementos relacionados com a fiação das matérias-primas

utilizadas. Se as comunidades proto-históricas continuavam a praticar a tecelagem, que utensílios eram utilizados para fazer tensão nos fios que compõem a urdidura? Em alguns casos, os seixos com entalhe são recuperados em contextos de habitação, o que afasta a teoria de que estes poderiam ser utilizados como pesos de rede. No entanto, não se descarta essa funcionalidade, pois, como já referido anteriormente, estes objetos são multifuncionais, mas, uma vez que se verifica a ausência de placas e crescentes, os seixos com entalhe podem ter vindo substituir essas materialidades nos teares verticais. Como referido no capítulo 7.1.2., observamos a presença destas materialidades em contextos habitacionais, junto a buracos de poste, o que nos pode indicar a presença de uma zona de tecelagem devido há concentração de seixos com entalhe junto a estas estruturas negativas. Não obstante, devemos salientar que estes artefactos também aparecem em contextos cronológicos anteriores à Idade do Ferro, complexificando, desse modo, a tradição cultural associada à tecelagem.

Para compreender se é uma hipótese os seixos com entalhe terem a funcionalidade de pesos de tear, é necessário fazer um exercício de arqueologia experimental, de modo a comprovar e compreender se estes poderiam substituir as placas e crescente e verificar que tipo de tear seria utilizado na prática da tecelagem com recurso a estes materiais. Deixamos assim esta proposta futura para comprovar ou refutar esta questão apresentada.

A necessidade de cobrir e aquecer os corpos para a sobrevivência das comunidades pré e proto-históricas, fizeram com que a tecelagem se tornasse uma atividade essencial do seu quotidiano e, dessa forma, são essas materialidades que hoje também nos permitem afirmar que esta atividade fazia parte da identidade e cultura destas comunidades.

Ao longo deste trabalho focámos a nossa atenção sobre os utensílios de tecelagem que são indispensáveis para fabricar os tecidos. No entanto, devemos ainda destacar a importância que os tecidos apresentam nas sociedades pré e proto-históricas. Tal como já pudemos observar no capítulo 4, os vestígios de tecidos destas épocas são raríssimos. Lamentavelmente, na região da Beira Interior, esta situação vai mais longe na medida em que não se conservaram quaisquer vestígios, uma vez que, os solos desta região caracterizam-se por serem bastante ácidos. Além de demonstrarem uma inovação e evolução tecnológica, no que respeita todos os instrumentos necessários para o fabrico de tecidos, refletem ainda uma evolução ao nível social.

Bibliografia

- ALFARO GINER, C. (1984) – *Tejido y Cestaria en la Peninsula Iberica: Historia de su técnica e industrias desde la Prehistoria hasta la Romanizacion*. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones científicas, Instituto Español de Prehistoria.
- BARBER, E. J.W. (1991) – *Prehistoric Textiles: The Development of Cloth in the Neolithic and Bronze Ages: With Special Reference to the Aegean*. New Jersey. Princeton University Press.
- BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Trabalhos de Arqueologia 20. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.
- BRANCO, M. G. A. (2007) – *A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço*. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia 49) (<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/publications/trabalhos-de-arqueologia-49-a-pedra-de-ouro-alenquer-uma-leitura-actual-da-colecao-hipolito-cabaco>)
- CARVALHO, A. F. (2004) – O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 185- 219. (https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7_1/8.pdf)
- CASTRO CUREL, Z. C. (1980) – Fusayolas ibéricas, antecedentes y empleo. *Cypsela: revista de prehistòria i protohistòria*, vol. 3, p.127-146.M (<https://raco.cat/index.php/Cypsela/article/view/120076>)
- COIXÃO, A. S. (1999) – *A ocupação humana na pré-história recente na região de Entre Côa e Távora*. Dissertação de mestrado da Universidade do Porto. (<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18446>)
- COIXÃO, A. S., & NALDINHO, S. (2011) – A tecnologia textil. *Côavisão*, 13, p.85-107. (<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/24786/1/Coix%C3%A3o%26Naldinho2011a.pdf>)
- CORREIA, V. (1914) – Os pesos de tear. *Revista A Águia—Órgão da Renascença Portuguesa*. Porto. *Série*, 2(6), p.176-181.
- COSTEIRA, C. (2010) – *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro, (Redondo, Alentejo Central), 3º milénio ane*. Lisboa. Dissertação de mestrado da Universidade de Lisboa. (https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3036/2/ulfi082224_tm.pdf)
- COSTEIRA, C. (2010b) – Placas e crescentes -Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo), 3º milénio a.n.e. Lisboa. *Arqueologia e História*, Volume 62-63, p.23-37. (https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9737/1/artigo%2002.catarina%20costeira_Arqueologia%20e%20Hist%C3%B3ria.pdf)
- COSTEIRA, C. (2017) – *No 3º milénio ane, o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Médio*. Vol. I e II. Lisboa. (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/32012>)
- DINIZ, M. (1994) – Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portugal. Trabalhos de antropologia e etnologia. *Actas do Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 34 (3-4). Porto. p. 133-149.

- FABIÃO, C. (1999) – Um século de Arqueologia em Portugal—I. *Al-Madan*, II Série, 8, p.104-126.
- GOMES, F. (2021) – *A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal). Práticas funerárias, Cultura Material e Identidade (s) na Idade do Ferro do Baixo Sado (séculos VII–II a.n.e.)*. UNIARQ/FL-UL. (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/50356>)
- GOMES, S. (1998-1999) – Os pesos de tear da estrutura ritual com ossos de Castelo Velho de Freixo de Numão. Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). *Portugalia* (Nova Série), vol. XIX-XX, p.37-42. (<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/25195/1/JorgeSOetal1999.pdf>)
- GOMES, S. (2003) – Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo Numão. Exercícios de interpretação do registo arqueológico. Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.
- GOMES, S. (2013) – Tecelagem e Pesca: os pesos. In VALERA, A. C. (Ed.) *As Comunidades agro-pastoris na margem esquerda do Guadiana 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Memórias d’Odiana–Estudos Arqueológicos do Alqueva 2ª série, (6). p.211-228. (https://www.academia.edu/13788651/As_comunidades_agropastoris_na_margem_esquerda_do_Guadiana_2a_metade_do_IV_aos_in%C3%ADcios_do_II_mil%C3%A9nio)
- GOMES, S. (2019) – Revisitar o estudo dos pesos de tear de Castelo Velho de Freixo Numão. As deposições como uma antologia de existências. *digitAR-Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, número extra. p. 281-303. (https://impactum-journals.uc.pt/digitar/article/view/EX1_9/5379)
- GONÇALVES, V. S (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa. UNIARQ; INIC., 2.vols.
- MARTINS, E. (2006) – *Geologia, Morfologia e Vegetação na Serra da Estrela. Aplicações didáticas*. Aveiro. Universidade de Aveiro, Departamento de Geociências e Departamento de Biologia. (<https://ria.ua.pt/handle/10773/2693>)
- OLIVEIRA, A. (1996) – *Contributo para o Estudo da Pré-história Recente da Bacia do Curso Médio da Ribeira da Meimoa*. Universidade do Porto (tese de Mestrado policopiada).
- OLIVEIRA, A. (1998) – O povoado pré-histórico do Cabeço da Malhadeira (Benquerença, Penamacor) In CRUZ, Domingos J. (coord) – *Actas do Colóquio: A Pré-História na Beira Interior*. Viseu. CEPBA *Estudos Pré-Históricos da Beira Alta*, nº 6. p. 243-259.
- OSÓRIO, M. (2000) – O Sabugal Velho – primeiras achegas para o estudo de uma estação arqueológica. In *Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda. p. 209-214.
- OSÓRIO, M. (2006) – Sabugal Velho (Sabugal). In VALERA, A. (2006) - *Do neolítico Inicial ao Final da Idade do Bronze no Interior de Portugal*. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, vol. 21, p.11-136.
- OSÓRIO, M. (2009) – A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo – Cáceres*. Vol.9. p. 95-116.
- OSÓRIO, M. (2014) - A longa história das estruturas defensivas de Alfaiates. Da Idade do Ferro às Invasões Francesas. *Sabucale*. 6, Sabugal, p. 23-68.
- PEREIRA, F. A. (1915) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*, vol. 19, p. 135-146.

- PEREIRA, J. (2005) – Os pesos de pedra com entalhe: possíveis vestígios pré-históricos da actividade da pesca na região de Constância. In *Al Madan*, Série II, 13 (Adenda electrónica). Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 25-42.
(<https://almadan.publ.pt/13Adenda.htm>)
- PEREIRA, M. (2010) – *Pesos de tear e elementos de tear na pré-história recente portuguesa: contributos para repensar o processo arqueológico*. Dissertação de mestrado Universidade do Porto. (<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56091>)
- PEREIRA, V. (2003) – O povoado da Pedra Aguda (Aldeia Viçosa, Guarda) – Subsídios para o seu desenvolvimento. Guarda. *Praça Velha*, nº14, p. 21-34
- PERESTRELO, M. S., & Osório, M. (2005) – Pré-História recente na região da Guarda – Alguns subsídios. In *Côavisão. Cultura e Ciência*, nº7, 207-231.
(https://www.academia.edu/418049/Pr%C3%A9_Hist%C3%B3ria_recente_na_regi%C3%A3o_da_Guarda_alguns_subs%C3%ADdios)
- PERNADAS, P. (2012) – *Estruturas em Negativo da Pré-História recente na Beira Interior: o caso de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte - Sabugal)*. Universidade de Coimbra.
- PERNADAS, P. (2015) – O povoado calcolítico de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte, Sabugal): apresentação de alguns dados sobre a intervenção arqueológica. *Sabucal*, nº5, p.19-58.
- PINHEIRO, E. (2014) – A Beira Interior: de mosaico de paisagens a região identitária. In *Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, nº3, p.71-100.
- SENNA-MARTINEZ, João Carlos de (2000) – “O Cabeço do Crasto de São Romão (Seia)”. In *Por Terras de Viriato. Arqueologia da Região de Viseu*. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p.136-144.
- SANTOS, A., VILAÇA, R., CARVALHO, P., VISO, I., RÊPAS, L., SOROMANHO, M., OSÓRIO, M. (2009) – *Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal.
- SILVA, M. D. F., & OLIVEIRA, P. C. (1999) – Estudo tipológico dos cossoiros do Museu da Sociedade Martins Sarmiento (Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e proveniência diversa). Guimarães. *Revista de Guimarães*, Volume Especial, II, p. 633-659.
(<https://www.csarmiento.uminho.pt/site/s/rgmr/item/59340>)
- SOARES, I. (2018-2019) – As escavações arqueológicas na encosta sul do Castelo (Sabugal). Ensaio aos espaços domésticos do I milénio a.C. nas margens do Côa. *Sabucal*. Sabugal, 10, p. 7-35.
- SOARES, A., RIBEIRO, M., OLIVEIRA, M., BAPTISTA, L., ESTEVES, L., & VALÉRIO, P. (2018) – Têxteis arqueológicos pré-históricos do território português: identificação, análise e datação. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 21(1), p.71-82.
(https://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publication_pdfs/rpa21/05_71_82.pdf)
- VALERA, A. C. (1995) – O habitat da Malhada (Fornos de Algodres – Guarda): uma análise preliminar no contexto do povoamento local durante o III milénio A.C. *Estudos Pré-Históricos*, III, p.121-139.
- VALERA, A. (1997) – *O castro de Santiago (Fornos de Algodres – Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres. (Textos Monográficos 1)
- VALERA, A. C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3 milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres.
([https://www.academia.edu/20223817/Din%C3%A2micas_locais_de_identidade_estrutura%20de_tradi%C3%A7%C3%A3o_no_3_mil%C3%A9nio_AC_\(Fornos_de_Algodres,_Guarda\)](https://www.academia.edu/20223817/Din%C3%A2micas_locais_de_identidade_estrutura%20de_tradi%C3%A7%C3%A3o_no_3_mil%C3%A9nio_AC_(Fornos_de_Algodres,_Guarda)))

[C3%A7%C3%A3o de um espa%C3%A7o de tradi%C3%A7%C3%A3o no 3o mil%C3%A9nio AC Fornos de Algodres Guarda \)](#)

VILAÇA, R. (1993) – Resultados preliminares das escavações realizadas no povoado do Castelejo (Sabugal). *Estudos Pré-históricos*, 1, p.51-65.

VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Universidade de Coimbra (Portugal).

VILAÇA, R., & CRISTÓVÃO, E. (1995) – Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova). In *Estudos Pré-históricos*, 3, p.201-211.

(https://www.academia.edu/2192028/Povoado_pre-historico_de_Monte_do_Trigo_Idanha-a-Nova)

VILAÇA, R. (2008) – *Através das Beiras: pré-história e proto-história*. Coimbra. Palimage Editora.

VILAÇA, R. (2008b). The Chalcolithic in Beira Interior (Central Portugal): data and problems. *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Bueno-Ramírez, P., Barroso-Bermejo, R., Balbín--Berhmann, R.(eds.). p.157-170.

(https://www.academia.edu/2362222/Vila%C3%A7a_R_2008_The_Chalcolithic_in_Beira_Interior_Central_Portugal_data_and_problems_In_Bueno_Ram%C3%ADrez_P_et_al_Ed_Graphical_Markers_and_Megalith_Builders_in_the_International_Tagus_Iberian_Pen%C3%ADnsula_BAR_InternationalSeries_1765_pp_157_170)

Vilaça, R. (2009) – Celorico da Beira antes dos Romanos. *Celorico da Beira através da História*, p.11-28.

(<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/84992/2/2009-1%20Celorico%20da%20Beira.pdf>)

VILAÇA, R. (2013) – O povoamento da Beira Interior durante o Bronze Final: evidências, interação e simbolismos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, p.191-220.

(<https://eao.oeiras.pt/index.php/DOC/article/view/249/246>)



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Madalena Carvalho Sousa

UTENSÍLIOS DE TECELAGEM DA PRÉ E PROTO- HISTÓRIA NA BEIRA INTERIOR

VOL. II

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, orientada pela Professora Doutora Raquel Vilaça, apresentada ao Departamento História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

UTENSÍLIOS DE TECELAGEM DA PRÉ E PROTO- HISTÓRIA NA BEIRA INTERIOR VOL. II

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Utensílios de tecelagem da Pré e Proto-história na Beira Interior
Subtítulo	Vol.II
Autor/a	Madalena Carvalho Sousa
Orientador/a(s)	Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça
Júri	Presidente: Doutor Ricardo Jorge Costeira da Silva Vogais: 1. Doutor André Tomás Pinto da Silva e Conceição Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Pré e Proto-história
Data da defesa	30-10-2023
Classificação	18 valores

Índice

1. Introdução	1
PARTE I – INVENTÁRIO DE SÍTIOS PRÉ E PROTO-HISTÓRICOS DA BEIRA INTERIOR COM OCORRÊNCIAS DE UTENSÍLIOS DE TECELAGEM	2
PARTE II – CASOS DE ESTUDO	35
1. Santa Bárbara	35
1.1. Localização geográfica.....	35
1.2. Inventário de materiais	35
1.3. Fichas de análise de materiais	39
2. Sabugal Velho	129
2.1. Localização geográfica.....	129
2.2. Inventário de materiais	129
2.3. Fichas de análise dos materiais.....	131
3. Castelo de Alfaiates.....	157
3.1. Localização geográfica.....	157
3.2. Inventário de materiais	157
3.3. Fichas de análise de materiais	158
4. Sabugal	164
4.1. Localização geográfica.....	164
4.2. Inventário de materiais	164
4.3. Fichas de análise de materiais	166
5. São Cornélio.....	195
5.1. Localização geográfica.....	195
5.2. Inventário de materiais	195
5.3. Fichas de inventário de materiais	196
6. Monte do Trigo.....	198
6.1. Localização geográfica.....	198
6.2. Inventário de materiais	198
6.3. Fichas de análise de materiais	203

1. Introdução

Este volume é criado com o intuito de agrupar os anexos esquematicamente e de maneira organizada, facilitando assim consulta dos leitores. Este volume encontra-se dividido em duas partes substanciais.

A parte I corresponde ao inventário de sítios que nele compila o total de registos da Beira Interior onde se identificaram utensílios de tecelagem. Este inventário foi a base do nosso trabalho e, dessa forma, ajudou-nos a escolher e justificar os sítios que foram abordados mais detalhadamente.

Este inventário conta com 31 entradas que correspondem a estações arqueológicas da Beira Interior – distritos da Guarda e Castelo Branco. Primeiramente, os sítios encontram-se organizados por distritos, sendo a Guarda o primeiro distrito a ser abordado e, de seguida Castelo Branco, apresentando-se assim por ordem geográfica norte-sul. Após esta separação por distritos, os sítios arqueológicos apresentam-se sistematizados por ordem alfabética do concelho e, depois, da freguesia. Para compreender melhor a organização de cada parâmetro é importante consultar o Capítulo 5.2. do Volume I, onde se justifica a ficha descritiva de cada povoado.

Após a elaboração do inventário apresentado na parte I, procedemos à seleção de povoados que fazem parte dos nossos estudos de caso. A justificação para a seleção dos povoados encontra-se descrita no Capítulo 5.2. do Volume I. Os utensílios de tecelagem de alguns povoados, como é o caso de Santa Bárbara, Sabugal Velho, Castelo de Alfaiates, Sabugal, São Cornélio e Monte do Trigo, foram alvo de uma análise direta, o que resultou no preenchimento de fichas de análises específicas para cada utensílio de tecelagem analisado.

Esta parte II será organizada por subcapítulos que correspondem a cada povoado, sistematizados da mesma maneira que se apresentam no corpo do volume I. Primeiramente será identificado o povoado com a sua localização cartográfica, recorrendo a um mapa elaborado no programa Qgis 3.4.13 Madeira e, de seguida, é apresentada a tabela de inventário dos materiais analisados. Após essa exposição serão apresentadas as fichas de análise de cada um dos materiais, onde consta uma análise tipológica, métrica e tecnológica.

PARTE I – INVENTÁRIO DE SÍTIOS PRÉ E PROTO-HISTÓRICOS DA BEIRA INTERIOR COM OCORRÊNCIAS DE UTENSÍLIOS DE TECELAGEM

Distrito da Guarda

1. Castelo de Algodres

Localização: Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo

Coordenadas: X: -7.041145; Y: 40.960616

CNS: 10881

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico

Descrição: Localiza-se em torno de um tor granítico que constitui um acidente topográfico que se destaca no planalto entre o rio Côa e a ribeira de Aguiar. Este povoado tem uma boa visibilidade sobre toda a região desde a serra da Marofa até ao Monte de São Gabriel, que se localiza a norte. O sítio encontra-se muito destruído devido aos trabalhos de construção de uma estrada e da terraplanagem do terreno envolvente. Geologicamente, encontra-se numa zona de granito.

Elementos de Tecelagem

Placas: 1 fragmento

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Este fragmento de peso de tear foi encontrado em prospeção, apesar de terem existido trabalhos arqueológicos neste povoado.

Trabalhos: Prospeção (1997); Sondagem (1997)

Depositário: PAVC – Parque Arqueológico do Vale do Côa

Bibliografia: PERESTRELO, M. S. & OSÓRIO, M. (2005) – Pré-História Recente na região da Guarda – Alguns subsídios. *Côavisão*, nº7. Vila Nova de Foz Côa. p. 207-231.

CARVALHO, A. F. (2003) – O final do Neolítico e o Calcolítico no baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1992-2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 6, nº 2. p. 229-273.

AUBRY, T. e CARVALHO, A. M. F. (1999) - O povoamento préhistórico no Vale do Côa Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997). *Côavisão*, nº0. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, p. 23-34.

2. Quinta da Assentada

Localização: Algodres, Fornos de Algodres

Coordenadas: X: -7.529613; Y: 40.634523

CNS: 11716

Tipologia: Povoado

Cronologia: Neolítico Inicial, Calcolítico

Descrição: Este povoado localiza-se no limite das freguesias de Infias e Algodres, a meio da extremidade sul da vertente conhecida localmente como Barroca, a 600m de altitude. Este povoado aproveita uma reentrância do leito da ribeira de Infias, que desagua no rio Mondego. Esta vertente apresenta um declive bastante acentuado – cerca de 19% - tendo uma diferença de 150m entre o local do sítio arqueológico e o fundo do vale. A norte e noroeste este povoado tem a sua visibilidade restringida pela própria vertente. Por sua vez, a este, sul e sudeste tem uma ótima visibilidade. A este a visibilidade estende-se pelos interflúvios das ribeiras de Cortiçô e Muxagata. A sul e sudeste, é possível observar a ribeira de Infias e a plataforma do Mondego até aos contrafortes da Serra da Estrela. Deste povoado também é possível observar o Castro de Santiago. A vertente é cortada por inúmeras linhas de água, com registo de várias nascentes, sendo que uma delas se localiza na zona de implantação do povoado, com um caudal permanente (VALERA, 2007, p.297-298).

Geologicamente, este sítio implanta-se sobre uma mancha de granitos porfíroides de grão grosseiro, existindo alguns filões de quartzo no topo da vertente na área planáltica.

Elementos de Tecelagem

Placas: 1

Crescentes:

Seixos com entalhes:

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): As escavações realizadas na Quinta da Assentada revelaram que este sítio teve duas fases de ocupação, uma primeira fase correspondente ao Neolítico Inicial e uma segunda fase ao Calcolítico. Apenas foram encontrados contextos preservados na segunda fase de ocupação, mais especificamente no Socalco 6 (Sector 1) (VALERA, 2007, p.424). Neste sector foram detetados depósitos de ocupação e um conjunto de estruturas negativas de grande complexidade interpretativa. Os materiais associados a esta sector são: elementos de pedra talhada, cerâmica muito fragmentada e dispersa por toda a área, um fragmento de movente e um fragmento de peso de tear. Este fragmento de peso de tear corresponde a um canto de ângulo bem marcado, onde se observa uma perfuração (VALERA, 2007, p.308).

Trabalhos: Escavações (1991-1998); Prospeção (1994); Escavação (2000); Escavação (2001); Escavação (2002); Sondagem (2003); Prospeção (2005); Relocalização/Identificação (2006); Acompanhamento (2007); Acompanhamento (2010)

Depositário: Centro Interpretativo de Fornos de Algodres

Bibliografia: VALERA, A. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3 milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres.

VALERA, A. (2002) – Problemas da neolitização na bacia interior do Mondego a propósito de um novo contexto: a Quinta da Assentada, Fornos de Algodres. *Estudos Pré-Históricos X-XI*, p.5-29.

VILAÇA, R. (2009) – Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos. *Celorico da Beira Através da História*. Câmara Municipal de Celorico da Beira/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. p. 11-28.

3. Castro de Santiago

Localização: Figueiró da Granja, Fornos de Algodres

Coordenadas: X: -7.481944; Y: 40.646068

CNS: 4227

Tipologia: Povoado fortificado

Cronologia: Calcolítico

Descrição: O Castro de Santiago localiza-se no limite norte da freguesia de Figueiró da Granja a uma altitude máxima de 612m. Este povoado eleva-se sobre dois acidentes tectónicos aproveitados pelos leitos das ribeiras de Vale de Chãs, a Oeste, e da Muxagata a leste. A escolha do sítio para implantação deste povoado, decerto que se pautou pelas suas boas condições naturais de defensivas, pois este povoado tem um grande domínio visual sobre a paisagem, nomeadamente, sobre a plataforma do rio Mondego e sobre o Vale da Ribeira e da Muxagata. No ponto mais elevado, no extremo norte, existe um “tor” granítico. Os espaços existentes entre os penedos que se encontram no topo do povoado, foram fechados por construções de uma espessa muralha a sul/sudoeste.

Geologicamente, este povoado implanta-se numa área de granitos de grão grosseiro e médio, de duas micas, denominado como granito de Muxagata.

Elementos de Tecelagem

Placas: 31 fragmentos

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de fiação

Cossoiros:

Contexto do achado(s): Nas escavações realizadas em 2004, foi identificado um espaço multifuncional, localizado no recanto Oeste do recinto. As atividades que aqui se desenvolviam eram: moagem, tecelagem, talhe de pedra entre outras, que segundo António Valera, podiam ocorrer de forma sequencial ou alternada. (VALERA, 2007, p.414). No entanto, não foram identificadas quaisquer estruturas de tecelagem, mas a distribuição espacial dos fragmentos, permitiram algumas inferências: «Na 1ª fase de ocupação, a maioria dos fragmentos concentravam-se numa área de 4m² do lado oeste do recinto, com diferenças altimétricas pouco significativas entre si, o que permitiu aventar a hipótese de ter existido nessa área, em determinado momento, um tear» (VALERA, 2007, p.438). Por sua vez, «na 2ª fase de ocupação os fragmentos de pesos de tear continuam a aparecer concentrados nessa área, mas também se verifica a sua distribuição pelo resto da área envolvente, eventualmente denunciando outras áreas de tecelagem, ou perturbações tafonómicas durante a vida do sítio» (VALERA, 2007, p.438). Na cabana 1, no Sector A, os materiais encontravam-se dispersos por toda a área sem padrões específicos de distribuição, onde se identificaram 2 pesos de tear.

Trabalhos: Escavação (2004); Escavação (1996); Escavação (1995); Escavação (1994); Escavação (1993); Escavação (1992); Escavação (1991); Escavação (1990); Escavação (1989); Escavação (1988); Levantamento (1986); Escavação (1951); Prospeção (1939)

Depositário: Centro Interpretativo de Fornos de Algodres

Bibliografia: VALERA, A. (1992) – Castro de Santiago (Figueiró da Granja): as campanhas de 1990 e 1991. *Gabinete de arqueologia de Fornos de Algodres*.

VALERA, A. (1993) – *Património arqueológico do concelho de Fornos de Algodres*. Câmara Municipal de Fornos de Algodres.

VALERA, A. (2006) – Do neolítico inicial ao final da idade do bronze no interior centro de Portugal. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, nº21. p.11-136.

VALERA, A. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3 milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres.

VALERA, A., & ESTEVINHA, I. (1993) - *Castro de Santiago, Fornos de Algodres: uma abordagem preliminar da campanha 1 (989)*'. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*,1, Lisboa, Colibri, p.23-28

VILAÇA, R. (2009) – Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos. *Celorico da Beira Através da História*. Câmara Municipal de Celorico da Beira/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. p. 11-28.

4. Quinta dos Telhais

Localização: Macieira, Fornos de Algodres

Coordenadas: X: -7.479078; Y: 40.672357

CNS: 11704

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico

Descrição: Este povoado localiza-se numa área planáltica sobre a vertente direita do vale de Muxagata, a uma altitude de 630m. Esta suave vertente, diluída na paisagem, é ladeada pelo curso superior da ribeira de Cortiçô a nascente e um ribeiro a poente (VALERA, 2007, p.338).

Geologicamente, situa-se numa zona de granitos porfíroides de grão grosseiro, a 1,5km existe uma formação de xistos biotítico-moscovíticos. A sul, junto à povoação de Macieira, há filões de xistos metagrauvaques.

Elementos de Tecelagem**Placas:** 1 e 1 fragmento**Crescentes:****Seixos com entalhe:****Elementos de Fiação****Cossoiros:**

Contexto do(s) achado(s): Os elementos de tecelagem encontrados na Quinta dos Telhais correspondem a um peso de tear paralelepípedo inteiro com quatro perfurações e um fragmento de uma placa. Estes achados foram encontrados nas prospeções realizadas entre 1994 e 1997, junto a um campo lavrado para pasto virado para a ribeira de Cortiço (VALERA, 2007, p.338).

Trabalhos: Prospeção (1994-1997) Acompanhamento (2007); Prospeção (2006)**Depositário:**

Bibliografia: VALERA, A. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3 milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres.

5. Quinta das Rosas**Localização:** Macieira, Fornos de Algodres**Coordenadas:** X: -7.476024; Y: 40.682245**CNS:** 20020**Tipologia:** Povoado**Cronologia:** Neolítico Final, Calcolítico

Descrição: O povoado da Quinta das Rosas, implanta-se numa suave elevação a sudoeste da freguesia de Macieira, a uma altitude de 709m. Encaixa-se entre o início do vale da ribeira dos Telhais, a oeste, e a vertente escarpada do vale da ribeira de Muxagata, a leste. O vale da ribeira dos Telhais apresenta um perfil suave e com terrenos férteis, características que talvez tenham levado à implantação do povoado neste local. O domínio visual deste povoado é amplo na sua vertente Sul, que é visível o relevo da Serra da Estrela e a plataforma do rio Mondego. Em relação ao resto do espaço envolvente a visibilidade é reduzida devido à vegetação. No topo, onde se localiza o povoado, há imensos afloramentos rochosos que formam “tors”, abrigos ou pequenos recintos definidos (VALERA, 2007, p.333-334). A Quinta das Rosas enquadra-se num

substrato granítico porfiroide de grão grosseiro, mas a 250m do povoado há uma mancha de xistos biotíticos- moscovíticos e metagrauvaques.

Elementos de Tecelagem

Placas: 3 fragmentos

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do achado(s): Os três fragmentos de pesos de tear encontrados no sítio arqueológico da Quinta das Rosas foram identificados nas intervenções que decorreram entre 2003 e 2005.

O Sector 5, onde foram recolhidos utensílios de tecelagem, localiza-se na extremidade este, numa zona de abrigo, formado por um grande penedo inclinado e encostado a outro (VALERA, 2007, p.336). Na sondagem 2, foram identificadas uma série de fossas preenchidas por sedimentos com uma grande concentração de pedras de pequeno calibre e fragmentos cerâmicos. Nesta sondagem foram também identificados 3 fragmentos de pesos de tear «de morfologia tendencialmente paralelepípedica, um recolhido num dos depósitos preservados do Bronze Final (UE5205) e dois num dos depósitos revolvidos (UE5202). Um desses fragmentos apresenta restos de uma perfuração» (VALERA, 2007, p.337).

Trabalhos: Escavação (2006); Escavação (2005); Escavação (2004); Escavação (2003)

Depositário:

Bibliografia: VALERA, A. (2007). – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3 milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres.

VALERA, A. (2008) – A Quinta das Rosas (Fornos de Algodres): expressão de matrizes prévias do povoamento da Pré-história Recente durante o Bronze. *Pré-história. Gestos intemporais, III Congresso de arqueologia Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. p.136-150.

VILAÇA, R. (2009) – Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos. *Celorico da Beira Através da História*. Câmara Municipal de Celorico da Beira/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. p.11-28.

6. Fraga da Pena

Localização: Sobral Pichorro, Fornos de Algodres

Coordenadas: X: -7.460295; Y: 40.717274

CNS: 7282

Tipologia: Povoado

Cronologia: Bronze Inicial

Descrição: O povoado da Fraga da Pena tem uma configuração alongada que se desenvolve no sentido noroeste–sudeste, com 740m de altitude. No topo desta elevação, junto à vertente ocidental da ribeira de Muxagata, encontra-se um “tor” granítico de grandes dimensões com uma densa rede de diáclases (VALERA, 2007, p.225). A vertente sudeste, tem um grande declive sobre o vale, enquanto a vertente noroeste tem apenas 8/9m de altura. Este povoado é bem visível na paisagem ao longo de grande parte do vale. O seu domínio visual abrange todo o vale de Muxagata até à confluência com o rio Mondego, bem como até à Serra da Estrela. Por sua vez, a visibilidade para norte e oeste é reduzida, mas se se subir ao ponto mais alto do povoado para se ter um domínio visual sobre a área aplanada da ribeira de Carapito (VALERA, 2007, p.226).

Elementos de Tecelagem

Placas: 1

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): O peso de tear encontrado na Fraga da Pena provem de escavações realizadas entre 1991 e 1998, mais especificamente do Sector 3. O sector 3 implanta-se numa pequena plataforma definida por grandes penedos granitos, numa posição sobranceira ao recinto fortificado a cerca de 100m (VALERA, 2007, p.232). Toda a área abrangida por este sector evidência sinais de revolvimento, consequência da lavra realizada no ano de 1996 para reflorestamento de pinheiros.

No decurso das escavações, foi encontrado um peso de tear inteiro, mas, por sua vez, muito erodido. «Trata-se de um peso de tear paralelepípedo com quatro perfurações, uma em cada canto, os quais são arredondados» (VALERA, 2007, p.249). De salientar que nos outros dois sectores escavados, não há registo de qualquer elemento de tecelagem.

Trabalhos: Escavação (1998); Escavação (1997); Escavação (1996); Escavação (1995); Escavação (1994); Escavação (1993); Escavação (1992); Levantamento (1991); Prospeção (1990); Levantamento (1986).

Depositário:

Bibliografia: VALERA, A. (1993) – *Património arqueológico do concelho de Fornos de Algodres*. Câmara Municipal de Fornos de Algodres.

VALERA, A. (1997) – Fraga da Pena (Sobral Pichorro, Fornos de Algodres): uma primeira caracterização no contexto da rede local de povoamento. *Estudos pré-históricos*, Vol. IV. p. 55-84.

VALERA, A. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3 milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres.

VALERA, A. (2006) – Do neolítico inicial ao final da idade do bronze no interior centro de Portugal. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, nº21. p.11-136

VILAÇA, R. (2009) – Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos. *Celorico da Beira Através da História*. Câmara Municipal de Celorico da Beira/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. p. 11-28.

7. Malhada

Localização: Sobral Pichorro, Fornos de Algodres

Coordenadas: X: -7.466571; Y: 40.681291

CNS: 10668

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze

Descrição: O povoado da Malhada pertence à povoação da Mata e localiza-se a meio da vertente direita da ribeira de Muxagata, com um declive bastante acentuado. Ao longo da vertente existem várias rechãs que possibilitam a instalação de pequenas áreas habitacionais, que no seu conjunto formam o povoado. A sua localização restringe-lhe o domínio visual, ou seja, a necessidade defensiva não foi uma característica que procuravam aquando implantação do povoado (VALERA, 2007, p.130). Por sua vez, este povoado encontra-se próximo de solos férteis e solos de aluvião da ribeira da Muxagata, que podem justificar a escolha deste sítio. Localizado numa zona de granito

porfiroide de grão grosseiro e médio de duas micas e perto de uma mancha de xistos-biotíticos moscovíticos e metegrauvaque.

Elementos de Tecelagem

Placas: 18

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros: 1

Contexto do(s) achado(s): Há registo de 53 fragmentos. Apenas um se encontra inteiro e outro parcialmente inteiro, estando fraturado numa esquina. Dentro deste universo de 53 fragmentos, 13 são cantos e 19 de partes mesiais. Foi possível perceber a morfologia de 18 peças, sendo estas placas paralelepípedicas retangulares e sub-retangulares (VALERA, 2007, p.151). Os fragmentos que se encontram em melhor estado de conservação, apresenta quatro perfurações, uma em cada canto. No entanto, surge uma exceção, «trata-se de uma metade de peso, sub-rectangular, com secção transversal de ângulos muito arredondados e com apenas uma perfuração na extremidade ao centro» (VALERA, 2007, p.34). Apenas um dos fragmentos encontrados apresenta decoração, um motivo reticulado inciso (VALERA, 2007, p.151).

Trabalhos: Acompanhamento (2007); Escavação (2001); Escavação (1999); Escavação (1998); Sondagem (1997); Sondagem (1996); Sondagem (1995)

Depositário: Gabinete de Arqueologia de Fornos de Algodres

Bibliografia: VALERA, A. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3 milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres.

VALERA, A. (1995) – O habitat da Malhada (Fornos de Algodres – Guarda): uma análise preliminar no contexto do povoamento local durante o III milénio A.C. *Estudos Pré-Histórico*, Vol. III. p. 121-139.

VALERA, A. (2006) – Do neolítico inicial ao final da idade do bronze no interior centro de Portugal. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, nº21. p. 11-136.

8. Pedra Aguda

Localização: Aldeia Viçosa, Guarda

Coordenadas: X: -7.326255; Y: 40.595299

CNS: 4909

Tipologia: Povoado fortificado

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romano

Descrição: Localiza-se num dos esporões norte da Serra da Estrela, num topo aplanado de uma cadeia montanhosa com inúmeras linhas de água, sobranceira ao rio Mondego e à ribeira de Cabeça Alta, próximo da depressão de Celorico da Beira, na margem esquerda do Mondego. Este povoado tem um ótimo domínio visual em toda a área do rio Mondego, e assim confere-lhe boas condições naturais de defesa, com vertentes íngremes a norte e a sul. Por sua vez, a oeste e sudoeste é possível identificar uma linha de muralha.

Elementos de tecelagem

Placas:

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros: 1

Contexto do(s) achado(s): Prospeção

Trabalhos: Prospeção (2004); Estudo de Espólio (2003); Levantamento (2002); Prospeção (1993)

Depositário:

Bibliografia: PERESTRELO, M. S., & OSÓRIO, M. (2005) – Pré-História recente na região da Guarda—Alguns subsídios. *Côaviso* nº7. p. 207-231.

PEREIRA, V. (2003) – O povoado da Pedra Aguda (Aldeia Viçosa, Guarda) – Subsídios para o seu desenvolvimento. *Praça Velha* nº14. Guarda. p.21-34.

VILAÇA, R. (2009) – Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos. *Celorico da Beira Através da História*. Câmara Municipal de Celorico da Beira/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. p. 11-28.

9. Montes

Localização: Fonte Longa, Mêda

Coordenadas: X: -7.236393; Y: 41.008984

CNS: 39872

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico

Descrição: Localizado a 659m de altitude, este povoado apresenta-se com um grande domínio visual, especialmente sobre a área do Vale da Veiga e outros vales que o rodeiam. Existem ainda vestígios de uma muralha e grandes amontoados de pedras em xisto. Na encosta norte e sul, há alguns patamares recentes com muros de pedra em xisto, possivelmente retirados do sítio arqueológico (COIXÃO, 1999, p.371).

Elementos de tecelagem

Placas: 3

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Prospeção.

Trabalhos: Prospeção (1998)

Depositário:

Bibliografia: COIXÃO, A. (1999) – A ocupação humana na pré-história recente na região de Entre Côa e Távora. Dissertação de mestrado policopiada, Universidade do Porto.

10. Alto do Castelo

Localização: Bogalhal, Pinhel

Coordenadas: X: -7.102132; Y: 40.804229

CNS: 20223

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico

Descrição: O povoado implanta-se num topo com uma plataforma aplanada, com grandes penedos graníticos de grande dimensão que formam uma muralha natural, a 552m de altitude. Tem um grande destaque na paisagem, sendo visível de quase todas as direções, junto à margem esquerda da ribeira de Pega, que lhe confere um grande

domínio visual. O cabeço é delimitado por várias linhas de água (PERESTRELO & OSÓRIO, 2005, p.208).

Elementos de tecelagem

Placas: 1 fragmento

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Prospeção

Trabalhos: Acompanhamento (2002)

Depositário:

Bibliografia: PERESTRELO, M. S., & OSÓRIO, M. (2005) – Pré-História recente na região da Guarda–Alguns subsídios. *Côaviso* N°7. p. 207-231.

11. Santa Bárbara

Localização: Aldeia da Ponte, Sabugal

Coordenadas: X: -6.870963; Y: 40.417059

CNS: 33139

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico

Descrição: Localizado na Aldeia da Ponte, concelho do Sabugal, o povoado de Santa Bárbara encontra-se numa elevação com 850 metros de altitude. Este cabeço tem esta designação pois, no seu topo, existe uma capela cuja padroeira é Santa Bárbara (PERNADAS, 2012, p.9). Este relevo que apresenta uma orientação SO-NE, tem uma posição sobranceira à ribeira da Aldeia da Ponte, inserido numa zona de travessia desde a plataforma do Sabugal/Guarda até à depressão da Cidade Rodrigo (Espanha). O povoado de Santa Bárbara tem destaque na paisagem e, desse modo, tem boa visibilidade e intervisibilidade com outros locais (PERNADAS, 2012, p.11). Geologicamente, o povoado de Santa Bárbara insere-se numa zona de quartzitos, onde são visíveis alguns filões com orientação NO-SE

Elementos de Tecelagem

Placas: 43

Crescentes:

Seixos com entalhe: 8

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Os elementos de tear inventariados foram recolhidos em contexto de escavação. A amostra de utensílios de tecelagem recolhidos nas escavações é significativa, num total de 43 peças. Neste conjunto artefactual não há presença de nenhuma peça inteira. Porém, há duas peças que se apresentam praticamente inteiras, sete que correspondem a metades de pesos paralelepípedicos e 22 fragmentos são de cantos, extremidades ou partes mesiais. «Apesar de incompletos foi perceptível a morfologia paralelepípedica em 10 fragmentos, com secção retangular/ subretangular e cantos mais angulosos ou mais arredondados; e teriam quatro perfurações distribuídas por cada extremidade da peça» (PERNADAS, 2012, p.71).

Relativamente aos seixos com entalhes, foram registados 8, no decorrer das escavações, mas «alguns deles duvidosos, por estarem muito partidos e por só apresentarem um retoque lateral» (PERNADAS, 2012, p.80). A matéria-prima utilizada era seixo rolado de metagrauvaques. Todos estes seixos com entalhe estavam associados às fossas escavadas no decorrer das escavações.

Trabalhos: Escavação (2009-2010)

Depositários: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal

Bibliografia: PERNADAS, P. (2012) – *Estruturas em Negativo da Pré-História recente na Beira Interior: o caso de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte -Sabugal)*. Universidade de Coimbra

PERNARDAS, P. (2015) – O povoado calcolítico de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte, Sabugal): apresentação de alguns dados sobre a intervenção arqueológica. *Sabucale*, nº5. p. 19-58.

12. Vilar Maior

Localização: Aldeia da Ribeira, Vilar Maior e Badamales, Sabugal

Coordenadas: X: -6.938640; Y: 40.476266

CNS: 29616

Tipologia: Povoado

Cronologia: Idade do Bronze Final, Idade do Ferro e Medieval

Descrição: Este povoado implanta-se num cabeço que se destaca na paisagem com uma altimetria de 760m junto a um afluente do rio Côa. As escavações desenvolvidas

na encosta meridional do cabeço, junto ao paço ao edifício do Paços do concelho, revelaram um nível ocupacional datado da Idade do Bronze Final e Idade do Ferro (OSÓRIO, 2005a, p.36). Anterior à escavação já se havia descoberto uma lâmina pistiliforme na encosta poente do castelo. As escavações recuperaram cerâmicas manuais e a torno, utensílios de tecelagem, uma conta de colar vítrea azul entre outros.

Elementos de Tecelagem

Placas:

Crescentes:

Seixos com entalhe: 10

Elementos de fiação:

Cossoiros: 13

Contexto do(s) achado(s): Escavação

Trabalhos: 2011 (Escavação)

Depositário: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal

Bibliografia: SILVA, R. (2005) – *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio aC na Beira Interior*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

OSÓRIO, M. (2005a) – “Contributos para o estudo do I milénio a. C. no Alto Côa”. Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior, Guarda. p.35-65.

13. Sabugal Velho

Localização: Aldeia Velha, Sabugal

Coordenadas: X: -6.891271; Y: 40.334504

CNS: 5573

Tipologia: Povoado

Cronologia: Bronze Final, Idade do Ferro, Medieval

Descrição: Este povoado localiza-se no cabeço da Senhora dos Prazeres, num cume de um esporão de planta oval e superfície aplanada, onde escasseiam os afloramentos rochosos a uma altitude de 1019m. Devido à sua altitude, este cabeço tem um amplo campo de visão e um grande controlo estratégico sobre a paisagem. Em redor deste esporão, encontram-se inúmeras linhas de água. Estas condições naturais terão contribuído para a implantação do povoado neste sítio (OSÓRIO, 2000, p.209-210).

Elementos de Tecelagem**Placas:****Crescentes:****Seixos com entalhes:****Elementos de Fiação****Cossoiros:** 7**Contexto do(s) achado(s):** Escavação**Trabalhos:** Prospeção (2005/06); Escavação (2002); Escavação (2001); Escavação (2000); Escavação (1999); Sondagem (1998); Escavação (1990)**Depositário:** Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal**Bibliografia:** SILVA, R. (2005) – *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio aC na Beira Interior*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.VALERA, A. (2006) – Do neolítico inicial ao final da idade do bronze no interior centro de Portugal. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, nº21. p. 11-136.OSÓRIO, M. (2000) - O Sabugal Velho—primeiras achegas para o estudo de uma estação arqueológica. *Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda. p. 209-214.OSÓRIO, M. (2005) – Contributos para o estudo do I milénio aC no Alto Côa. *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia: Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*. p. 35-65.**14. Castelo de Alfaiates****Localização:** Alfaiates, Sabugal**Coordenadas:** X: -6.912962; Y: 40.391125**CNS:** 11105**Tipologia:** Povoado**Cronologia:** Idade do Ferro, Medieval**Descrição:** Este povoado implanta-se numa elevação topográfica com 883m de altitude orientada a noroeste. Os terrenos que rodeiam este esporão são de boa qualidade e são drenados pela ribeira de Alfaiates. O povoado de Alfaiates encontra-se a apenas 6km do povoado do Sabugal Velho (OSÓRIO, 2014, p.24).

Elementos de Tecelagem**Placas:****Crescentes:****Seixos com entalhe:****Elementos de fiação****Cossoiros:** 3**Contexto do(s) achado(s):** Escavação**Trabalhos:** Acompanhamento (2011-2012)**Depositário:** Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal**Bibliografia:** OSÓRIO, Marcos (2014) – A longa história das estruturas defensivas de Alfaiates. Da Idade do Ferro às Invasões Francesas. *Sabucale*. 6, Sabugal, p. 23-68.**15. Caria da Atalaia/ Caria Talaia****Localização:** Ruvina, Ruivas e Vale das Éguas, Sabugal**Coordenadas:** X: -7.03367; Y: 40.41813**CNS:** 25722**Tipologia:** Povoado**Cronologia:** Idade do Bronze Final, Idade do Ferro, Medieval

Descrição: O povoado de Caria Talaia implanta-se numa elevação com 794m de altitude, na área ocidental da Meseta a 16km da fronteira com Espanha. Este povoado tem domínio visual sobre o território envolvente e localiza-se sobre a margem esquerda do rio Côa que corre no sopé deste cabeço. Geologicamente, este povoado insere-se numa zona de granitos, no entanto é cortado a por um filão de quartzito com uma orientação NNE/SSW (VILAÇA *et al.*, 2020, p.81). Os vestígios arqueológicos dispersam-se pelas vertentes este e sul. No topo deste cabeço foi construída uma capela que provou remeximentos no subsolo e alterou a vertente sul (VILAÇA *et al.*, 2020, p.82). Os três seixos com entalhe identificados nas escavações, são provenientes do Sector I sondagem 2, que se localiza a norte da capela (VILAÇA *et al.*, 2020, p.85).

Elementos de tecelagem**Placas:****Crescentes:****Seixos com entalhe:** 3**Elementos de fiação****Cossoiros:**

Contexto do(s) achado(s): Escavação

Trabalhos: 2008-2009 (Sondagem); 2017 (Sondagem)

Depositário: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal e Museu Municipal do Sabugal

Bibliografia: VILAÇA, R.; OSÓRIO, M.; FERNANDES, D.; BOTTAINI, C.; SILVA, S. (2020) – A ocupação pré-histórica do cabeço de Caria Talaia (Sabugal, Portugal). CuPAUAM. Madrid. 40, p. 79-117.

16. Sabugal

Localização: Sabugal e Aldeia de Santo António, Sabugal

Coordenadas: X: -7.092779; Y: 40.352070

CNS: 14304

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico, Bronze Final, Idade do Ferro, Romano, Medieval Cristão

Descrição: Esta entrada de inventário corresponde a três intervenções feitas na parte mais elevada da cidade do Sabugal onde se localiza o castelo. A intervenção feita no castelo do Sabugal que ocupa um alto pouco elevado, circundado pelo rio Côa, praticamente por todos os lados, menos pela encosta nascente, identificou sete seixos com entalhes. A segunda intervenção abordada é a do Museu do Lapidário que se encontra no Centro Histórico do Sabugal, junto à muralha leonesa do Castelo do Sabugal. Localiza-se na vertente nascente da colina do Castelo do Sabugal, a cerca de 760m de altitude. Nesta intervenção foi possível recuperar um fragmento de placa, um seixo com entalhe e dois cossoiros. E, por fim, a terceira intervenção localizou-se na encosta sul do castelo a 753m de altitude, fora das muralhas, num socalco virado para o rio Côa (SOARES, 2018-2019, p.108). Nesta intervenção foram identificados três seixos com entalhe e um cossoiro. Estas três intervenções vieram comprovar a ocupação Pré e Proto-histórica deste local.

Elementos de Tecelagem

Placas: 1

Crescentes:

Seixos com entalhe: 15

Elementos de Fiação

Cossoiros: 3

Contexto do(s) achado(s): Escavação

Trabalhos: Acompanhamento (2001)

Depositário: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal

Bibliografia: SILVA, R. C. D. (2005) – *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio aC na Beira Interior*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

SOARES, I. (2018-2019) – As escavações arqueológicas na encosta sul do Castelo (Sabugal). Ensaio aos espaços domésticos do I milénio a.C. nas margens do Côa. *Sabucale*. Sabugal. 10, p. 7-35.

OSÓRIO, M. (2005) – Contributos para o estudo do I milénio aC no Alto Côa. *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia. Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*, p. 35-65.

PERESTRELO, M. S., & OSÓRIO, M. (2005) – Pré-História recente na região da Guarda–Alguns subsídios. *Côavisão* n°7. p. 207-231.

17. Castelejo

Localização: Sortelha, Sabugal

Coordenadas: X: -7.172670; Y: 40.341927

CNS: 2919

Tipologia: Povoado

Cronologia: Idade do Bronze

Descrição: O povoado do Castelejo localiza-se entre dois cabeços graníticos, bem destacados na paisagem, e formam uma plataforma em “sela” (VILAÇA, 1993, p.53). O cabeço mais elevado, que atinge os 855m de altitude, revelou uma intensa ocupação, tendo em conta a quantidade de materiais encontrados. Este povoado tem domínio visual para os vales de Quarta-Feira e Zêzere.

Elementos de Tecelagem

Placas: 1

Crescentes:

Seixos com entalhe: 12

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Escavação. Estes seixos com entalhe foram abordados e estudados na tese de doutoramento de Raquel Vilaça (VILAÇA, 1995, p.111).

Trabalhos: Prospecção (2008); Escavação (1990); Escavação (1989); Escavação (1988)

Depositário: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Bibliografia: SILVA, R. (2005) – *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio aC na Beira Interior*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

VILAÇA, R. (1993) – Resultados preliminares das escavações realizadas no povoado do Castelejo (Sabugal). *Estudos Pré-históricos I*. p.51-65.

VILAÇA, R. (1996) – Contributos para a caracterização do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) durante as últimas etapas do Bronze Final. *Materiais, I*. p.37-44.

VILAÇA, R. (2008) – A Proto-história no Museu do Sabugal. *Museu do Sabugal, Colecção Arqueológica*. p.39-51.

18. São Cornélio

Localização: Sortelha, Sabugal

Coordenadas: X: -7.179833; Y: 40.351406

CNS: 16860

Tipologia: Povoado

Cronologia: Idade do Bronze Final/ Idade do Ferro

Descrição: O povoado de São Cornélio corresponde a uma elevação que chega a atingir os 960m de altitude, um dos pontos mais altos do concelho do Sabugal. A plataforma onde se implanta o povoado é caracterizada pela existência e inúmeros afloramentos graníticos. Devido à sua posição altimétrica este povoado tem um grande domínio visual em seu redor, controlando o território do Sabugal até ao Cabeço de Fráguas, avistando a ribeira de Quarta-Feira e o rebordo norte da Cova da Beira (SILVA, 2005, p.25). Podemos dizer que este povoado é fortificado, pois foram identificadas estruturas defensivas, construídas em alvenaria com pedras de granito (OSÓRIO, 2005, p.38).

Elementos de Tecelagem

Placas:

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros: 1

Contexto do(s) achado(s): Prospeção

Trabalhos: Prospeção (2004); Prospeção (2008); Escavação (2020-2023)

Depositário: Museu Municipal do Sabugal

Bibliografia: OSÓRIO, M. (2005) – Contributos para o estudo do I milénio aC no Alto Côa. *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia: Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*, p.35-65.

SILVA, R. (2005) – *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a.C na Beira Interior*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Universidade de Coimbra (Portugal).

19. Castro de São Romão

Localização: São Romão e Lapa dos Dinheiros, Seia

Coordenadas: X: -7.701026; Y: 40.391429

CNS: 2983

Tipologia: Povoado

Cronologia: Idade do Bronze, Romano

Descrição: O povoado do Castro de São Romão situa-se entre a confluência do rio Alva com a ribeira da Caniça, num cabeço da vertente noroeste da Serra da Estrela. Este cabeço tem uma ampla visibilidade do território que se estende desde o Maciço Central até à Lousã, avistando ainda os cumes das serras do Caramulo e do Buçaco, bem como terras altas do norte e oriente de Viseu. O povoado implanta-se numa plataforma que atinge os 888m de altitude onde há presença de várias nascentes e curso de água. Geologicamente, este povoado implanta-se numa zona de granitos característicos da Serra da Estrela, por sua vez a este desta elevação existem filões de xisto-grauváquico ante ordovício das Beiras. O povoado do Castro de São Romão foi identificado por Martins Sarmiento em 1881 no âmbito da expedição científica à Serra da Estrela. Posteriormente foi intervencionado no âmbito do programa PEABMAN.

Elementos de Tecelagem

Placas:

Crescentes:

Seixos com entalhe: 3

Elementos de fiação**Cossoiros:** 1**Contexto do(s) achado(s):** Escavação**Trabalhos:** 1881 (Escavação); 1983/84 (Prospecção); 1985-1988 (Escavação)**Depositário:** UNIARQ – Cento de Arqueologia da Universidade de Lisboa**Bibliografia:** GUERRA, A., FABIÃO, C., & de SENNA-MARTINEZ, J. C. (1988) – O Cabeço do Crasto de São Romão, Seia: alguns resultados preliminares das campanhas 1 (1985) a 3 (1987). *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, nº2. p. 189-234.**20. Quinta da Atalaia****Localização:** Carnicães, Trancoso**Coordenadas:** X: -7.335296; Y: 40.735001**CNS:** 24941**Tipologia:** Povoado**Cronologia:** Calcolítico, Idade do Ferro**Descrição:** O povoado da Quinta da Atalaia, ocupa um monte sobranceiro à Cova de Celorico. Do lado sul do povoado é possível observar uma provável muralha defensiva (VELHO & VELHO, 1999, p.242).**Elementos de Tecelagem****Placas:** 1**Crescentes:****Seixos com entalhe:****Elementos de Fiação****Cossoiros:****Contexto do(s) achado(s):** Prospecção**Trabalhos:** Sondagem (2009/10); Prospecção (2009); Prospecção (2006)**Depositário:** TERRALEVIS, Património, Arqueologia e Sistemas de Informação, Lda**Bibliografia:** VELHO, A.L. & VELHO, G. L. (1999) – A estação calcolítica da Quinta da Atalaia (Trancoso, Guarda). *Estudos Pré-Históricos VII*. p.241-250.VILAÇA, R. (2009) – Pré e Proto-história. Celorico antes dos Romanos. *Celorico da Beira Através da História*. Câmara Municipal de Celorico da Beira/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. p. 11-28.

21. Curral da Pedra

Localização: Chãs, Vila Nova de Foz Côa

Coordenadas: X: -7.176111; Y: 41.993889

CNS:

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico

Descrição: Localiza-se num patamar a meia vertente entre a depressão de Longroiva e o planalto de Chãs, a uma altitude de 350m. No topo deste esporão encontram-se imensos afloramentos graníticos, onde se destaca uma estrutura circular denominada por “curral”. O sítio onde se implanta o povoado encontra-se muito alterado devido á construção de muros de retenção de terras (CARVALHO, 2003, p.234).

Elementos de Tecelagem

Placas: 1

Crescentes:

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Prospeção

Trabalhos: Prospeção (1998)

Depositário:

Bibliografia: COIXÃO, A. (1999) – A ocupação humana na pré-história recente na região de Entre Côa e Távora. Dissertação de mestrado policopiada, Universidade do Porto

CARVALHO, A. (2003) –O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do vale do Côa, 1996-2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº6. p. 229-273.

22. Castelo Velho

Localização: Freixo Numão, Vila Noa de Foz Côa

Coordenadas: X: -7.191951; Y: 41.072518

CNS: 2641

Tipologia: Recinto

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze

Descrição: Localiza-se um alto de um morro a 681m de altitude. É delimitado a sul e noroeste por ribeiras afluentes do rio do Vale da Vila, que desaguam no rio Douro. Este povoado apresenta boas condições de defesa, exceto a norte e noroeste. Visualmente, domina o vale da Vila e a superfície de Foz Côa, bem como parte significativa da meseta setentrional, até à Serra de Marofa.

Elementos de Tecelagem

Placas: 155 fragmentos

Crescentes:

Seixos com entalhes:

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Escavação

Trabalhos: Escavação (2003) ;Escavação (2002); Escavação (2001); Escavação (2000); Escavação (1999); Escavação (1998); Escavação (1997); Escavação (1994); Escavação (1993); Escavação (1992); Escavação (1991); Escavação (1990); Escavação (1989); Prospeção (1980)

Depositário: Museu da Casa Grande (Palácio Barroco), Freixo Numão e Susana Maria Soares Rodrigues Lopes

Bibliografia: GOMES, S. (2019) – Revisitar o estudo dos pesos de tear de Castelo Velho de Freixo Numão. As deposições como uma antologia de existências. *digitAR-Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, nº1. p. 281-303.

JORGE, S. (2002) – Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. (<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8056/2/4997.pdf>)

23. Castanheiro do Vento

Localização: Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa

Coordenadas: X: -7.324856; Y: 41.062811

CNS: 8489

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze

Descrição: Localiza-se num alto de um morro xistoso de planta sub-circular a uma altitude de 730m. A zona mais a norte do povoado é mais elevada, coberta por

amontoados de pedras. Este sítio arqueológico pode denominar-se como “recinto monumental” e estamos perante um local complexo e multifuncional.

Elementos de Tecelagem

Placas: 110 fragmentos

Crescentes: 1 fragmento

Seixos com entalhe:

Elementos de Fiação

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Escavação

Trabalhos: Escavação (2017); Manutenção, proteção, conservação e restauro (2015); Acompanhamento (2012); Escavação (2012); Escavação (2011); Escavação (2010); Escavação (2009); Escavação (2008); Escavação (2007); Escavação (2006); Escavação (2005); Escavação (2004); Escavação (2003); Escavação (2002); Escavação (2001); Escavação (2000); Escavação (1999); Sondagem (1998); Prospeção (1990).

Depositário: Museu da Casa Grande (Palácio Barroco)

Bibliografia: PEREIRA, M. (2010) – *Pesos e tear e elementos de tear na pré-história recente portuguesa: contributos para repensar o processo arqueológico*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

24. Povoado do Fumo

Localização: Almendra, Vila Nova de Foz Côa

Coordenadas: X: -7.083206; Y: 40.997294

CNS: 11189

Tipologia: Povoado

Cronologia: Idade do Bronze

Descrição: Localiza-se sobre uma depressão com orientação leste-oeste, no rebordo norte do planalto de Almendra a 314m de altitude. Este povoado ocupa uma posição sobranceira à margem esquerda da Ribeirinha, a cerca de 2km da sua confluência com o rio Côa. A vertente que confronta com a Ribeirinha é muito inclinada. A norte do povoado existe uma elevação que lhe confere um grande domínio visual sobre o rio Côa, entre Penascosa e a Quinta da Ervamoira, bem como os planaltos envolventes (CARVALHO, 2004, p.188). O abastecimento de água durante a sua ocupação faz-se-ia, provavelmente, recorrendo a uma nascente que, ainda nos dias de hoje, está ativa no limite poente do sítio (CARVALHO, 2004, p.188).

Elementos de Tecelagem**Placas:** 5**Crescentes:****Seixos com entalhe:****Elementos de Fiação****Cossoiros:**

Contexto do(s) achado(s): Nas escavações realizadas em 1999, sondou-se uma pequena área de 2x2m, na parte Oeste do povoado, designada Sondagem Poente. Nesta sondagem foram identificados três fragmentos de pesos de tear. Um deles à superfície e os outros dois no decorrer da escavação. Ainda foram identificados mais dois fragmentos no quadrado K37. «Tipologicamente, estes pesos de tear são paralelepípedicos, deduzindo-se que teriam duas perfurações em cada topo. Dadas as boas condições de conservação do sítio e o afastamento entre os dois locais onde se efetuaram os achados, é possível que a sua localização corresponda a áreas de tecelagem» (CARVALHO, 2004, p.197.)

Trabalhos: Escavação (2008); Escavação (2007); Escavação (2006); Escavação (1999); Escavação (1998); Escavação (1997); Sondagem (1996); Prospeção (1992)

Depositário: PAVC – Parque Arqueológico do Vale do Côa

Bibliografia: CARVALHO, A. (2003) – O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do vale do Côa, 1996-2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia* nº6. p.229-273.

CARVALHO, A. (2004) - O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº7. p. 185- 219

COIXÃO, A. (1999) – *A ocupação humana na pré-história recente na região de Entre Côa e Távora*. Dissertação de mestrado policopiada, Universidade do Porto.

Distrito de Castelo Branco

25. São Martinho

Localização: Castelo Branco, Castelo Branco

Coordenadas: X: -7.464963; Y: 39.804181

CNS: 4186

Tipologia: Povoado

Cronologia: Bronze Final, Idade do Ferro, Romano

Descrição: O Monte de São Martinho encontra-se a 3,5km da cidade de Castelo Branco, numa elevação de forma cónica a 435m de altitude e com grande destaque na paisagem. Este povoado terá sido ocupado na viragem do II para o I milénio a.C., e caracteriza-se pela presença de estruturas habitacionais simples.

Elementos de Tecelagem

Placas:

Crescentes:

Seixos com entelhe: 4

Elementos de Fiação

Cossoiros: 1 fragmento

Contexto do(s) achado(s): Prospeção

Trabalhos:

Depositário:

Bibliografia: VALERA, A. C. (2006). Do neolítico inicial ao final da idade do bronze no interior centro de Portugal. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, nº2. p. 11-136.

VILAÇA, R. (2004) – O monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze. *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco, p. 53-61.

26. Monte do Trigo

Localização: Idanha-a-Nova e Alcafozes, Idanha-a-Nova

Coordenadas: X: -7.192231; Y: 39.924684

CNS: 10613

Tipologia: Povoado

Cronologia: Calcolítico, Idade do Bronze

Descrição: O povoado do Monte do Trigo implanta-se numa elevação de forma cónica sobre uma pequena plataforma oval aplanada, abrangendo uma área de aproximadamente 630m², com uma altitude máxima de 362m que se destaca na paisagem. Este povoado integra-se na bacia hidrográfica do Ponsul, com orientação nordeste/sudeste, a cerca de 160m para poente (VILAÇA & CRISTÓVÃO, 1995, p.201).

Elementos de Tecelagem

Placas: 6

Crescentes: 29

Seixos com entelhes: 3

Elementos de Fiação

Cossoiros: 1

Contexto do(s) achado(s): Escavação

Trabalhos: Escavação (1997); Escavação (1996); Escavação (1995); Levantamento (1991)

Depositário: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Bibliografia: VILAÇA, R., & CRISTÓVÃO, E. (1995) – Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-históricos* III. p.201-211.

27. Povoado da Cachouça

Localização: Idanha-a-Nova e Alcafozes, Idanha-a-Nova

Coordenadas: X: -7.232915; Y: 39.975485

CNS: 2352

Tipologia: Povoado

Cronologia: Neo-calcolítico/Calcolítico e Idade do Bronze Final/I Idade do Ferro

Descrição: O povoado da Cachouça implanta-se numa área planáltica com as vertentes em esporão. O acesso a esta plataforma é de difícil acesso pelas vertentes sul e oeste, por sua vez as vertentes norte e este apresentam boas condições naturais de defesa (SILVA, 2005, vol. II, p.43). A visibilidade deste povoado é parcial nos sentidos sul e este, sobre o vale do rio Ponsul, a barroca de Canada e o rio Torto. Este vale nos dias de hoje encontra-se totalmente transformado devido à construção da barragem

“Marechal Carmona”. Geologicamente, este povoado insere-se numa zona de granitos calco-calcários e no complexo xisto-grauváquico da Beira. No decorrer das escavações realizadas foram identificadas estruturas habitacionais e um talude construído em terra e pedra (VILAÇA, 2007, p.1-2).

Elementos de Tecelagem

Placas:

Crescentes:

Seixos com entelhes:

Elementos de Fiação

Cossoiros: 1

Contexto do(s) achado(s): Prospeção

Trabalhos: Sondagem (1990); Escavação (1992); Escavação (1996-1999)

Depositário: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Bibliografia: SILVA, R. (2005) – *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio aC na Beira Interior*. Coimbra. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Vol. II p. 43.

VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira interior (Centro e Sul) nos finais da idade do bronze*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, (Trabalhos de Arqueologia nº 9) p. 321.

VILAÇA, R. (2007) – A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica*, Vol. 8. p. 67-75.

28. Alegrios

Localização: Monsanto e Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova

Coordenadas: X: -7.129529; Y: 40.068270

CNS: 5862

Tipologia: Povoado

Cronologia: Idade do Bronze Final

Descrição: O relevo onde se implanta o povoado é considerado um “Inselberg” com uma configuração grosseiramente oblonga no sentido NE/SW e chega a atingir os 800m de comprimento. A sua topografia é caracterizada por ser bastante acidentada, onde

existem diversos afloramentos graníticos. Este povoado implanta-se a 598m de altitude com um destaque na paisagem tendo uma excelente posição de visibilidade, sendo as únicas barreiras naturais as cristas quartzíticas de Penha Garcia e mais longe as serras da Malcata, da Estrela, da Gardunha e do Moradal (VILAÇA, 1995, p. 164).

Elementos de Tecelagem

Placas:

Crescentes:

Seixos com entalhe: 3

Elementos de fiação

Cossoiros: 1

Contexto do(s) achado(s): Escavação

Trabalhos: Prospecção (1985); Escavação (1986-1990)

Depositário: Museu Municipal de Idanha-a-Nova

Bibliografia: VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira interior (Centro e Sul) nos finais da idade do bronze*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, (Trabalhos de Arqueologia nº 9) p. 164-210.

29. Moreirinha

Localização: Monsanto e Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova

Coordenadas: X: -7.116045; Y: 40.0601498

CNS: 3179

Tipologia: Povoado

Cronologia: Idade do Bronze Final

Descrição: O povoado da Moreirinha implanta-se numa elevação a 679m de altitude. A plataforma que ocupa tem uma configuração alongada e irregular desenvolvendo-se no sentido E-W, com cerca de 200m de comprimento no seu eixo maior. Esta estação arqueológica localiza-se na zona mais ocidental da “Superfície de Castelo Branco”, com um bom domínio visual sobre a região. A norte e a nascente o território é marcado por pequenos cabeços que se desenvolvem até à cista quartzítica de Penha Garcia e pelas serras da Malcata e Gata. A noroeste é possível observar os contrafortes da serra da Estrela e a poente as serras da Gardunha e do Muradal. Por sua vez, a sul, observa-se o monte onde se implanta Monsanto restringindo a visibilidade nessa direção. É de salientar que o povoado dos Alegrios se encontra a 1500m do povoado da Moreirinha e a 2750m de Monsanto (VILAÇA, 1995, p.211-212).

Elementos de Tecelagem**Placas:****Crescentes:****Seixos com entalhe: 1****Elementos de fiação****Cossoiros:****Contexto do(s) achado(s):** Escavação**Trabalhos:** Sondagem (1989); Escavação (1990-1996)**Depositário:** Museu Municipal de Idanha-a-Nova**Bibliografia:** VILAÇA, R. (1995) – Aspectos do povoamento da Beira interior (Centro e Sul) nos finais da idade do bronze. Lisboa: *Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico*, (Trabalhos de Arqueologia nº 9) p. 211-239.**30. Cabeço da Malhoeira****Localização:** Benquerença, Penamacor**Coordenadas:** X: -7.262479; Y: 40.230016**CNS:** 7513**Tipologia:** Povoado**Cronologia:** Calcolítico

Descrição: Este povoado de tipo aberto, implanta-se num pequeno cabeço com boa visibilidade a 474m de altitude. A vertente norte está voltada para a ribeira de Meimoa e as outras vertentes, com declives muito suaves, alongam-se em direção dos cabeços vizinhos. A área planáltica em que se insere o povoado é rodeada, de noroeste para norte, pelos relevos do cabeço do Escarigo, Monte Pelado e a Serra da Opa, por sua vez, a sul, pelo alinhamento montanhoso da Serra de Santa Marta (OLIVEIRA, 1998, p.244). Geologicamente, implanta-se sobre um complexo xisto-grauváquico, com predominância de xistos gregosos, delimitado pelos depósitos aluvionares da ribeira de Meimoa.

Elementos de Tecelagem**Placas:** 3**Crescentes:****Seixos com entalhes:** 23**Elementos de Fiação**

Cossoiros:

Contexto do(s) achado(s): Escavação

Trabalhos: Escavação (1992-1994); Escavação (1996-1997); Prospeção (2015)

Depositário: IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico

Bibliografia: OLIVEIRA, A. (1996) – *Contributo para o Estudo da Pré-história Recente da Bacia do Curso Médio da Ribeira da Meimoa*. Universidade do Porto (tese de Mestrado policopiada).

OLIVEIRA, A. (1998) – O povoado pré-histórico do Cabeço da Malhoeira (Benquerença, Penamacor) In CRUZ, Domingos J. (coord) – *Actas do Colóquio: A Pré-História na Beira Interior*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, nº 6. p. 243-259

31. Monte do Frade

Localização: Penamacor, Penamacor

Coordenadas: X: -7.130768; Y: 40.138886

CNS: 3726

Tipologia: Povoado

Cronologia: Idade do Bronze

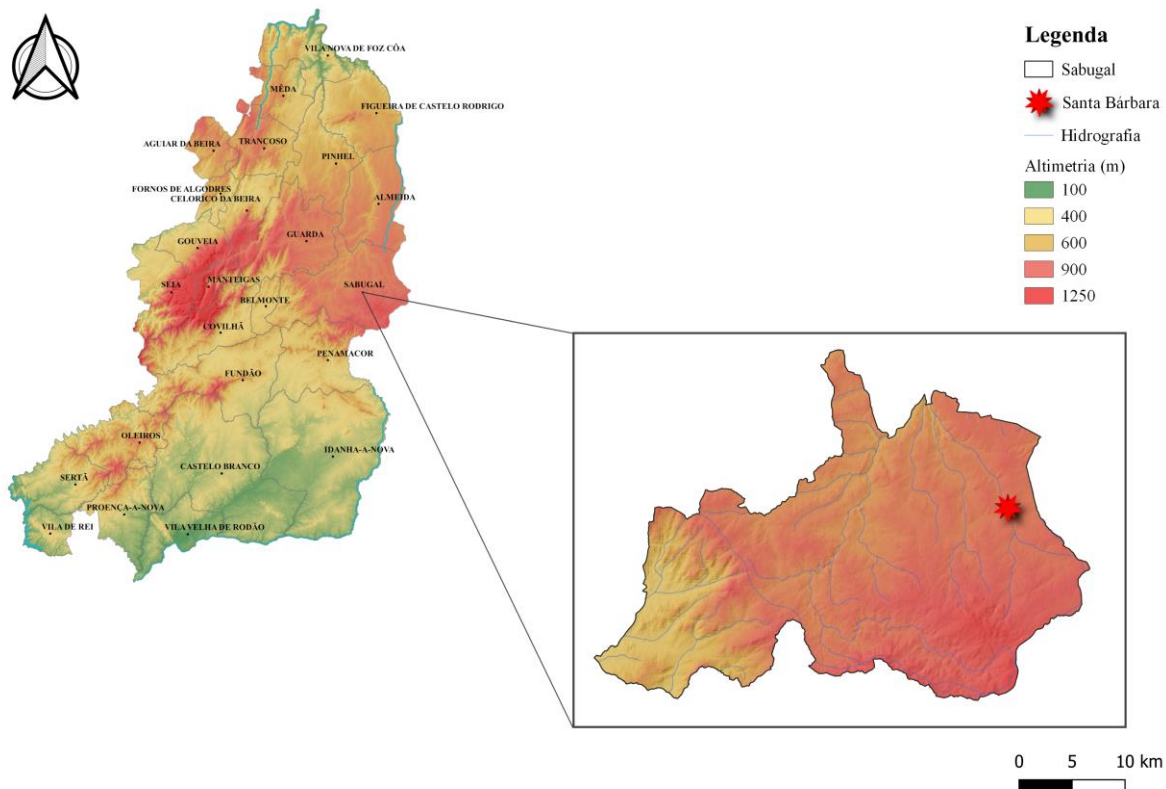
Descrição: O povoado do Monte do Frade corresponde a uma elevação que atinge os 576m de altitude. Esta plataforma tem uma configuração alongada e grosseiramente elíptica, orientada a NW/SE com 800m de comprimento no seu seixo maior. No topo deste monte destacam-se três “picos” independentes com altimetrias que oscilam entre 546 e 580m (VILAÇA, 1995, p.125). A topografia do terreno é acidentada, composta por grandes afloramentos graníticos, onde se destacam duas plataformas com condições favoráveis à habitação deste local. Este cabeço tem destaque na paisagem identificado como “Inselberg”. Este povoado situa-se na área nordeste da “Superfície de Castelo Branco” próxima da “Superfície da Meseta”. A norte deste povoado, dominam os planaltos e as montanhas que constituem a Cordilheira Central. A visibilidade abrange a serra da Gata (Espanha). A sudeste é possível observar a crista quartzítica de Penha Garcia e a sul observam-se o povoado da Moreirinha e Monsanto. Nos restantes sentidos, no horizonte é observa-se os contrafortes das serras da Estrela, da Gardunha e do Moradal, mais ao longe (VILAÇA, 1995, p.126).

Elementos de Tecelagem**Placas:****Crescentes:****Seixos com entalhes: 6****Elementos de Fiação****Cossoiros:****Contexto do(s) achado(s):** Escavação**Trabalhos:** Prospeção (1988-1989); Escavação (1990-1991); Sondagem (1995);
Prospeção (2015)**Depositário:** Museu Municipal de Penamacor**Bibliografia:** VILAÇA, R. (1995) – Aspectos do povoamento da Beira interior (Centro e Sul) nos finais da idade do bronze. Lisboa: *Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico*, (Trabalhos de Arqueologia nº 9). p. 125-163.

PARTE II – CASOS DE ESTUDO

1. Santa Bárbara

1.1. Localização geográfica



1.2. Inventário de materiais

Tabela 1: Inventário de materiais do povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário	Nº de inventário de campanha	Referência de campo	Tipo de material	Tipologia	Estado de conservação	Colagem
1	001	S.BAR S.2/4.3	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
2	019/020	S.BAR S.4.3	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Sim
3	052	S.BAR S.10.2	Cerâmica	Placa	Área mesial	Não
4	118	S.BAR F1C.3	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não

5	128	S.BAR F5.1	Cerâmica	Placa	Área mesial	Não
6	130	S.BAR F5.1	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não
7	155	S.BAR F5.1	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não
8	164	S.BAR F5.2	Cerâmica	Placa	Bastante completo	Não
9	325	S.BAR S11.6	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
10	330	S.BAR S11.6	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não
11	333	S.BAR S7.2	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não
12	349	S.BAR F5.0 1	Cerâmica	Placa	Bastante completo	Não
13	368	S.BAR S.4.2	Cerâmica	Placa	Área mesial	
14	386	S.BAR F1D.1	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
15	418	S.BAR F1D.3	Cerâmica	Placa	Bastante completo	Não
16	419	S.BAR F1D.3	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
17	432	S.BAR F1D.3	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
18	433	S.BAR F1D.3	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
19	449	S.BAR F1D.6	Cerâmica	Placa (?)	Pequeno fragmento	Não
20	474	S.BAR M1.1	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
21	509	S.BAR F1C.4	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
22	523	S.BAR F2C.6	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não

23	529	S.BAR F1B.9	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
24	530	S.BAR F5.12	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não
25	531	S.BAR S11.4	Cerâmica	Placa	Bastante completo	Não
26	532	S.BAR F63.2	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
27	533	S.BAR F5.10	Cerâmica	Indeterminado	Área mesial	Não
28	534	S.BAR F5.10	Cerâmica	Placa	Bastante completo	Não
29	535	S.BAR F5.10	Cerâmica	Indeterminado	Pequeno fragmento	Não
30	536	S.BAR F5.10	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
31	537	S.BAR F1A.6	Cerâmica	Placa	Pequeno Fragmento	Não
32	538	S.BAR F1A.6	Cerâmica	Placa	Pequeno Fragmento	Não
33	582	S.BAR (?)	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
34	583	S.BAR (?)	Cerâmica	Placa	Pequeno Fragmento	Não
35	584	S.BAR (?)	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
36	612	S.BAR F7.4	Cerâmica	Indeterminado	Pequeno fragmento	Não
37	613	S.BAR F7.4	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
38	614	S.BAR F3.3	Cerâmica	Placa	Área Mesial	Não
39	666	S.BAR F7.9	Cerâmica	Placa	Fragmento com perfuração	Não

40	756	S.BAR F.1.5	Cerâmica	Placa	Fragmento com perfuração	Não
41	757	S.BAR F1C.4	Cerâmica	Placa	Bastante completo	Não
42	808	S.BAR F1D.3	Cerâmica	Indeterminado	Pequeno Fragmento	Não
43	899	S.BAR F1D.4	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não
44	900	S.BAR F1D.4	Cerâmica	Placa	Área Mesial	Não
45	s/n	S.BAR F1.5 (?)	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não

1.3. Fichas de análise de materiais

Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 01

Referência de campo: (001) S.BAR S.2/4.3

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Ovalada

Nº Perfurações: 1

Diâmetro (cm): 0,5

Vestígios de uso: Sim

Dist. Perfurações (cm):

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): 1,5

Dist. Perf. Topo (cm): 1,4

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2,7

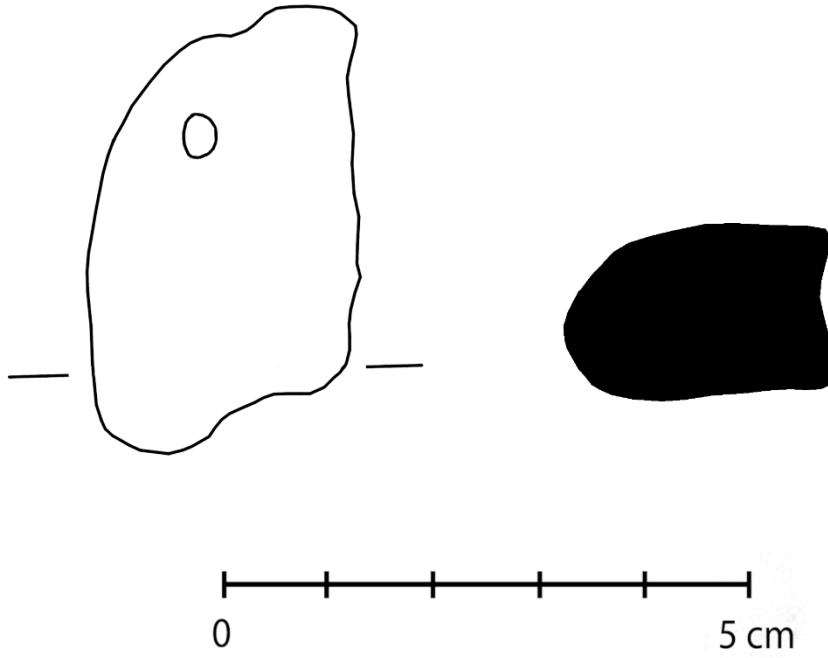
Peso (g): 105

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos observados na fratura da peça são muito frequentes e de grande calibre. Podemos observar pedaços de quartzo que variam entre 0,5-1cm. A cozedura da peça é redutora com arrefecimento oxidante.

Decoração: Não

Observações: A peça é constituída por dois fragmentos. A fratura dá-se junto da única perfuração da peça. Podemos caracterizar este fragmento por ser um peso de tear ovalado, com arestas e cantos arredondados.

Registo gráfico



Registo fotográfico



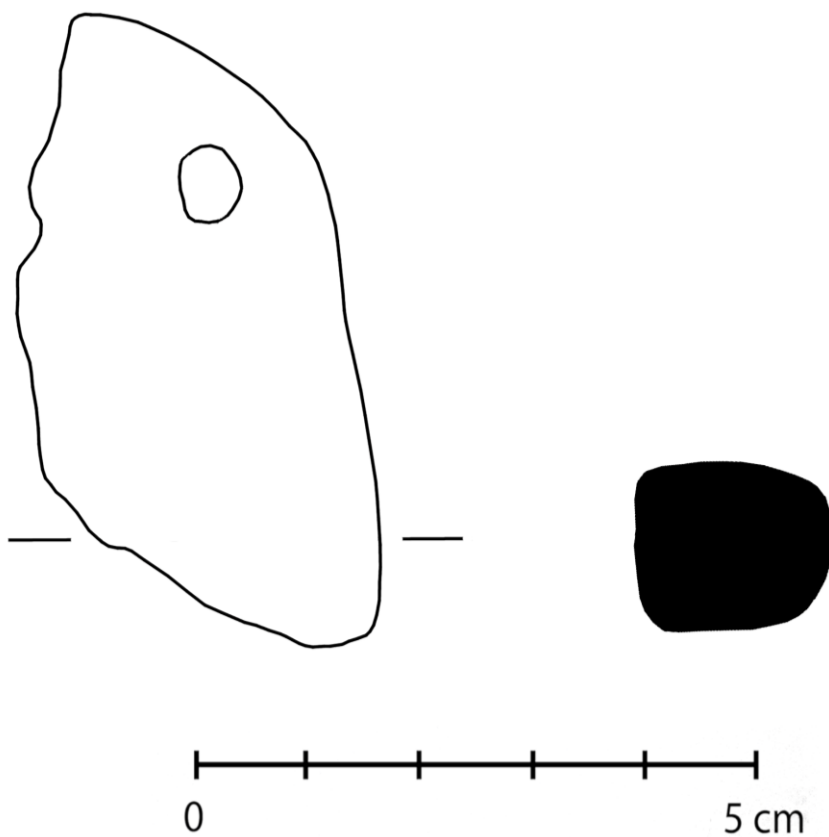
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 02**Referência de campo:** (020/019) S.BAR S.4.3/ S.BAR S.4.3**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,7**Dist. Perf. Topo (cm):** 0,4**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,6**Peso (g):** 53

Fabrico: Fragmento com pasta homogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos observáveis são raros e de pequeno calibre. A tonalidade negra da peça indica-nos que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Peça composta por dois fragmentos, inventariados individualmente. Apesar da secção da peça não se encontrar completa, podemos deduzir que esta seria ovalada devido à aresta observável ser muito arredondada, bem como o canto.

Registo gráfico



Registo fotográfico



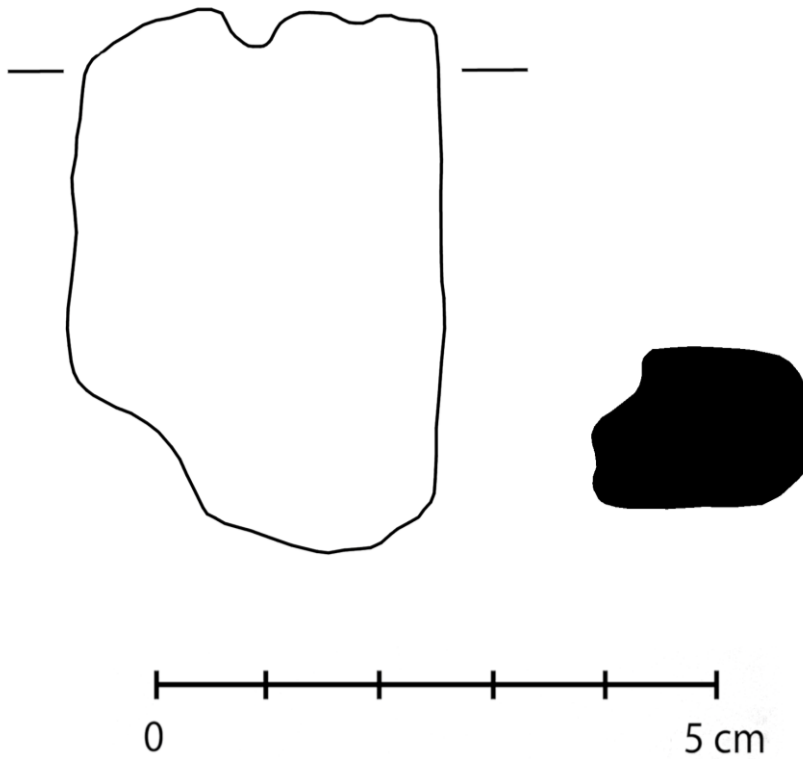
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 03**Referência de campo:** (052) S.BAR S.10.2**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,7**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,4**Peso (g):** 56

Fabrico: Pasta de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e os que se podem observar são de pequeno calibre. A tonalidade alaranjada da peça indica-nos que a cozedura é oxidante. No entanto, a cozedura desta peça não foi uniforme, como podemos observar na fotografia o plano frontal apresenta uma tonalidade mais escura.

Decoração: Não

Observações: Neste fragmento é possível observar parte de uma perfuração que não se encontra completa, de todo modo, a medida do seu diâmetro foi possível retirar junto à fratura. Esta placa apresenta arestas retas, o que nos leva a querer que a sua secção seja sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 04

Referência de campo: (118) S.BAR F1C.3

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento mesial

Secção: Ovalada

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações: -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2,1

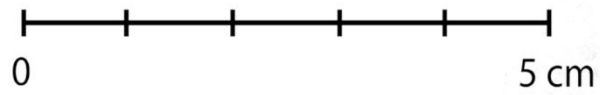
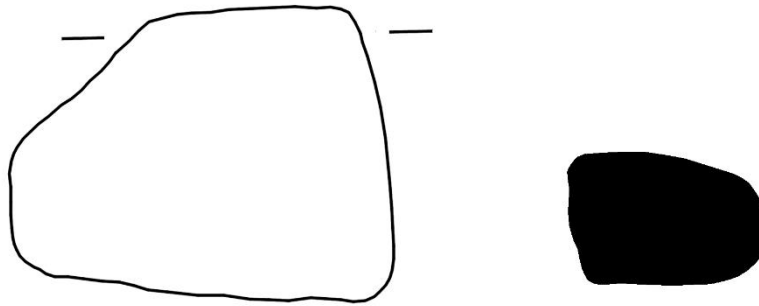
Peso (g): 27

Fabrico: Fragmento com pasta homogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre, no entanto é possível observar um pedaço de quartzo de maior dimensão. A tonalidade bege da peça permite-nos aferir que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento não nos permite fazer uma análise muito detalhada devido ao seu mau estado de conservação. No entanto, observamos que as arestas são arredondadas, por esta mesma razão, deduzimos que a sua secção fosse ovalada ou tendencialmente ovalada.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 05

Referência de campo: (128) S.BAR F5. 1

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento mesial

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2,5

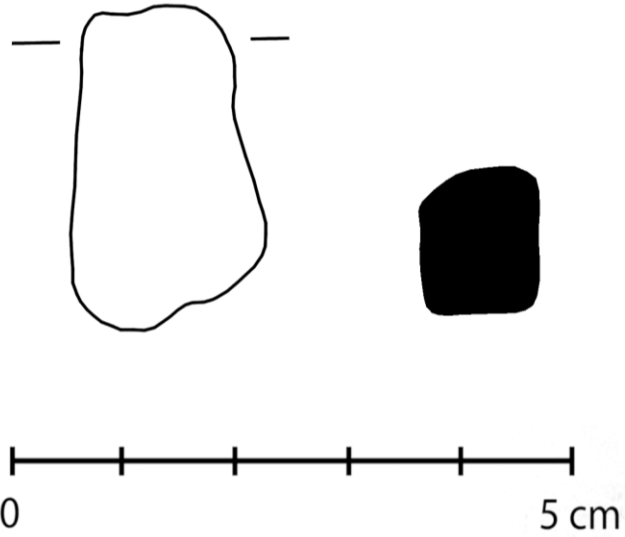
Peso (g): 18

Fabrico: Fragmento homogéneo de consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade escura permite-nos aferir que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: A secção deste fragmento não se encontra completa, porém, como as arestas que se observam na peça são muito retas, deduzimos que a sua secção fosse sub-retangular. Este fragmento apresenta indício de perfuração muito ténue na sua parte superior.

Registo gráfico



Registo fotográfico



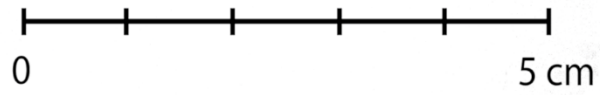
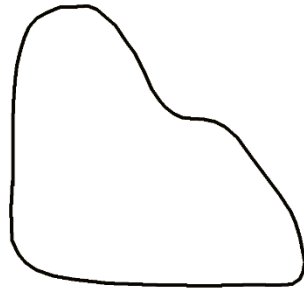
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 06**Referência de campo:** (130) S.BAR F5.1**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1**Dist. Perf. Topo (cm):** 0,8**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,9**Peso (g):** 18

Fabrico: Pasta de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura é oxidante com arrefecimento redutor.

Decoração: Não

Observações: Neste fragmento é possível observar parte de uma perfuração, retiramos a sua medida junto à fratura. Em relação ao canto que é observável este é anguloso e as suas arestas são retas, podemos supor que a sua secção seria sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



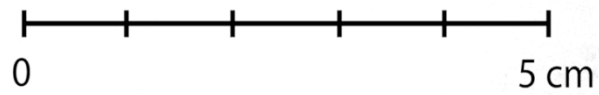
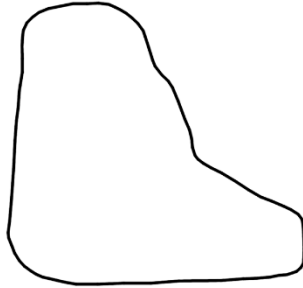
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 07**Referência de campo:** S.BAR F5.1 155**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações:** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** -**Peso (g):** 24

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. O tom castanho-escuro da peça indica-nos que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento não nos permite retirar muitas informações. Para lá do seu peso, que também não nos indica muito, tendo em conta que é apenas um pequeno fragmento de uma placa, podemos acrescenta que a aresta que apresenta é reta.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 08

Referência de campo: (164) S.BAR F5.2

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: 2

Diâmetro (cm): 0,8/0,8

Vestígios de uso: Sim

Dist. Perfurações (cm): 0,8

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): 0,9/1,2

Dist. Perf. Topo (cm): -/1,3

Comprimento (cm): -

Largura (cm): 4,4

Espessura (cm): 2,2

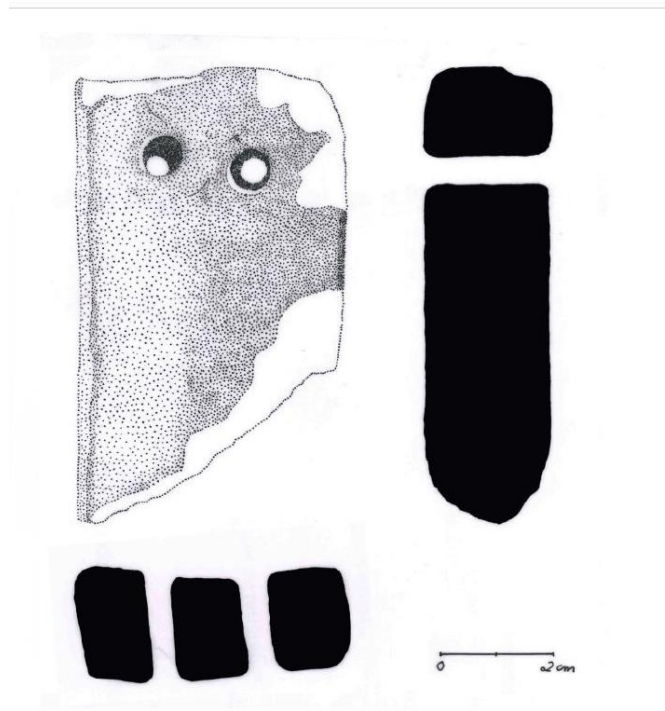
Peso (g): 112

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos observados nas zonas de fratura são raros grande calibre. A cozedura da peça é redutora como nos indica a sua tonalidade castanha-escura.

Decoração: Não

Observações: No verso da peça é possível observar uma fratura oblíqua à secção. Os cantos desta placa angulosos e arestas retas. O desenho apresentado foi retirado da tese de mestrado de Paulo Pernadas (PERNADAS, 2012, p.165, Est. LXX).

Registo gráfico



Registo fotográfico



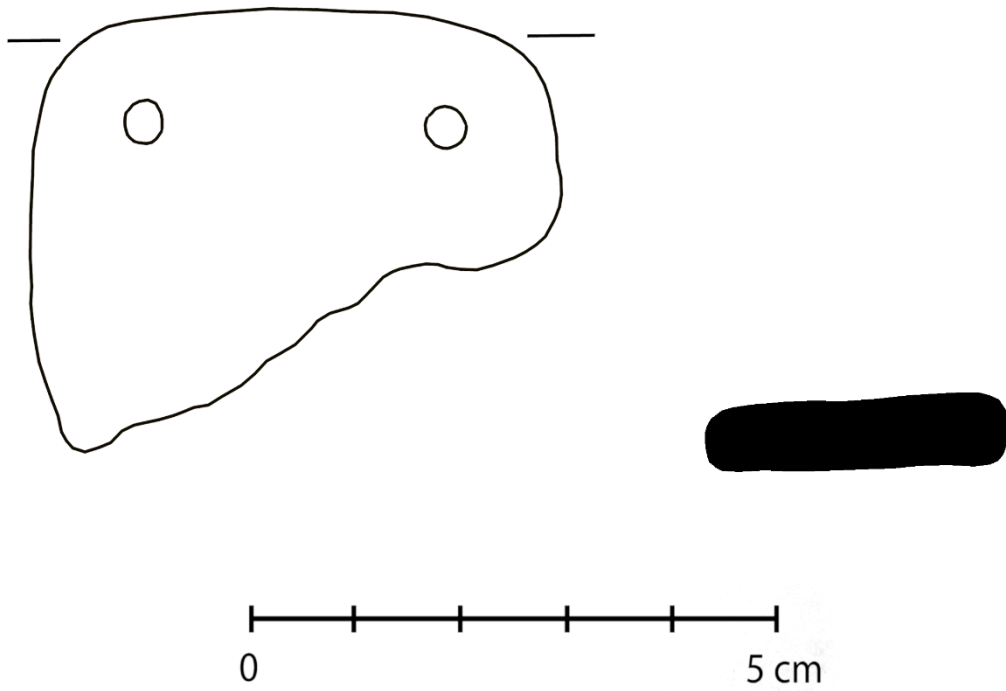
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 09**Referência de campo:** (325) S.BAR S11.6**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,6/0,8**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** 2,4**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,6/0,4**Dist. Perf. Topo (cm):** 0,6/0,5**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 5,1**Espessura (cm):** 1,8**Peso (g):** 39

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. Na fratura da peça podemos observar um elemento não plástico de grandes dimensões (0,6cm). A cozedura da peça não é regular, mas caracterizo-a por ter uma cozedura oxidante com arrefecimento redutor.

Decoração: Não

Observações: Quanto aos elementos não plásticos podemos acrescentar que há presença de micas de pequenas dimensões. Os cantos desta placa são arredondados bem como as arestas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



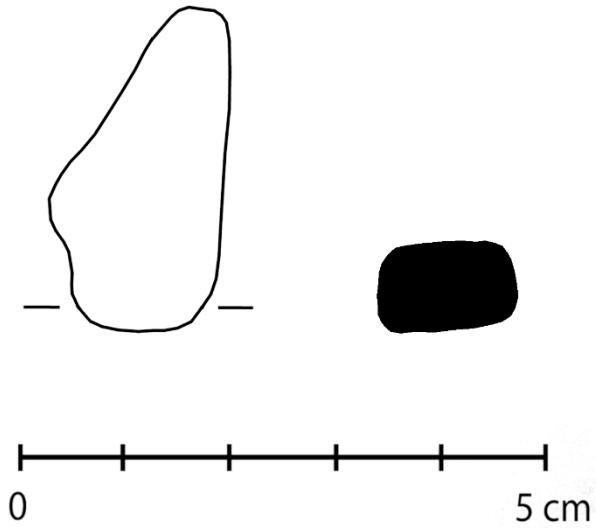
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 10**Referência de campo:** (330) S.BAR S11.6**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,6**Peso (g):** 16

Fabrico: Fragmento de textura heterogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são frequentes e de pequeno calibre. A tonalidade negra da peça indica-nos que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento de placa de tear corresponde a um canto, e podemos caracterizá-lo por ser anguloso. São poucas as informações que podemos retirar deste fragmento tendo em conta o seu tamanho. Pelo canto observável ser anguloso e as arestas retas, deduzimos que a secção desta placa fosse sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



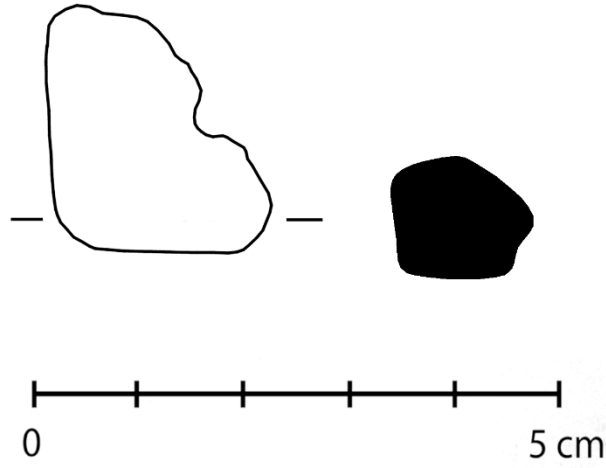
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 11**Referência de campo:** (333) S.BAR S7.2**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,1**Peso (g):** 12

Fabrico: Pasta de textura homogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são frequentes de grande calibre. A cozedura da peça é redutora como nos indica a sua tonalidade cinzenta.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento encontra-se num elevado estado de degradação, conseguimos compreender que corresponde a um canto arredondado, com arestas retas, por essa mesma razão deduzimos que a sua secção fosse sub-retangular. Do lado interno da peça é possível observar um indício da perfuração.

Registo gráfico



Registo fotográfico



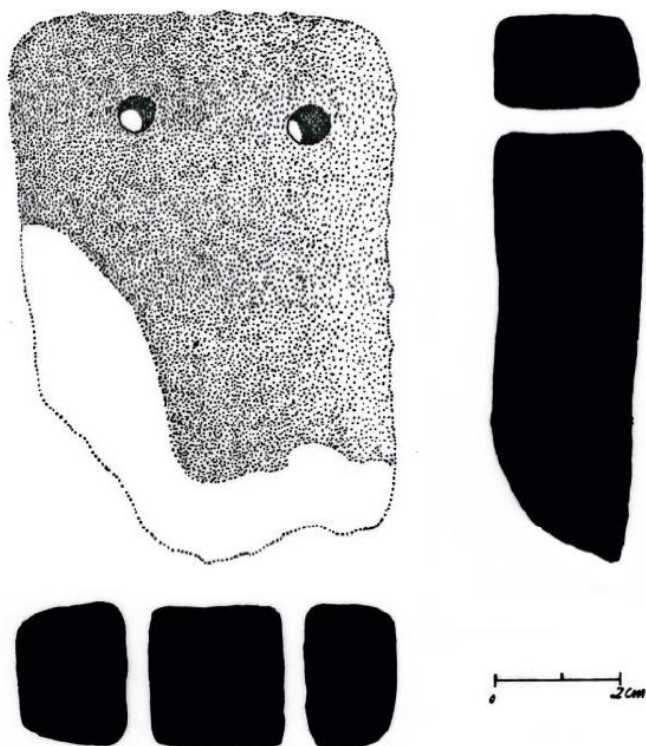
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 12**Referência de campo:** (349) S.BAR F5.0 1**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,6/0,8**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** 2**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1,6/0,8**Dist. Perf. Topo (cm):** 0,8/1**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 5,9**Espessura (cm):** 2,4**Peso (g):** 180

Fabrico: Fragmento com textura heterogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são muito frequentes de grande calibre, nomeadamente quartzo branco. A cozedura da peça é oxidante como nos indica a sua tonalidade alaranjada.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento encontra-se bastante completo, presumivelmente mais de metade, porém está bastante erodido. Os cantos desta placa paralelepipedica são angulosos e as suas arestas são retas. O desenho deste fragmento foi retido da tese de Paulo Pernadas (PERNADAS, 2012, p.165, Est. LXX).

Registo gráfico



Registo fotográfico

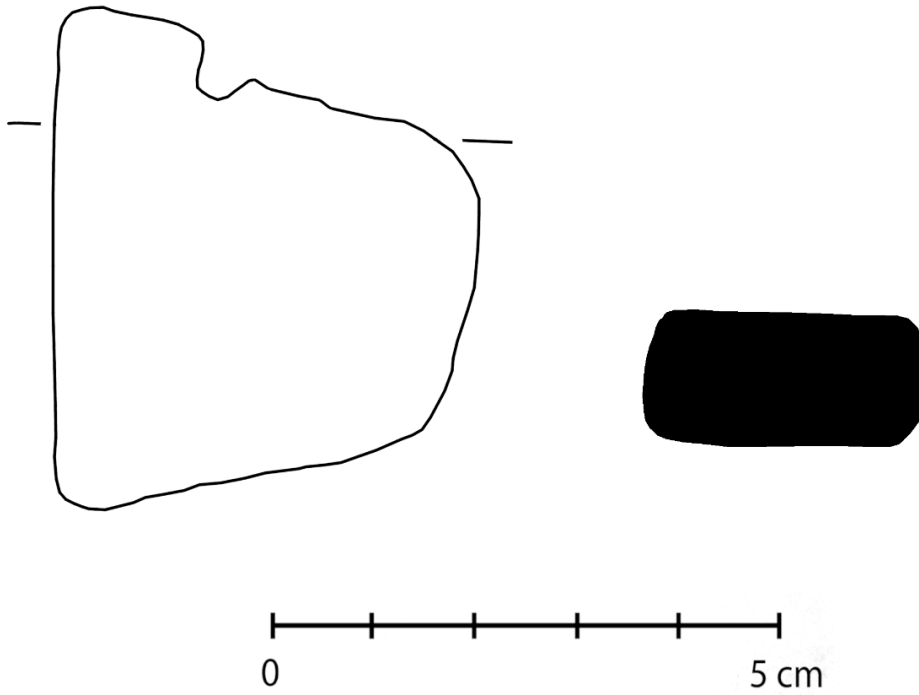


Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 13**Referência de campo:** (368) S.BAR S.4.2**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,7**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,9**Peso (g):** 72

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de grande calibre. A cozedura da peça não é uniforme como podemos observar nas fotografias, no entanto a tonalidade alaranjada da pasta indica que a cozedura é oxidante.

Observações: Este fragmento apresenta no topo do lado esquerdo marcas de uma perfuração sem vestígios de uso, apesar desta perfuração não se encontrar completa retirámos a medida junto já fratura. As arestas desta placa são retas, daí a caracterização da secção ser retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



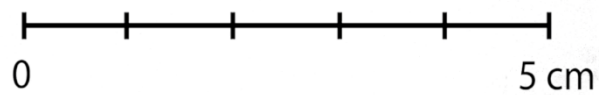
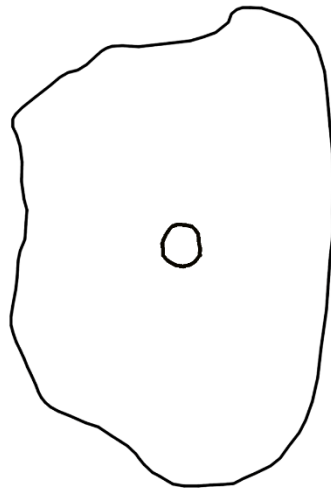
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 14**Referência de campo:** (386) S.BAR F1D.1**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,8**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,7**Peso (g):** 40

Fabrico: Fragmento de textura heterogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A cozedura da peça é redutora como podemos atestar através da tonalidade escura da peça.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento encontra-se fraturado longitudinalmente, transversalmente e também obliquamente em relação à secção da peça. Desse modo, a espessura foi retirada na parte inferior do fragmento, onde se encontra completa. Apesar do seu mau estado de conservação, é possível observar uma aresta que se caracteriza por ser arredondada.

Registo gráfico



Registo fotográfico



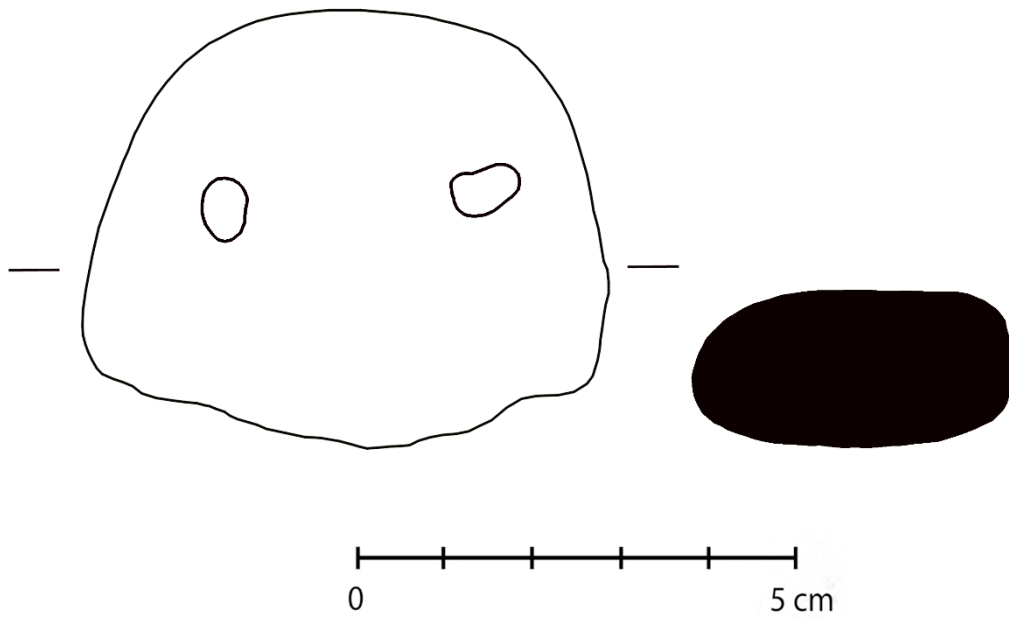
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 15**Referência de campo:** (418) S.BAR F1D.3**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,8/0,8**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** 2,4**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,9/0,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 2/ 1,9**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 5,7**Espessura (cm):** 2,5**Peso (g):** 94

Fabrico: Fragmento com textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A peça apresenta uma tonalidade alaranjada, o que nos permite aferir que a sua cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: A peça apresenta uma fratura longitudinal. As suas perfurações apresentam vestígios de uso o que acaba por conferir uma forma ovalada às mesmas. Os cantos e as arestas desta placa caracterizam-se por ser arredondados.

Registo gráfico



Registo fotográfico



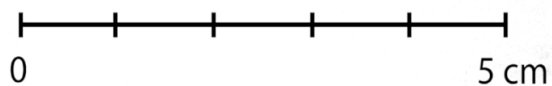
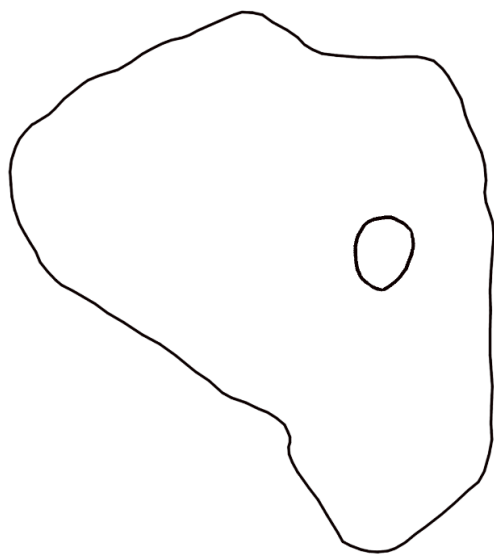
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 16**Referência de campo:** (419) S.BAR F1D.3**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,8**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):****Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** -**Peso (g):** 57

Fabrico: Fragmento com pasta homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante, apesar da parte de trás ter uma tonalidade mais escura.

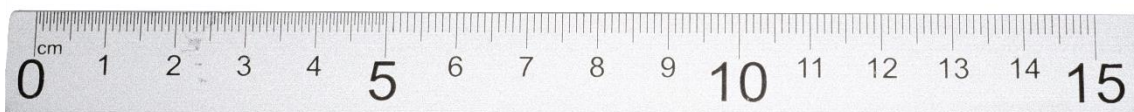
Decoração: Não

Observações: Este elemento, apesar de não ser um pequeno fragmento, não nos dá muitas informações relativamente ao parâmetro das medidas, devido ao seu estado de conservação, uma vez que se apresenta fragmentado transversalmente, longitudinalmente e obliquamente em relação à sua secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico



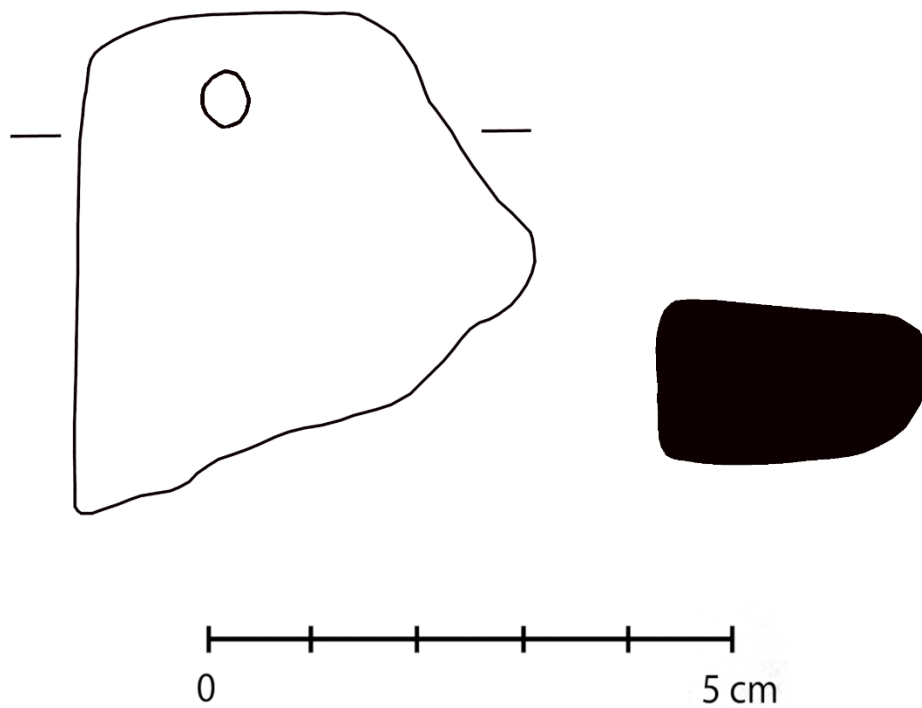
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 17**Referência de campo:** (432) S.BAR F1D.3**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,5**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1**Dist. Perf. Topo (cm):** 0,5**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,7**Peso (g):** 73

Fabrico: Fragmento com pasta homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade escura da peça permite-nos aferir que a sua cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Apesar de estarmos a analisar um fragmento distal que não se encontra completo, podemos perceber através do canto observável que, as arestas desta placa são retas e o canto anguloso. A perfuração deste fragmento apresenta uma pequena dimensão.

Registo gráfico



Registo fotográfico



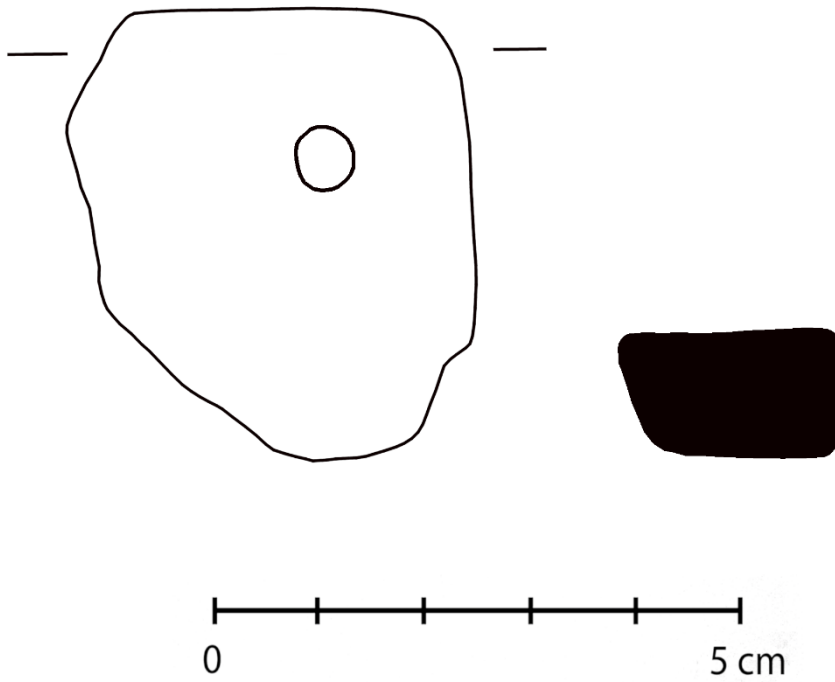
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 18**Referência de campo:** (433) S.BAR F1D.3**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,9**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,1**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,7**Peso (g):** 50

Fabrico: Este fragmento apresenta uma pasta de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade clara da peça caracteriza-a como oxidante em relação à sua cozedura

Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta uma fratura longitudinal e outra transversal em relação à sua secção. No entanto podemos observar que as suas arestas são retas e o seu canto anguloso, o que lhe confere uma secção sub-retangular, apesar de não se poder observar na sua totalidade.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 19

Referência de campo: (449) S.BAR F1D.6

Tipo: Placa (?)

Estado de conservação: Fragmento mesial

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2,2

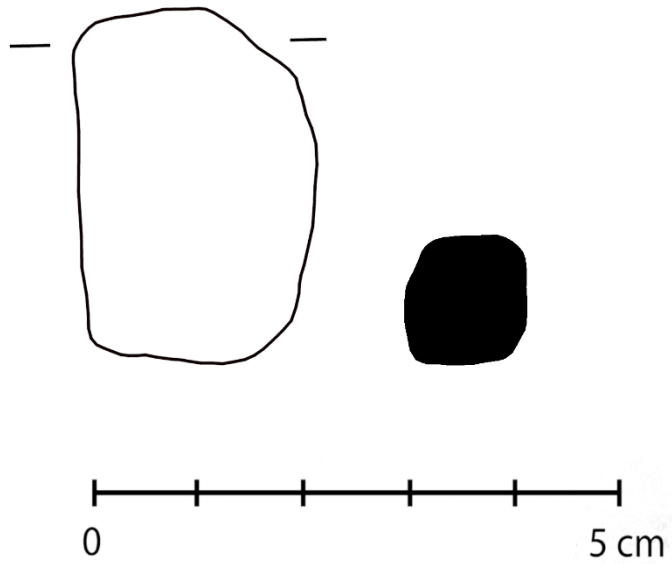
Peso (g): 24

Fabrico: Este fragmento apresenta uma textura heterogénea de consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante como nos indica a tonalidade castanha-clara que a peça apresenta.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta um elevado estado de degradação, daí ser classificado na tabela de inventário como pequeno fragmento. Não nos oferece grandes informações, apenas conseguimos compreender que as suas arestas são retas e, deste modo, deduzimos que a sua secção fosse sub-retangular. Possivelmente, este fragmento faria parte de uma placa uma vez que não há crescentes neste conjunto.

Registo gráfico



Registo fotográfico



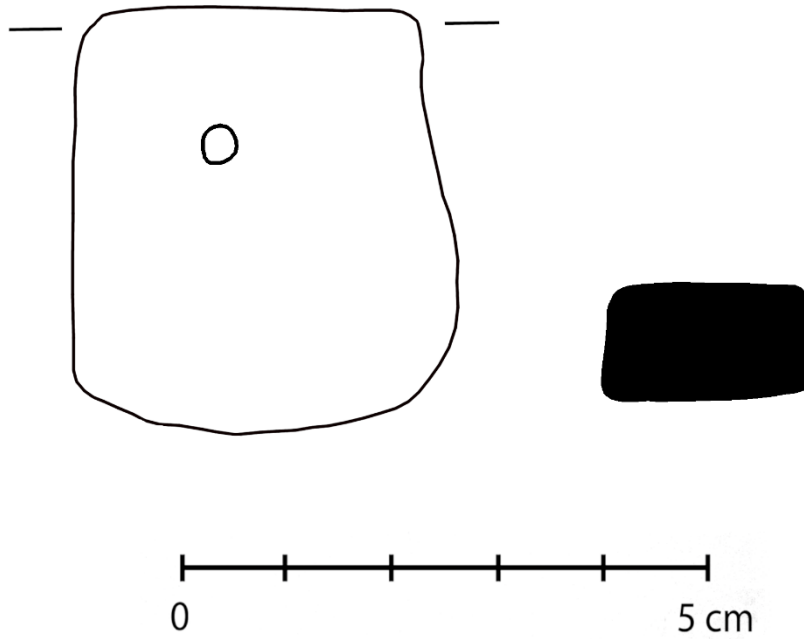
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 20**Referência de campo:** (474) S.BAR M1.1**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,5**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,9**Dist. Perf. Topo (cm):** 1**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,5**Peso (g):** 60

Fabrico: Fragmento com pasta heterogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante como nos indica o tom castanho-claro da pasta.

Decoração: Não

Observações: Esta peça apresenta um canto anguloso e as arestas retas, o que nos permite aferir que a sua secção seria sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 21**Referência de campo:** (509) S.BAR F1C.4**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,6/0,8**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** 2,2**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1,2/0,8**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,2/1,4**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 5,7**Espessura (cm):** 2,2**Peso (g):** 113

Fabrico: Fragmento com pasta heterogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande calibre. A peça apresenta uma tonalidade bege que nos permite aferir que a cozedura é oxidante. No verso da peça a tonalidade da pasta é escura o que nos indica que a cozedura não foi regular.

Decoração: Não

Observações: Esta placa apresenta os cantos arredondados, bem como as suas arestas. No canto esquerdo podemos observar um elevado estado de polimento da peça. O desenho da peça foi retirado da tese de Paulo Pernadas (PERNADAS, 2012, p.165, Est. LXX).

Registo gráfico



Registo fotográfico



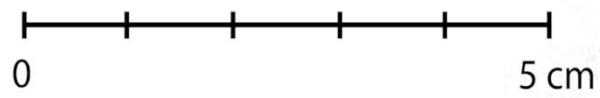
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 22**Referência de campo:** (523) S.BAR F2C.6**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,1**Peso (g):** 10

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura da pasta é oxidante como nos indica o tom alaranjada da pasta.

Decoração: Não

Observações: Este pequeno fragmento não nos dá muitas informações métricas. No entanto, é possível observar indícios de uma perfuração. O canto que se consegue observar é anguloso e as arestas são retas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



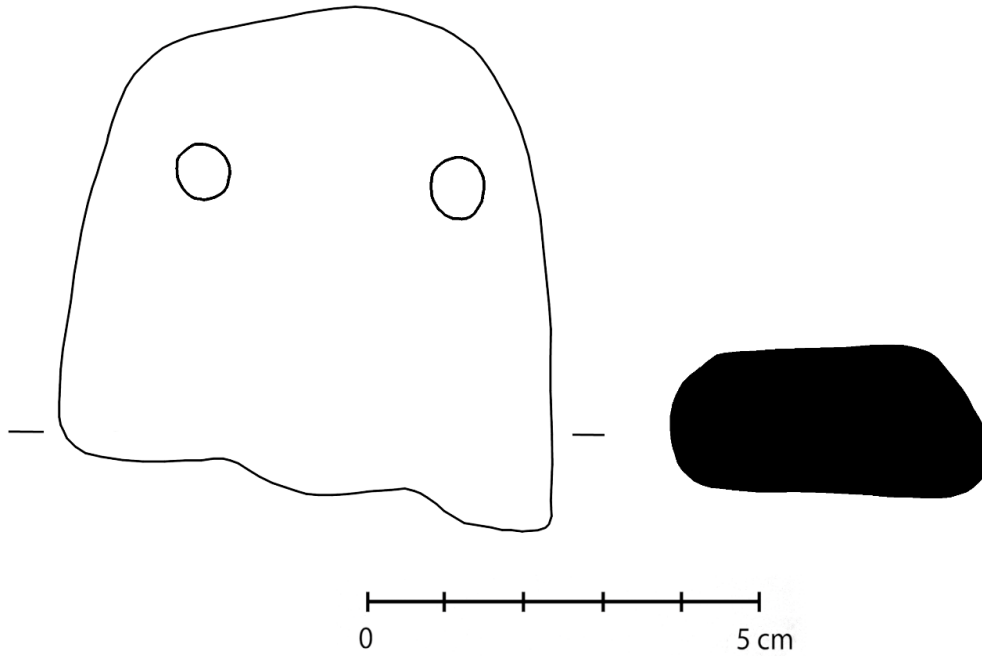
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 23**Referência de campo:** (529) S.BAR F1B.6**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-trapezoidal**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,8/0,7**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** 1,3**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,8/1,4**Dist. Perf. Topo (cm):** 2,1/1,9**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 5,7**Espessura (cm):** 3,3**Peso (g):** 173

Fabrico: Fragmento de textura heterogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A cozedura da peça é redutora com arrefecimento oxidante, assim o podemos afirmar devido ao contraste de tonalidades que existem entre a superfície e o núcleo.

Decoração: Não

Observações: O fragmento distal em análise tem os cantos e as arestas arredondadas e tem uma espessura acima da média.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 24

Referência de campo: (530) S.BAR F5.12

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Ovalada

Nº Perfurações: 1

Diâmetro (cm): 1,2

Vestígios de uso: Sim

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): 1,1

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): -

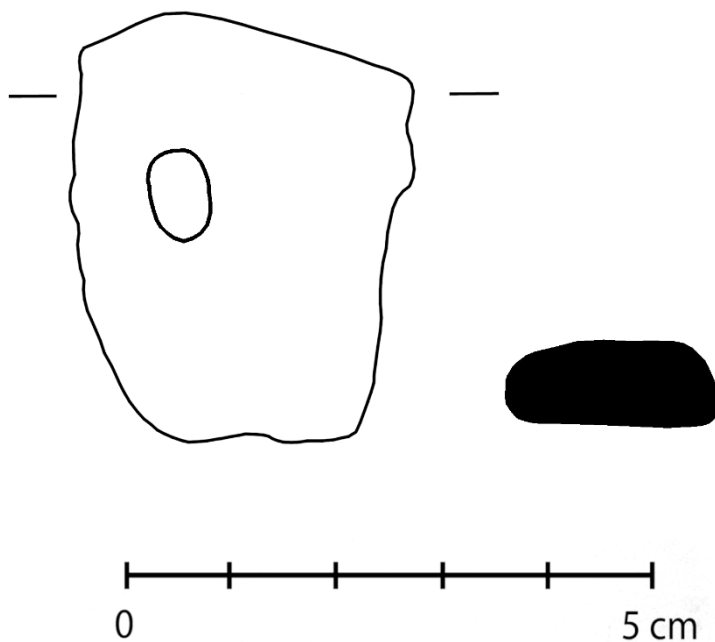
Peso (g): 25

Fabrico: Fragmento com pasta homogénea e de consistência friável. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Este pequeno fragmento apesar de não nos oferecer muitas informações, devido às suas fraturas longitudinais e transversais, permite-nos aferir que o diâmetro da perfuração está acima da média, apresentando assim uma forma ovalada, interpretada como vestígios de uso. Apesar do mau estado de conservação do fragmento da secção, deduzimos que esta seria ovalada, devido às suas arestas serem muito arredondadas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



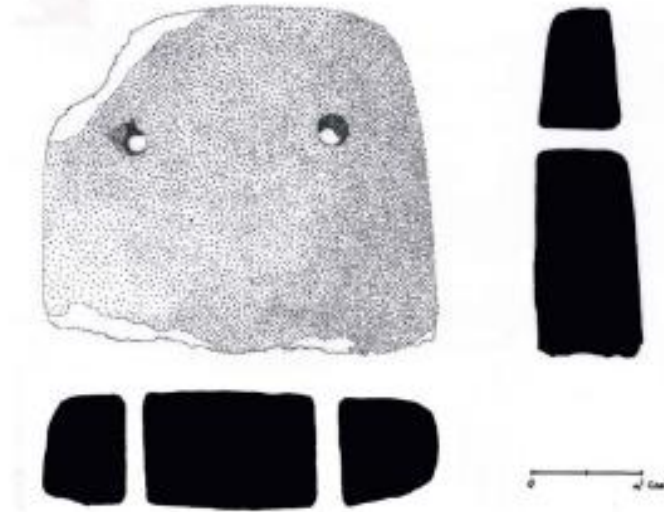
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 25**Referência de campo:** (531) S.BAR S11.4**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,6/0,7**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** 2,8**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1,2/1**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,6/1,7**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 6,7**Espessura (cm):** 2**Peso (g):** 120

Fabrico: Fragmento de placa com pasta heterogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são frequentes e grande calibre. A cozedura da pasta é redutora como nos indica a tonalidade negra da pasta.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento de placa apresenta cantos angulosos e arestas retas o que lhe confere uma forma paralelepípedica. O canto direito da peça não se encontra completo. O desenho do fragmento foi retirado da tese de Paulo Pernadas. (PERNADAS, 2012, p.165, Est. LXX)

Registo gráfico



Registo fotográfico



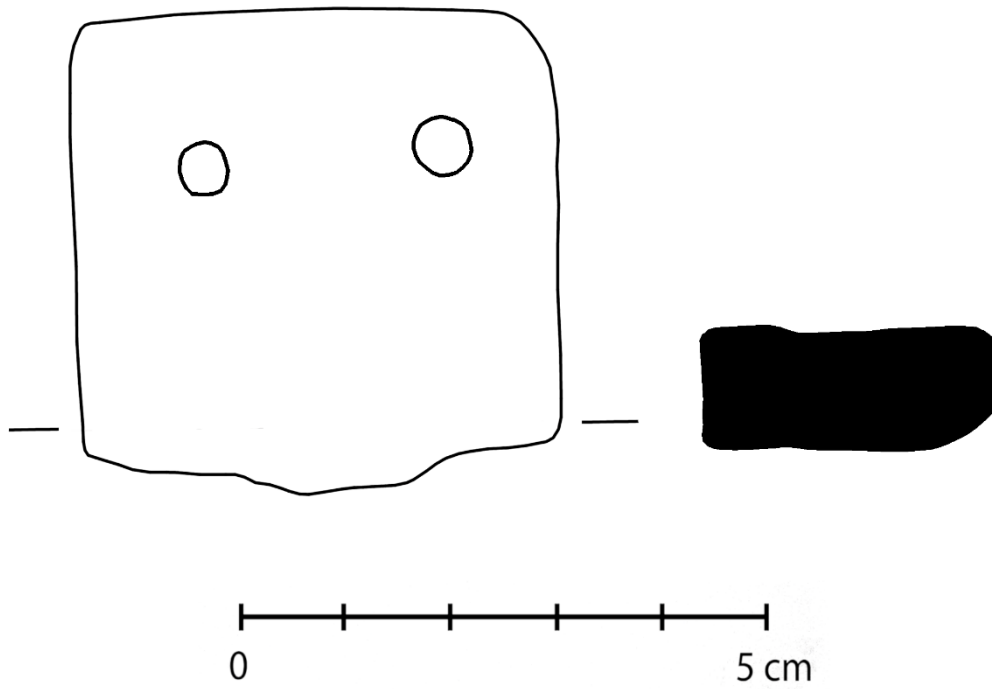
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 26**Referência de campo:** (532) S.BAR F63.2**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,8/0,9**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** 1,5**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,7/0,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,1/0,8**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 4,7**Espessura (cm):** 2,2**Peso (g):** 86

Fabrico: Fragmento com pasta homogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante com arrefecimento redutor, contrastando a cor escura do lado externo da peça com a tonalidade castanha-clara do interior.

Decoração: Não

Observações: Podemos caracterizar esta placa sendo paralelepípedica, uma vez que as suas arestas são retas e os cantos angulosos como conseguimos deprender através do desenho e fotografia apresentadas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



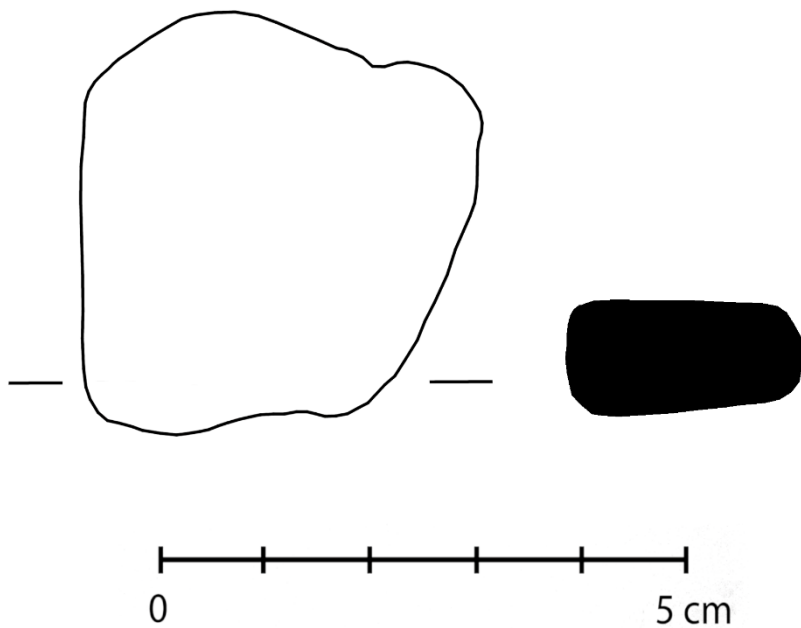
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 27**Referência de campo:** (533) S.BAR F5.10**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,1**Peso (g):** 44

Fabrico: Fragmento de pasta heterogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande calibre. A cozedura da peça é oxidante como nos indica a tonalidade alaranjada da pasta.

Decoração: Não

Observações: Neste fragmento podemos observar que as arestas são retas e, desse modo, deduzimos que a sua secção fosse sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 28

Referência de campo: (534) S.BAR F5.10

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: 2

Diâmetro (cm): 0,7/0,7

Vestígios de uso: Não

Dist. Perfurações (cm): 2,4

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): 1/1

Dist. Perf. Topo (cm): 0,9/1

Comprimento (cm): -

Largura (cm): 6

Espessura (cm): 2,4

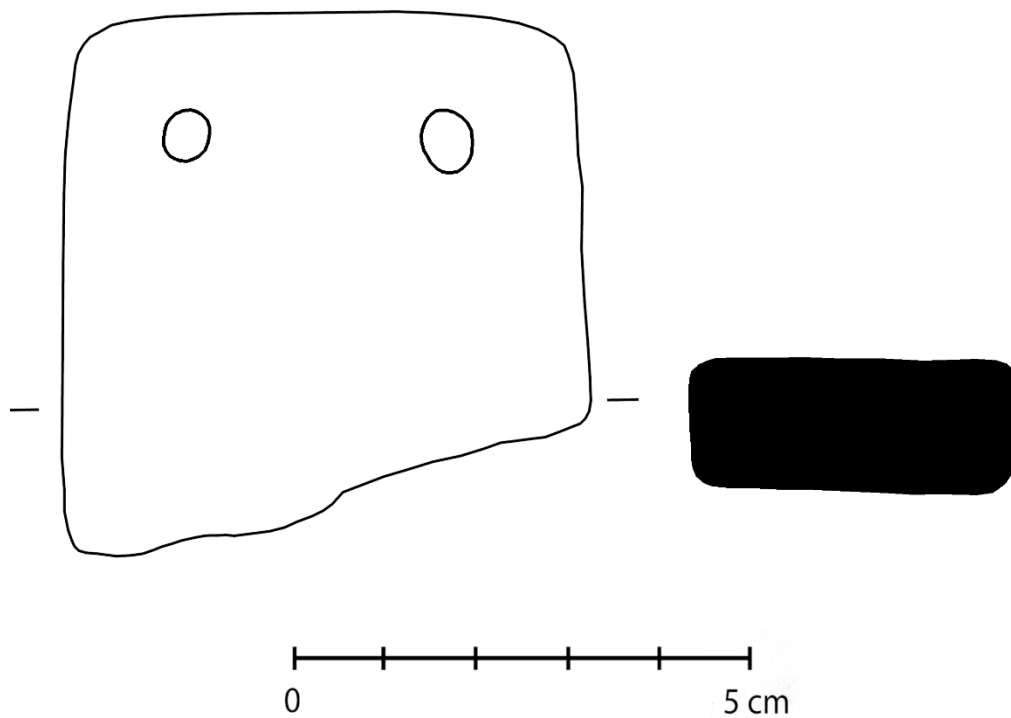
Peso (g): 147

Fabrico: A textura da pasta é homogénea e a consistência é compacta. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A pasta da peça apresenta um tom castanho-escuro que nos permite aferir que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento, classificado na tabela de inventário em relação ao seu estado de conservação como bastante completo, apresenta arestas retas e cantos angulosos, o que nos permite concluir que estamos perante uma placa paralelepípedica.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 29

Referência de campo: (535) S.BAR F5.10

Tipo: Placa

Estado de conservação: Indeterminado

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2,5

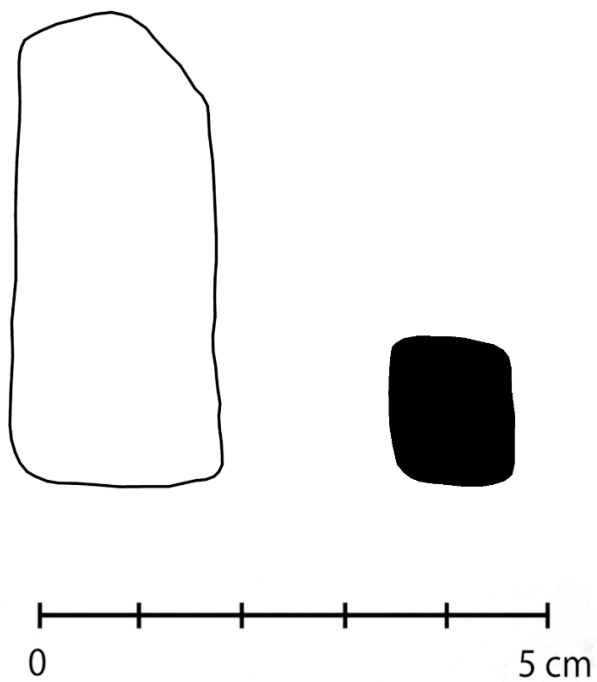
Peso (g): 37

Fabrico: Este fragmento apresenta uma pasta heterogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos que podemos observar na fratura da peça são frequentes e de grande calibre. A cozedura da peça é oxidante tendo a pasta uma cor castanha-clara.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta um canto anguloso e arestas retas o que nos permitiu deduzir que a secção fosse sub-retangular. Devido ao seu elevado estado de fragmentação, esta peça não nos fornece muitas informações que nos permitam caracterizá-la.

Registo gráfico



Registo fotográfico



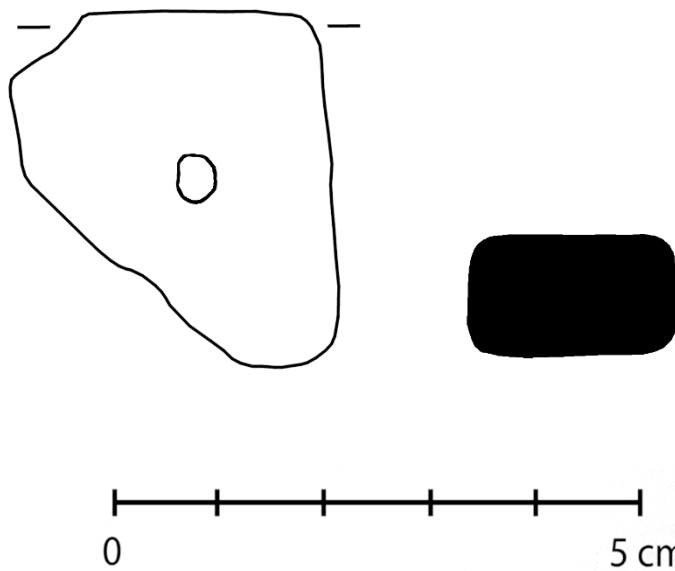
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 30**Referência de campo:** (536) S.BAR F5.10**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,5**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,9**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,4**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,4**Peso (g):** 32

Fabrico: Fragmento com textura heterogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A pasta do fragmento apresenta uma tonalidade castanha-escura o que nos indica que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento distal apresenta um canto anguloso e as arestas são retas. Parindo da análise da secção do fragmento, apesar de se encontrar fragmentado, deduzimos que esta fosse sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



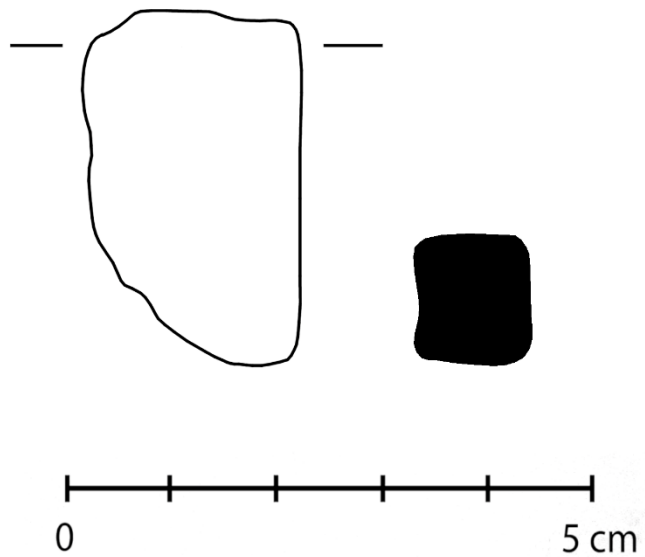
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 31**Referência de campo:** (537) S.BAR F1A.6**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,3**Peso (g):** 24

Fabrico: Fragmento de textura heterogénea e de consistência friável. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande calibre. A tonalidade bege da peça permite-nos aferir que a cozedura da peça é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este pequeno fragmento de placa apresenta as arestas retas. Apesar de se tratar de um pequeno fragmento, deduzimos que a sua secção fosse sub-retangular, devido às características das arestas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



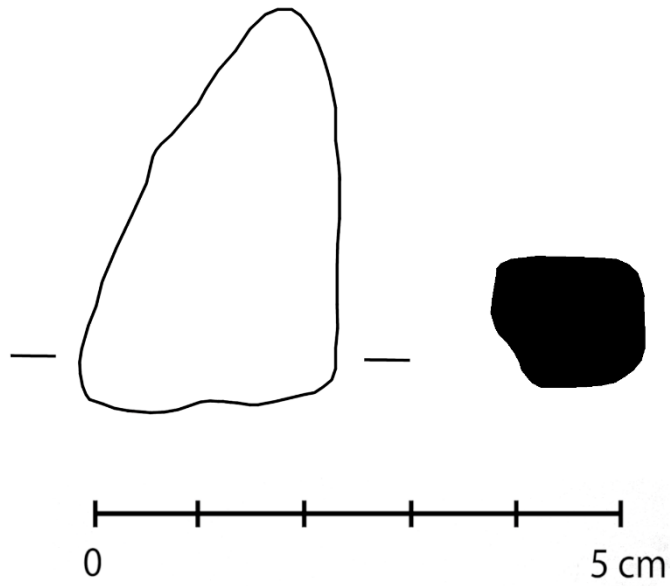
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 32**Referência de campo:** (538) S.BAR F1A.6**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,1**Peso (g):** 23

Fabrico: Fragmento de textura heterogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande calibre. O tom bege da peça indica que a sua cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento mesial apresenta as arestas retas e, desta forma, classificámos a secção como sub-retangular. Na zona de fratura do fragmento podemos observar desgordurantes de grande calibre e de diferentes tipos.

Registo gráfico



Registo fotográfico



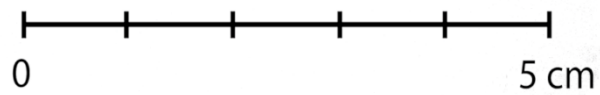
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 33**Referência de campo:** (582) S.BAR**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 3,5**Peso (g):** 53

Fabrico: A pasta deste fragmento tem uma textura homogénea e uma consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade castanha-clara da peça indica-nos que a cozedura da peça é oxidante.

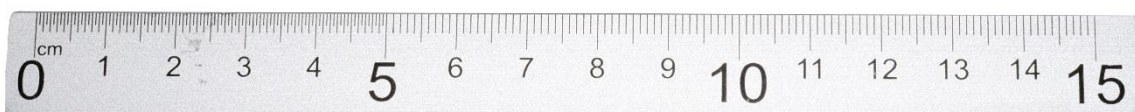
Decoração: Não

Observações: Este fragmento de placa apresenta indícios de perfuração. No entanto, como a fratura se dá junto a esta não conseguimos determinar o diâmetro. Apesar de termos classificado que os elementos não plásticos são pequenos, devemos salientar que, na fratura aparecem, pontualmente, desgordurantes de grande calibre. As arestas possíveis de observara são retas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 34

Referência de campo: (583) S.BAR

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento mesial

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: 1

Diâmetro (cm): 0,5

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2,5

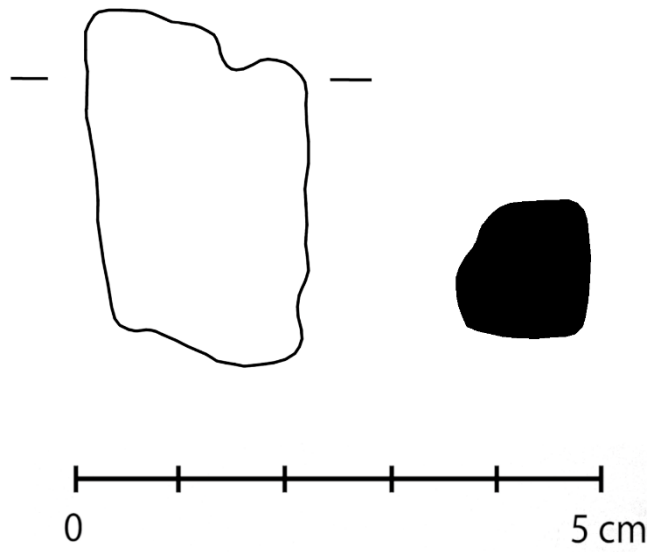
Peso (g): 25

Fabrico: Este fragmento apresenta uma textura heterogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande calibre. A cozedura da peça não é uniforme. A frente da peça apresenta um tom bege, por sua vez o verso apresenta uma tonalidade escura.

Decoração: Não

Observações: Este pequeno fragmento apresenta arestas retas e indícios de uma perfuração na parte superior da peça, onde foi possível retirar o diâmetro da perfuração. Apesar da secção da peça não estar completa, por ter uma fratura transversal à mesma, deduzimos que seria sub-retangular pelas características da aresta.

Registo gráfico



Registo fotográfico



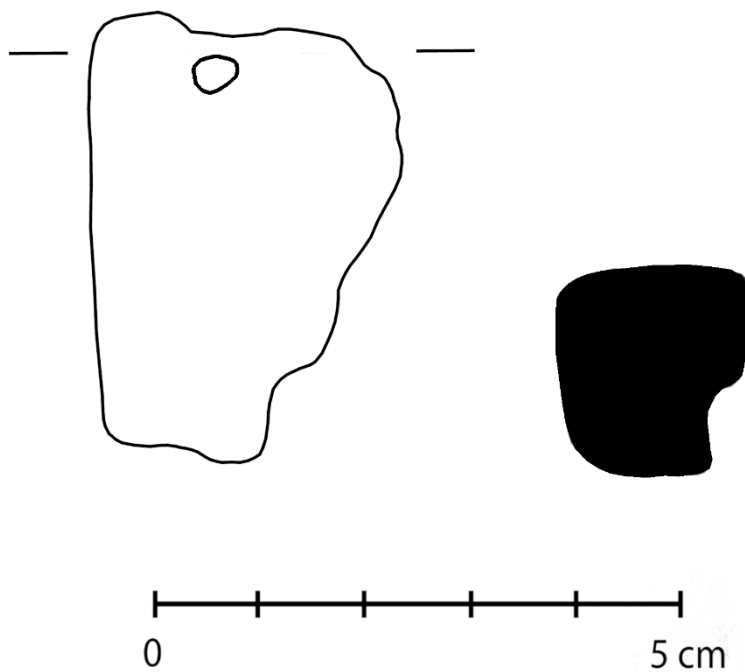
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 35**Referência de campo:** (584) S.BAR (?)**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,3**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 3,6**Peso (g):** 49

Fabrico: Fragmento com pasta homogénea de consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes e de pequeno calibre, havendo a presença de alguns de grande calibre. A pasta apresenta uma tonalidade castanha-escura o que significa que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: A peça tem uma fatura longitudinal no topo, e outra transversal ao longo do fragmento. As arestas deste fragmento são retas, devido a esta característica deduzimos que a sua secção fosse sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 36

Referência de campo: (612) S.BAR F7.4

Tipo: Indeterminado

Estado de conservação: Fragmento mesial

Secção: Indeterminada

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 1,7

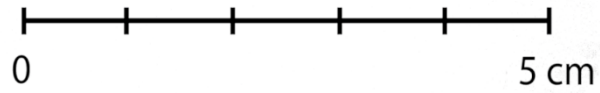
Peso (g): 6

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade escura da peça permite-nos ferir que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Pequeno fragmento com arestas retas. Esta peça apresenta uma fratura longitudinal e transversal em relação à sua secção. Devido ao mau estado de conservação da peça, não se conseguiu compreender qual seria a forma da sua secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 37

Referência de campo: (613) S.BAR F7.4

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: 1

Diâmetro (cm): 0,6

Vestígios de uso: Sim

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): 0,7

Dist. Perf. Topo (cm): 1

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 1,7

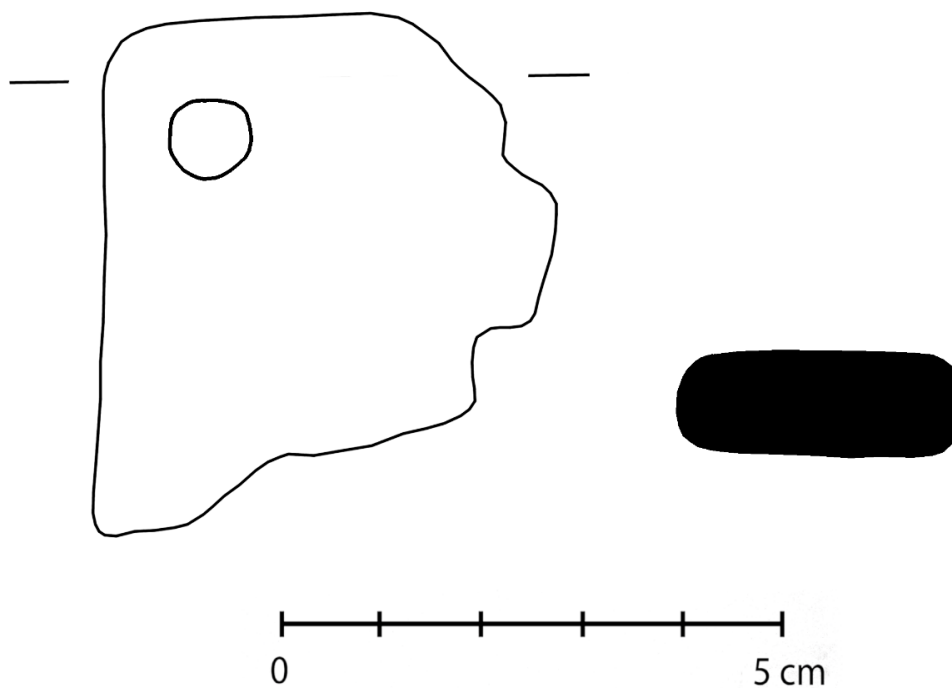
Peso (g): 53

Fabrico: Fragmento de textura heterogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A peça apresenta um tom castanho-escuro que indica que a cozedura da peça é redutora.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta arestas retas e um canto anguloso, desse modo, deduzimos que a sua secção seja sub-retangular. As fraturas da peça acontecem transversalmente e longitudinalmente em relação à secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 38

Referência de campo: (614) S.BAR F3.3

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento mesial

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2,1

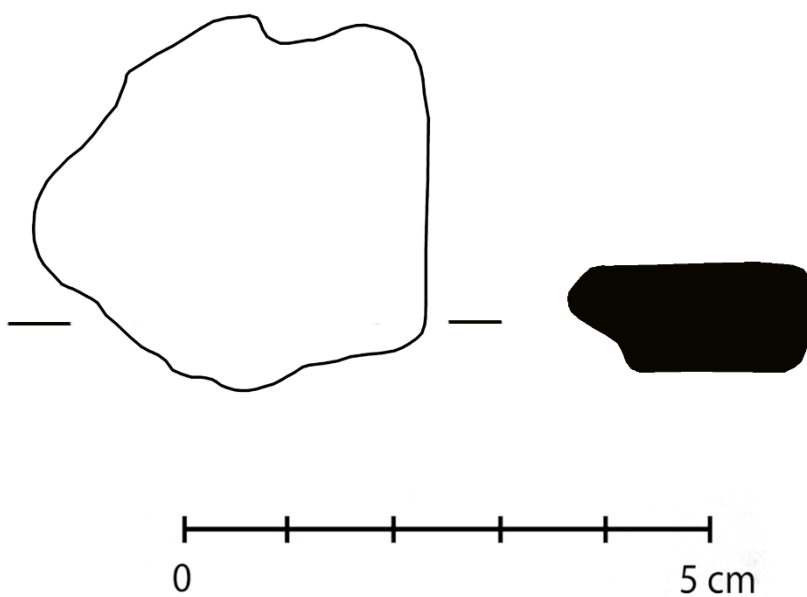
Peso (g): 30

Fabrico: Este fragmento tem uma textura homogénea de consistência friável. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante como podemos perceber através da sua tonalidade alaranjada.

Decoração: Não

Observações: Neste fragmento podemos observar duas arestas retas, desse modo, classificamos a secção desta peça como sub-retangular. No topo deste fragmento podemos observar índicos de uma perfuração, mas não foi possível determinar o seu diâmetro.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 39

Referência de campo: (666) S.BAR F7.9

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Indeterminada

Nº Perfurações: 1

Diâmetro (cm): 0,6

Vestígios de uso: Sim

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): 0,5

Dist. Perf. Topo (cm): 0,3

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 1,9

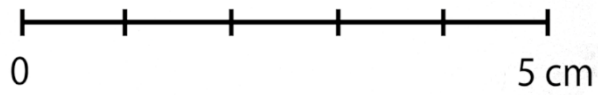
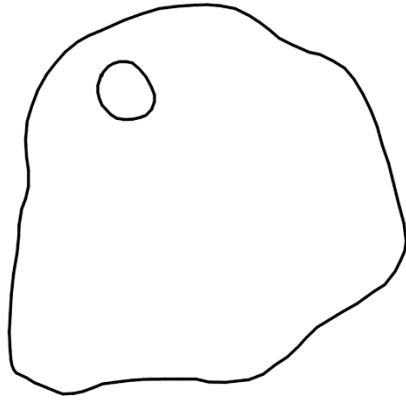
Peso (g): 31

Fabrico: Este fragmento apresenta uma pasta com textura homogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. Ao observarmos a peça conseguimos compreender que há uma diferença de tonalidade entre o interior e o exterior da peça. O exterior da peça apresenta uma tonalidade alaranjada, porém, o interior apresenta um tom castanho-escuro. Esta observação permite-nos depreender que a cozedura da pasta é redutora com arrefecimento oxidante.

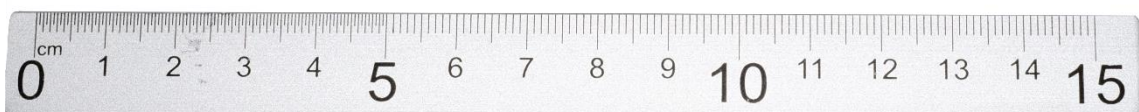
Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta arestas arredondadas. Podemos observar uma fratura transversal, outra longitudinal e outra oblíqua em relação à secção da peça. Devido ao mau estado de conservação da peça não foi possível compreender qual seria a forma da sua secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico



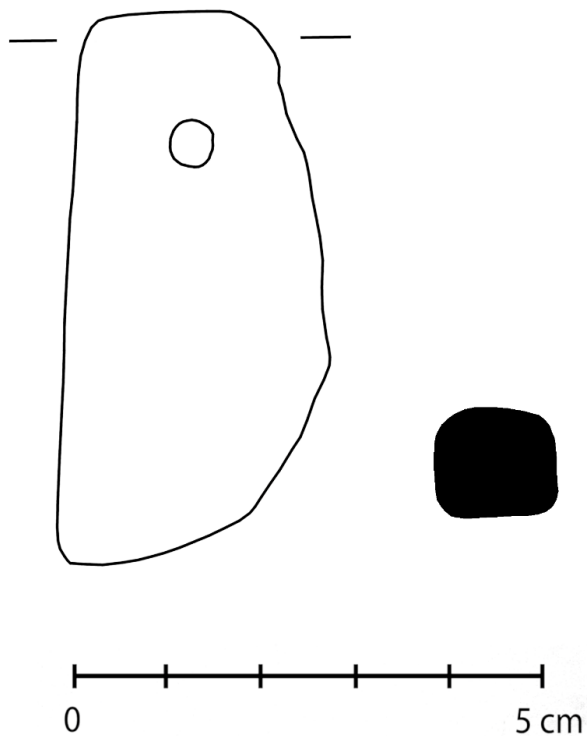
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 40**Referência de campo:** (756) S.BAR F.1.5**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,2**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,2**Peso (g):** 58

Fabrico: Fragmento de textura heterogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A tonalidade bege da peça indica-nos que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta as arestas retas e os cantos angulosos, o que nos leva a querer que a sua secção seria sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



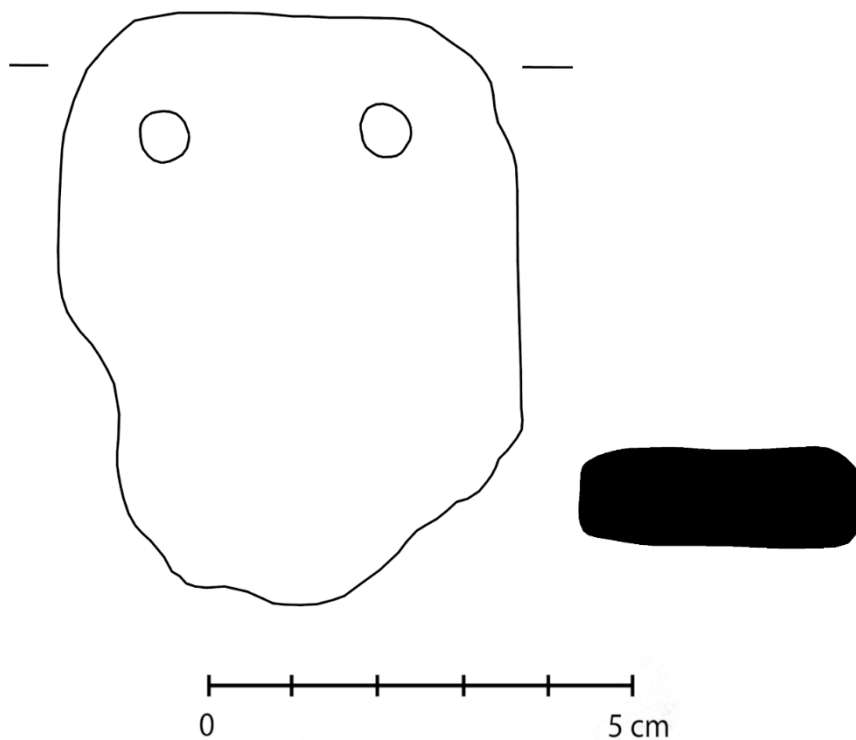
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 41**Referência de campo:** (757) S.BAR F1C.4**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,7/0,6**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** 2,1**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,8/0,9**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,2/1**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 5,8**Espessura (cm):** 2,1**Peso (g):** 116

Fabrico: Este fragmento de peso tem uma textura heterogénea e com uma consistência friável. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. O tom castanho-escuro da peça permite aferir que a cozedura da mesma é redutora.

Decoração: Não

Observações: A parte da frente da peça apresenta-se muito desgastada. As arestas deste peso paralelepípedo são retas. No entanto, devido ao estado de desgaste que a peça apresenta não podemos afirmar com certeza que os seus cantos são angulosos.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 42

Referência de campo: (808) S.BAR F1D.3

Tipo: Indeterminado

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Indeterminada

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): -

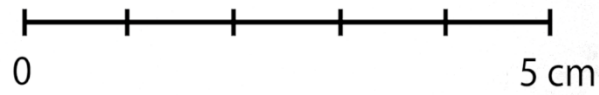
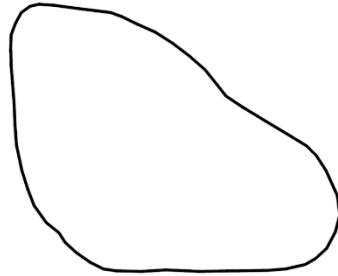
Peso (g): 19

Fabrico: Fragmento heterogéneo de consistência compacta. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande calibre. A pasta apresenta uma tonalidade castanho-escuro que nos permite averiguar que a cozedura da pasta é redutora.

Decoração: Não

Observações: Este pequeno fragmento não dá muitas informações devido ao seu mau estado de conservação. Neste fragmento podemos observar um canto anguloso.

Registo gráfico



Registo fotográfico



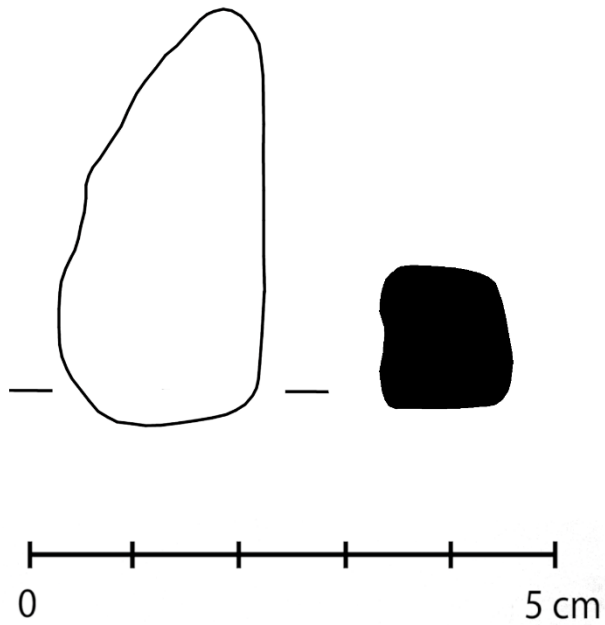
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 43**Referência de campo:** (899) S.BAR F1D.4**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,4**Peso (g):** 24

Fabrico: Fragmento com textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade castanha-clara da peça permite aferir que a sua cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este pequeno fragmento apresenta arestas retas e um canto anguloso. Através deste canto anguloso e das arestas retas, supomos que a sua secção fosse sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Povoado de Santa Bárbara

Nº de Inventário: 44

Referência de campo: (900) S.BAR F1D.4

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento mesial

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2

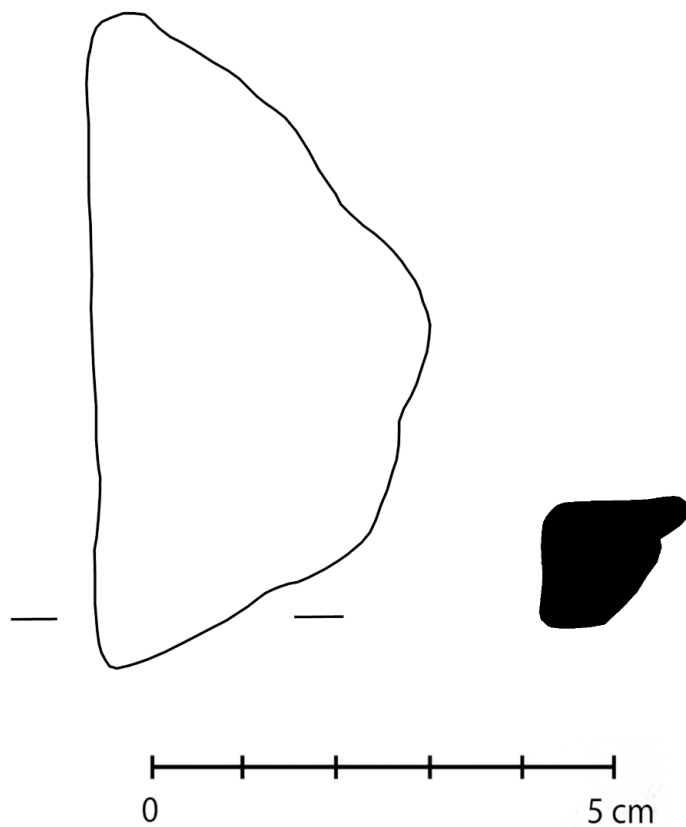
Peso (g): 62

Fabrico: Este fragmento apresenta uma pasta com textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. O tom castanho-alaranjado da peça permite-nos aferir que a cozedura da peça é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta um mau estado de conservação. As fraturas que se observam são na transversal e longitudinal. O verso da peça também não se encontra completo, desse modo, a espessura pode não corresponder à medida real. As arestas que se observam são retas, aí assumimos que a sua secção é sub-retangular.

Registo gráfico



Registo fotográfico



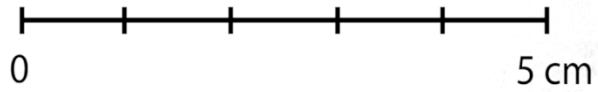
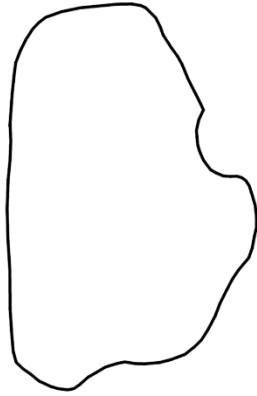
Ficha de análise de Pesos**ID:** Povoado de Santa Bárbara**Nº de Inventário:** 45**Referência de campo:** (s/n) S.BAR F1.5 (?)**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,3**Peso (g):** 23

Fabrico: Fragmento com textura heterogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A tonalidade alaranjada da peça indica que a cozedura da peça é oxidante.

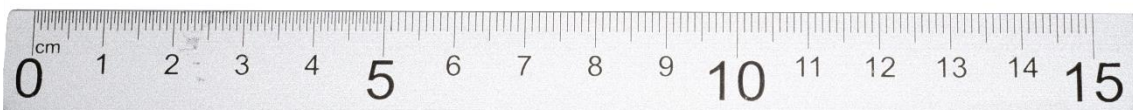
Decoração: Não

Observações: Este fragmento corresponde a um canto anguloso com arestas retas. Podemos ainda observar indícios de uma perfuração do lado direito do fragmento.

Registo gráfico

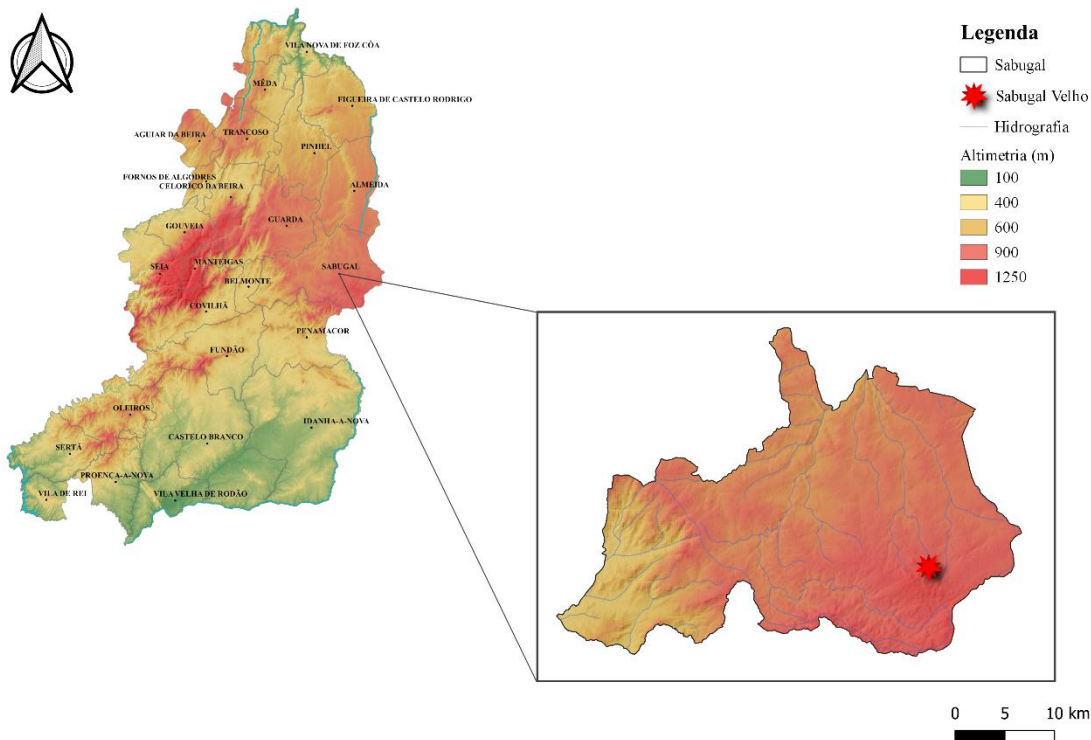


Registo fotográfico



2. Sabugal Velho

2.1. Localização geográfica



2.2. Inventário de materiais

Tabela2: Inventário de materiais do povoado de Sabugal Velho

Nº de inventário	Nº de inventário de campanha	Referência de campo	Tipo de material	Tipologia	Estado de conservação	Colagem
01	11	S.V SI 7	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
02	101	S.V2000 S. III 1.9	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
03	485	S.V SIII 1.9	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
04	558	S.V 2002 S. III 3.2	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não

05	600	S.V SIII 11.1	Cerâmica	Cossoiro	Fragmento	Não
06	605	SV SIII 5.1	Cerâmica	Cossoiro	Fragmento	Não
07	1056	S.V S. II 7.15	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
08	1559	S.V 2002 S.III 4.11	Lítico	Cossoiro	Completo	Não
09	1560	S.V 2002 S. III. 4.2	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
10	1570	SV SIII 4.11	Cerâmica	Cossoiro	Fragmento	Não
11	-	SV 2002 SIII 4.3	Cerâmica	Cossoiro	Fragmento	Não
12	-	S.V 2000 S.I 9.9	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
13	-	S.V SI 14.15	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não

2.3. Fichas de análise dos materiais

Ficha de análise de Cossoiros

ID: Sabugal Velho

Nº de Inventário: 01

Referência de campo: (11) S.V SI 7

Estado de conservação: Completo

Forma da secção: Sub-ovalada

Tipo: Troncocónica

Faces: Plana

Base: Côncava

Diâmetro (cm): 3,4

Espessura (cm): 1,2

Diam. Perfuração (cm): 1

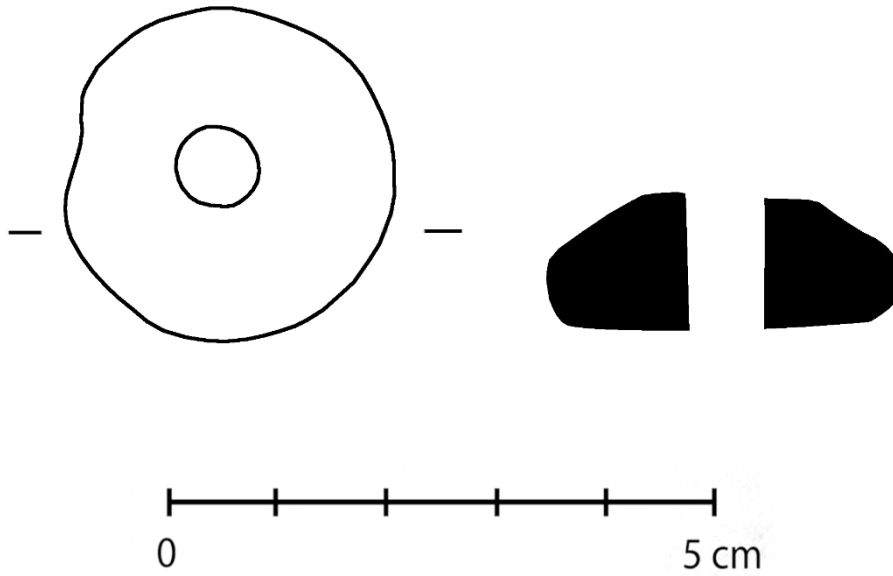
Dist. Perf. Extremidade (cm): 1,2

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma homogénea compacta onde os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A sua tonalidade alaranjada permite-nos aferir que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este cossoiro apresenta uma pequena fratura do seu lado esquerdo.

Registo gráfico



Registo fotográfico



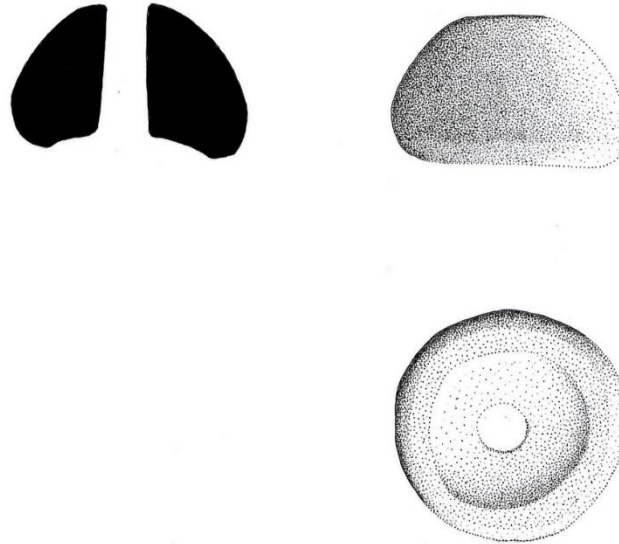
Ficha de análise de Cossiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 02**Referência de campo:** (101) S.V2000 S. III 1.9**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-trapezoidal**Tipo:** Troncocónica**Faces:** Convexa**Base:** Concava**Diâmetro (cm):** 3,7**Espessura (cm):** 2,3**Diam. Perfuração (cm):** 0,7**Dist. Perf. Extremidade (cm):** -

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A sua tonalidade castanha-alaranjada permite-nos afirmar que a cozedura é oxidante. A superfície é brunida.

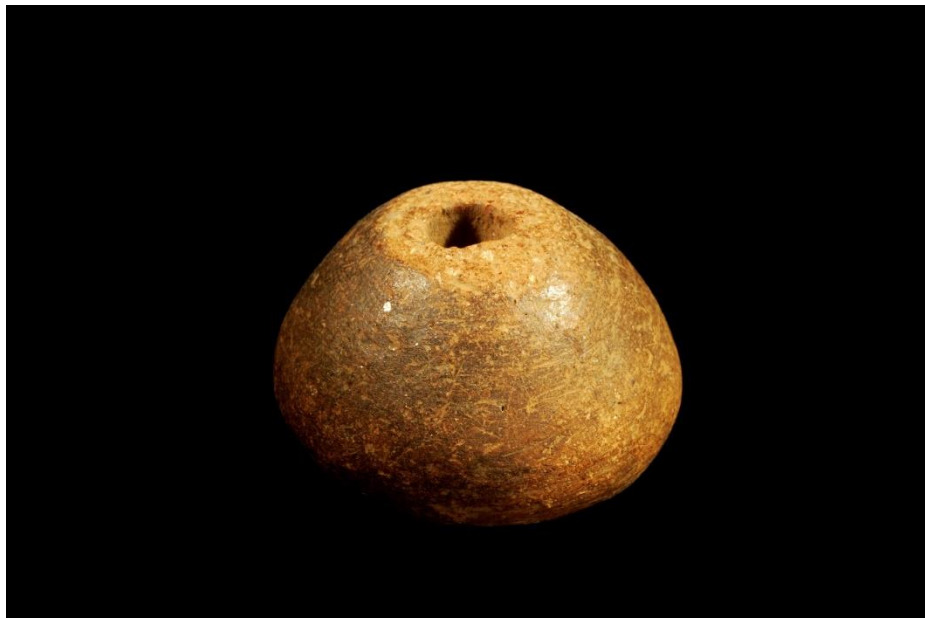
Decoração: Não

Observações: A parte superior da peça apresenta algum desgaste. O desenho é de José Luís Madeira e a fotografia de Arménio Simão Bernardo.

Registo gráfico



Registo fotográfico



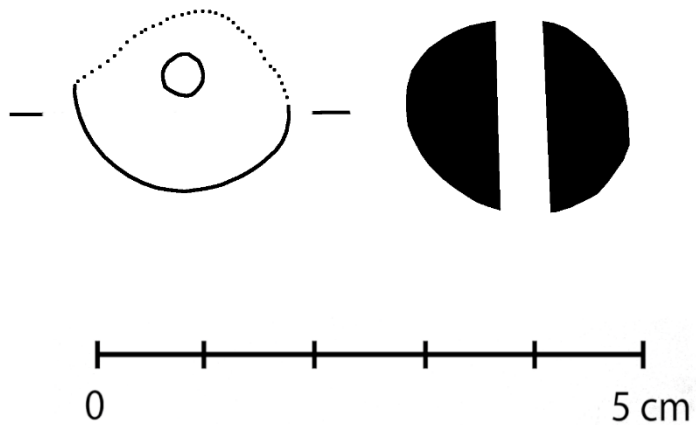
Ficha de análise de Cossiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 03**Referência de campo:** (485) S.V SIII 1.9**Estado de conservação:** Fragmento**Forma da secção:** Esférica**Tipo:** Esférico**Faces:** Planas**Base:** -**Diâmetro (cm):** -**Espessura (cm):** 1,7**Diam. Perfuração (cm):** 0,5**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 0,9

Fabrico: Este fragmento tem uma pasta homogénea, no entanto a sua consistência é friável. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A sai tonalidade laranja permite aferir que a cozedura da peça é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este cossoiro apresenta-se fragmentado transversalmente, longitudinalmente e obliquamente, mas apesar das fraturas, conseguimos depreender a forma da sua secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico



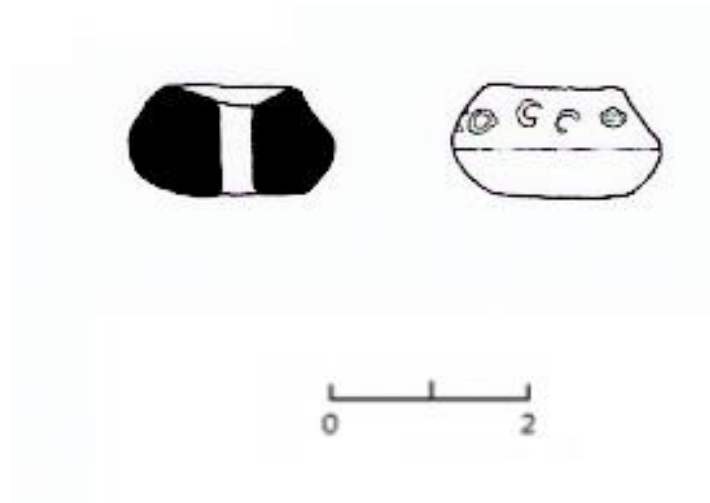
Ficha de análise de Cossiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 04**Referência de campo:** (558) S.V 2002 S. III 3.2**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-ovalada**Tipo:** Bitroncocónica**Faces:** Convexa**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** 2,3**Espessura (cm):** 1,5**Diam. Perfuração (cm):** 0,5**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 0,6

Fabrico: Este cossoiro tem uma pasta homogénea de consistência mediana. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A sua tonalidade cinzenta-acastanhada permite-nos aferir que a sua cozedura é redutora.

Decoração: Decoração de 6 motivos circulares impressos

Observações: O desenho é de José Luís Madeira e a fotografia de Arménio Simão Bernardo.

Registo gráfico



Registo fotográfico



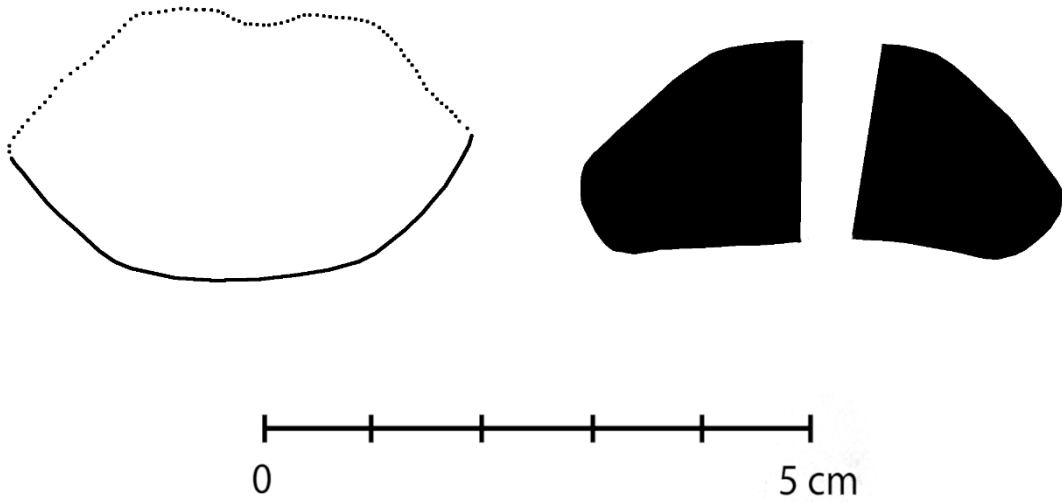
Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 05**Referência de campo:** (600) S.V SIII 11.1**Estado de conservação:** Fragmento**Forma da secção:** Sub-trapezoidal**Tipo:** Bitroncocónica**Faces:** Convexa**Base:****Diâmetro (cm):** -**Espessura (cm):** 2**Diam. Perfuração (cm):** 0,3**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,7

Fabrico: Este fragmento de cossoiro tem uma pasta heterogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A tonalidade da peça é alaranjada, logo indica-nos que a sua cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: A medida que corresponde ao diâmetro da perfuração foi retirada junto à fratura e representa um valor aproximado, por sua vez, a medida que corresponde à distância entre a perfuração e a extremidade foi retirada na base da peça.

Registo gráfico



Registo fotográfico



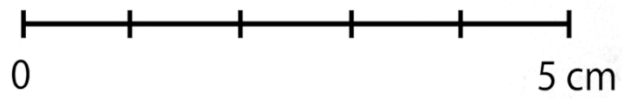
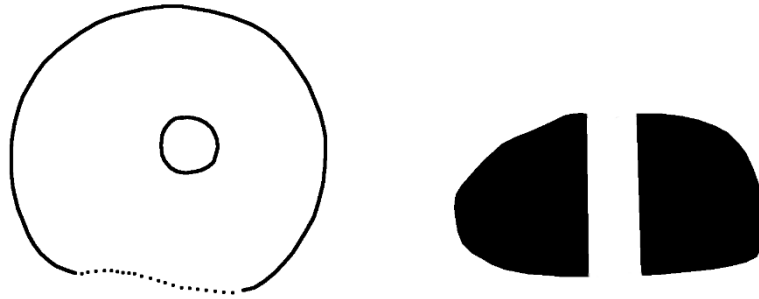
Ficha de análise de Cossiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 06**Referência de campo:** (605) SV SIII 5.1**Estado de conservação:** Fragmento**Forma da secção:** Sub-ovalada**Tipo:** Esférico**Faces:** Planas**Base:****Diâmetro (cm):** 3,2**Espessura (cm):** 1,6**Diam. Perfuração (cm):** 0,7**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,1

Fabrico: Este fragmento de cossoiro apresenta uma pasta homogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A peça tem uma tonalidade castanha-escura que nos permite aferir que a sua cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta-se fraturado transversalmente, no entanto, as medidas do diâmetro de perfuração e a distância entre a perfuração e extremidade, foram retiradas na base da peça, visto que a parte superior deste cossoiro se apresenta danificado.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Cossiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 07**Referência de campo:** (1056) S.V S. II 7.15**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-retangular**Tipo:** Discoidal**Faces:** Planas**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** 4,1**Espessura (cm):** 0,9**Diam. Perfuração (cm):** 1**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,5

Fabrico: Este cossoiro não é cerâmico, mas sim lítico. Desse modo, a matéria-prima utilizada para elaboração deste cossoiro é o xisto e podemos caracterizar as suas faces como rugosas.

Decoração: Não

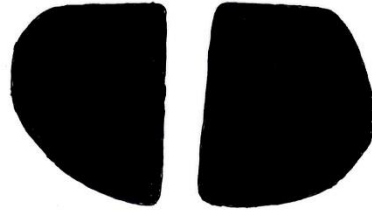
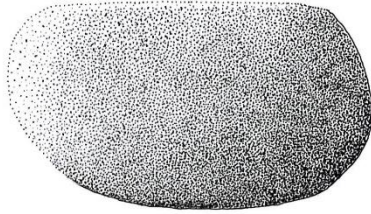
Observações: A fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

Registo fotográfico



Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 08**Referência de campo:** (1559) S.V 2002 S.III 4.11**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-ovalada**Tipo:** Sub-cilíndrico**Faces:** Convexas**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** 5,1**Espessura (cm):** 2,9**Diam. Perfuração (cm):** 0,6**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,7**Fabrico:** A matéria-prima utilizada na elaboração deste cossoiro é o grés. Apresenta uma tonalidade alaranjada e as faces polidas.**Decoração:** Não**Observações:** O desenho desta peça é de José Luís Madeira e a fotografia de Arménio Simão Bernardo.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Cossiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 09**Referência de campo:** (1560) S.V 2002 S. III. 4.2**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-ovalada**Tipo:** Sub-cilíndrico**Faces:** Convexas**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** 3,5**Espessura (cm):** 1,9**Diam. Perfuração (cm):** 2,3**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 0,9

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea e compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade da peça é alaranjada o que nos indica que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: O desenho é de José Luís Madeira e a fotografia de Arménio Simão Bernardo.

Registo gráfico



Registo fotográfico



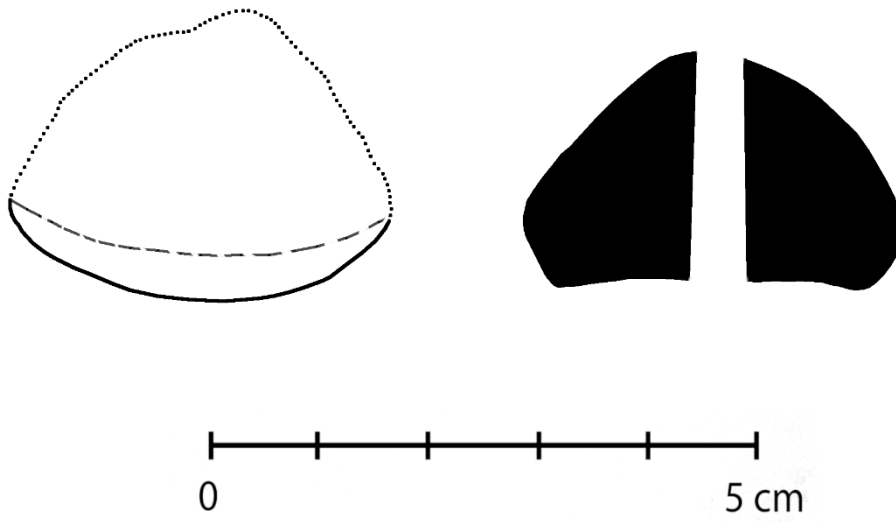
Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 10**Referência de campo:** (1570) SV SIII 4.11**Estado de conservação:** Fragmento**Forma da secção:** sub-trapezoidal**Tipo:** Bitroncónica**Faces:** Convexa**Base:** Plana**Diâmetro (cm):****Espessura (cm):** 2,3**Diam. Perfuração (cm):** 0,7**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,5

Fabrico: Este fragmento tem uma pasta homogénea e compacta. Os elementos não plásticos são raros de pequeno calibre. A peça apresenta uma tonalidade castanha-clara nas faces e negra na base, que nos indica que a cozedura não foi uniforme. No entanto, caracterizamos a cozedura deste fragmento como oxidante, uma vez que na fratura a pasta apresenta uma tonalidade clara.

Decoração: Não

Observações: Este cossoiro apresenta uma fratura longitudinal. A medida do diâmetro da perfuração foi retirada na fratura, sendo esta uma medida aproximada e, a medida que corresponde à distância entre a perfuração e, a extremidade, foi retirada na base.

Registo gráfico



Registo fotográfico

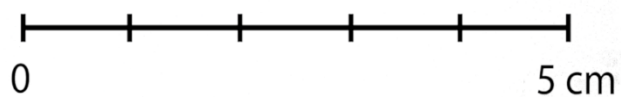
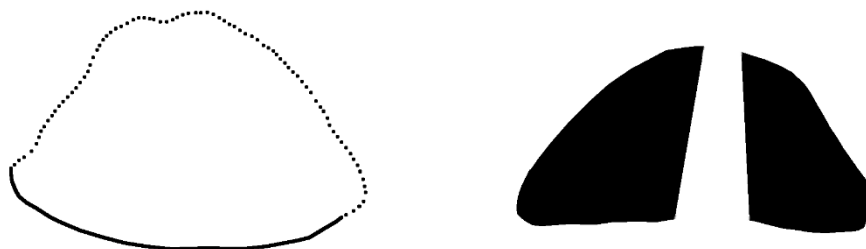


Ficha de análise de Cossiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 11**Referência de campo:** SV 2002 SIII 4.3**Estado de conservação:** Fragmento**Forma da secção:** Sub-triangular**Tipo:** Troncocónica**Faces:** Convexas**Base:** Plana**Diâmetro (cm):****Espessura (cm):** 1,7**Diam. Perfuração (cm):** 0,9**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,8

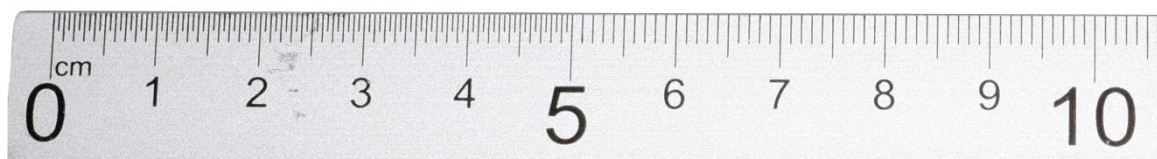
Fabrico: Este fragmento apresenta uma pasta homogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. Observando a fratura da peça, compreendemos que a cozedura é redutora com arrefecimento oxidante, devido ao contraste de cores negro no núcleo e laranja no exterior.

Decoração: Não**Observações:** A medida do diâmetro da perfuração foi retirada junto à fratura.

Registo gráfico



Registo fotográfico



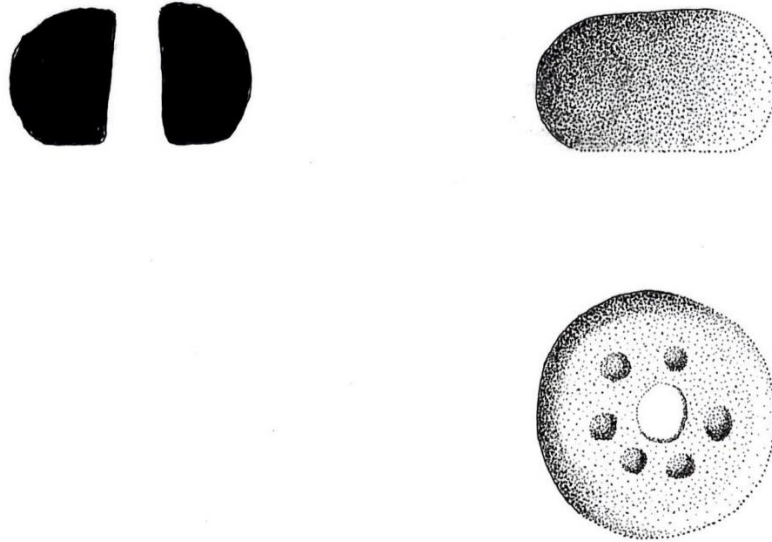
Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 12**Referência de campo:** S.V 2000 S.I 9.9**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-ovalada**Tipo:** Cilíndrica**Faces:** Convexas**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** 2,5**Espessura (cm):** 1,5**Diam. Perfuração (cm):** 0,5**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 0,6

Fabrico: Este cossoiro tem uma pasta de textura heterogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade castanha-escura permite aferir que a sua cozedura é redutora. A superfície da peça é alisada.

Decoração: Este cossoiro apresenta decoração na sua superfície. É possível observar 6 motivos circulares impressos, dispostos de forma irregular em torno da perfuração.

Observações: O desenho da peça é de José Luís Madeira e a fotografia de Arménio Simão Bernardo.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Cossiros**ID:** Sabugal Velho**Nº de Inventário:** 13**Referência de campo:** S.V SI 14.15**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-trapezoidal**Tipo:** Troncocónico/ sub-cilindrico**Faces:** Planas**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** 2,9**Espessura (cm):** 2,3**Diam. Perfuração (cm):** 0,5**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,1

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A sua tonalidade castanho-claro permite aferir que a cozedura da peça é oxidante.

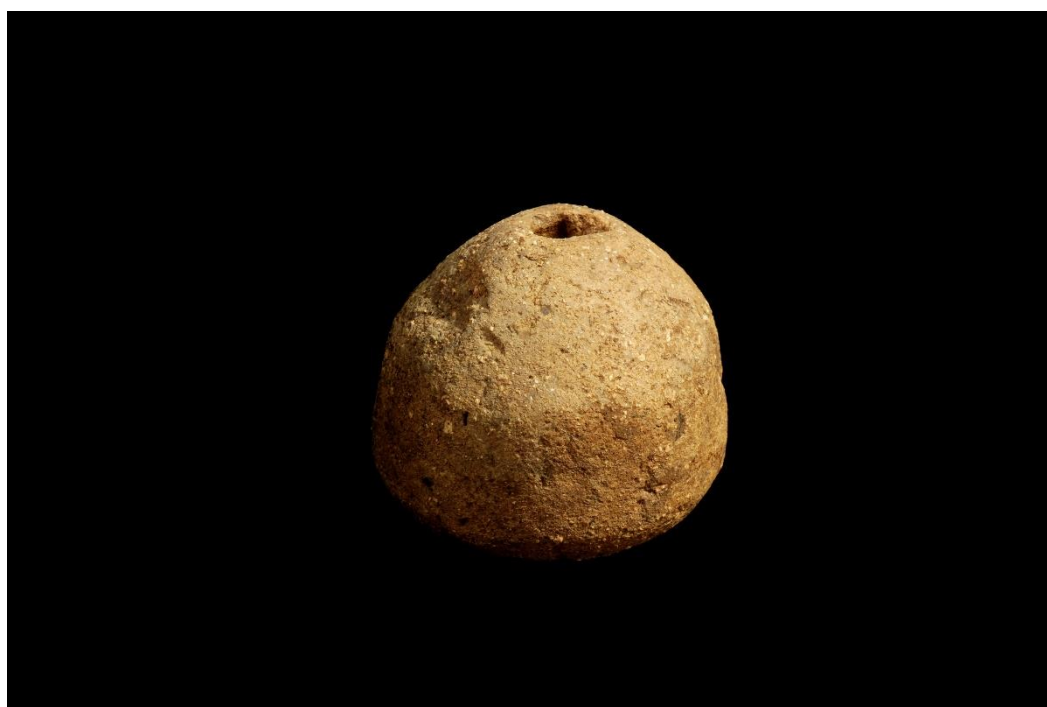
Decoração: Não

Observações: O desenho é de José Luís Madeira e a fotografia de Arménio Simões Bernardo.

Registo gráfico

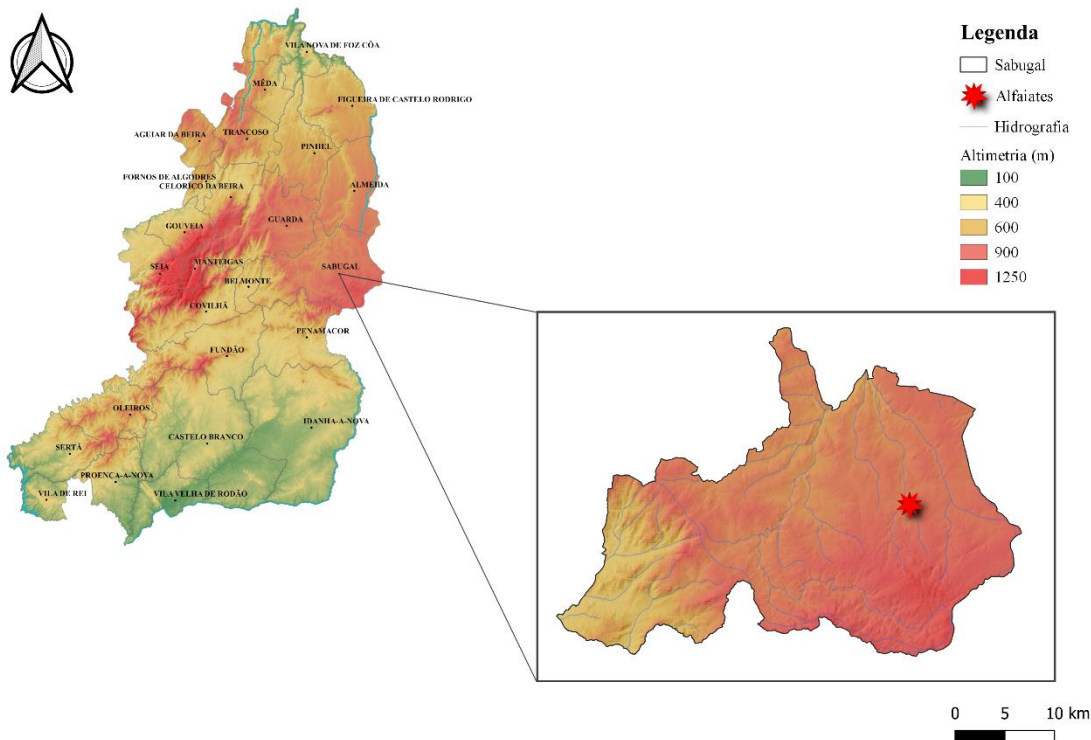


Registo fotográfico



3. Castelo de Alfaiates

3.1. Localização geográfica



3.2. Inventário de materiais

Tabela3: Inventário de materiais do povoado do Castelo de Alfaiates

Nº de inventário	Nº de inventário de campanha	Referência de campo	Tipo de material	Tipologia	Estado de conservação	Colagem
01	182	ALF. CST. S1 4	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
02	183	ALF. CST. S1 5	Cerâmica	Cossoiro	Fragmento	Não
03	334	ALF. CST. S10 7	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não

3.3. Fichas de análise de materiais

Ficha de análise de Cossoiros

ID: Castelo de Alfaiates

Nº de Inventário: 01

Referência de campo: (182) ALF. CST. S1 4

Estado de conservação: Completo

Forma da secção: Sub-trapezoidal

Tipo: Troncocónica

Faces: Planas

Base: Plana

Diâmetro (cm): 4

Espessura (cm): 2,1

Diam. Perfuração (cm): 0,9

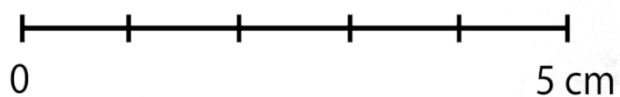
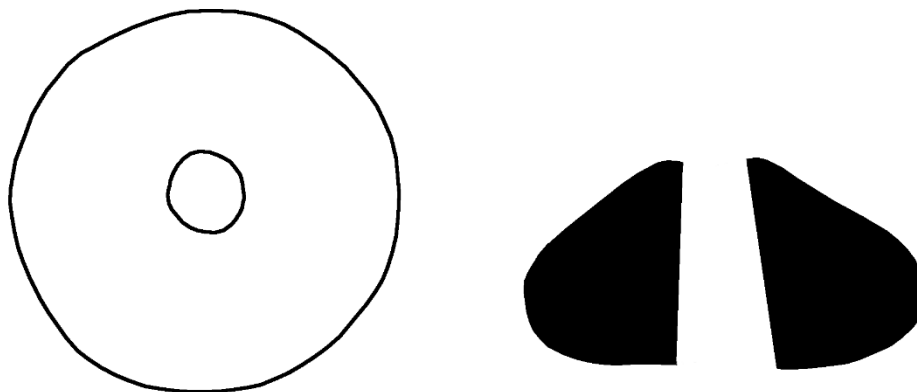
Dist. Perf. Extremidade (cm): 1,6

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea e compacta, com raros elementos não plásticos e de pequeno calibre. A peça tem uma tonalidade bege, no entanto, na superfície observamos uma tonalidade negra, mas caracteriza-se por ter uma cozedura oxidante, com faces alisadas.

Decoração: Não

Observações:

Registo gráfico



Registo fotográfico



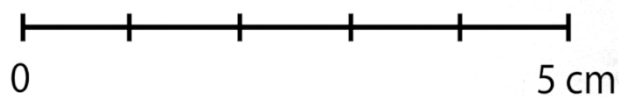
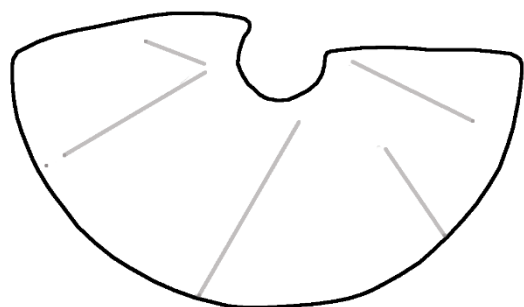
Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Castelo de Alfaiates**Nº de Inventário:** 02**Referência de campo:** (183) ALF. CST. S1.5**Estado de conservação:** Fragmento**Forma da secção:** Sub-retangular**Tipo:** Discoidal**Faces:** Planas**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** -**Espessura (cm):** 1,2**Diam. Perfuração (cm):** 1,1**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,9

Fabrico: Este fragmento apresenta uma pasta homogénea compacta com raros elementos não plásticos de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante com arrefecimento redutor, assim nos demonstra o contraste de cores entre o núcleo, que é alaranjado e as superfícies de tonalidade castanho-escura. As faces são planas e alisadas.

Decoração: O fragmento de cossoiro apresenta linhas retas incisas em ambas as superfícies, dispostas radialmente.

Observações:

Registo gráfico



Registo fotográfico



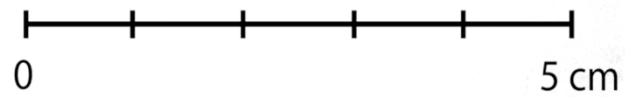
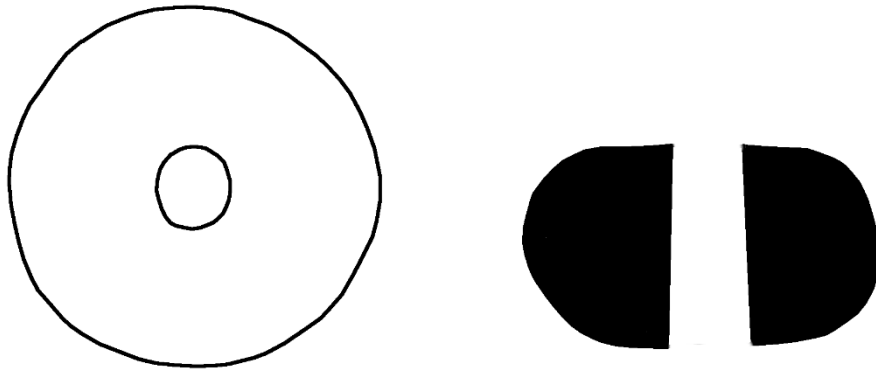
Ficha de análise de Cossiros**ID:** Castelo de Alfaiates**Nº de Inventário:** 03**Referência de campo:** (334) ALF. CST. S10.7**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-ovalada**Tipo:** Cilíndrico**Faces:** Convexas**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** 3,8**Espessura (cm):** 2**Diam. Perfuração (cm):** 0,9**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,1

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea compacta, com elementos não plásticos raros e de calibre médio. A tonalidade castanha-alaranjada da peça permite-nos afirmar que a cozedura é oxidante. As superfícies da peça são alisadas.

Decoração: Não

Observações: O topo da peça apresenta algum desgaste. Este desgaste pode ser associado a vestígios de uso.

Registo gráfico

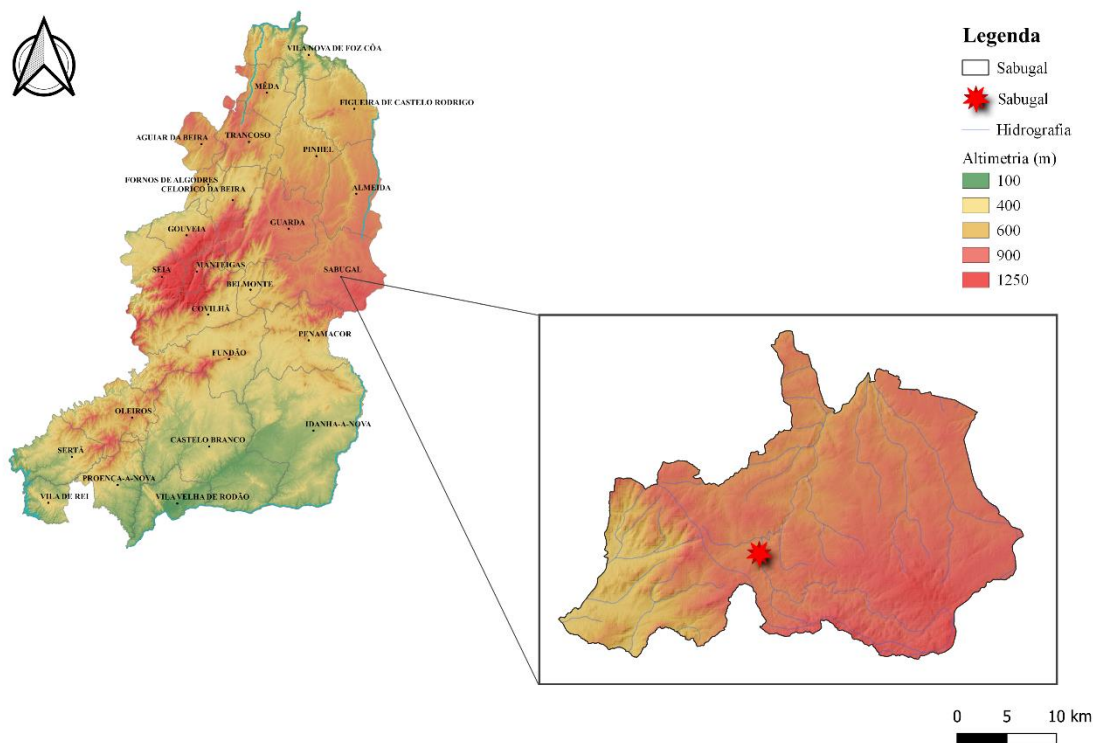


Registo fotográfico



4. Sabugal

4.1. Localização geográfica



4.2. Inventário de materiais

Tabela4: Inventário de materiais do Sabugal

Nº de inventário	Nº de inventário de campanha	Referência de campo	Tipo de material	Tipologia	Estado de conservação	Colagem
01	-	SBG LAP. 220 5.2.12	Cerâmica	Placa	Fragmento	Não
02	-	-	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
03	-	CST. SBG. SI. 1/2	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
04	-	SBG. CST. SI 2A. 12	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
05	-	CST. SBG SI 1.22	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não

06	-	CST. SBG SI 1.22	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
07	-	CST. SBG SI 2.12	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
08	-	CST. SBG. SI 1.22	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
09	-	MUS. LAP. 5.2.20	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
10	-	CST. SBG. SI 1.22	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
11	229	SBG. LAP. S.2.9	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
12	-	-	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não
13	-	-	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
14	-	-	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
15	-	-	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não

4.3. Fichas de análise de materiais

Ficha de análise de Pesos

ID: Sabugal – Museu Lapidário

Nº de Inventário: 01

Referência de campo: SBG LAP. 220 5.2.12

Tipo: Placa

Estado de conservação: Fragmento

Secção: Sub-retângular

Nº Perfurações: 1

Diâmetro (cm): 0,5 **Vestígios de uso:** Não

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): 1/-

Dist. Perf. Topo (cm): 1

Comprimento (cm): -

Largura (cm): 6,2

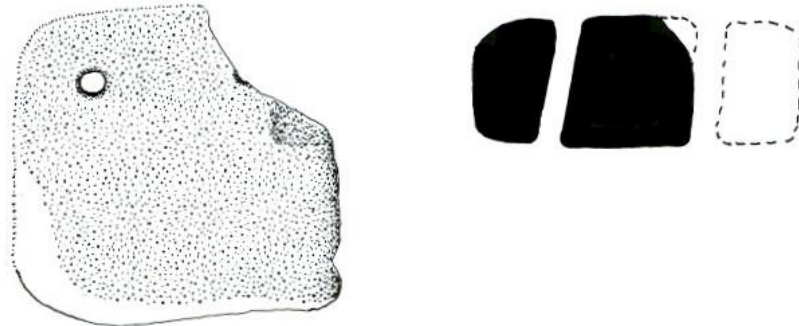
Espessura (cm): 2,6

Peso (g): 125

Fabrico: Fragmento de placa com pasta heterogénea e consistência mediana, com *enp*'s muito frequentes e de grande calibre. A tonalidade castanho alaranjada do núcleo da peça contrasta com as superfícies cinzentas-claras, o que nos permite afirmar que, a cozedura da peça é oxidante com arrefecimento reductor.

Observações: Este fragmento apresenta uma fratura transversal e longitudinal no canto superior direito, no entanto, há indícios de perfuração neste canto. O desenho é de José Luís Madeira e a fotografia de Arménio Simão Bernardo.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Sabugal – Museu Lapidário**Nº de Inventário:** 02**Referência de campo:****Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-ovalada**Tipo:** Esférica**Faces:** Convexa**Base:** Plana**Diâmetro (cm):** 2,2**Espessura (cm):** 2,5**Diam. Perfuração (cm):** 1**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 0,9

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta heterógena de consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes e de calibre médio. A tonalidade castanha-escura da peça permite-nos aferir que a sua cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: A peça apresenta uma pequena fratura na sua parte superior, junto à perfuração. A fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Castelo**Nº de Inventário:** 03**Referência de campo:** CST. SBG. SI. 1/2**Secção:** Sub-ovalada**Contorno:** Elipsoidal**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Grauvaque**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Assimétricos**Dist. Entalhes (cm):** 3,1**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 3,7**Comprimento (cm):** 7,9**Largura (cm):** 3,7**Espessura (cm):** 1**Peso (g):** 40**Observações:** Os entalhes deste seixo são bem vincados, as superfícies são concavas e naturalmente polidas. A fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Castelo**Nº de Inventário:** 04**Referência de campo:** SBG. CST. SI 2A. 12**Secção:** Sub-trapezoidal**Contorno:** Ovalado**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Grauvaque**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 3,9**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 3,5**Comprimento (cm):** 7,3**Largura (cm):** 4,8**Espessura (cm):** 1,9**Peso (g):** 70**Observações:** Os entalhes deste seixo são bem marcados e as superfícies são convexas e naturalmente polidas. A fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

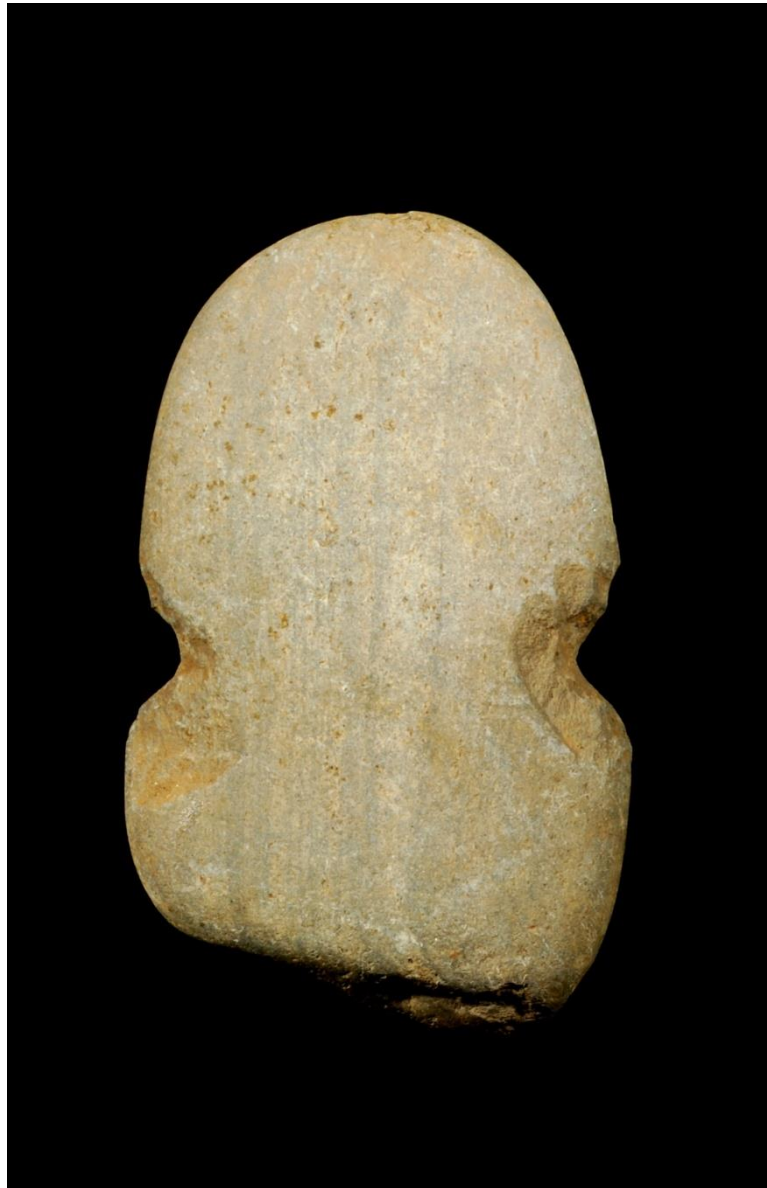
Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Castelo**Nº de Inventário:** 05**Referência de campo:** CST. SBG SI 1.22**Secção:** Ovalada**Contorno:** Sub-triangular**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Grauvaque**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 3,2**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 3,7**Comprimento (cm):** 6,7**Largura (cm):** 3,9**Espessura (cm):** 1,2**Peso (g):** 54

Observações: Os entalhes deste seixo estão bem vincados e as superfícies são planas e naturalmente polidas. A fotografia é de Arménio Simões Bernardo.

Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Castelo**Nº de Inventário:** 06**Referência de campo:** CST. SBG SI 1.22**Secção:** Sub-ovalada**Contorno:** Elipsoidal**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Grauvaque**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 3,7**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 4,3**Comprimento (cm):** 8,7**Largura (cm):** 4,5**Espessura (cm):** 2**Peso (g):** 64**Observações:** As superfícies do seixo são planas e naturalmente polidas. A fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Castelo**Nº de Inventário:** 07**Referência de campo:** CST. SBG SI 2.12**Secção:** Sub-ovalada**Contorno:** Sub-trapezoidal**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Grauvaque**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 3**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 3,2**Comprimento (cm):** 6,6**Largura (cm):** 3,7**Espessura (cm):** 1,2**Peso (g):** 42**Observações:** Este seixo com entalhes bem definidos, apresenta as faces convexas e naturalmente polidas. A fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Castelo**Nº de Inventário:** 08**Referência de campo:** CST. SBG. SI 1.22**Secção:** Sub-ovalada**Contorno:** Ovalado**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Grauvaque**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Assimétricos**Dist. Entalhes (cm):** 4**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 4,4**Comprimento (cm):** 8,3**Largura (cm):** 4,8**Espessura (cm):** 1**Peso (g):** 63**Observações:** O entalhe direito da peça não se apresenta muito vincado. As superfícies são planas e naturalmente polidas. A fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

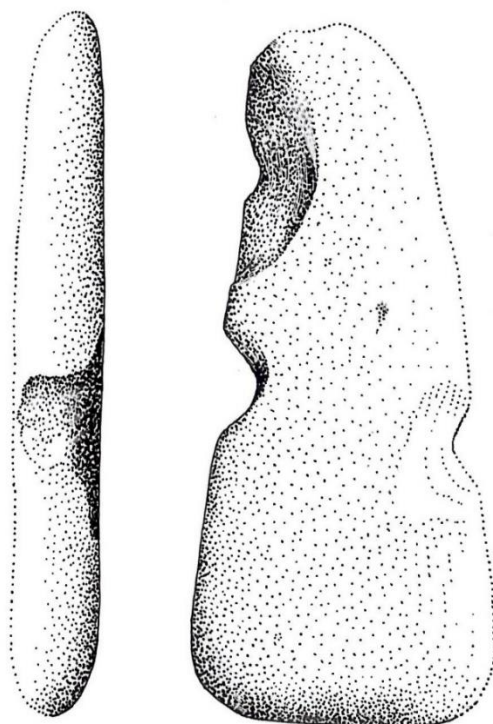
Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Museu Lapidário**Nº de Inventário:** 09**Referência de campo:** MUS. LAP. 5.2.20**Secção:** Sub-ovalada**Contorno:** Sub-triangular**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Grauvaque**Nº Entalhes:** 3**Simetria dos entalhes:** Assimétricos**Dist. Entalhes (cm):** 2,3**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 3,9**Comprimento (cm):** 7,8**Largura (cm):** 3,6**Espessura (cm):** 0,9**Peso (g):** 44

Observações: Este seixo apresenta três entalhes todos eles assimétricos relativamente uns aos outros. As superfícies são planas e naturalmente polidas. O desenho é de José Luís Madeira e a fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Castelo**Nº de Inventário:** 10**Referência de campo:** CST. SBG. SI 1.22**Secção:** Sub-ovalada**Contorno:** Elipsoidal**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Grauvaque**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 3,3**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 3,2**Comprimento (cm):** 6,5**Largura (cm):** 3,7**Espessura (cm):** 1,3**Peso (g):** 46

Observações: Os entalhes deste seixo apresentam-se bem marcados e as superfícies são convexas e naturalmente polidas. A fotografia é de Arménio Simão Bernardo.

Registo fotográfico



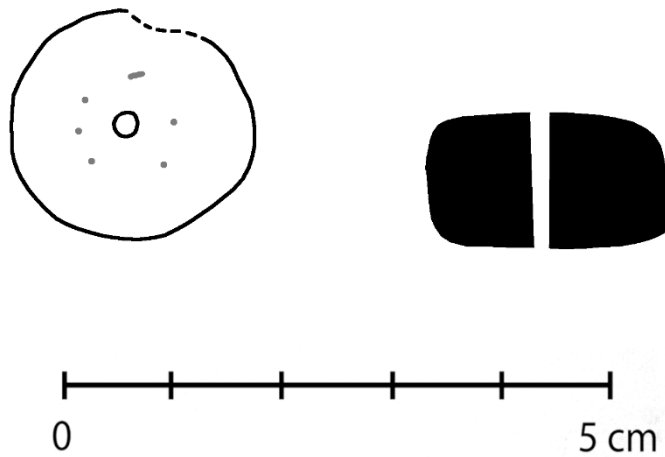
Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Sabugal – Museu Lapidário**Nº de Inventário:** 11**Referência de campo:** (229) SBG. LAP. S.2.9**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-retangular**Tipo:** Cilíndrico**Faces:** Convexas**Base:** Planas**Diâmetro (cm):** 2,5**Espessura (cm):** 1,4**Diam. Perfuração (cm):** 0,3**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 0,8

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea e compacta com raros elementos não plásticos de pequeno calibre. A sua tonalidade alaranjada permite-nos aferir que a cozedura da peça é oxidante. A superfície do cossoiro apresenta-se alisada.

Decoração: No topo da peça é perceptível pequenas marcas circulares incisas, provavelmente elaboradas com um objeto bicudo, que interpretamos como sendo decoração.

Observações: Uma das laterais da peça encontra-se um pouco fragmentada.

Registo gráfico



Registo fotográfico



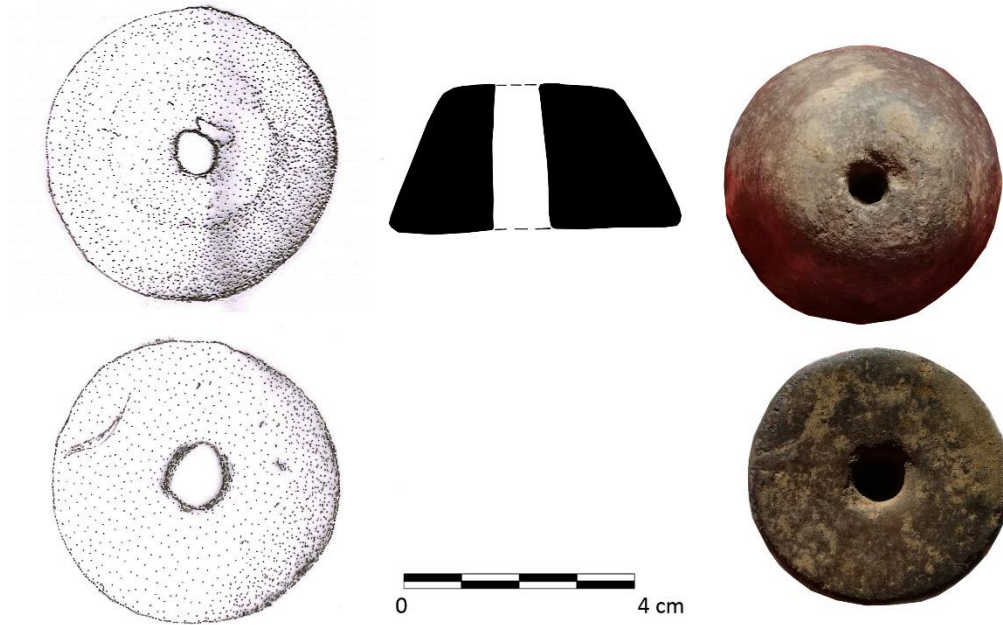
Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Sabugal – Encosta Sul**Nº de Inventário:** 12**Referência de campo:** -**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Sub-trapezoidal**Tipo:** Troncocónico**Faces:** Planas**Base:** Concava**Diâmetro (cm):** 5,1**Espessura (cm):** 2,5**Diam. Perfuração (cm):** 1,1**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 1,8

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea de consistência compacta, onde os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade castanha-escura da peça permite-nos aferir que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

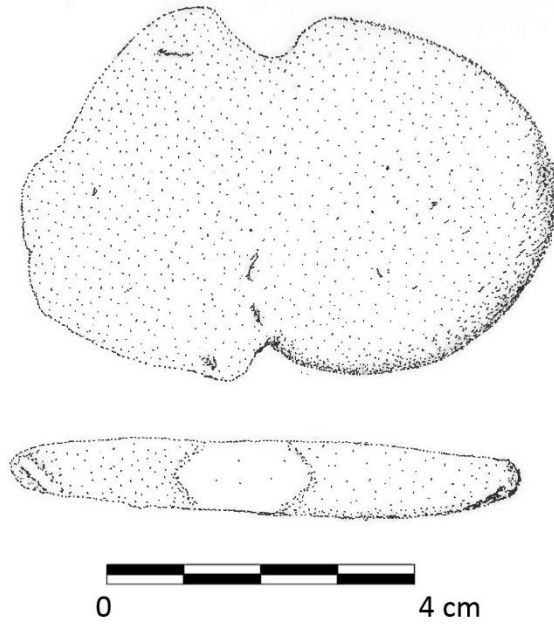
Observações: As medidas foram retiradas a partir do desenho da peça. O desenho e fotografias apresentadas são de Inês Soares (SOARES, 2018-2019, p.123).

Registo gráfico e fotográfico



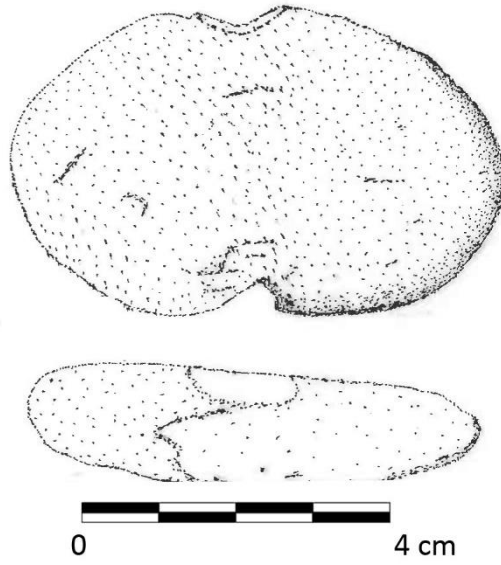
Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Encosta Sul**Nº de Inventário:** 13**Referência de campo:** ROS'18 S.I.1.4**Secção:** Sub-ovalada**Contorno:** Ovalado**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** -**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 2**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 1,8**Comprimento (cm):** 3,8**Largura (cm):** 2,4**Espessura (cm):** 0,6**Peso (g):** -**Observações:** As medidas foram retiradas dos desenhos disponíveis no artigo de Inês Soares (SOARES, 2018-2019, p.123), assim como o desenho apresentado.

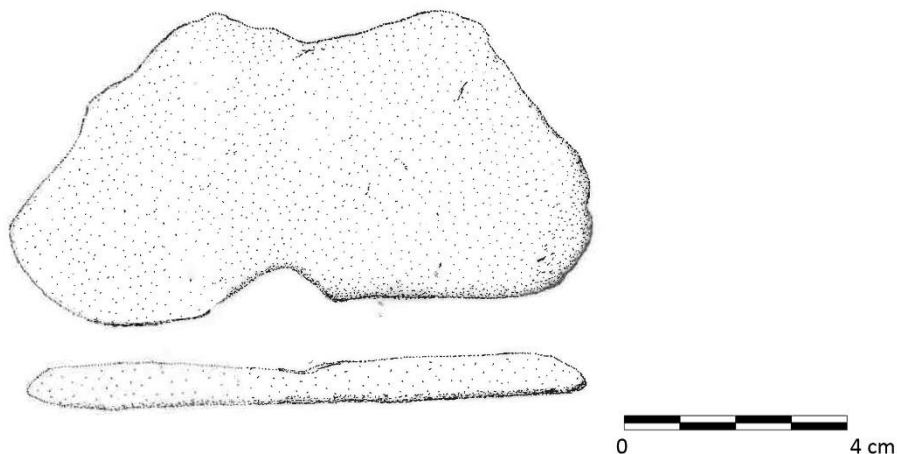
Registo gráfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Encosta Sul**Nº de Inventário:** 14**Referência de campo:** Ros'18 S.I.1.7**Secção:** Sub-trapezoidal**Contorno:** Ovalado**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** -**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 1,8**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 1,6**Comprimento (cm):** 3,5**Largura (cm):** 3**Espessura (cm):** 0,7**Peso (g):** -**Observações:** As medidas foram retiradas dos desenhos disponíveis no artigo de Inês Soares (SOARES, 2018-2019, p.123), assim como o desenho apresentado.

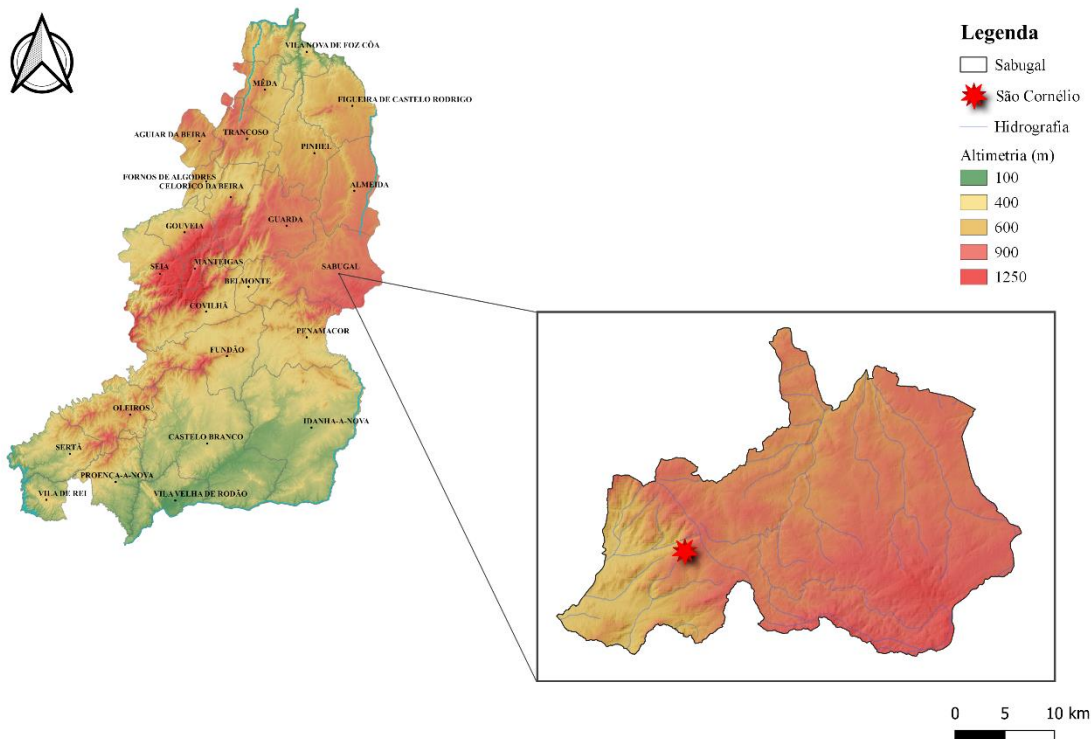
Registo gráfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Sabugal – Encosta Sul**Nº de Inventário:** 15**Referência de campo:** Ros'18 S.I.1.14**Secção:** Sub-trapezoidal**Contorno:** Irregular**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** -**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Assimétricos**Dist. Entalhes (cm):** 2,2**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 2,8**Comprimento (cm):** 5,7**Largura (cm):** 3**Espessura (cm):** 0,4**Peso (g):** -**Observações:** As medidas foram retiradas dos desenhos disponíveis no artigo de Inês Soares (SOARES, 2018-2019, p.123), assim como o desenho apresentado.**Registo gráfico**

5. São Cornélio

5.1. Localização geográfica



5.2. Inventário de materiais

Tabela5: Inventário de materiais do povoado de São Cornélio

Nº de inventário	Nº de inventário de campanha	Referência de campo	Tipo de material	Tipologia	Estado de conservação	Colagem
01	-	S.COR 90	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Sim

5.3. Fichas de inventário de materiais

Ficha de análise de Cossoiros

ID: São Cornélio

Nº de Inventário: 01

Referência de campo: S.COR 90

Estado de conservação: Completo

Forma da secção: Sub-trapzoidal

Tipo: Bitroncocónica

Faces: Planas

Base: Convexa

Diâmetro (cm): 4,6

Espessura (cm): 2,2

Diam. Perfuração (cm): 0,7

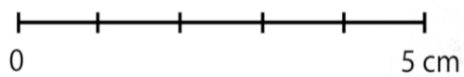
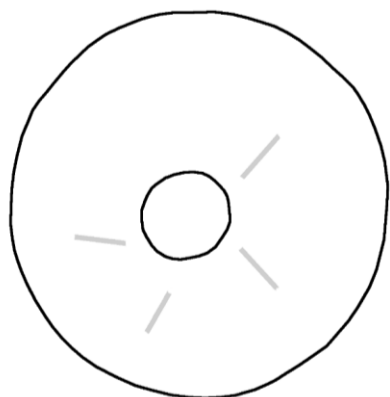
Dist. Perf. Extremidade (cm): 1,7

Fabrico: Este cossoiro apresenta uma pasta homogénea e compacta. Os elementos não plásticos são abundantes e de calibre médio. A tonalidade escura da peça permite-nos aferir que a sua cozedura é redutora.

Decoração: Na face superior da peça é possível observar decoração. Este cossoiro é decorado com linhas retas incisadas.

Observações: As fotografias foram cedidas pelo Dr. Marcos Osório

Registo gráfico

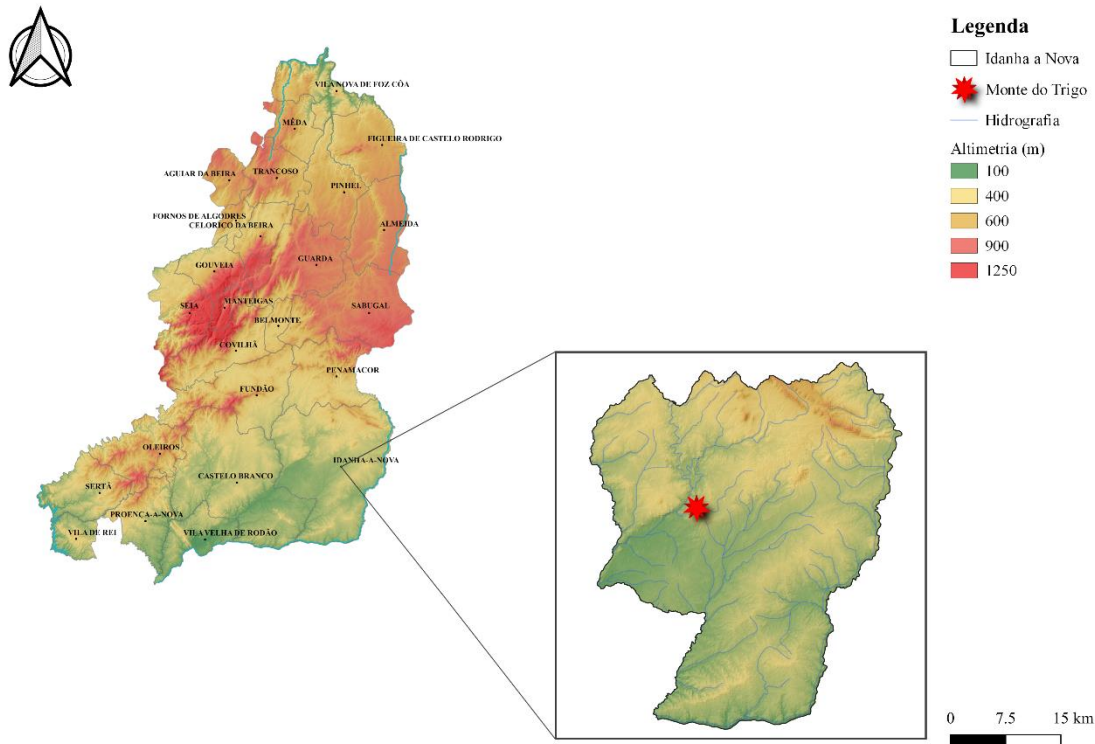


Registo gráfico



6. Monte do Trigo

6.1. Localização geográfica



6.2. Inventário de materiais

Tabela6: Inventário de materiais do povoado do Monte do Trigo

Nº de inventário	Nº de inventário de campanha	Referência de campo	Tipo de material	Tipologia	Estado de conservação	Colagem
1	4/95	Mt. Trg.95 I sond.3 H1/2 0.1	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
2	-	Mt. Trg95 I sond.3 H1/2 0.1	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
3	5/95?	Mt. TRG.9? I sond. ? H1-2 0.1	Cerâmica	Crescente	Bastante completo	Não

4	19/97	TRIGO97 A13 0.2	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
5	13/95	MT. TRI95 I E8 0.2	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
6	-	MT. TRIGO95 I sond4 B8 0.2	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
7	11/97	Trigo97 A19 0.3	Cerâmica	Placa	Bastante completa	Não
8	20-23/97	M. TRIGO97 C9 0.3 20/ TRIGO97 C9 0.3 23	Cerâmica	Crescente	Bastante completo	Sim
9	5/97	M. Tri.97 A10 0.3	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
10	6/97	Trigo97 A 10 0.3	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
11	3/97	M. TRI97 A10 0.3	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
12	8/97	M. TRI97 A11 0.3	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
13	10/97	Trigo97 A11 0.3	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Sim
14	16/97	TRIGO97 A12 0.3	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
15	26/97	TRIGO97 B9 0.3	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
16	21/97	TRIGO97 C9 0.3	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não

17	12/95	Mt. Trigo95 D8 0.3	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
18	2/96	Mt. Tg96 C7 0.4	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Sim
19	4/96	Mt. Tig95 D7 0.4	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
20	-	Mt. Trg.95 I sond.3 H1/2 0.1	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
21	22/97	TRIGO97 C9 0.3	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
22	-	M. Trigo95 I sond? B? 0.3	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
23	4/97	TRIGO97 A10 0.3 topo	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
24	2/95	Mt. Trg.95 I sond.3 H1/2 0.1	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
25	6/95	Mt. Trg95 I sond.3 H1/2 0.1	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
26	7/97	M. TRI97 A11 0.3	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
27	9/97	M. TRI97 A11 0.3	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
28	9/95?	M.T 95 Sup.	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
29	24/97	TRIGO97 D9 0.3	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não

30	-	Mt. Trg 9? I sond.3 H1/2 0.?	Cerâmica	Crescente	Extremidade com perfuração	Não
31	13/97	TRIG.97 A12 0.3	Cerâmica	Placa	Extremidade com perfuração	Não
32	95/95	MT. TRI95 I B1-2 0.2	Cerâmica	Indeterminada	Pequeno fragmento	Não
33	17/97	M. TRIG97 A13 0.3	Cerâmica	Placa	Pequeno fragmento	Não
34	5/96	M. Trigo96 D7 0.3 banq.	Cerâmica	Placa	Bastante completo	Sim
35	14/97	Trigo97 A12 0.3	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
36	1/95	MT. TRG95 I sond.(?) B2 0.1	Cerâmica	Indeterminado	Pequeno fragmento	Não
37	15/97	TRIG.97 A12 0.3	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Não
38	1/95	Mt. Tg95 I Sond.3 H1/2 0.1	Cerâmica	Crescente	Pequeno fragmento	Não
39	-	?	Cerâmica	Crescente	Área mesial	Sim
40	09/97	M.TRIG97 A13	Cerâmica	Indeterminado	Pequeno fragmento	Não
41	1/96	Mt. Trig96 D6 03	Cerâmica	Indeterminado	Pequeno fragmento	Não
42	12/97	TRIGO97 A12 03	Cerâmica	Indeterminado	Pequeno fragmento	Não
43	3/96	Mt. Trg96 D7 04	Cerâmica	Indeterminado	Pequeno fragmento	Não
44	2/97	TRIGO97 C9 03	Lítico	Seixo com entalhe	Pequeno fragmento	Não
45	6/96	MT. TRIGO96 C7 03	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não

46	1/97	TRIGO97 C9 02 base	Lítico	Seixo com entalhe	Completo	Não
47	?/95	I sond.4 B8 03 (corte Oeste)	Cerâmica	Cossoiro	Completo	Não

6.3. Fichas de análise de materiais

Ficha de análise de Pesos

ID: Monte do Trigo

Nº de Inventário: 01

Referência de campo: (4/95) Mt. Trg.95 I sond.3 H1/2 01

Tipo: Crescente

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Ovalada

Nº Perfurações: 1

Diâmetro (cm): 0,7

Vestígios de uso: Sim

Dist. Perfurações:

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): 0,7/ 0,5

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm):

Largura (cm):

Espessura (cm): 1

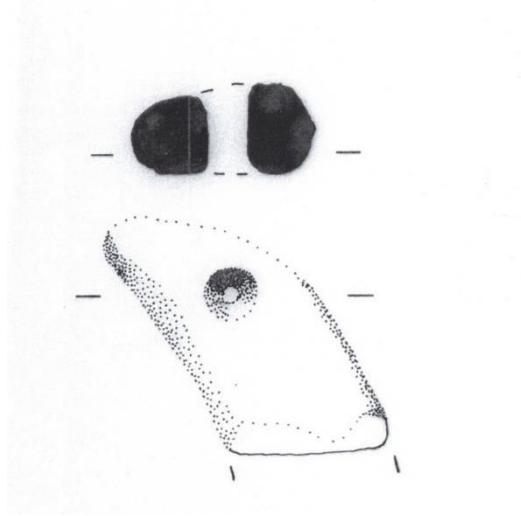
Peso (g): 15

Fabrico: Este fragmento de crescente apresenta uma pasta homogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são frequentes, porém, de pequeno calibre. Em relação ao tipo de cozedura da pasta, podemos dizer que esta tem uma tonalidade castanha clara que nos indica que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não.

Observações: Este pequeno fragmento de crescente encontra-se fraturado na sua parte superior, sendo esta fratura oblíqua à sua secção. O desenho foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico



Registo fotográfico



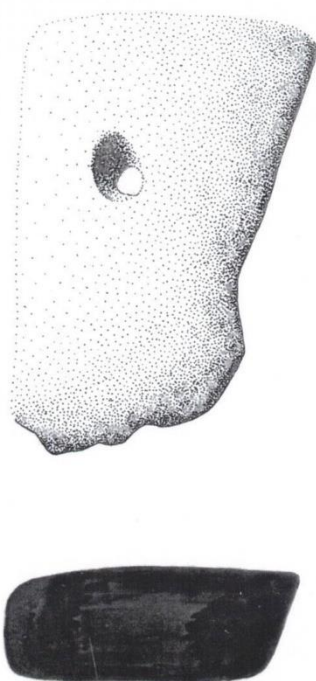
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 02**Referência de campo:** (-)Mt. Trg95 I sond.3 H1/2 01**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,7**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações:****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,8**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,4**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1.7**Peso (g):** 46

Fabrico: A textura do fragmento é heterogénea de consistência mediana. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande calibre. Quanto ao tipo de cozedura este é redutora caracterizada pela tonalidade castanha escura.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento de placa está fraturado longitudinalmente e transversalmente. A fratura transversal parece acontecer a meio da peça, sendo apenas possível observar uma perfuração. O canto que é possível analisar desta placa é anguloso e as arestas da mesma são retas. O desenho foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico



Registo fotográfico



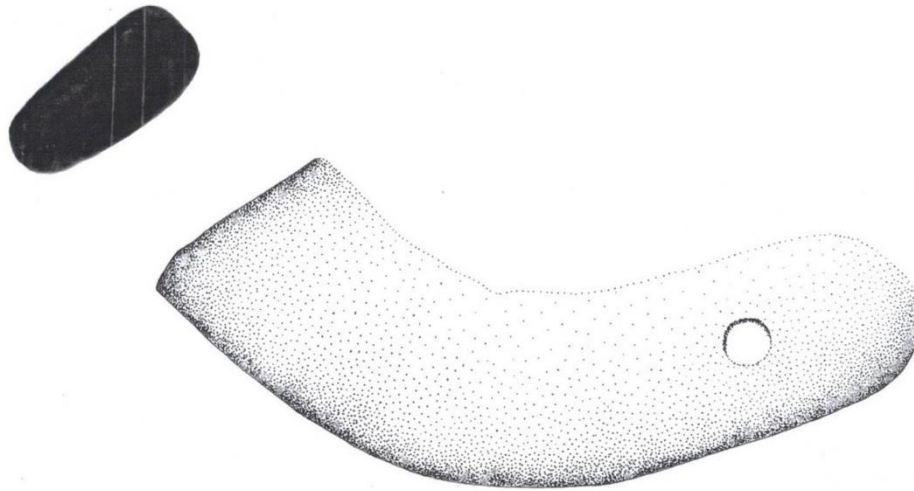
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 03**Referência de campo:** (5/95) Mt. TRG.9? I sond. ? H1-2 01**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,7**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações:****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,8/0,7**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,6**Comprimento (cm):** 2**Largura (cm):****Espessura (cm):** 1,3**Peso (g):** 46

Fabrico: A pasta do fragmento cerâmico é homogénea e compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade alaranjada da peça permite-nos determinar que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento de crescente é o que se encontra mais completo de todo o conjunto. O desenho foi retirado de (VILAÇA, 2008, p.55)

Registo gráfico



Registo fotográfico



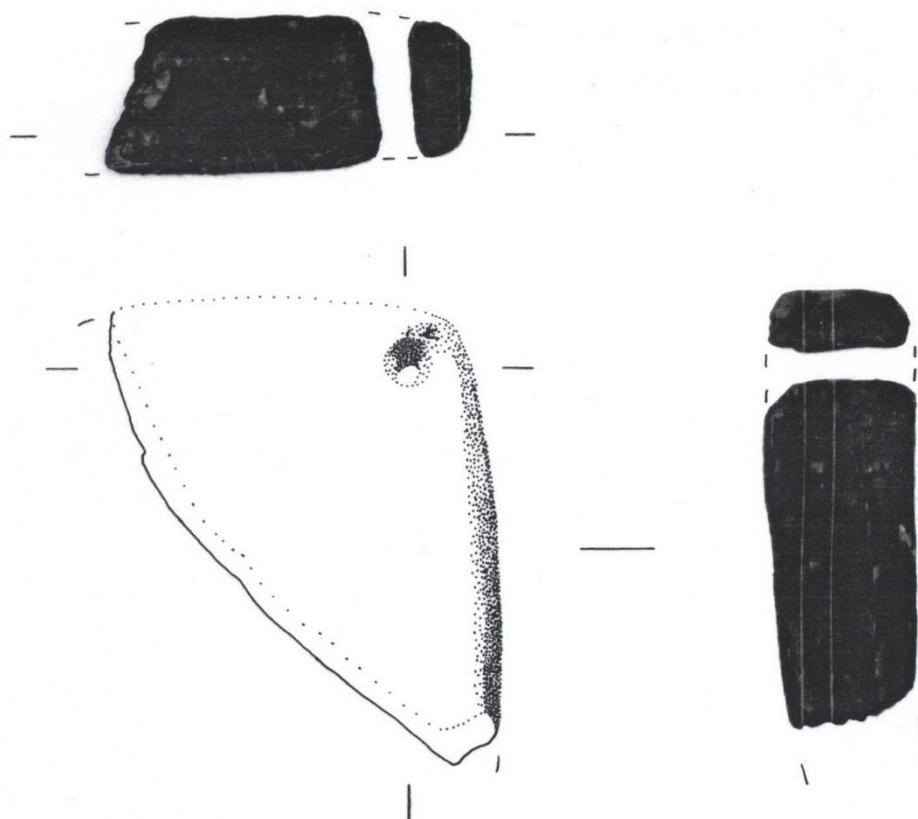
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 04**Referência de campo:** (19/97) TRIGO97 A13 02**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,4**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações:****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,7**Dist. Perf. Topo (cm):** 0,5**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2**Peso (g):** 73

Fabrico: Pasta homogénea de consistência compacta. A frequência dos elementos não plásticos é rara e os que são visíveis são de pequeno calibre. A pasta tem uma tonalidade castanha-amarelada que nos indica que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Esta placa paralelepípedica tem um canto anguloso e as arestas são retas. A superfície superior da peça encontra-se desgastada em relação á superfície lateral. A fratura da peça é oblíqua em relação à secção da mesma. O desenho foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico



Registo fotográfico



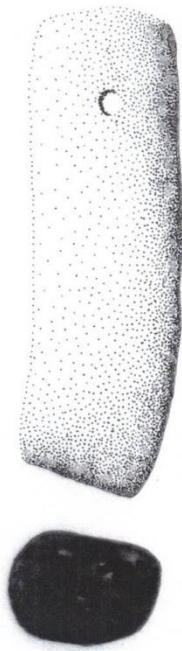
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 05**Referência de campo:** (13/95) MT. TRI95 I E8 02**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Circular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,5**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações:****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,6/0,4**Dist. Perf. Topo (cm):** 1**Comprimento (cm):** 1,5**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,5**Peso (g):** 26

Fabrico: Fragmento de crescente de textura homogénea e de consistência mediana. A frequência de elementos não plásticos é rara e os que se observam são de pequeno calibre. A tonalidade bege da peça permite-nos averiguar que a cozedura é oxidante.

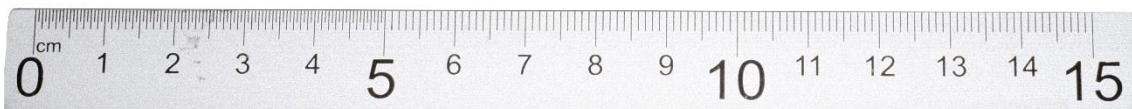
Decoração: Não

Observações: Podemos observar que a perfuração deste fragmento tem um diâmetro muito reduzido. O desenho foi retirado de (VILAÇA, 2008, p.55).

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 06**Referência de campo:** (-) MT. TRIGO95 I sond4 B8 02**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Circular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações:** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,6**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,2**Peso (g):** 36

Fabrico: Pasta homogénea e compacta com elementos não plásticos raros de pequeno calibre. A peça apresenta uma tonalidade alaranjada o que significa que a sua cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: O desenho deste fragmento foi retirado de (VILAÇA, 2008, p.55).

Registo gráfico



Registo fotográfico



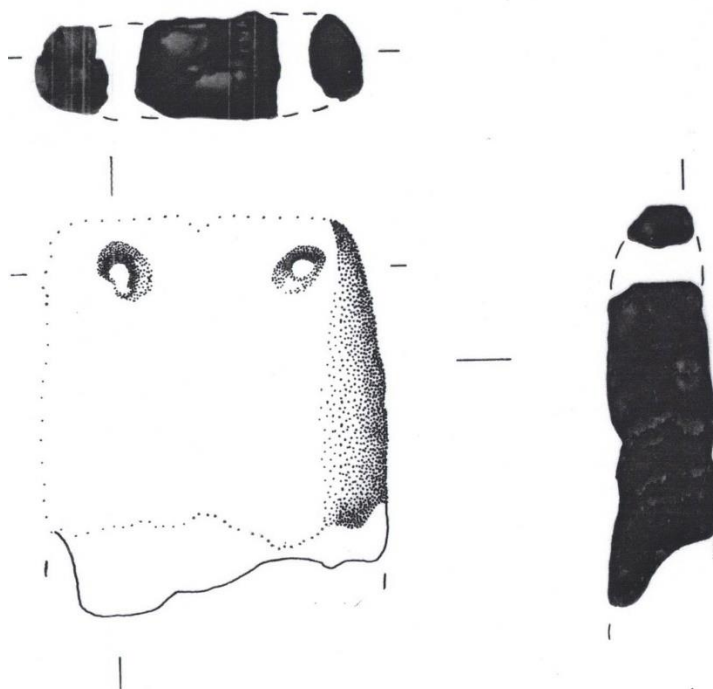
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 07**Referência de campo:** (11/97) Trigo97 A19 03**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 2**Diâmetro (cm):** 0,9/0,8**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações:** 1,9**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,9/0,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 0,4/0,7**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 5,1**Espessura (cm):** 1,7**Peso (g):** 80

Fabrico: Pasta homogénea e compacta. Os elementos não plásticos são raros de grande calibre. A tonalidade do fragmento é castanho-amarelado o que nos indica que a cozedura é oxidante

Decoração: Não

Observações: As perfurações desta placa apresentam vestígios de desgaste que acaba por conferir uma forma ovalada às perfurações. Os cantos que se podem analisar são arredondados e as suas arestas são retas. O desenho foi retirado de (VILAÇA, 2008, p.55)

Registo gráfico



Registo fotográfico



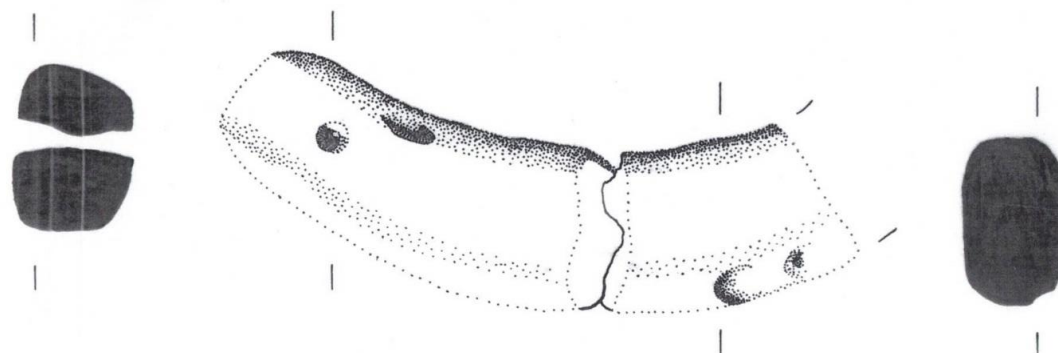
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 08**Referência de campo:** (20-23/97) M. TRIGO97 C9 03 / TRIGO97 C9 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,4**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações:****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,7/0,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,2**Comprimento (cm):** 2,5**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,6**Peso (g):** 51

Fabrico: Pasta de textura heterogénea e consistência mediana. Quanto aos elementos não plásticos este são muito frequentes e de grande calibre. Os fragmentos têm uma tonalidade castanha escura que nos indica que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Esta peça é composta por dois fragmentos que não se encontram colados. Podemos dizer que este crescente, apesar de fraturado, se encontra bastante completo, aparentando corresponder a metade de uma peça. Podemos realçar que a perfuração deste fragmento tem um diâmetro muito reduzido. O desenho deste fragmento foi retirado de (VILAÇA,2008, p.55).

Registo gráfico



Registo fotográfico



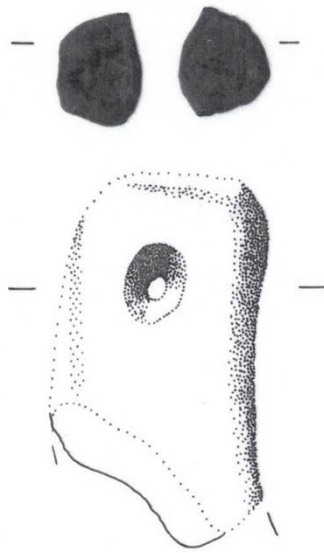
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte de Trigo**Nº de Inventário:** 09**Referência de campo:** (5/97) M. Tri.97 A10 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,9**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações:****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,8/0,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 1**Comprimento (cm):** 2,3**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,6**Peso (g):** 28

Fabrico: Pasta heterogénea de consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes de pequeno calibre. A cozedura da peça é redutora tendo uma tonalidade castanha-escura.

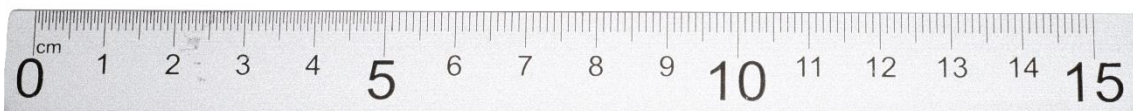
Decoração: Não

Observações: Este fragmento de crescente apresenta a única perfuração existente bastante erodida, como é possível observar no registo gráfico e fotográfico. A peça no seu extremo superior apresenta desgaste. A fratura da peça é oblíqua à secção da mesma. O desenho foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico

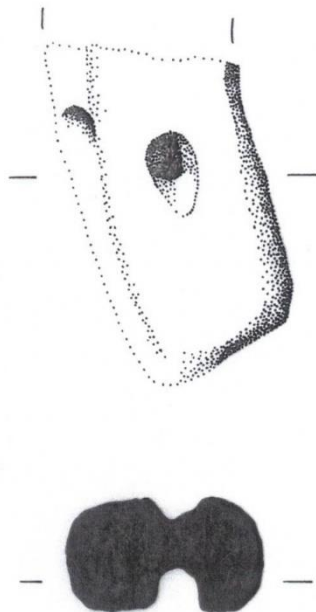


Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 10**Referência de campo:** (6/97) Trigo97 A 10 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,7**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações:****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,8/0,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,8**Comprimento (cm):** 2,1**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,5**Peso (g):** 24**Fabrico:** Pasta homogénea e compacta, com raros elementos não plásticos e de pequeno calibre. A tonalidade da pasta é alaranjada o que indica que a cozedura da peça é oxidante.**Decoração:** Não**Observações:** A perfuração da peça não se encontra acabada. Desta maneira, suponho que este crescente nunca foi finalizado e nunca tenha cumprido a sua função de peso. O desenho foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico



Registo fotográfico



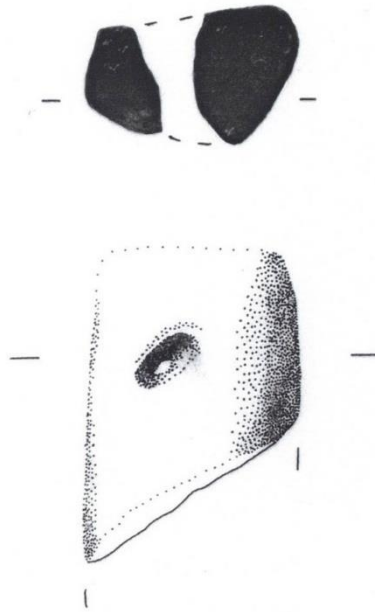
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 11**Referência de campo:** (3/97) M. TRI97 A10 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-trapezoidal**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,7**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações:****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,8/0,5**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,1**Comprimento (cm):** 2,1**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,8**Peso (g):** 22

Fabrico: Pasta homogénea de consistência é friável. Os elementos não plásticos são raros, e os que são possíveis observar são de pequeno calibre. A tonalidade da pasta é bege indicando que a cozedura da pasta é oxidante.

Decoração: Não

Observações: A perfuração existente neste fragmento apresenta-se bastante desgastada em ambas as superfícies, fazendo com que a perfuração adquira uma forma ovalada. O topo da peça encontra-se bastante desgastado. A fratura do fragmento é oblíqua em relação à sua secção. O desenho deste fragmento foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico



Registo fotográfico



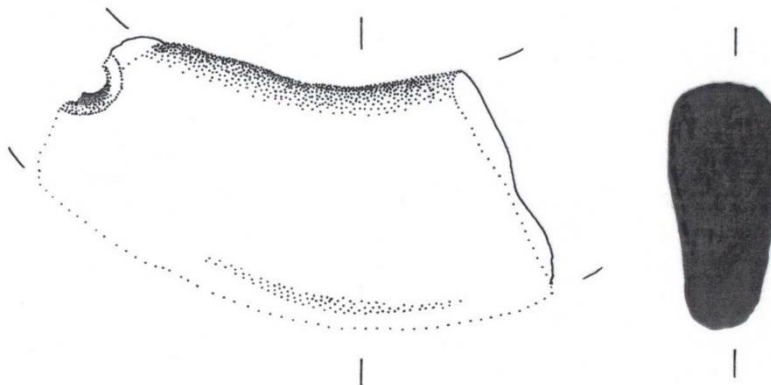
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 12**Referência de campo:** (8/97) M. TRI97 A11 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 0**Diâmetro (cm):****Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 2,8**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,5**Peso (g):** 42

Fabrico: Pasta heterogénea de consistência compacta, com frequência de elementos não plásticos de grande calibre. A cozedura é redutora e sinal disso é a tonalidade castanha muito escura da peça.

Decoração: Não

Observações: No extremo da peça é visível indícios de uma perfuração, no entanto, como não se encontra completa, não é possível aferir o diâmetro da mesma e também não se observam marcas de uso. Podemos observar na pasta deste fragmento a utilização de micas de pequeno e grande calibre. O desenho deste fragmento foi retirado de (VILAÇA, 2008, p.55).

Registo gráfico



Registo fotográfico



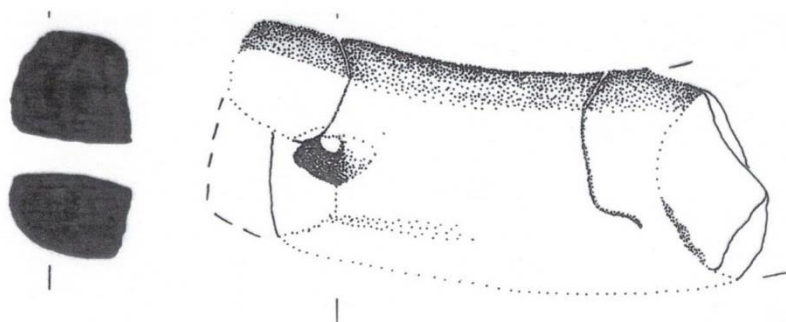
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 13**Referência de campo:** (10/97) Trigo97 A11 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1,2/0,7**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 2,6**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,6**Peso (g):** 42

Fabrico: Pasta homogénea e compacta, com raros elementos não plásticos, sendo os existentes de pequeno calibre. A tonalidade da peça é alaranjada permitindo aferir que a cozedura é oxidante.

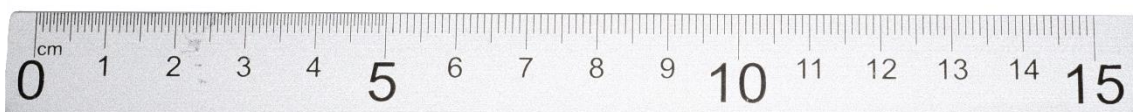
Decoração: Não

Observações: Esta peça é composta por três fragmentos, um deles colado à peça, como se observa no desenho, junto à perfuração do lado direito. A peça acabou por se fraturar na parte inferior do elemento, sobre a linha de fratura representada no desenho. O desenho foi retirado de (VILAÇA, 2008, p.55).

Registo gráfico



Registo fotográfico



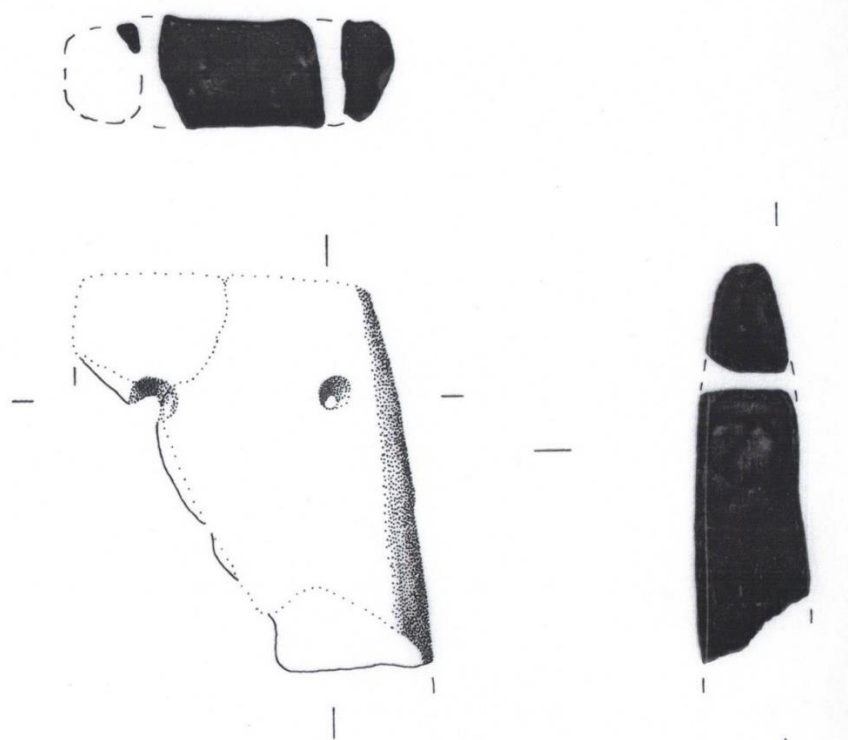
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 14**Referência de campo:** (16/97) TRIGO97 A12 03**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,5**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,3**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,4**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 4,7**Espessura (cm):** 1,9**Peso (g):** 66

Fabrico: Pasta homogénea e compacta, os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. Quanto à cozedura esta peça é oxidante tendo uma tonalidade castanha-amarelada.

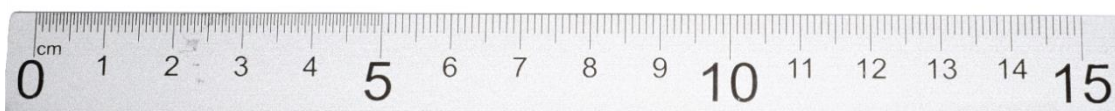
Decoração: Não

Observações: Esta placa paralelepípedica é composta por dois fragmentos que se encontram colados. No entanto, a referência de campo é apenas uma. A fratura destes dois fragmentos dá-se junto da perfuração do lado esquerdo da peça onde é possível observar indícios da segunda perfuração, por não se encontrar completa, não podemos retirar as medidas do seu diâmetro. A peça tem uma fratura longitudinal e outra oblíqua em relação à secção da peça. Os cantos desta placa são angulosos e as arestas são retas. O desenho foi retirado de (VILAÇA, 2008, p.55).

Registo gráfico



Registo fotográfico



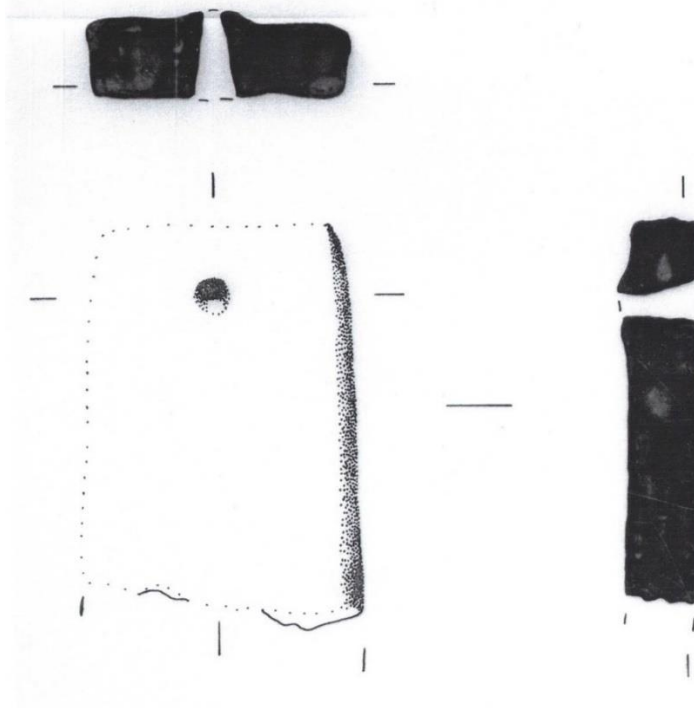
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 15**Referência de campo:** (26/97) TRIGO97 B9 03**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento Distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,7**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1,4/1,5**Dist. Perf. Topo (cm):** 0,8**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 3,8**Espessura (cm):** 1,2**Peso (g):** 46

Fabrico: Pasta com textura homogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros, os que se observam são de pequeno calibre. A cozedura da pasta é oxidante e tem uma tonalidade bege.

Decoração: Não

Observações: No verso da peça podemos observar uma saliência em torno da perfuração, como é perceptível no desenho. Esta saliência corresponde ao momento em que a perfuração foi feita, deste modo, indica-nos que a perfuração foi elaborada antes da cozedura e que o seu acabamento não retirou o excesso de pasta neste local. Os cantos desta placa são angulosos e as arestas são retas. O desenho deste fragmento foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico

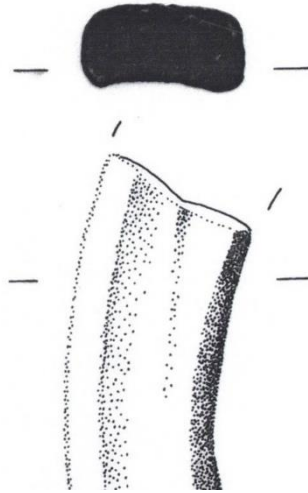


Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 16**Referência de campo:** (21/97) TRIGO97 C9 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular.**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,6**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,2**Peso (g):** 20**Fabrico:** Pasta homogénea e compacta com raros elementos não plásticos de pequeno calibre, com cozedura oxidante. A pasta da peça é tem uma tonalidade amarela-alaranjada.**Decoração:** Não**Observações:** Uma das superfícies deste fragmento apresenta uma reentrância, como é possível observar no registo gráfico. O desenho deste fragmento foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico



Registo fotográfico



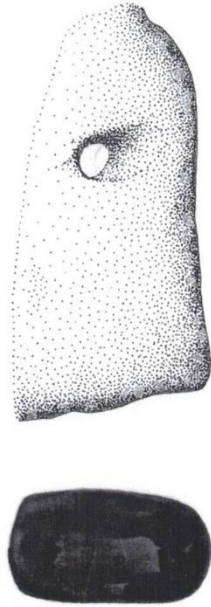
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 17**Referência de campo:** (12/95) Mt. Trigo95 D8 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,9**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,4/0,5**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,4**Comprimento (cm):** 2**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,5**Peso (g):** 24

Fabrico: Pasta homogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e os que se observam são de pequeno calibre. A cozedura é oxidante como podemos averiguar através da tonalidade castanha-alaranjada da pasta.

Decoração: Não

Observações: A perfuração deste fragmento encontra-se bastante erodida, reflexo dos vestígios de utilização da peça. O desenho deste fragmento foi retirado de (VILAÇA, 2008, p.55).

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Monte do Trigo

Nº de Inventário: 18

Referência de campo: (2/96) Mt. Tg96 C7 04

Tipo: Crescente

Estado de conservação: Fragmento distal

Secção: Sub-retangular

Nº Perfurações: 1

Diâmetro (cm): 0,6

Vestígios de uso: Não

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): 0,6/0,9

Dist. Perf. Topo (cm): 1,5

Comprimento (cm): 2,8

Largura (cm): -

Espessura (cm): 1,9

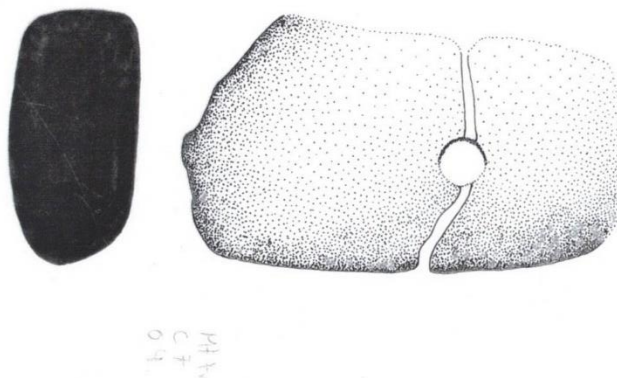
Peso (g): 42

Fabrico: Pasta de textura homogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. Quanto à sua cozedura esta é oxidante, apresentando uma pasta alaranjada.

Decoração: Não

Observações: Esta peça é composta por dois fragmentos que se encontram colados tendo apenas um número de inventário. A fratura, como é possível visualizar no desenho e na fotografia, dá-se a meio da perfuração o que nos dificultou a medição do diâmetro da mesma. A sua superfície superior encontra-se desgastada. O desenho desta peça foi retirada de (VILAÇA, 2008, p.55).

Registo gráfico



Registo fotográfico



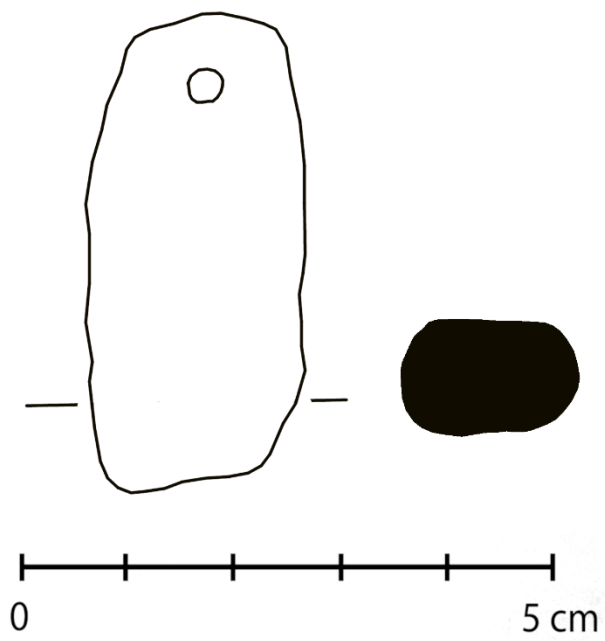
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 19**Referência de campo:** (4/96) Mt. Tig96 D7 04**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,5**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,6/0,4**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,5**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,2**Peso (g):** 15

Fabrico: Fragmento com textura homogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes e de pequeno calibre. Quanto à cozedura esta é oxidante como nos indica a tonalidade alaranjada da peça.

Decoração: Não

Observações: Junto da perfuração podemos observar uma mudança de tonalidade, de alaranjada para negra, mas apenas na parte externa do fragmento.

Registo gráfico



Registo fotográfico



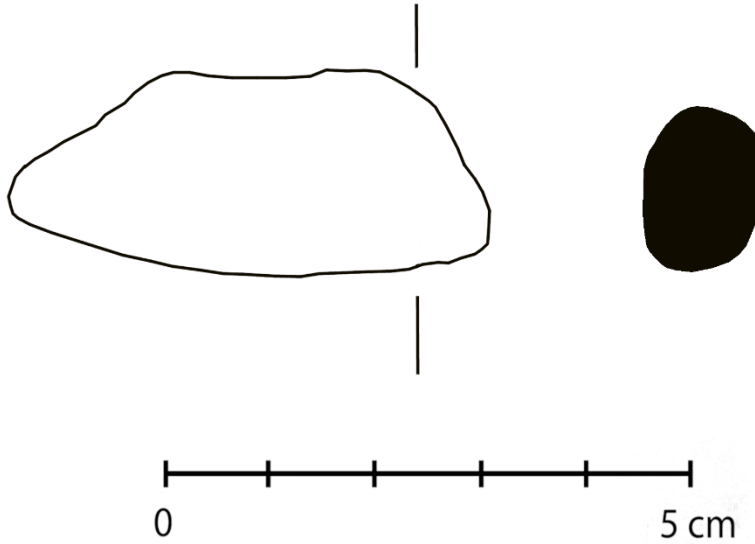
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 20**Referência de campo:** (-) Mt. Trg.95 I sond.3 H1/2 01**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,3**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,4**Peso (g):** 15

Fabrico: Pasta heterogénea com consistência compacta. Os elementos não plásticos são muito frequentes e de grande dimensão. A tonalidade da peça é castanho-escuro o que indica que a cozedura é redutora.

Decoração: Não

Observações: Ambas as fraturas da peça são transversais à secção da mesma.

Registo gráfico

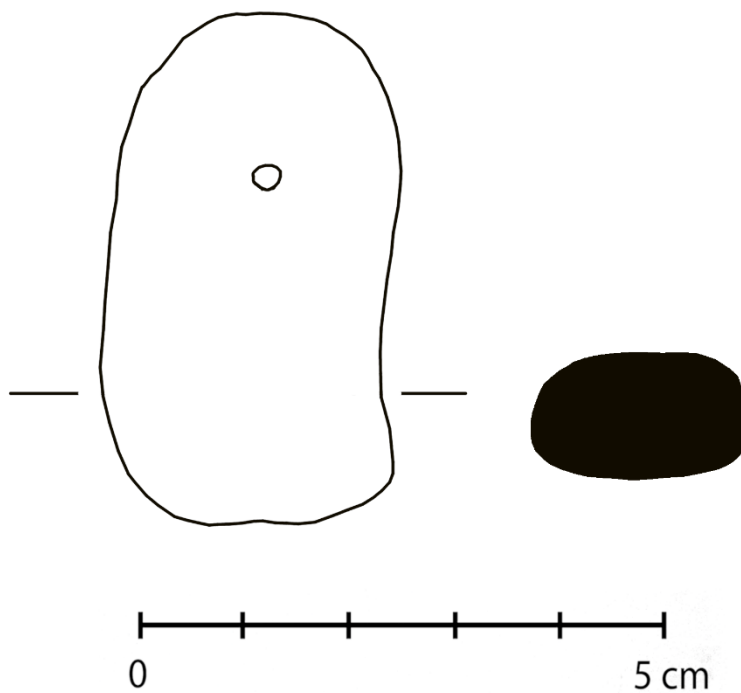


Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 21**Referência de campo:** (22/97) TRIGO97 C9 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,8**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,6/ 0,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,3**Comprimento (cm):** 2,2**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,4**Peso (g):** 26**Fabrico:** Pasta homogénea e compacta, com raros elementos não plásticos e de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante tal como nos indica a tonalidade alaranjada da pasta.**Decoração:** Não**Observações:**

Registo gráfico



Registo fotográfico

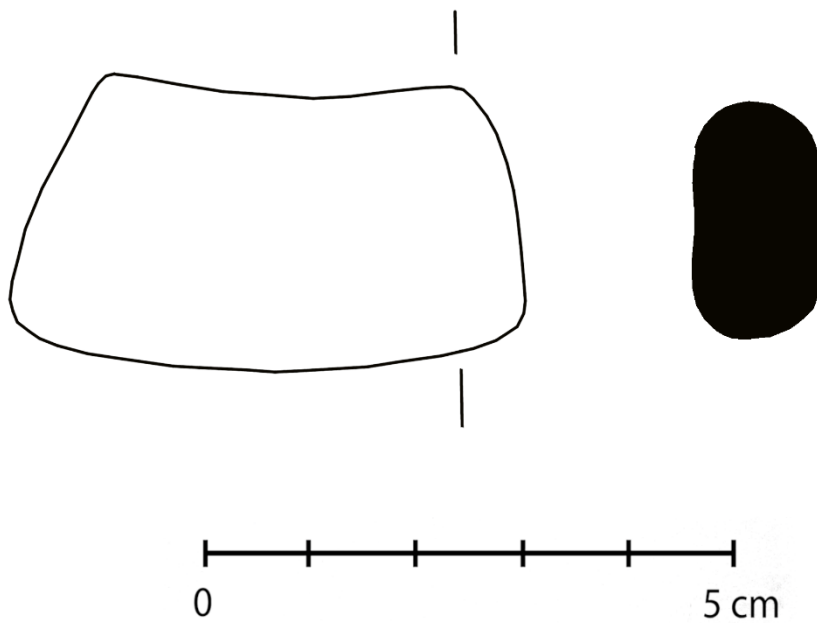


Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 22**Referência de campo:** (-) M. Trigo95 I sond? B? 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,9**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,6**Peso (g):** 28

Fabrico: Pasta de textura heterogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes de pequeno calibre. A cozedura da pasta é oxidante e tem uma tonalidade castanha clara.

Decoração: Não**Observações:**

Registo gráfico



Registo fotográfico



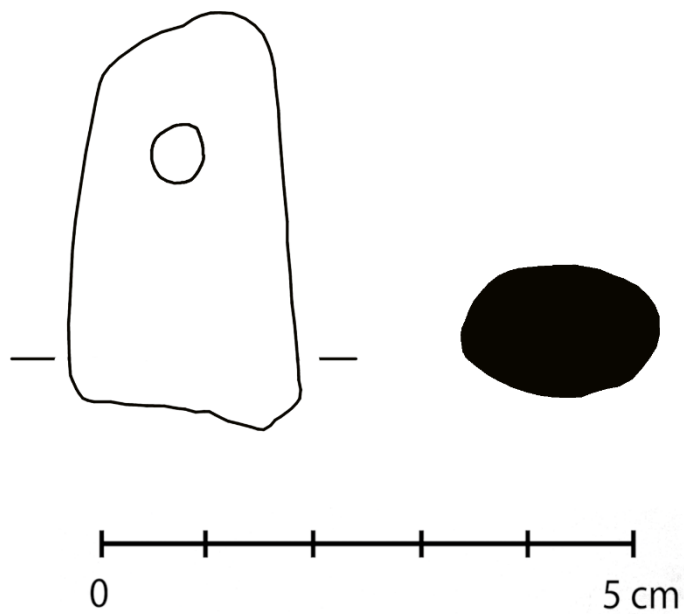
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 23**Referência de campo:** (4/97) TRIGO97 A10 03 topo**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,6/ 0,5**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,5**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,6**Peso (g):** 14

Fabrico: Pasta de textura homogénea de consistência mediana. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade da pasta deste fragmento é acastanhada o que nos indica que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: A fratura oblíqua existente no topo do crescente não permite medir a distância perfuração-topo. Ao nível dos elementos não plásticos, é possível observar a presença de algumas micas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



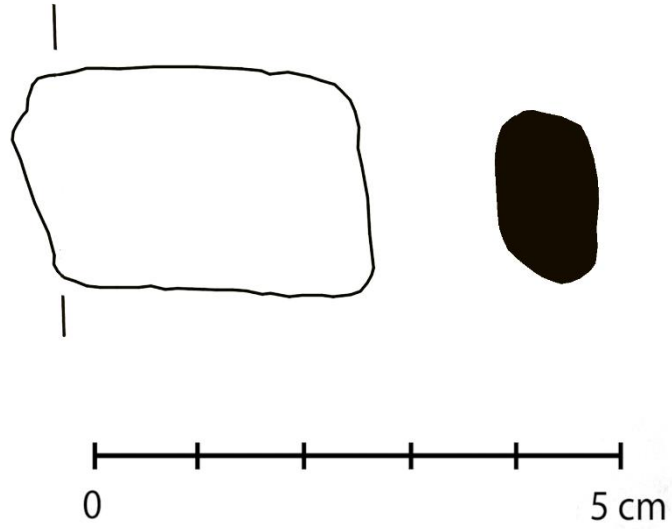
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 24**Referência de campo:** (2/95) Mt. Trg.95 I sond.3 H1/2 01**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,5**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,4**Peso (g):** 13

Fabrico: Pasta heterogénea relativamente à sua textura e de consistência friável. Os elementos não plásticos são frequentes e de grande calibre. A cozedura da peça é oxidante como podemos depreender através da cor castanho-clara do fragmento.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento mesial apresenta as superfícies muito erodidas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



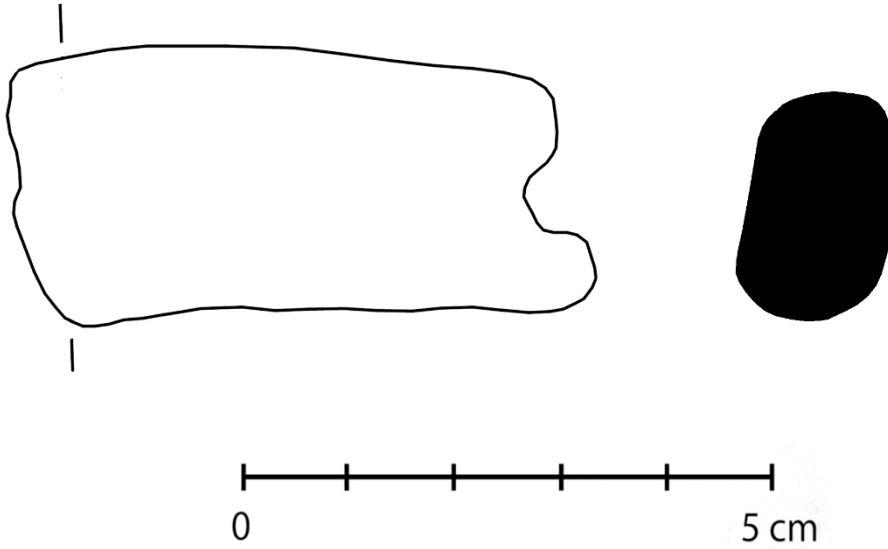
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 25**Referência de campo:** (6/95) Mt. Trg95 I sond.3 H1/2 01**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,6**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,7**Peso (g):** 33

Fabrico: Pasta de textura heterogénea e de consistência mediana. Ao nível dos elementos não plásticos estes são frequentes e de pequena dimensão. Este fragmento apresenta uma tonalidade castanho-clara indicando que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento apresenta no extremo direito vestígios de uma perfuração o que permitiu classificá-lo como fragmento distal, no entanto, não se encontra completa, razão pela qual não são tiradas medidas ao diâmetro da perfuração. A fratura da peça é transversal mais ou menos a meio da perfuração.

Registo gráfico



Registo fotográfico



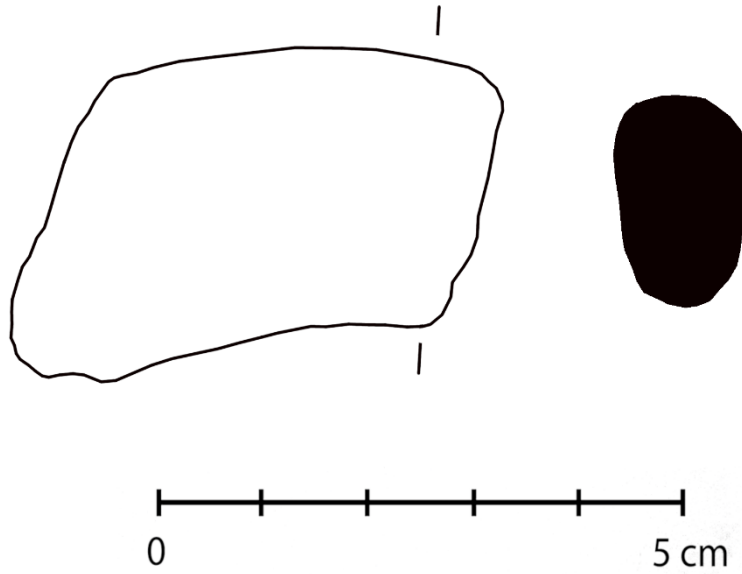
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 26**Referência de campo:** (7/97) M. TRI97 A11 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Ovalado**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 2**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,5**Peso (g):** 26

Fabrico: Pasta heterogénea de consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes de grandes dimensões. A tonalidade exterior da peça é alaranjada e o interior da pasta é castanha, o que nos permite averiguar que este fragmento tem uma cozedura redutora com um arrefecimento oxidante.

Decoração: Não

Observações: No lado direito da peça é possível observar um quartzo-rosa com cerca de 0,9cm.

Registo gráfico



Registo fotográfico

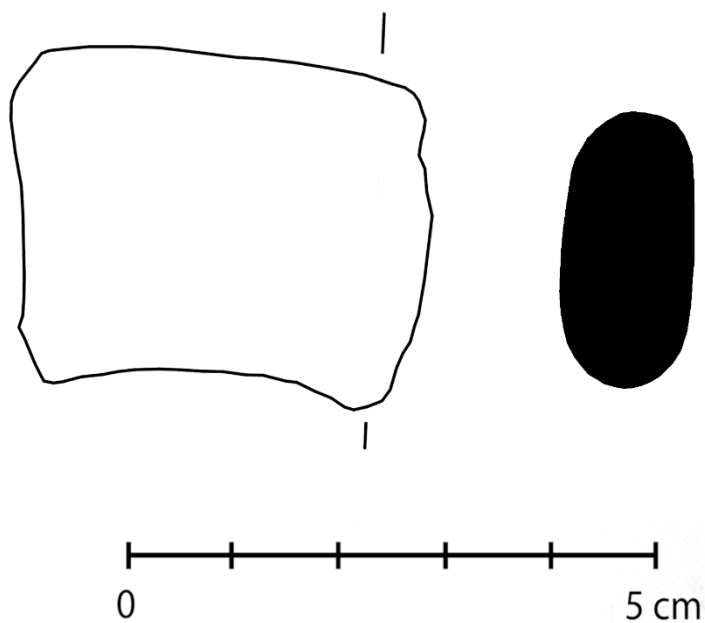


Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 27**Referência de campo:** (9/97) M.TRI97 A11 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 2,3**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,5**Peso (g):** 27

Fabrico: Pasta com textura heterogénea e consistência friável com abundantes elementos não plásticos de grande calibre, com presença de algumas micas. A cozedura da peça é redutora como nos indica a tonalidade castanha muito escura da peça.

Decoração: Não**Observações:**

Registo gráfico



Registo fotográfico

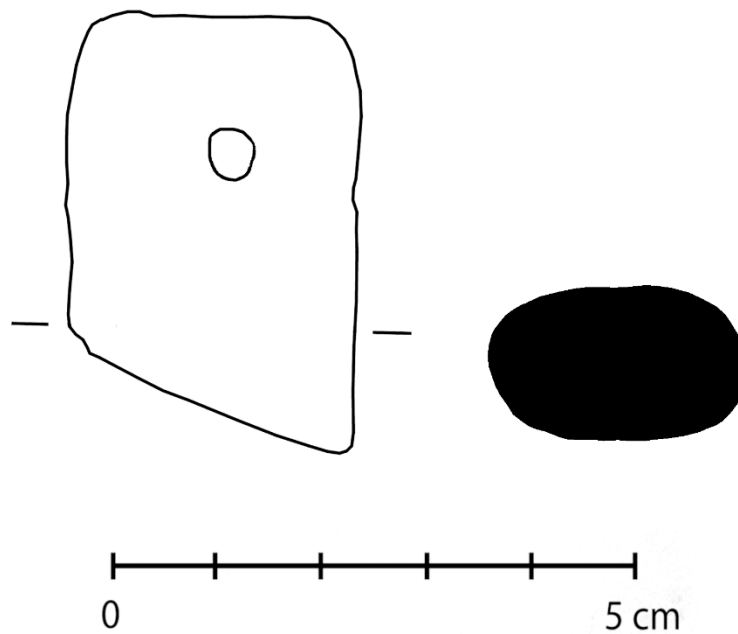


Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 28**Referência de campo:** (9/95) M.T 95 Sup.**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1,2/0,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,1**Comprimento (cm):** 2,3**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,9**Peso (g):** 23

Fabrico: Pasta heterogénea de consistência compacta, com muitos elementos não plásticos de pequeno calibre. O tipo de cozedura da pasta é oxidante como nos indica a tonalidade alaranjada da peça.

Decoração: Não**Observações:** A superfície superior deste fragmento é plana.

Registo gráfico



Registo fotográfico

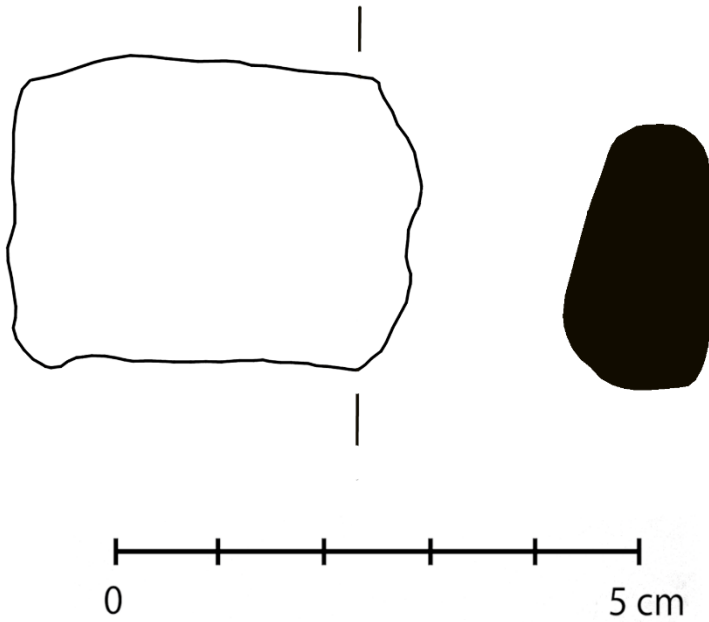


Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 29**Referência de campo:** (24/97) TRIGO97 D9 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-trapezoidal**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 2,4**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,6**Peso (g):** 25

Fabrico: Pasta homogénea e compacta no que diz respeito à sua consistência. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre, porém, observa-se alguns de grande calibre na superfície que está mais erodida. A sua cozedura é redutora e o arrefecimento oxidante como é possível observar através das tonalidades da pasta, sendo que a tonalidade exterior da peça é castanha-clara e o interior é castanho-escuro.

Decoração: Não**Observações:** Este fragmento apresenta uma fratura transversal à secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico

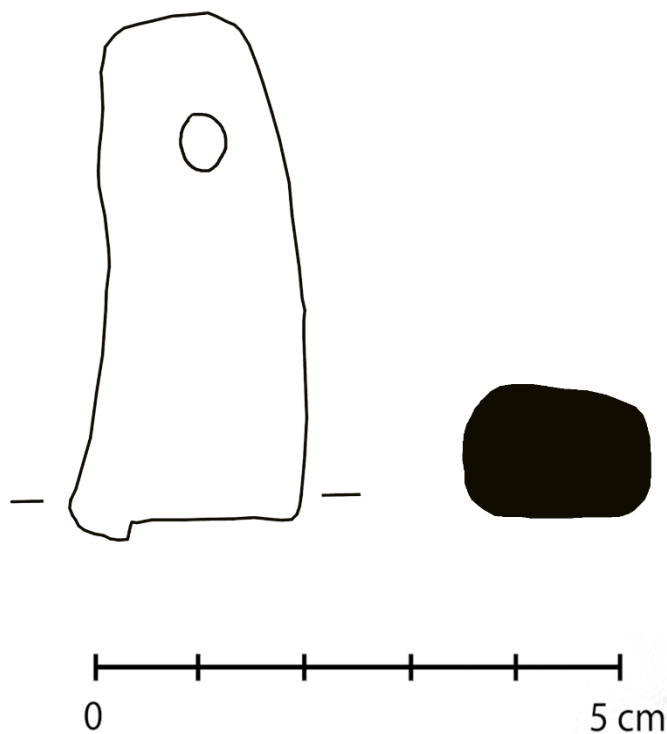


Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 30**Referência de campo:** (-) Mt. Trg 9? I sond.3 H1/2 0?**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Não**Dist. Perfurações (cm):****Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 0,4/0,3**Dist. Perf. Topo (cm):** 1**Comprimento (cm):** 1,2**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,6**Peso (g):** 21

Fabrico: Pasta homogénea de consistência compacta, com raros elementos não plásticos de pequeno calibre. A tonalidade do fragmento é alaranjada permitindo-nos afirmar que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não**Observações:**

Registo gráfico



Registo fotográfico



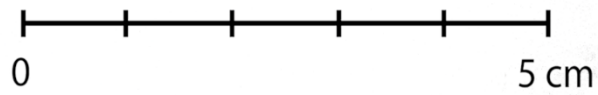
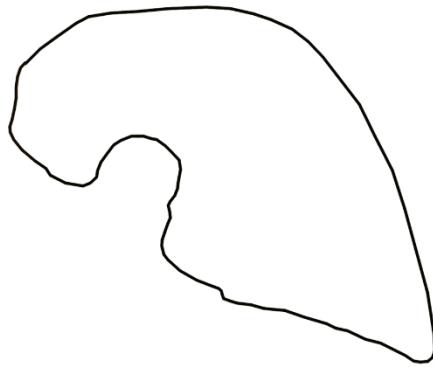
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 31**Referência de campo:** (13/97) TRIG.97 A12 03**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):**0,8**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):**1,6**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,2**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,2**Peso (g):** 13

Fabrico: Pasta heterogénea com consistência friável. Os elementos não plásticos são frequentes e de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante, podemos deprender através do tom alaranjado da pasta.

Decoração: Não

Observações: Pequeno fragmento de peso com o canto e arestas arredondadas. É possível observar uma perfuração fragmentada o que nos dificultou à medição do diâmetro. A espessura da peça foi retirada junto ao topo devido à fratura oblíqua em relação à secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico



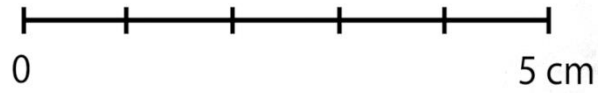
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 32**Referência de campo:** (95/95) MT. TRI95 I B1-2 02**Tipo:** Indeterminada**Estado de conservação:** Pequeno fragmento**Secção:** Indeterminado**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** -**Peso (g):** 14

Fabrico: Pasta heterógena de consistência compacta com frequência de elementos não plásticos de pequeno calibre. A cozedura da pasta é redutora com arrefecimento oxidante. Podemos aferir esta informação através das tonalidades presentes na pasta, sendo que o tom da peça na parte exterior é alaranjada escura e da parte interior da peça é castanha.

Decoração: Não

Observações: O fragmento é de difícil interpretação. Podemos classificá-lo como elemento de tear, pois é possível observar indícios de uma perfuração. No entanto, não avanço com uma caracterização ao nível da sua tipologia pois, a sua forma não é suficiente para a caracterizarmos, tendo em conta que neste povoado existem crescentes e placas.

Registo gráfico



Registo fotográfico



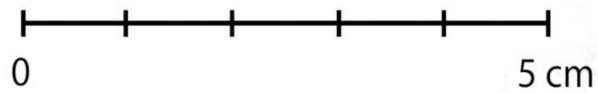
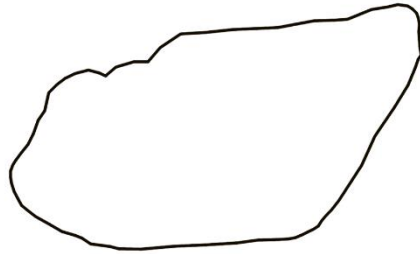
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 33**Referência de campo:** (17/97) M. TRIG97 A13 03**Tipo:** Indeterminado**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 2,5**Peso (g):** 17

Fabrico: Pasta heterogénea de consistência friável com frequência de elementos não plásticos de pequeno calibre. A cozedura da pasta é oxidante pois tem uma tonalidade castanho-alaranjada.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento corresponde a um canto arredondado de um peso de tear. Este fragmento não apresenta indícios de nenhuma perfuração e a única medida que é possível retirar é a sua espessura.

Registo gráfico

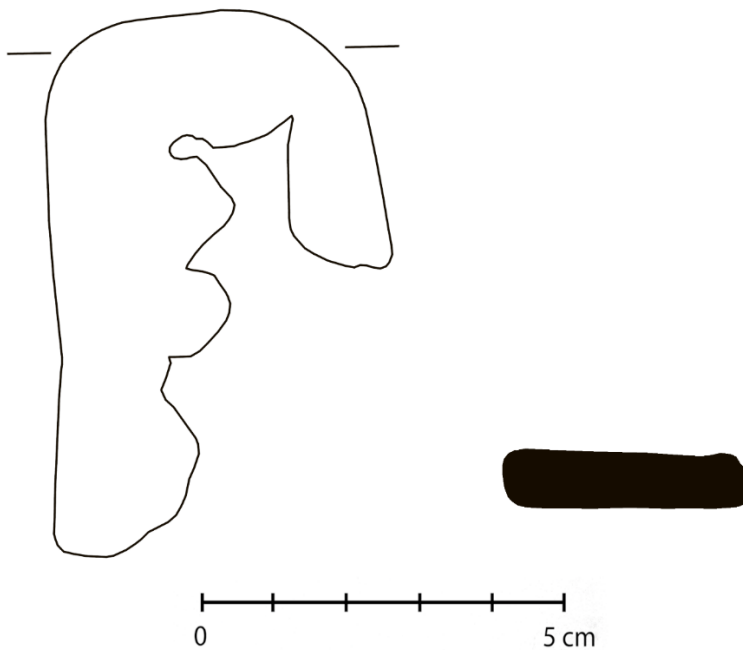


Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 34**Referência de campo:** (5/96) M. Trigo96 D7 03 banq.**Tipo:** Placa**Estado de conservação:** Fragmento distal**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** 1**Diâmetro (cm):** 0,6**Vestígios de uso:** Sim**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** 1,1/-**Dist. Perf. Topo (cm):** 1,2**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 3,2**Espessura (cm):** 1**Peso (g):** 33**Fabrico:** Pasta homogénea e compacta com raros elementos não plásticos de pequeno calibre. A sua pasta escura indica-nos que a cozedura é redutora.**Decoração:** Não**Observações:** Peça composta por oito fragmentos. Esta placa tem cantos e arestas arredondadas. Apresenta uma única perfuração ao centro, mas que se encontra incompleta.

Registo gráfico



Registo fotográfico

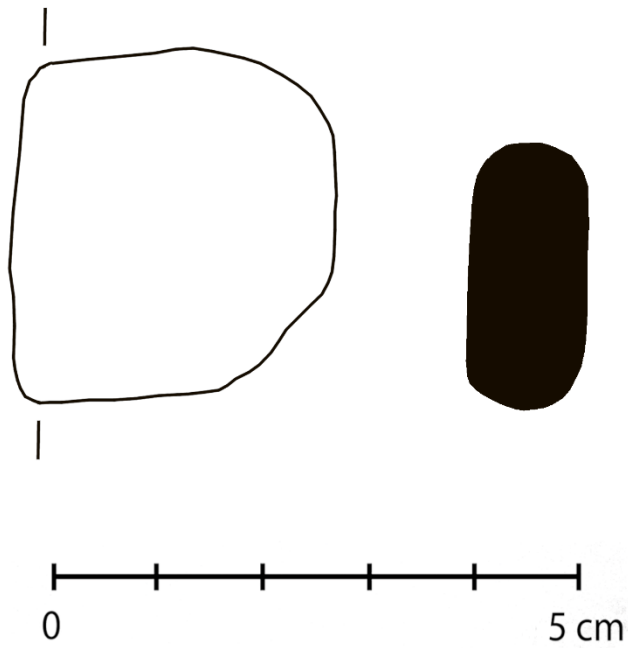


Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 35**Referência de campo:** (14/97) Trigo97 A12 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 2,7**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,5**Peso (g):** 18

Fabrico: Pasta homogénea de consistência mediana os elementos não plásticos são frequentes e de pequeno calibre. A pasta do fragmento do lado exterior da peça apresenta uma tonalidade castanho-claro contrastando com a do interior que é castanha mais escura, esta observação permite-nos afirmar que cozedura da peça é redutora com arrefecimento oxidante.

Decoração: Não**Observações:**

Registo gráfico



Registo fotográfico



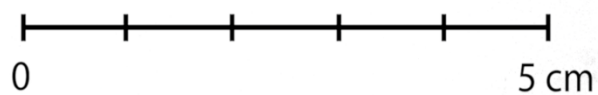
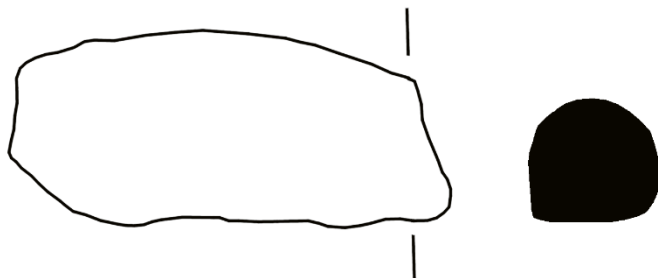
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 36**Referência de campo:** (1/95) MT. TRG95 I sond.(?) B2 01**Tipo:** Indeterminado**Estado de conservação:** Indeterminado**Secção:** Indeterminado**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,5**Peso (g):** 13

Fabrico: Pasta homogénea e compacta com raros elementos não plásticos, os que se consegue observar são de pequeno calibre. A cozedura da peça é redutora como podemos verificar através da cor castanho-escuro do fragmento.

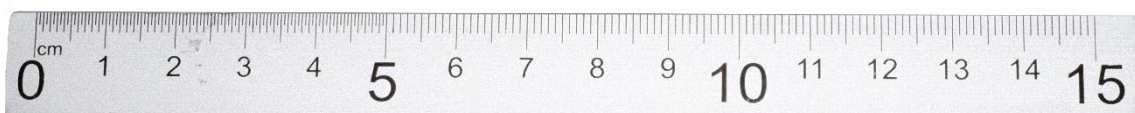
Decoração: Não

Observações: Fragmento muito erodido onde apenas conseguimos retirar a espessura e o peso da peça. A superfície superior é arredondada. Esta peça apresenta fraturas longitudinais e transversais em relação à secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico

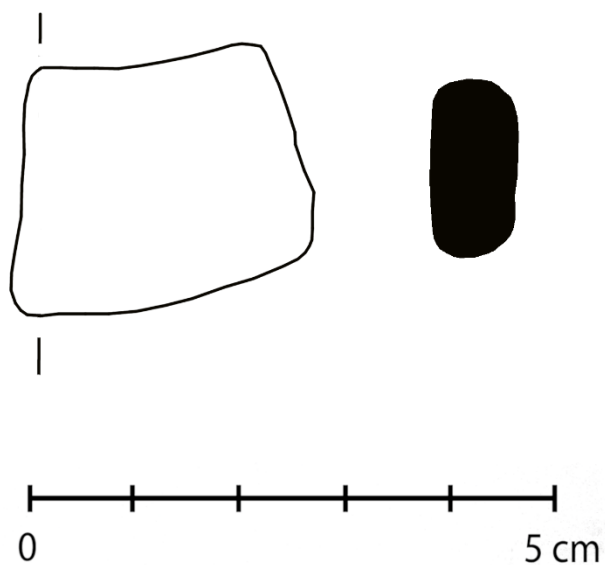


Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 37**Referência de campo:** (15/97) TRIG.97 A12 03**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Ovalada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,8**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,1**Peso (g):** 11

Fabrico: Pasta heterogénea de consistência mediana, com frequência de elementos não plásticos de grande calibre. A cozedura da pasta é redutora com arrefecimento oxidante, depreendemos esta informação através da observação das diferentes tonalidades que compõem a peça. A superfície da peça apresenta um tom alaranjado, como se pode observar na fotografia, mas o interior da mesma é castanho escuro.

Decoração: Não.**Observações:**

Registo gráfico



Registo fotográfico

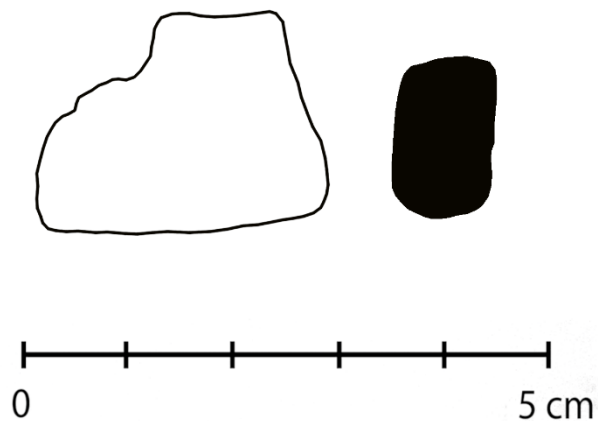


Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 38**Referência de campo:** (1/95) Mt. Tg95 I Sond.3 H1/2 01**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 1,5**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,4**Peso (g):** 9

Fabrico: Fragmento de textura heterogénea de consistência compacta. Os elementos não plásticos são frequentes e de pequeno calibre. A cozedura é redutora, pois a pasta apresenta um tom castanho-escuro.

Decoração: Não**Observações:**

Registo gráfico



Registo fotográfico



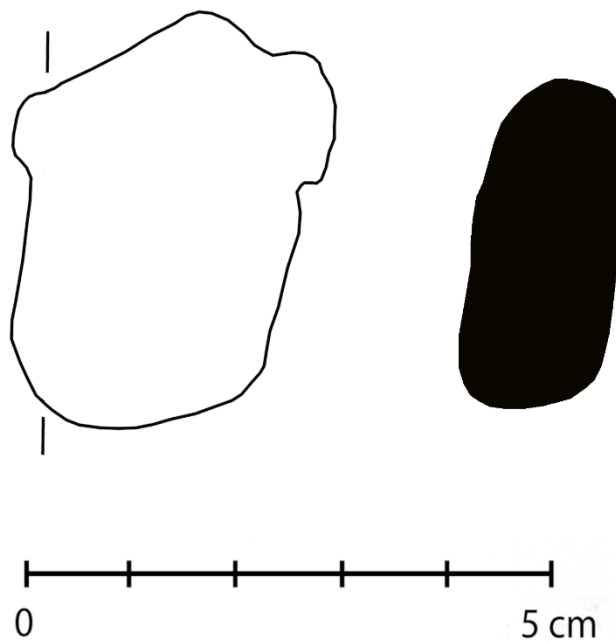
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 39**Referência de campo:** -**Tipo:** Crescente**Estado de conservação:** Fragmento mesial**Secção:** Sub-retangular**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** 3,5**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,6**Peso (g):** 26

Fabrico: Fragmento de pasta homogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são frequentes e de pequeno calibre. A tonalidade castanha-clara da pasta permite afirmar que a cozedura da peça é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Esta peça é composta por dois fragmentos que estão colados e não tem qualquer tipo de referência de campo. Pelo comprimento do fragmento podemos deduzir que este crescente seria de grandes dimensões.

Registo gráfico



Registo fotográfico



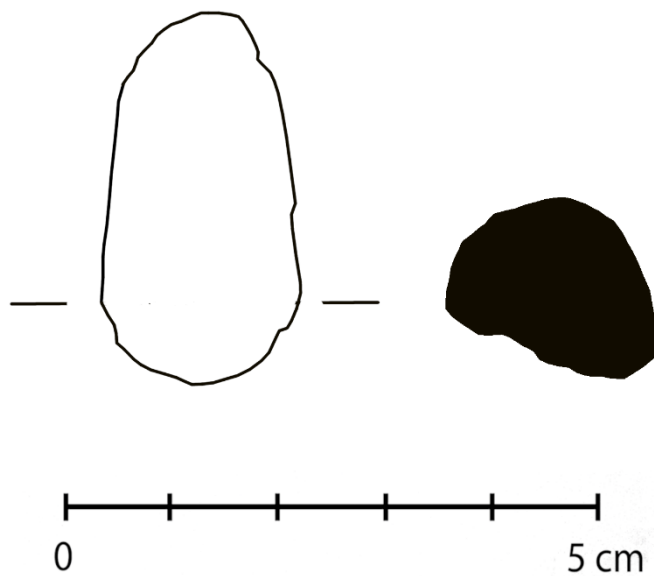
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 40**Referência de campo:** (09/97) M.TRIG97 A13 09**Tipo:** Indeterminado**Estado de conservação:** Indeterminado**Secção:** Indeterminado**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** -**Peso (g):** 12

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência mediana. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura da pasta é oxidante, pois a tonalidade da pasta é alaranjada.

Decoração: Não

Observações: Este fragmento é classificado como indeterminado em relação ao seu tipo, pois não nos oferece uma forma que nos permita distinguir entre crescente ou placa. No entanto, é possível observar indícios de uma perfuração, daí os considerarmos um elemento de tecelagem.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Monte do Trigo

Nº de Inventário: 41

Referência de campo: (1/96) Mt. Trig96 D6 03

Tipo: Indeterminado

Estado de conservação: Fragmento indeterminado

Secção: Indeterminada

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 2

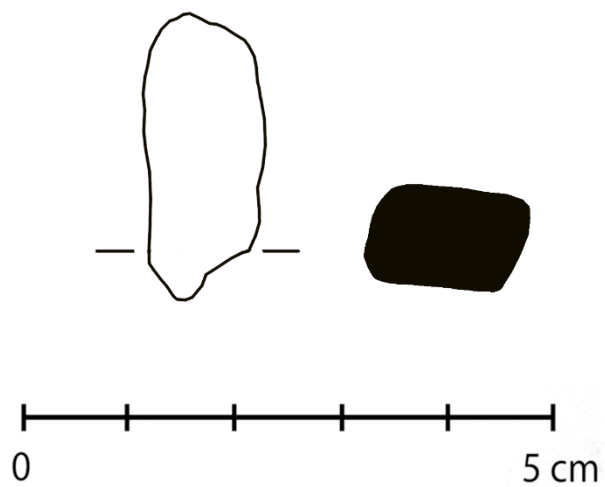
Peso (g): 10

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência friável. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante tendo uma tonalidade alaranjada.

Decoração: Não

Observações: Este pequeno fragmento não nos possibilita determinar a sua forma nem tipo. Podemos dizer que as arestas que se observam são angulosas e se observa marcas de uma perfuração. As fraturas da peça são longitudinais e transversais à secção.

Registo gráfico



Registo fotográfico



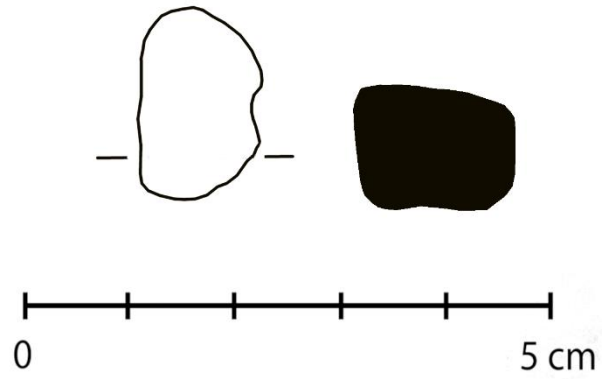
Ficha de análise de Pesos**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 42**Referência de campo:** (12/97) TRIGO A12 03**Tipo:** Indeterminado**Estado de conservação:** Fragmento indeterminado**Secção:** Indeterminada**Nº Perfurações:** -**Diâmetro (cm):** -**Vestígios de uso:** -**Dist. Perfurações (cm):** -**Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm):** -**Dist. Perf. Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** -**Espessura (cm):** 1,8**Peso (g):** 5

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura da peça é oxidante, pois tem um tom alaranjado.

Decoração: Não

Observações: Devido às dimensões do fragmento não é possível determinar a sua forma, no entanto é possível observar marcas muito ténues de uma perfuração.

Registo gráfico



Registo fotográfico



Ficha de análise de Pesos

ID: Monte do Trigo

Nº de Inventário: 43

Referência de campo: (3/96) Mt. Trg96 D7 04

Tipo: Indeterminado

Estado de conservação: Fragmento indeterminado

Secção: Indeterminada

Nº Perfurações: -

Diâmetro (cm): -

Vestígios de uso: -

Dist. Perfurações (cm): -

Dist. Perf. Extremidade Lateral (cm): -

Dist. Perf. Topo (cm): -

Comprimento (cm): -

Largura (cm): -

Espessura (cm): 1,7

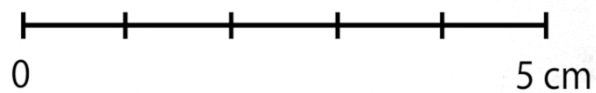
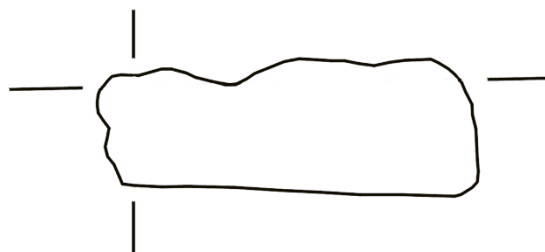
Peso (g): 12

Fabrico: Fragmento de textura homogénea e consistência compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A cozedura da peça é redutora com arrefecimento oxidante. Conseguimos depreender esta informação através do contraste visível entre as tonalidades do interior e exterior da peça, sendo que o exterior apresenta um tom castanho-claro e o interior um tom castanho-escuro.

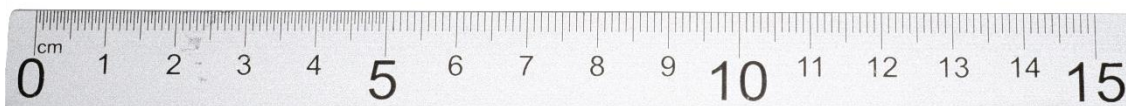
Decoração: Não

Observações: Este pequeno fragmento não demonstra nenhuma característica que nos permita identificar a sua forma. Podemos observar que as arestas são angulosas. As fraturas da peça são longitudinais e transversais.

Registo gráfico



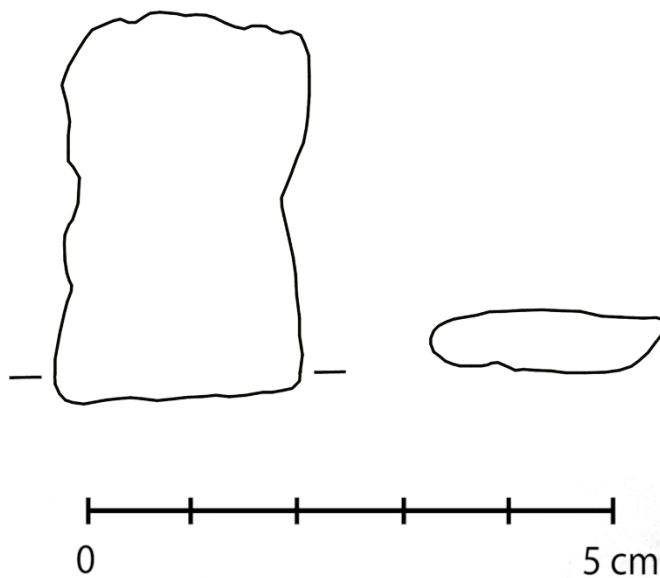
Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 44**Referência de campo:** (2/97) TRIGO97 C9 03**Secção:** Ovalada**Contorno:** Sub-retangular**Estado de conservação:** Indeterminado**Matéria-prima:** Arenito**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 2,2**Dis. Entalhes-Topo (cm):** -**Comprimento (cm):** -**Largura (cm):** 2,7**Espessura (cm):** 0,8**Peso (g):** 15

Observações: Esta peça está fraturada em ambos os topos. Podemos observar, mais ou menos a meio do fragmento, dois entalhes simétricos o que nos permite aferir que se trata de um seixo com entalhe.

Registo gráfico



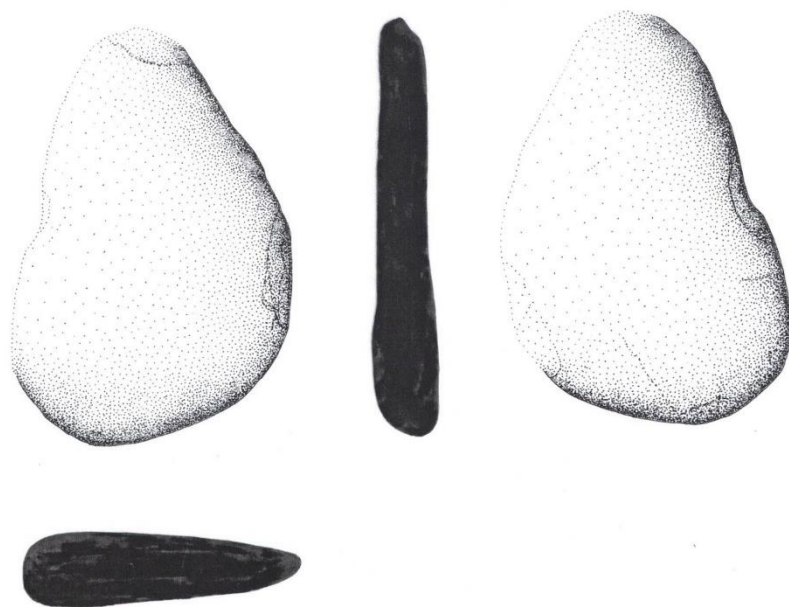
Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 45**Referência de campo:** (6/96) MT. TRIGO96 C7 03**Secção:** Ovalada**Contorno:** Ovalado**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Metagrauvaque ferruginoso**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Assimétrico**Dist. Entalhes (cm):** 4,5**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 3,2/3,8**Comprimento (cm):** 7,4**Largura (cm):** 5,1**Espessura (cm):** 1**Peso (g):** 65

Observações: Este seixo com entalhes apresenta-se completo, apenas com uma pequena fratura transversal no topo superior da peça. As superfícies são naturalmente polidas. O desenho apresentado foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico

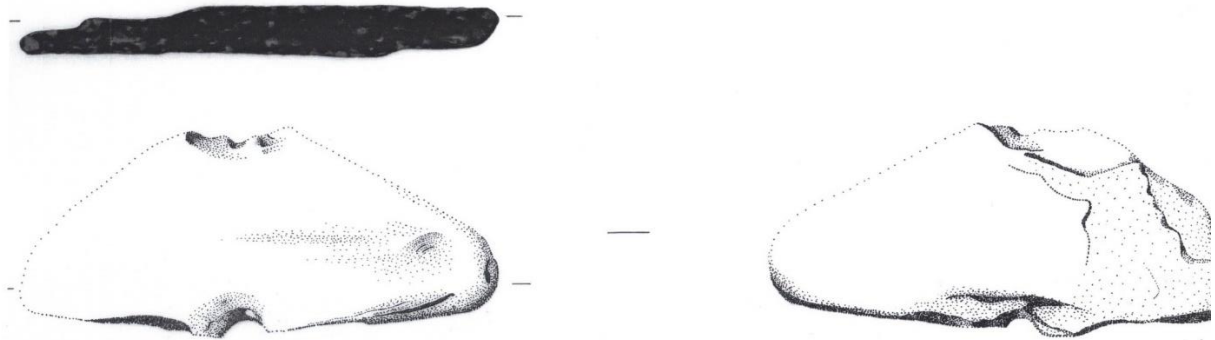


Registo fotográfico



Ficha de análise de Seixos com entalhe**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 46**Referência de campo:** (1/97) TRIGO97 C9 02**Secção:** Ovalada**Contorno:** Sub-trapzoidal**Estado de conservação:** Completo**Matéria-prima:** Arenito**Nº Entalhes:** 2**Simetria dos entalhes:** Simétricos**Dist. Entalhes (cm):** 4,3**Dis. Entalhes-Topo (cm):** 6,9/6**Comprimento (cm):** 11,4**Largura (cm):** 4,7**Espessura (cm):** 1**Peso (g):** 103**Observações:** O desenho apresentado foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico



Registo fotográfico



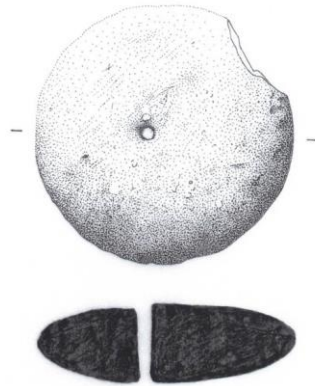
Ficha de análise de Cossoiros**ID:** Monte do Trigo**Nº de Inventário:** 47**Referência de campo:** I sond. 4 B8 03 (corte Oeste)**Estado de conservação:** Completo**Forma da secção:** Ovalada**Tipo:** Discoidal**Faces:** convexas**Base:** Convexa**Diâmetro (cm):** 5,7**Espessura (cm):** 1,9**Diam. Perfuração (cm):** 0,4**Dist. Perf. Extremidade (cm):** 2,2

Fabrico: Pasta de textura homogénea e compacta. Os elementos não plásticos são raros e de pequeno calibre. A tonalidade castanho-alaranjada da peça permite-nos aferir que a cozedura é oxidante.

Decoração: Não

Observações: Este cossoiro apresenta uma pequena fratura no canto superior direito. O desenho apresentado foi cedido pela Dr^a Raquel Vilaça.

Registo gráfico



Registo fotográfico

